A UNIDADE CRISTÃ

Exposição sobre Efésios 4:1-16

D. M. Lloyd-Jones

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal Postal 1287
01059-970 – São Paulo – SP

Título original:
Christian Unity

Editora:
The Banner of Truth Trust

Primeira edição em inglês:
1980

Copyright:
Lady E. Catherwood

Tradução do inglês:
Odayr Olivetti

Revisão:
Antonio Poccinelli

Capa:
Ailton Oliveira Lopes

Primeira edição em português:
1994

Composição e impressão:
Imprensa da Fé

ÍNDICE

(Efésios 4:1-16)

1. "Portanto" 11
2. Dignos da nossa Vocação 21
3. Guardando a Unidade do Espírito 31
4. O Corpo de Cristo 42
5. "Um só Espírito" 52
6. Avivamento 62
7. Uma só Esperança 73
8. Um só Senhor 83
9. Uma só Fé 94
10. Um só Batismo 105
11. Um só Deus 115
12. "Um... cada um" 126
13. O Drama da Redenção 135
14. Dons Diferentes 146
15. Apóstolos, Profetas, Evangelistas, Pastores e Mestres 157
16. Edificando o Corpo 170
17. Fé e Conhecimento 181
18. Não Mais Meninos 191
19. As Ciladas do Diabo 200
20. Seguindo a Verdade em Amor 209
21. Crescendo 221
22. Atividades e Vida 231

PREFÁCIO

Certamente nenhum assunto tem sido tratado mais freqüentemente em sermões, livros, preleções, panfletos e artigos durante o século atual, do que a questão de "A Unidade Cristã". Isso tem sido verdade especialmente desde o Primeiro Congresso do Concílio Mundial de Igrejas, em Amsterdã, em 1948.

É igualmente correto dizer que nenhum assunto causou tanta confusão nas mentes e nos corações dos membros das igrejas.

Fosse meramente uma questão de organização, não seria tão grave; mas, como o mostra a exposição desta passagem chave, de Efésios 4:1-16, ela envolve doutrinas vitais. Geralmente o problema surge porque os defensores do que se conhece como "o movimento ecumênico" se contentam em fazer declarações gerais e vagas – muitas vezes sentimentais – ou em salientar uma parte de uma declaração, em vez do todo. Por exemplo, no versículo 15, dá-se ênfase exclusivamente ao amor, à custa da verdade.

Todos nós temos a tendência de ser criaturas de preconceitos e, portanto, convém que nos examinemos, e os nossos conceitos, à luz desta passagem crucial. Que houve divisões pecaminosas no passado, é dolorosamente óbvio; porém não há de achar-se a resposta numa fusão de organizações baseada na verdade mínima. A maior tragédia do mundo hoje não é, como freqüentemente se afirma, uma Igreja dividida, e sim o fato de que a maioria parece colocar a unidade acima da verdade, e que muitos que se interessam genuinamente pela verdade, na prática são dirigidos por suas tradições.

Só posso orar para que este estudo seja abençoado por Deus para ajudar muitos cristãos perplexos e confusos.

Como sempre, expresso a minha profunda gratidão à Sra. Elizabeth Burney, ao Sr. S. M. Houghton e à minha esposa por seu auxílio, possibilitando a sua publicação.

D. M. Lloyd-Jones

Londres
Junho de 1980

A UNIDADE CRISTÃ

Efésios 4:1-16

1. *Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados,*
2. *Com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor,*
3. *Procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz.*
4. *Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação;*
5. *Um só Senhor, uma só fé, um só batismo;*
6. *Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos.*
7. *Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo.*
8. *Pelo que diz: subindo ao alto, levou cativo o cativeiro, e deu dons aos homens.*
9. *Ora, isto - ele subiu - que é, senão que também antes tinha descido às partes mais baixas da terra?*
10. *Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas.*
11. *E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores.*
12. *Querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo;*
13. *Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo.*
14. *Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulosamente.*
15. *Antes, seguindo a verdade em caridade (amor), cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo,*

16. *Do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor.*

1

"PORTANTO"*

"Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz." Efésios 4:1-3

Estas palavras introduzem não somente um novo capítulo, mas também uma nova e importante divisão desta Epístola aos Efésios. Semelhante à maioria das Epístolas do Novo Testamento, esta pode ser dividida em duas partes; e aqui temos o começo da sua segunda metade. Para nossa conveniência, a Epístola foi dividida em seis capítulos, e o seu ensino pode ser dividido em duas partes de três capítulos cada.

A primeira seção, que consiste dos três primeiros capítulos, foi inteiramente doutrinária. O apóstolo esteve desdobrando e demonstrando, à sua maravilhosa maneira, as grandes doutrinas essenciais da fé cristã, tudo aquilo que é central e vital para a compreensão do meio de salvação. Não há maior exposição das doutrinas da fé cristã do que a que se acha nos três primeiros capítulos desta Epístola. Pois bem, havendo feito isso, o apóstolo agora parte para a aplicação prática da sua doutrina; vai mostrar como a doutrina se relaciona com a vida e também com o modo de viver diário. Assim, estamos num ponto sumamente importante desta Epístola, um ponto que marca uma divisão muito real.

No entanto, devo assinalar logo de início que, ao chegarmos a esta transição, não devemos exagerar-lhe o teor, não devemos forçá-la demais. Veremos que, quando chegarmos ao quarto versículo deste capítulo quatro, o apóstolo retorna à doutrina. É uma característica dele, que ele nunca se rende a divisões absolutas; e pela simples razão de que, em última análise, não podemos e não devemos separar

---

* Empregaremos os termos "portanto" e "pois" um pelo outro, conforme o contexto. Nota do tradutor.

doutrina e prática. Os que pensam que podem fazer isso é que sempre ficam sem as glórias da fé cristã.

Ao empregar a palavra "pois", o apóstolo mostra claramente a conexão entre a fé e a prática. Ele firmara a doutrina; agora é preciso que ela seja aplicada. Mas, no momento em que começa a tratar da aplicação, ele diz: "Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo". Noutras palavras, ele regressa à esfera da doutrina. Todavia ele não pára aí. O retorno é feito com a intenção de apresentar a aplicação prática da doutrina, e é importante em que mostra a mecânica do seu método.

Aqui, então, no capítulo 4, o apóstolo começa a fazer um grande apelo aos crentes efésios para que ponham em ação as coisas que lhes estivera ensinando. Lembra-lhes as coisas que inevitavelmente se seguem como uma conseqüência natural do entendimento das grandes doutrinas da fé cristã. Neste ponto sou tentado a fazer uma pergunta, pois fazer isso é uma parte essencial da pregação. Como vocês reagem quando digo que agora estamos para considerar a aplicação da doutrina cristã? Num volume anterior estivemos tratando daquela estupenda seção do final do capítulo 3, onde, tendo sido fortalecidos com poder pela fé, estivemos procurando compreender com todos os santos "qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que fôssemos cheios de toda a plenitude de Deus". E examinamos a energia, a força e o poder de Deus que está em ação em nossos corações e "é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos". Ali estivemos no ponto culminante das "montanhas aprazíveis". Contudo, agora estamos prestes a considerar como essa riqueza de experiência se relaciona com a nossa vida diária e com o nosso modo de viver. Portanto, repito a minha pergunta: vocês acham que os três capítulos restantes desta Epístola estão destinados a ser algo como um anticlímax? Vocês prefeririam que a nossa exposição da Epístola terminasse no fim do capítulo 3, deixando-nos livres para buscarmos noutras partes das Escrituras as grandes exposições de sublimes momentos da vida e experiência cristã?

Esta é uma questão muito prática e muito importante. Fico pensando se vocês gostariam de sentir-se como Pedro no Monte da Transfiguração. Pedro, Tiago e João estavam com o nosso Senhor no monte; e o nosso Senhor transfigurou-Se diante deles. Eles viram isso, e a glória e maravilha disso, e viram Moisés e Elias, e ouviram a voz do céu. Disse Pedro: "Senhor, façamos aqui três tabernáculos, um para ti,

um para Moisés, e um para Elias". Com efeito, Pedro disse: "Fiquemos aqui; é tão maravilhoso! Eu sei o que está acontecendo ao pé da montanha; sei da miséria e angústia dali; não podemos ficar aqui? Não podemos permanecer aqui, no topo da montanha?" (Mateus 17:4). É esse o sentimento de vocês? Permitam-me ser franco e sincero e admitir que eu tive algum sentimento como esse. Mas render-se a isso seria gravemente errado, seria uma coisa da qual este grande apóstolo nos adverte. O meio pelo qual o faz é esta palavra, esta palavra sumamente vital e essencial – "pois".

Não temos direito de parar no fim do capítulo 3. As divisões em capítulos foram feitas para a nossa conveniência, e devemos ser gratos por elas. Entretanto há um sentido em que elas podem ser realmente perigosas. O apóstolo não escreveu sujeitando-se a estas divisões de capítulos; ele escreveu uma carta, e queria que nós lêssemos a carta diretamente do começo ao fim. Na verdade, ele quase nos manda fazer isso; e o que nos cabe fazer é segui-lo. "... pois, eu...". Sigam-me, diz ele, e o que temos que fazer é acompanhá-lo. Como o nosso Senhor não acedeu à proposta concernente aos três tabernáculos no alto do monte da Transfiguração, mas tornou a descer ao vale para encontrar e atender um pai e seu filho atormentado por demônios, assim devemos retornar à vida e aplicar as grandes doutrinas às nossas vidas diárias comuns. O apóstolo, reitero, convida-nos a segui-lo quando nos leva à aplicação prática da grande doutrina que esteve desvendando diante de nós.

O meio de que Paulo se utiliza para fazê-lo é a palavra "pois", e tudo o que me proponho a fazer no momento é extrair algumas das coisas sugeridas por essa palavra. "Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor." "Pois" é uma palavra que, de maneira muito prática, diz-nos como ler as Escrituras. O predominante princípio, como estive indicando, é que nunca devemos escolher textos aqui e ali em nossa leitura das Escrituras. Devemos ler as Escrituras completas, cada parte das Escrituras. Instintivamente não gostamos de fazer assim; temos as nossas passagens favoritas; há certos salmos ou certas porções das Epístolas do Novo Testamento ou certos quadros dos Evangelhos nos quais nos deleitamos e que sempre nos comovem quando os lemos. A tendência e o perigo é estarmos sempre voltando a essas porções. Esse é, porém, o caminho aberto para o desenvolvimento de uma vida e experiência cristã desequilibrada e truncada. Nossa regra invariável para com a Bíblia deve ser a seguinte: lê-la de Gênesis ao Apocalipse, lê-la constantemente e totalmente, sem deixar nada de fora, mas seguindo-a e sendo dirigidos por ela. Se cremos que ela é a Palavra de Deus, que tudo nela é a Palavra de Deus, segue-se que há sentido e significado em

cada parte dela, nas porções históricas e nas genealogias bem como nas porções explicitamente doutrinárias. Portanto, devemos percorrê-las todas e lê-las todas, procurando captar o sentido de tudo.

Podemos expor isso de maneira diferente. Não há nada tão perigoso como extrair certos versículos e certos parágrafos das Escrituras, arrancá-los do seu contexto, e só examiná-los isoladamente. Há o perigo de fazer isso no caso do capítulo três desta Epístola. Mas a palavra "pois" proíbe isso e insiste em que devo aplicar esse ensino e prosseguir. Não devo isolar essa grande passagem, devo desenvolvê-la, devo considerar o que leva a ela e o que se lhe segue. Embora possa haver algum valor em afixar textos nas paredes de nossas casas ou em ler uma coleção de textos de um livro como *Luz Diária* ("Daily Light"), jamais nos esqueçamos de que tais práticas podem ser perigosas, porque há um equilíbrio nas Escrituras, e o contexto de cada versículo é sempre importante. Precisamente esta seção que estamos examinando ilustra e salienta a importância daquilo que estou acentuando. É a pura verdade dizer que a maioria das heresias que têm pertubado a Igreja através de toda a sua longa história surgiu porque homens e mulheres esqueceram este princípio simples. Tomaram um texto fora do seu contexto, e dele formularam uma doutrina. Se tão-somente eles o tomassem em seu contexto, seriam poupados do erro que abraçaram. Lembremo-nos, então, de que esta palavra *pois* faz-nos pensar na totalidade das Escrituras, na importância de tomá-las em sua inteireza, e da loucura de isolar textos ou parágrafos do seu cenário no conjunto maior.

A segunda questão é até mais importante, a saber, que esta palavra *pois* é uma conjunção que nos leva adiante, e nos indica a vida que devemos viver à luz das doutrinas que já consideramos. Vocês verão – e isto é um princípio geral – que em todas as Epístolas, num ponto correspondente a este, vocês têm geralmente esta palavra "pois". Elas começam invariavelmente com as doutrinas fundamentais. Depois, havendo feito isso, elas dizem: "Portanto" – à luz disso, por causa disso, segue-se. Como esta é uma questão claramente vital e básica, devo analisá-la mais amplamente. Há sempre o perigo – e este afeta mais umas pessoas do que outras – de esquecer que o cristianismo é, acima de tudo, um modo de vida e um modo de viver. Naturalmente há certas pessoas que só dão ênfase a isso, e que nada sabem de doutrina e não se interessam pela doutrina. Tais pessoas consideram o cristianismo como um sistema de moralidade ou ética. Mas, ao contrário, estou tratando com pessoas de mentalidade evangélica firme, cujo perigo é ficar somente com a doutrina.

Algumas pessoas são naturalmente intelectuais; foram-lhes dadas

por Deus mentes acima da média, talvez, e elas gostam de ler, estudar, arrazoar e manejar as grandes verdades e doutrinas. Seu perigo particular é passar todo o tempo com doutrina e deter-se na doutrina. Elas lêem as porções doutrinárias destas Epístolas e depois, tendo chegado ao fim de um trecho como Efésio, capítulo 3, inclinam-se a dizer: "Naturalmente, o restante é aplicação prática, que é óbvia; isso eu sei". E assim não continuam a leitura; ficam só nas doutrinas. Lêem livros sobre doutrina e teologia. Isso é excelente, é claro, e muito desejável. Todavia, pode ser a própria armadilha do diabo. Houve igrejas, denominações e grupos na passada história da Igreja, que gastavam o tempo todo discutindo, argumentando, e salientando certas doutrinas, mas esqueciam os incrédulos ao seu redor. Deixavam de transformar as doutrinas em prática, ficavam tão absorvidos em seu interesse pelas doutrinas, que até brigavam uns com os outros e, desse modo, negavam as doutrinas em que acreditavam. A doutrina vem primeiro, porém não devemos deter-nos na doutrina.

Há outro grupo cujo perigo é ficar só com a experiência. Eles lêem, por exemplo, os versículos finais do capítulo três de Efésios que descrevem a tremenda possibilidade de conhecermos o amor de Cristo de maneira experimental e de termos os nossos corações emocionados e arrebatados pelas manifestações do Seu amor, e de sermos cheios da plenitude de Deus, e eles acham que nada mais importa, que nada mais conta. Há pessoas que figuraram na história da Igreja e que passaram todo o tempo das suas vidas buscando experiências. Foi esse, num sentido, o perigo dos monges e eremitas; e tem havido muitos monges e eremitas evangélicos! Houve pessoas com inclinação mística que virtualmente saíram do mundo, por assim dizer, e procuravam estas experiências e manifestações do amor de Deus, e ficavam tão preocupadas com essas questões que não faziam mais nada. O homem que só se interessa pela doutrina, e o homem que só se interessa pelo tipo místico de experiência, estão igualmente negligenciando esta importante palavra "portanto". Esta palavra nos salvaguarda de todos esses perigos.

Vemos esta mesma verdade noutra exposição feita por Paulo em sua carta a Tito. Ele está escrevendo acerca do Senhor Jesus Cristo e da Sua morte na cruz, e diz: "O qual se deu a si mesmo por nós". Mas na seqüência ele não diz que o propósito do Senhor era que ele tivesse alguma experiência estranha, extática, e sim "para nos remir de toda a iniqüidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras" (2:14). Na verdade o Senhor já dissera isso, com as palavras: "Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes" (João 13:17). Conhecer doutrina é uma questão muito responsabilizante; ter

A vida não estava na chuva; não estava na luz do sol; estava na semente e nos pequeninos rebentos. O valor do sol e da chuva é que eles fornecem um estímulo ao crescimento. Eles o incentivam e o promovem. A vida já estava na semente. Precisamente a mesma coisa pode-se dizer da experiência que temos na vida cristã e do nosso entendimento da doutrina. As experiências promovem a santificação. Quando estou perto do Senhor e cônscio da Sua presença, não quero pecar. Quando sinto o Seu amor, o pecado é-me odioso e detestável. Compreender realmente a doutrina tem o mesmo efeito. As experiências e o conhecimento estimulam, promovem e encorajam; mas a santificação mesma não é uma experiência. É resultado da vida que recebi e do conhecimento que tenho; é algo que, à luz disso tudo, eu devo começar a pôr em prática. "Operai a vossa salvação com temor e tremor; porque (por causa do fato de que) Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade" (Filipenses 2:12 e 13).

Diz o apóstolo que lhes está rogando, está instando com eles, com o fim de os estimular. Não lhes está dizendo apenas que tudo que eles têm que fazer agora, à luz das grandes doutrinas, é simplesmente "olhar para o Senhor". Ele poderia ter concluído a sua Epístola rapidamente neste ponto, se acreditasse em tal ensino concernente à santificação. Não haveria necessidade de mais três longos capítulos. Simplesmente teria que escrever: "Pois bem, agora, à luz de tudo isso, tudo que vocês têm que fazer é olhar para o Senhor e deixá-lO viver a Sua vida em vocês; é muito simples, vocês simplesmente não fazem nada, vocês olham para o Senhor, e Ele viverá a Sua vida em vocês".

Entretanto, não é o que o apóstolo diz; em vez disso, lemos: "Rogo-vos, pois, eu, que andeis como é digno..." O ensino que nos assegura que não temos que fazer nada, senão receber a santificação como um dom, isto é, apenas deixar Cristo viver Sua vida em nós, deixa de lado as Escrituras, elimina seções completas das Escrituras. Nos três capítulos, deste ponto em diante, até o fim da Epístola, vocês vêem que o apóstolo entra em detalhes. Ele diz coisas como: "Aquele que furtava, não furte mais", ele nos concita a evitar "parvoíces" e "chocarrices". Ele entra em detalhes, ele exorta os efésios, repreende-os, ordena-lhes, apela para eles, argumenta com eles, lança os seus grandes imperativos. Ele o faz porque esse é o ensino do Novo Testamento sobre a santificação. É o desenvolvimento, a vivência dinâmica, pelo poder que Deus nos dá e que já está em nós, da doutrina em que cremos e das experiências que temos desfrutado de Suas bondosas mãos. É espantoso que alguém possa extraviar-se quanto a isto; pois o nosso Senhor mesmo expõe a verdade claramente no capítulo 17 de João, onde Ele ora: "Santifica-os na verdade: a tua

palavra é a verdade", (ou, segundo a VA (versão inglesa), "Santifica-os mediante a tua verdade; a tua palavra é a verdade"). É por meio da Palavra que nós somos santificados. "Portanto", é à luz da doutrina que nós devemos viver a vida santificada.

O processo de santificação é, primeiro e acima de tudo, uma plena compreensão das doutrinas bíblicas. Devemos compreender o meio de salvação como esboçado nelas. Devemos ver as coisas para as quais fomos chamados, as gloriosas possibilidades que foram abertas para nós; e quanto mais as entendermos e as captarmos, mais prontos e deveras ansiosos estaremos para desenvolvê-las na prática. Veremos a inevitabilidade destas coisas; veremos o seu caráter lógico e a sua ordem lógica. O não entendimento do sentido desta palavra "portanto", e da sua real mensagem, leva a um modo inteiramente falso de examinar as Escrituras. Há muitos cujo ministério é dividido de maneira antibíblica. Pregam uma mensagem evangelística, "Venham a Jesus", "Venham a Cristo", "Salvem-se", "Aceitem a salvação" – essa é uma mensagem. Depois eles têm outra mensagem, completamente distinta e separada. É apenas um apelo constantemente repetido para "render-se" ou para "dispor-se a ser capacitado a dispor-se a render-se". Isso é tudo que é necessário, dizem eles; a santificação ocorrerá porque Cristo viverá Sua vida em nós. Muitas vezes isso é acompanhado pelo que chamam "leitura da Bíblia", que é uma espécie de ligeiro comentário da Bíblia, sem uma clara exposição das grandes doutrinas e sem mostrar a íntima relação destas com a vida que devemos levar. Tal ensino deve-se ao fato de que esses mestres nunca entenderam o significado desta palavra "portanto". Mas nas Escrituras a doutrina e a prática estão indivisivelmente unidas. Jamais devemos separá-las. Sempre devemos pregá-las e aplicá-las. Não devemos parar no fim do capítulo 3, é o que Paulo diz. O seu "portanto" força-nos a ir adiante, sob pena de arriscarmos as nossas vidas e as nossas almas. Não devemos ficar só com a doutrina; não devemos ficar só com e experiência. Não devemos separar a justificação e a santificação, exceto no pensamento. A salvação é um todo, e o "portanto" é o elo que sempre mantém juntas as partes . Jamais devemos fazer violência às Escrituras no interesse de teorias ou métodos ou experiências particulares. Queira Deus conceder-nos graça para entendermos o significado desta poderosa palavra "portanto"! A nossa santificação é o resultado inevitável da doutrina e da experiência, graças à vida de Deus em nossas almas. O processo começa imediatamente, assim que nascemos de novo, e o que nos compete fazer é pôr toda a nossa energia em atividade nesse processo, para desenvolvê-lo "com temor e tremor".

O apóstolo dá-nos também razões pelas quais isso deve ser assim. Para isso fomos chamados, e essa é a razão pela qual tudo o que nos aconteceu, de fato nos aconteceu. Leiam de novo os três primeiros capítulos desta Epístola – "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo". Você crê nisso, meu amigo? Se crê, o "portanto" forçosamente virá logo à sua mente. Tudo em você o fará ansiar por ser digno disso e por elevar-se a isso. Ou vejam o versículo dez do capítulo primeiro: "De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra". Você crê que é propósito de Deus em Cristo reunir nEle todas as coisas? Se crê, você dirá: "Não devo fazer nada que se oponha a esse propósito, mas devo fazer tudo para ajudá-lo e para amoldar-me a ele." Você crê no que Deus nos diz no versículo catorze do mesmo capítulo, onde Ele afirma que o Espírito é também "o penhor da nossa herança para redenção da possessão de Deus"? Você crê que Deus fez de você um herdeiro e co-herdeiro com Cristo, e que você vai receber aquela gloriosa herança? Se crê, então você concordará com a lógica do apóstolo João, como também com a do apóstolo Paulo, e dirá: "E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro (1 João 3:3).

É na medida em que captamos a verdade da doutrina, que o desejo de sermos santos é produzido em nós. Se eu creio realmente que, quando eu estava "morto em ofensas e pecados", Deus me vivificou, enviou Seu Filho ao mundo para morrer por mim e por meus pecados para salvar-me do inferno, e para salvar-me para o céu – se eu creio realmente nisso, devo dizer: "Amor tão admirável, tão divino, requer a minha alma, a minha vida, o meu tudo". É lógico, e *requer* a minha alma, a minha vida, o meu tudo. Não posso resistir a essa lógica – não devo! E assim analisamos todas as grandes doutrinas que o apóstolo nos estivera apresentando nos três primeiros capítulos, e lembramos que não somos mais "estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus". Se eu crer nessa verdade enquanto viver neste mundo, compreenderei que não tenho direito de viver para mim mesmo. "Portanto"! É lógica inegável, uma dedução inevitável. Porque eu creio na doutrina é que desejo ser cada vez mais santificado. "Sede santos, porque eu sou santo", diz o Senhor (1 Pedro 1:16).

Vemos assim a importância desta palavra *portanto* e a importância de não tomar porções selecionadas das Escrituras, de não consultarmos somente os nossos sentimentos, mas sermos levados pela Palavra de Deus, para que possamos ser sempre "para louvor e glória da Sua graça".

2

DIGNOS DA NOSSA VOCAÇÃO

"Rogo-vos, pois, eu, o preso do senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz." Efésios 4:1-3

Tendo visto como um verdadeiro entendimento da doutrina e da experiência cristãs leva ao desejo de viver uma vida santa, passamos agora a considerar o caráter da vida que devemos viver. Primeiramente o apóstolo dá-nos uma descrição geral disso, e depois começa a tratar dos seus aspectos particulares e em detalhe. O caráter geral da vida é que ela deve ser "digna da vocação com que fostes chamados". Depois, tendo firmado o caráter geral, ele menciona um aspecto particular da vida, a saber, que devemos esforçar-nos para "guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz". E isso devemos fazer "com toda a humildade e mansidão", e assim por diante. Desse modo ele continua com argumento após argumento, até o fim do versículo 16. Depois disso ele passa a argumentos mais diretos e práticos com as palavras, "E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios". Essa é a análise geral do método do apóstolo; descrição geral primeiro, e depois particular. Devo acentuar que esta é a prática invariável do apóstolo; ele nunca vai para os pontos particulares sem antes firmar princípios gerais. Parece-me que muitas pessoas entram em dificuldades em suas vidas cristãs porque se precipitam para os pontos particulares. "Que dizer disto ou daquilo?", perguntam. A resposta a tais indagações é retornar e encontrar um princípio geral. Os pormenores nunca poderão ser compreendidos apropriadamente, exceto à luz do todo. O todo é maior do que as partes, e dirige o nosso entendimento delas. Os problemas particulares que surgem na vida cristã nunca devem ser considerados isoladamente; fazê-lo é buscar erro, heresia e muita dificuldade na prática. Portanto, o apóstolo sempre começa com o geral; e é só depois de ter deixado isso claro, que desce à esfera do particular e do detalhe.

Começamos, pois, com a descrição geral que Paulo faz do caráter da vida cristã: "Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados". Se tão-somente soubéssemos o que significam estas palavras, a maioria dos nossos problemas seria resolvida imediatamente. Outra e melhor tradução o expressa assim: que andeis como é digno do chamamento com que fostes chamados. Há um sentido em que "vocação" significa "chamamento", mas nestes tempos desenvolveu-se um sentido ligeiramente diferente, que pode fazer-nos extraviar.

Cada palavra aqui é de grande importância e significação, de modo que devemos examiná-las uma por uma. A primeira palavra é "digno" (como é digno; dignamente). As doutas autoridades dizem-nos que ela contém duas idéias básicas, ambas importantes. A primeira idéia é a de igual peso ou equilíbrio. Pensem em duas coisas que têm o mesmo peso, de modo que, ao serem colocados nos lados opostos da balança, não há nenhuma inclinação, nem para um lado nem para o outro, mas elas se equilibram perfeitamente. Essa é a derivação original da palavra aqui traduzida por "como é digno". Assim, o que o apóstolo está dizendo é que lhes está rogando e os está exortando no sentido de que sempre atribuam em suas vidas igual peso à doutrina e à prática. Não devem pôr todo o peso sobre a doutrina e nenhum sobre a prática; nem pôr todo o peso sobre a prática e só um pouco, se tanto, sobre a doutrina. Agir assim produz desequilíbrio e assimetria. Os efésios deviam fazer tudo para ver que os pratos da balança estivessem perfeitamente equilibrados. Por mais atulhado de conhecimento que a sua cabeça esteja, se você estiver falhando em sua vida, será um empecilho à propagação do reino, estará trazendo má reputação à causa de Deus e do Seu Cristo. Mas é igualmente certo dizer que se a sua concepção da vida cristã é que esta não significa mais que ter uma vida digna, que você deve ter boa moral e que a doutrina é sem importância, de novo será um empecilho à causa. É preciso haver verdadeiro equilíbrio, devemos ser "dignos da vocação com a qual fomos chamados".

A Bíblia usa esse argumento freqüentemente. Vê-se, por exemplo, no capítulo seis da Epístola aos Hebreus, onde lemos: "Mas de vós, ó amados, esperamos coisas melhores, e coisas que acompanham a salvação, ainda que assim falamos. Porque Deus não é injusto para se esquecer da vossa obra, e do trabalho de caridade que para com o seu nome mostrastes, enquanto servistes aos santos; e ainda servis. Mas desejamos que cada um de vós mostre o mesmo cuidado até o fim, para completa certeza da esperança" (versículos 9-11). O autor da Epístola os recomenda por terem sido maravilhosamente diligentes para com o

lado prático das suas vidas, porém depois os concita a mostrarem a mesma diligência na questão de captarem as doutrinas da fé, e especialmente a da completa certeza da esperança, até o fim. Aqueles cristãos hebreus estavam em dificuldade porque tinham deixado de manter o equilíbrio entre a doutrina e a prática; não estavam sendo "dignos" da vocação.

A outra idéia contida nessa palavra é de algo que "combina". É interessante observar como os tradutores desta Versão Autorizada, ou Versão do Rei Tiago (inglesa), traduziram a mesma palavra do original grego de diferentes maneiras em lugares diferentes. Eles podiam muito bem tê-la traduzido como segue: "Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis de um modo condizente com a vocação com a qual fostes chamados", porque quando eles traduzem o mesmo apóstolo, no capítulo primeiro da sua Epístola aos Filipenses, onde de novo ele escreve acerca de si próprio na prisão e do seu sofrimento, eles dizem, "Somente seja o vosso procedimento como convém ao evangelho de Cristo" (versículo 27, VA). * É exatamente a mesma idéia. A idéia comunicada é de igualar-se, de vestir uma peça de roupa que combina com outra, algo que se ajusta e se harmoniza com alguma outra coisa.

Negativamente, Paulo quer dizer que devemos evitar um conflito de cores ou de aparência. Jamais deverá haver um conflito entre a nossa doutrina e a nossa prática. Isso é algo que se reconhece na questão de vestuário; nunca deve ocorrer um conflito de cores não condizentes. Há certas cores que não combinam, que não devem andar juntas; e quando vemos uma pessoa com essas cores chocantes e contrastantes, dizemos que essa pessoa não tem bom gosto. Podemos ampliar a idéia e dizer que nem sempre a mesma roupa convém a todas as idades. Não há nada tão ridículo como ver uma pessoa idosa vestida como se fosse jovem, e vice-versa. Há certas coisas que não combinam. Essa é a idéia que Paulo transmite aqui; jamais deverá haver incongruência ou agudos contrastes em nossas vidas.

Estou ciente de que a arte moderna se deleita nesse tipo de coisa. Vê-se a mesma coisa em muita música moderna, assim chamada, que despreza a melodia e tem prazer na cacofonia, nos contrastes e nas discordâncias. Mas isso é perversão, não arte. A arte verdadeira sempre tem beleza, porque sempre tem como seu centro a idéia de equilíbrio e de congruência. Não há beleza verdadeira fora disso. Isso

---

* Almeida, Atualizada: "Vivei, acima de tudo, por modo digno do evangelho..."; Revista e Corrigida: "Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho..."; Tradução Brasileira: semelhante à tradução de Almeida; Figueiredo: "Somente vos recomendo que vos porteis conforme o evangelho...". Nota do Tradutor.

tem sido reconhecido através dos séculos; portanto, estejamos cientes dessas perversões modernas. Agora o apóstolo está utilizando essa espécie de quadro descritivo: "Seja o vosso andar", diz ele, "como convém à vocação com que fostes chamados."

Podemos levar adiante a idéia, notando a palavra que o apóstolo empregou quando escreveu a Tito, onde ele fala sobre "ornamento da doutrina" (Tito 2:10). A idéia é que a doutrina é, por assim dizer, a veste fundamental ou básica e que a vida é uma espécie de adorno acrescentado a ela. Sua exortação é que sempre devemos ser cuidadosos para que as nossas decorações, os nossos ornamentos, sejam sempre apropriados a essa veste básica de que já nos vestimos, com ela sejam congruentes e combinem. A doutrina é o fundamento; a vida é o ornamento. O propósito do ornamento é tornar atraente a doutrina, levar o povo a admirá-la, a contemplá-la e a tê-la. Aqui, como em toda parte, o apóstolo faz mais que lançar um apelo ao povo cristão para que viva uma vida digna e seja filantrópico. O apelo é sempre em termos da doutrina; a vida deve fluir dela, deve sempre harmonizar-se com ela. Eu e vocês devemos viver uma espécie de vida que adorne a doutrina.

O apóstolo começa logo a dizer-nos o que a doutrina é. É "a vocação", "o chamamento com que fostes chamados". Devemos ser dignos da vocação com que fomos chamados. Aqui de novo estamos lidando com uma frase que é muito típica e característica do Novo Testamento, e como se repete constantemente, é importante que compreendamos os termos sem nenhuma dúvida ou mal entendido. A doutrina que ela comunica é que devemos viver essa espécie de vida pela razão de que somos "os chamados". Esse é um dos termos característicos com as quais o Novo Testamento geralmente descreve os cristãos. Os cristãos são "os chamados de Jesus Cristo". Uma igreja, a Igreja, nada é senão a reunião dos "chamados". O propósito termo grego para igreja é ekklesia, que significa "os chamados para fora". O apóstolo se referira a isso no capítulo anterior: "Ora, àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, a esse glória na igreja" – entre "os chamados" ou "os chamados para fora". Os cristãos são os que foram chamados para fora do mundo, "das trevas para a sua maravilhosa luz" (I Pedro 2:9). Nunca se deve pensar no cristão como alguém que resolveu adotar um certo tipo de vida. Nunca se deve pensar na vida cristã em termos de algo que decidimos adotar. É exatamente o oposto, é algo para o que fomos "chamados". Por isso é infeliz o emprego do termo "vocação" na tradução. Nós até usamos mal a palavra "vocação" e falamos de alguém adotando uma vocação. Mas

ninguém adota uma vocação verdadeira; é algo para o que a pessoa é chamada. Por isso devemos apegar-nos à palavra "chamamento".

Assim, o ensino do apóstolo é que o modo pelo qual devemos viver a vida cristã, é, primeiramente, lembrar sempre que fomos chamados para ela, chamados das trevas, chamados para a luz. O apóstolo estivera salientado esta idéia desde o começo da Epístola. No capítulo primeiro ele dissera: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo; como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade; e nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade" (versículos 3-5). No capítulo dois fizera os seus leitores lembrar-se disso: "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados" (vers. 1º), e assim por diante. Agora, todavia, mais uma vez ele retorna a isso, outra vez e renovadamente. Estou interessado em acentuar que este é, de todos, o maior motivo para a santificação. A principal razão pela qual devemos viver uma vida de pureza e de santificação é que somos "os chamados". Certamente não é correto pecar, e é correto viver a vida cristã, e estas coisas são boas em si e por si, mas primariamente devemos viver uma vida santa porque fomos "chamados" para isso.

Portanto, devemos examinar toda esta idéia de chamamento, como a Bíblia a ensina. Ela ensina que há dois tipos de chamamento. O primeiro é o chamamento geral, feito a todos. "Deus anuncia (VA: "Deus ordena") agora a todos os homens que se arrependam" (Atos 17:30). Aí está um chamamento universal que parte da Igreja para o mundo inteiro, para que se arrependa e creia no evangelho. Essa mensagem é dirigida a cada pessoa. Mas esse não é o único sentido do termo, e vemos que ele é empregado de maneira muito mais particular, pois, em acréscimo ao chamamento geral há o que se chama chamamento ou vocação "eficaz". Nem todos os que ouvem o chamado lhe respondem. Dois grupos acham-se entre os que recebem o chamamento geral. Num grupo todos continuam incrédulos, porém no outro estão aqueles a quem o chamamento veio eficazmente. Estes são os cristãos verdadeiros.

Permitam-me considerar alguns exemplos e ilustrações disto. Na Primeira Epístola aos Coríntios diz o apóstolo Paulo que "a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus" (1:18). Há dois grupos de pessoas – aquelas para as quais a pregação da cruz é loucura, e aquelas para as quais é a sabedoria de Deus. Essa é uma distinção fundamental. Há os que

"perecem" e há os salvos. Depois Paulo continua: "Porque os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gregos. Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus" (versículos 22-24). O contraste é entre os que perecem e os salvos: aqueles para quem a cruz é escândalo e loucura, e aqueles para quem ela é o poder e a sabedoria de Deus. Os cristãos são salvos; e os crentes são sempre descritos como "os chamados", isto é, os que são separados de todos os outros foram transportados para uma nova posição.

Outra matéria de importância é que devemos observar o ponto em que entra o chamamento, nesta questão da salvação. Devemos entender que o "chamamento" vem antes da justificação. O apóstolo expõe claramente a matéria na Epístola aos Romanos: "E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou" (8:30). "Predestinação", "chamamento", "justificação" e, finalmente, "glorificação"! Significa que a salvação é resultado da poderosa ação do Espírito de Deus na alma, ação pela qual Ele introduz um novo princípio de vida e de ação, o qual nos capacita a crer. Somos chamados para "crer". O nosso Senhor Jesus Cristo expressa isto claramente no Evangelho Segundo João: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou não o trouxer" (6:44). O que o traz é o chamamento. Há no "chamamento" poder que o traz; sem este ele não pode vir.

Considerem, ademais, o relato dos primeiros convertidos ao evangelho na Europa, como se vê em Atos dos Apóstolos. Paulo prega na pequena reunião de oração de mulheres, fora das muralhas de Filipos, num sábado, e lemos que, "assentando-nos, falamos às mulheres que ali se ajuntaram. E uma certa mulher, chamada Lídia, vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, e que servia a Deus, nos ouvia, e o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia" (16:13-14). O "chamamento" é ali descrito como a abertura do coração que faz a pessoa ficar atenta e crer. Sem essa abertura do coração, a Palavra não tem efeito. O apóstolo já o dissera claramente no começo do capítulo 2 desta Epístola aos Efésios, quando escrevera: "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados" (versículos 1º). Ele o repete no versículo 5: "Estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou..." Uma pessoa morta não pode vivificar-se a si mesma; somente Deus a pode vivificar. E o faz por meio de um chamamento eficaz.

Uma ilustração maravilhosa disso tudo vê-se no Evangelho Segundo João, no caso de Lázaro. Lázaro tinha morrido e estivera morto por

quatro dias; seu corpo estava numa sepultura, e a decomposição já começara. Chega o nosso Senhor à cena e ordena aos que cuidavam dos serviços fúnebres: "Tirai a pedra". Depois disse: "Lázaro, sai para fora", e ele saiu do túmulo. O poder estava no chamamento. O poder estava na palavra proferida. É isso que Paulo quer dizer aqui, quando fala na "vocação com que fostes chamados". A palavra tinha vindo eficazmente, com poder, a estes cristãos efésios; o Espírito Santo estava nela; a pregação tinha sido "em demonstração do Espírito e de poder". Quando a palavra vem no poder do Espírito, ela chama as nossas almas da morte espiritual e do túmulo para a vida e para uma novidade de vida (Romanos 6:4). O apóstolo torna a declarar o fato na Epístola aos Romanos: "Deus, o qual vivifica os mortos, e chama as coisas que não são como se já fossem" (4:17). Abraão e Sara, apesar de estarem com mais de noventa anos, foram capacitados a ter um filho. Pela natureza era impossível, não porém para Deus. Quando Deus chama salvadoramente, Ele dá o poder e torna eficaz o chamamento. Torna-o seguro e certo; terá que acontecer, e acontece. Nós, os cristãos, somos os "chamados" da morte e do túmulo do pecado. Quando ainda estávamos mortos em ofensas e pecados, veio a palavra poderosa e nos "chamou", e nos capacitou a ouvir. A palavra nos vivificou e pôs vida em nós. Vivificar é dar vida.

O apóstolo Pedro diz a mesma coisa em sua primeira Epístola, quando escreve sobre, "Sendo de novo gerados, não de semente corruptível, mas da incorruptível, pela palavra de Deus, viva e que permanece para sempre" (1:23). A palavra do evangelho tem vida em si, e quando ela vem no poder do Espírito, e a semente é implantada, nós reagimos prontamente. Além disso, o apóstolo Pedro usa o mesmo argumento que o apóstolo usa aqui. "Mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver" (1:15). De novo ele argumenta no capítulo 2, dizendo: "Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz"(2:9).

É precisamente isso que o apóstolo está argumentando aqui, que fomos chamados a fim de podermos anunciar essas coisas. Sejam dignos, diz ele, da vocação, do chamamento pelo qual vocês foram chamados. Fazemo-lo aplicando a doutrina e o conhecimento que temos. Temos que viver como quem compreende que fomos chamados por Deus para esta vocação celestial. Só podemos fazê-lo quando conhecemos a doutrina. Portanto, devemos recordar algumas coisas que sempre devem estar em nossas mentes, governando a nossa conduta e o nosso comportamento. Fomos chamados para esta mara-

vilhosa e elevada vocação, e as nossas vidas devem combinar com a vocação e estar em conformidade com ela.

Quais são, porém, as coisas de que devemos lembrar-nos sempre? A primeira é: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo". Isso está exposto no versículo três desta Epístola aos Efésios. Ele próprio responde a todos os argumentos e a todas as escusas que possamos apresentar. De nada vale falarmos das nossas dificuldades ou dos problemas da vida neste complicado mundo moderno do século vinte. O que importa e o que vale é que fomos abençoados "com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo". Não há nada além disso; tudo que necessitamos está à nossa disposição. É tudo em Cristo; estamos nEle, e Ele está em nós. Sempre devemos lembrar-nos deste fato, e devemos viver de maneira que o ilustre.

O apóstolo prossegue e nos lembra também no versículo seguinte: "Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade" (versículo 4). Deus nos chamou não apenas para que não fôssemos para o inferno, e não somente para que soubéssemos que os nossos pecados estão perdoados; Ele nos escolheu "para sermos santos", e para sermos "irrepreensíveis ("inculpáveis", VA) diante dele em amor". Não temos direito de argüir ou questionar ou pôr em dúvida. Essa é a vida para a qual Ele nos chamou.

Lembra-nos a seguir o apóstolo que Deus "nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo" (vers. 5), e a isso ele acrescenta, no capítulo 2, que somos "concidadãos dos santos, e da família de Deus" (vers. 19). Somos chamados para a família de Deus; somos filhos de Deus. E devemos viver de modo que faça recair honra e glória na família e em nosso Pai. Em qualquer país estrangeiro o britânico deve estar sempre cônscio do fato de que, num sentido, a honra do seu país está em suas mãos. A honra da família está nas mãos do filho da família quando ele vai a uma festa; e se o filho não se porta como deve, os hospedeiros não culparão o filho, e sim os pais, e com razão. A honra da família está nas mãos do filho, e eu e vocês somos filhos de Deus, Assim, quando eu andar pelas estradas da vida, deverei lembrar-me sempre de que sou filho e membro da família de Deus: "E nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo". E porque sou filho, sou herdeiro, de modo que o apóstolo lembra a estes cristãos efésios que eles têm o Espírito Santo, "o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus" (vers. 14). Devo pensar não somente no que eu sou agora, mas também no que vou ser. Não sou

somente filho de Deus, sou herdeiro e co-herdeiro com Cristo. Lemos sobre pessoas que foram preparadas para certas coisas e instruídas nos costumes, conduta, procedimentos e comportamento antes de apresentar-se à corte ou de tomar parte nalgum grande acontecimento. Assim devemos viver, como sempre lembrados de que vem o dia em nossas vidas em que seremos levados à presença de Deus. "Ora, àquele", diz Judas, "que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória..." (vers. 24). Devemos viver como apercebidos de que vamos para a glória. E tendo sido apresentados, receberemos a nossa recompensa e entraremos em nossa herança. Esta vem – "a possessão adquirida". Desta só recebemos as primícias e o antegozo neste mundo; todavia depois a receberemos em plenitude.

Não somente isso; o apóstolo já nos estivera lembrando, no fim do capítulo primeiro, que, como membros da Igreja, somos membros do corpo de Cristo – "da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos". Estamos ligados a Cristo como os membros do corpo pertencem à cabeça. Somos "da sua carne e dos seus ossos", como Paulo nos dirá no capítulo 5. No capítulo 2 ele nos lembra que não somente fomos vivificados com Cristo, mas também ressuscitaremos da morte com Cristo. De fato estamos, neste momento, "assentados com Cristo nos lugares celestiais". Devemos viver, digo eu, como estando cientes de que estamos assentados nos lugares celestiais precisamente neste momento. E então sempre devemos lembrar-nos de que Cristo habita em nossos corações pela fé, e que há algo da plenitude de Deus em nós. Esse é o caminho para a santificação, para a santidade. Esse é o modo de viver – dar-nos conta de que estas coisas são verdadeiras.

Finalmente, jamais devemos esquecer-nos do modo como tem lugar o chamamento. Que será que me tornou possível vir da morte para a vida, do túmulo do pecado para a novidade de vida, e estar assentado nos lugares celestiais em Cristo? A resposta é que isto se deve inteiramente à livre graça de Deus. "Pela graça... por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus" (2:8). "Somos feitura sua" (2:10). Enquanto estávamos mortos, perdidos e sem esperança, e éramos criaturas dominadas pela luxúria, Ele nos vivificou, apesar disso. E, acima de tudo, tratemos de lembrar-nos constantemente do que é que possibilitou a Deus fazer isso. A nossa salvação é "pelo sangue de Cristo". "Vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto" (2:13).

O apóstolo Pedro o expõe deste modo: "Não foi com coisas

corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver... mas com o precioso sangue de Cristo, como um cordeiro imaculado e incontaminado" (1 Pedro 1:18). Assim, quando o pecado vem tentá-lo, ou quando você está em dúvida quanto a se você conseguirá prosseguir na vida cristã, ou se achar que a vida cristã é dura e faz exigências excessivas, lembre-se do preço que foi pago por sua libertação, por seu resgate. Cristo entregou Sua vida à morte para que fôssemos redimidos e para nos tornarmos santos.

Depois, lembremo-nos sempre do poder que nos é dado, "a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos" (1:19). Lembremo-nos também de que devemos ser "fortalecidos com poder pelo seu Espírito no homem interior" (3:16), e de que Deus "é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera" (3:20).

Observem, finalmente, que o apóstolo faz este apelo como "o prisioneiro do Senhor". Com isso eu creio que ele está efetivamente dizendo: vocês devem viver como eu estou tentando viver, e como estou vivendo. Vivo a vida de um prisioneiro; estou de fato numa prisão neste momento. E estou na prisão porque não sou eu que resolvo o que fazer; sou servo de Cristo, sou Seu escravo. É porque sou leal a Ele e prego o Seu evangelho que estou na prisão; mas isso não me apoquenta; estou a Seu serviço, e não a serviço de mim mesmo. Ele me chamou, e eu sou Seu escravo, Seu servo, Seu prisioneiro, e vocês devem viver como prisioneiros de Jesus Cristo. "Não sois de vós mesmos; fostes comprados por bom preço" (1 Coríntios 6:19-20). Não temos direito de viver como queremos e como nos agrada. Éramos prisioneiros de satanás; agora somos prisioneiros de Jesus Cristo. Não devemos ter desejo algum, senão o de agradá-lO. "Que nada me agrade ou me cause dor, a não ser que venha de Ti, meu Senhor", deve ser a expressão do nosso constante desejo. Se tão-somente enxergássemos e captássemos o significado do nosso chamamento, em todas as suas partes, não teríamos problema com a vida cristã. "Teríamos como nosso supremo prazer ouvir os Seus ditames e obedecer", com Philip Doddridge e com os santos de todos os séculos.

3

GUARDANDO A UNIDADE DO ESPÍRITO

"Com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz." Efésios 4:2-3

Nestes dois versículos que se relacionam intimamente com o primeiro versículo do capítulo, o apóstolo, tendo descrito o caráter e natureza geral da vida cristã para a qual fomos chamados por Deus mediante a Sua graça, passa agora a aplicações particulares. O caráter geral da vida é que ela deve ser "digna da vocação com que fomos chamados". Isto sempre deve ser central e supremo em nossas mentes. Fomos chamados para uma espécie particular de vida. Quando estávamos mortos em ofensas e pecados, fomos chamados, vivificados e trazidos a esta vida. Ou, como o apóstolo o expressara anteriormente, "Somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas"(2:10).

O fato de que a vida cristã é descria como um "andar" é significativo. "Andar" sugere atividade, movimento e progresso. Temos que "andar" de maneira digna da nossa vocação. Não ficamos parados onde estávamos ou como estamos; não dizemos: "Ah, agora estou salvo, os meus pecados estão perdoados, tudo está bem", passando o resto da vida falando da nossa conversão, sempre olhando para trás e permanecendo naquela posição. A vida cristã é vida de progresso, um sempre ir para a frente; há sempre novas coisas para descobrir e novas experiências para desfrutar.

A primeira particularidade que o apóstolo menciona é que devemos esforçar-nos para "guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz". Por que o apóstolo escolheu isto como o primeiro ponto particular? Devemos buscar a resposta nos três primeiros capítulos desta Epístola, onde Paulo estivera salientando este grande princípio da unidade. Dissera ele, clara e especificamente, no versículo dez do capítulo primeiro, que este era o objetivo primordial que Deus tinha em mente quando planejou, antes da fundação do mundo, e antes do início do

tempo, enviar o Seu Filho unigênito a este mundo. Foi para "tornar a congregar (ou para reunir) em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra; nele...". Este é o principal objetivo do plano divino de salvação. O pecado é uma força dilacerante. O pecado sempre divide, sempre separa, sempre despedaça. Divide o homem dentro de si e contra si mesmo. Produz sempre a luta e o conflito de que todos estamos cientes em nossas vidas. Há o constante problema do bem e do mal, do certo e do errado; farei? Não farei? O pecado também produz divisão entre homem e homem; leva à inimizade, à guerra e à discórdia. O mundo foi destroçado pelo pecado.

Assim, num sentido, o objetivo central da salvação é reunir, juntar de novo, restaurar a unidade que prevalecia antes do pecado e da Queda produzirem este estrago terrível. O apóstolo desenvolvera isso, dizendo no capítulo primeiro, versículos 11 a 13: "Em quem também (nós, os judeus) fomos feitos herança", e depois, "em quem também vós (os gentios) estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação". Mais adiante, no capítulo dois, o apóstolo o desenvolve com mais detalhes, mostrando como "a parede de separação que estava no meio" foi derrubada, e como "dos dois um novo homem", um novo corpo, foi feito. Esta unidade em Cristo, unidade de judeu e gentio, diz ele no capítulo 3, é o mistério que "agora tem sido revelado" (versículos 5ss.). É, pois, inevitável que ao chegarmos às particularidades do andar cristão, da vida cristã, a preservação dessa unidade seja mencionada primeiro. Este é o grande desígnio de Deus; é o que mostra a glória de Deus acima de tudo mais. Portanto, a marca peculiar da vocação cristã é que ela preserva esta "unidade do Espírito pelo vínculo da paz". Esse é o primeiro passo no desenvolvimento do "portanto" do versículo primeiro do capítulo quatro. É a primeira coisa que devemos lembrar enquanto lutamos para andar "como é digno da vocação com que fomos chamados".

O apóstolo mostra a importância que ele dá a esta questão de unidade pelo fato de que ele continua a tratar disso até o fim do versículo dezesseis deste capítulo. No versículo 17 ele começa a tratar da conduta e do comportamento dos crentes na prática minuciosa; mas esta questão de unidade é a primeira coisa.

Observemos como ele trata disso, analisando a exposição. Nos versículos 2 e 3 ele faz um apelo geral com respeito a esta unidade. Depois, nos versículos 4 a 16, ele lhes dá razões e argumentos em prol da preservação da unidade. Primeiro ele faz um apelo a eles; e em seguida, com o fim de ajudar a quem quer que estivesse em dúvida

sobre isso, ou não o tivesse com clareza em suas mentes quanto a por que deviam lutar neste aspecto, ele introduz a doutrina concernente a toda a natureza, ser e caráter da Igreja. No momento estamos interessados no apelo geral – "Com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz". Todos os que estão a par das tendências modernas da Igreja Cristã concordarão que não há assunto de que tanto se fale e tanto se escreva nos dias atuais como esta questão de unidade. Esta é a era do ecumenismo, com infindáveis conversas e escritos acerca da unidade, da união e da reunião. Quão importante é, pois, considerarmos o que o apóstolo tem para dizer a respeito deste tema. Há muita prosa solta quanto a isso; todavia o nosso interesse deve ser sempre escriturístico; devemos tratar de saber exatamente o que o Novo Testamento ensina sobre essa matéria.

A primeira coisa, pois, que devemos examinar é o caráter, ou a natureza, da unidade. Começamos observando que o apóstolo não está apenas apelando para um espírito geral de amizade, fraternidade ou camaradagem. Tampouco está apelando apenas para algum objetivo comum, ou para uma série de objetivos comuns contrariamente a algo que seria um inimigo comum. Estas negativas são importantes porque grande parte da conversa sobre a unidade é inteiramente nesses termos. É tudo muito vago e nebuloso. Freqüentemente o chamado para a unidade é posto em função do fato de que o mundo de hoje está tristemente dividido. Como de um lado há poderes ateístas, o comunismo e o humanismo, assim do outro lado, dizem-nos, compete a todos os que de algum modo crêem em Deus se juntarem e agirem juntos. Não devemos ser demasiado particularistas com relação àquilo em que cremos, mas devemos ter espírito de comunhão e de amizade e de trabalho em conjunto contra o inimigo comum.

Evidentemente devemos examinar essa atitude, e devemos ter em mente essa idéia moderna de unidade enquanto seguimos o ensino do apóstolo neste capítulo. Devemos acentuar imediatamente algo que é da máxima importância. Seja qual for a unidade da qual o apóstolo fala, é uma unidade diretamente resultante de tudo o que ele estivera dizendo nos três primeiros capítulos da Epístola. Vocês não devem começar no capítulo 4 da Epístola aos Efésios. Fazê-lo é violar o contexto e ignorar a palavra "portanto". Noutras palavras, não se pode ter unidade cristã, a menos que seja baseada nas grandes doutrinas esboçadas nos capítulos um a três. "Portanto"! Assim, se alguém chegar a vocês e disser: "Não importa muito o que vocês crêem; se nos chamamos cristãos, ou se cremos em Deus nalgum sentido, venham, vamos trabalhar juntos", vocês devem dizer, em resposta: "Mas, meu

caro senhor, que dizer dos capítulos 1 a 3 da Epístola aos Efésios? Não sei de nenhuma unidade, exceto a que provém e brota das grandes doutrinas que o apóstolo estabelece naqueles capítulos". Qualquer que seja essa unidade, somos compelidos a dizer que ela deve ser teológica, deve ser doutrinária, deve basear-se num entendimento da verdade.

Observemos em seguida que a palavra "Espírito" tem a inicial maiúscula, "E" – "Procurando guardar a unidade do Espírito". Refere-se ao Espírito Santo. Paulo não está escrevendo sobre a manifestação de um espírito de amizade, não está pensando em termos do assim chamado espírito de escola pública ou do espírito de uma equipe de críquete ou de uma equipe de futebol. A inicial da palavra é E, é o Espírito Santo. No versículo 4 ele repete a mesma ênfase, "Há um só corpo e um só Espírito", o Espírito Santo. Em toda parte neste contexto a palavra "Espírito" deve ser interpretada como se referindo ao Espírito Santo. E devido este fato ser tão constantemente esquecido parece-me que a maior parte de toda a conversa sobre unidade é inteiramente anti-escriturística. É inteiramente humana, é algo pertencente ao homem; não é a unidade produzida pelo Espírito Santo. Passemos a examinar isto na forma de algumas afirmações.

A unidade na qual o apóstolo está interessado aqui é produzida e criada pelo próprio Espírito Santo. Somente Ele pode produzir esta unidade; e somente Ele produz esta unidade. Obviamente, esta questão é de importância fundamental. O apóstolo deixa bem claro que esta é uma unidade que eu e você jamais poderemos produzir. Ele nem sequer pede que o façamos, não nos chama para fazê-lo, não nos exorta a fazê-lo. O que ele pede que façamos é que tenhamos o cuidado de não romper a unidade já existente, e que foi produzida e criada pelo Espírito Santo. Temos de mantê-la, não criá-la; é a unidade do Espírito. É obra realizada por Ele, é algo que Ele faz em nós.

Visto que isso é verdade, as seguintes deduções são verdadeiras também. A unidade com a qual o apóstolo está preocupado é uma unidade viva e vital. Não é uma unidade mecânica. Há toda a diferença do mundo entre uma coalizão ou fusão e uma unidade verdadeira. As coalizões e fusões consistem de diversas unidades díspares que se unem para um dado propósito; mas a unidade do Espírito começa dentro e se projeta para fora. É comparável à unidade que se vê numa flor, ou numa árvore, ou nos corpos dos seres do mundo animal. É algo essencialmente orgânico e vital, não algo produzido artificialmente. É algo inevitável por causa da sua própria natureza. Não é uma unidade externa, e sim, uma unidade interna.

Além disso, esta unidade só pode ser entendida a medida que a obra do Espírito Santo é entendida. Se nos faltar um correto entendimento

da doutrina do Espírito Santo, não poderemos entender esta unidade. Se dermos ao Espírito Santo nome comum, e não nome próprio, ou se O considerarmos mero poder, e não compreendermos que Ele é a Terceira Pessoa da Trindade santa e bendita, não poderemos entender esta unidade, e ela será inexistente. Tampouco esta unidade poderá ser sentida ou experimentada ou posta em prática, a não ser que o Espírito Santo esteja em nós e tenha realizado em nós a Sua obra misericordiosa. Isto explica por que às vezes é tão difícil discutir este assunto com certas pessoas. Elas não concordam quanto à doutrina do Espírito Santo, não concordam quanto à regeneração e ao novo nascimento. Sua idéia do cristianismo é que ele significa simplesmente fazer o bem, ter boa moralidade e ser religioso, ou interessar-se por uma denominação particular e por suas atividades. Nenhuma conversação ou discussão proveitosa com essa gente será possível, pois todo o seu conceito sobre o Espírito é diferente. Nenhuma unidade é possível entre essas pessoas e as que têm um conceito bíblico sobre a obra do Espírito. Se o Espírito Santo não estiver em nós, não poderemos experimentar esta unidade; esta só pode ser experimentada por aqueles em quem Ele habita e a quem Ele iluminou. Entretanto, se o Espírito Santo estiver naquela outra pessoa e também em mim, imediatamente teremos consciência de um vínculo de unidade, porque o mesmo Espírito estará em nós ambos, e reconhecemos a unidade um no outro. Estas são, certamente, considerações deveras básicas e fundamentais.

Uma vívida ilustração da unidade produzida pelo Espírito Santo já foi apresentada no capítulo dois. Estes efésios que outrora estavam "longe", "separados da comunidade de Israel", agora foram introduzidos na aliança de Deus com os judeus. Ele agiu neles, Ele agiu nos judeus, e assim eles são um. E, portanto, falar volúvel e superficialmente sobre esquecer as diferenças, unir-se e achar uma base comum ou um denominador comum, é falar de algo inteiramente diverso daquilo que Paulo ensina aqui. Pôr de lado diferenças é uma coisa que pode ser feita na política, na indústria e em muitas outras esferas. Mas quando você começa com o Espírito Santo e com a Sua pessoa e a Sua atividade, você não pode falar daquela maneira. Se Ele não estiver em mim, não poderei ter comunhão espiritual com alguém em quem Ele habita. Se Ele não estiver nele, mas estiver em mim, não haverá comunhão. Se Ele estiver em nós dois, haverá comunhão verdadeira; e esta é a única base da comunhão. É onde Ele reina, e onde a comunhão do Espírito Santo é experimentada, que esta unidade existe. Daí a bênção do fim da Segunda Epístola aos Coríntios: "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo seja

com todos vós. Amém" (13:13). Onde reina o Espírito, ali há unidade.

Quando formos considerar os versículos 4 a 6, veremos como o apóstolo desenvolve tudo isso com detalhes. Por ora podemos resumi-lo dizendo que a unidade produzida pelo Espírito é primariamente espiritual, invisível e interna. Naturalmente ela também se expressa visível e externamente, pois, como cristãos, prestamos culto juntos, pertencemos a igrejas juntos e entramos constantemente em contato uns com os outros. Mas a realidade mesma é interna. Notemos de novo a importância da ordem. Não começamos com o que é externo e depois esperamos chegar ao interno. Começamos com o interno e depois passamos a expressá-lo externamente. Devemos ter isto em mente o tempo todo quando lemos livros sobre o ecumenismo ou ouvimos sermões e apelos. Seu grande argumento e apelo é no sentido de que, como povo até aqui dividido e separado, devemos começar a agir juntos, a trabalhar juntos, a orar juntos, e então começaremos a sentir o espírito de unidade. Contudo, isso é uma negação do ensino do apóstolo. Em toda manifestação de vida o interno vem primeiro, e depois a manifestação exterior. Foi assim na criação; dá-se o mesmo na reprodução. Duas diminutas células contêm a vida da qual se desenvolverá um corpo completo. O corpo não consiste de uma coleção de partes e porções colocadas juntas livremente e ao acaso. Cada parte ou membro individual desenvolve-se a partir da vida central. E é precisamente a mesma coisa nesta grande e vital questão de unidade espiritual. A unidade do Espírito não se pode ver primariamente; na verdade, é algo que mal se pode definir. Quando está presente, nós a reconhecemos; nós a sentimos quando entramos em contato com outrem em quem o Espírito habita. Nossas almas são invisíveis; e, todavia, a alma é a coisa mais importante do homem. Além disso, temos acesso à alma e ao espírito por meio do corpo; a alma e o espírito é que se manifestam através do corpo. Assim é com este princípio de unidade.

Havendo, assim, considerado a natureza, o caráter da unidade, examinemos agora o nosso dever com relação a ela. As palavras particulares que o apóstolo emprega explicam isto perfeitamente. A primeira palavra é "procurar" (VA: "esforçar-se"). Inclinamo-nos a pensar nesta palavra como "fazer uma tentativa de"; mas não é esse o sentido radical da palavra. Ela significa realmente "ser diligente", e deriva de uma palavra que sugere rapidez. Devemos apressar-nos a fazer alguma coisa, a mostrar grande interesse, a expressar solicitude – "esforçando-vos para guardar". Acima de tudo mais, diz o apóstolo, como cristãos nesta vocação para a qual vocês foram chamados,

apressem-se a fazer isto, sejam diligentes quanto a isto, nunca o esqueçam, seja esta a coisa principal da sua vida; acima de todas as outras coisas, mostrem grande interesse e solicitude com respeito a esta unidade que existe entre vocês.

A palavra subseqüente é "guardar" – "esforçando-vos para *guardar* a unidade do Espírito". "Guardar" significa "defender", "reter", "preservar". O apóstolo não nos pede que façamos ou que criemos uma unidade. Ela existe porque somos cristãos, diz ele, e devemos guardá-la. Não podemos ser cristãos sem a obra do Espírito Santo; não podemos ser cristãos, a não ser que o Espírito resida em nós. E Ele está em todos os cristãos verdadeiros. A unidade aí está, e o que temos que fazer é guardá-la, mantê-la, preservá-la. Nosso primeiro e principal interesse, como cristãos, deve ser guardar e preservar esta preciosa e maravilhosa unidade do Espírito. O grande propósito de Deus, o que Deus está fazendo por meio da Igreja, é produzir e manter esta unidade entre os redimidos, quer judeus, quer gentios e devido a esse propósito, é-nos dito no capítulo 3, versículo 10, até os principados e as potestades nos lugares celestiais vão ficar admirados e espantados quando o virem. Se cremos em Deus, devemos sentir que o nosso primeiro dever é guardar esta unidade, preservá-la a todo custo, forçar todos os nervos e ser diligentes em esforçar-nos para guardá-la e manifestá-la.

A maneira pela qual devemos fazê-lo é exposta pelo apóstolo com palavras simples. Estas podem ser agrupadas da seguinte maneira: as duas primeiras palavras nos descrevem e descrevem a nossa disposição pessoal interna. As palavras subseqüentes descrevem as nossas relações com os outros. A primeira expressão é "com toda a humildade" – especialmente humildade da mente. Esta ênfase particular acha-se em todos os léxicos. Significa modéstia. É o oposto da auto-estima, da auto-afirmação e do orgulho. De todas as virtudes cristãs, a humildade é uma das principais; é a marca distintiva do filho de Deus. Humildade significa você ter modesta opinião de si próprio, bem como dos seus poderes e faculdades. Para empregar a palavra do nosso Senhor no Sermão do Monte, significa ser "pobre de espírito". É o oposto do que se vê no homem do mundo, assim chamado; é o oposto do espírito mundano que concita o homem a confiar em si mesmo, a crer em si mesmo. É o oposto de toda agressividade, promoção própria, ambição e descaramento da vida no presente. Não há nada mais triste quanto à época atual do que a espantosa ausência de humildade; e quando esta mesma carência se acha na Igreja de Deus, é a maior de todas as tragédias. Como disse Crisóstomo há muito tempo: "Nada se presta tanto para dividir a Igreja do que o amor pelo poder".

Logo em seguida à "humildade" o apóstolo coloca a "mansidão",

que invariavelmente a acompanha. "Mansidão" significa brandura e gentileza interior. Todavia, é compatível com grande poder. Moisés era o mais manso dos homens e, contudo, era forte. Em seu íntimo ele era um homem manso e gentil. E o nosso Senhor era manso. "Mansidão" significa realmente prontidão para sofrer o mal, confiando tudo a Deus. O apóstolo Paulo era muito manso. Ao mesmo tempo, era capaz de dizer algumas coisas muito fortes; ele podia ser firme e poderoso; há algo de magistral em suas declarações. Todavia, quando lemos as suas Epístolas, vemos por toda parte este elemento de humildade e de mansidão. Ele já manifestara esta mansidão no capítulo três, onde escreve: "A mim, o mínimo de todos os santos" – apesar de que ele era o maior de todos – "me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios as insondáveis riquezas de Cristo". A humildade e a mansidão são os primeiros elementos essenciais para a preservação da unidade do Espírito nos laços da paz. São virtudes que se vêem no Senhor. Diz Ele: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas" (Mateus 11:28-30). Mateus, no capítulo doze do seu Evangelho, citando Isaías, descreve o nosso Senhor assim: "Não contenderá, nem clamará, nem alguém ouvirá pelas ruas a sua voz; não esmagará a cana quebrada, e não apagará o morrão que fumega, até que faça triunfar o juízo" (versículos 19 e 20). Essa era a Sua personalidade como a vemos retratada nos retratos do nosso bendito Senhor. E nós pertencemos a Ele, e somos membros do Seu corpo. Pelo que o apóstolo, escrevendo aos coríntios, faz uso deste argumento: "Além disto, eu, Paulo, vos rogo, pela mansidão e benignidade de Cristo..." (2 Coríntios 10:1). Escrevendo em sua Segunda Epístola a Timóteo e lhe dando conselho, Paulo diz: "E rejeita as questões loucas, e sem instrução, sabendo que produzem contendas. E ao servo do Senhor não convém contender, mas sim ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor, instruindo com mansidão os que resistem, a ver se porventura Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade" (2:23-25). É como se o apóstolo dissesse a Timóteo: é assim que você deve portar-se; haverá pessoas que não concordarão com você; não se aborreça com elas e não se zangue. Não deve contender com elas; porém é melhor procurar fazê-las ver a verdade; coloque-a diante delas de um modo que as atraia; procure conquistá-las para a verdade, retirá-las do erro e conduzi-las à verdade.

O apóstolo Pedro faz uma similar exortação de maneira deveras notável. Em sua primeira Epístola ele diz: "Sede todos sujeitos uns aos

outros, e revesti-vos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes" (5:5). Notem a interessante expressão: "revesti-vos de humildade". A palavra traduzida por "revesti-vos" significa "ponde o avental da humildade". Certamente, quando Pedro escreveu essas palavras, tinha em mente a cena sobre a qual lemos no capítulo treze do Evangelho Segundo João. É-nos mostrado o próprio Filho de Deus aqui na terra; e isto é o que nos é dito sobre Ele: Ele sabia de onde tinha vindo e para onde ia. Sabia que tinha vindo de Deus e que ia para Deus. Mas tomou uma toalha, vestiu-a como avental e se abaixou e lavou os pés dos Seus discípulos. Depois lhes disse: se Eu, que sou seu Senhor e Mestre, fiz isso a vocês, façam o mesmo uns aos outros. "Se eu lavei os seus pés, lavem os pés uns dos outros." "Revistam-se de humildade." "Vistam a humildade como um avental." Cinjam-se com a toalha da humildade; abaixem-se, e lavem os pés dos outros. Este é o segredo da preservação da unidade do Espírito pelo vínculo da paz.

Mas Paulo acrescenta a palavra "toda" – "Com *toda* a humildade e mansidão". Por que ele acrescenta a palavra "toda"? Esta significa – "com toda a possível" humildade e mansidão, "com toda espécie de", "em todas as situações", "todas as vezes". Não devemos vestir este avental só nos domingos, esquecendo-o o resto da semana. Mantenham-no sempre, estejam sempre revestidos de humildade, onde quer que vocês estejam, seja o que for que estejam fazendo, seja quem for a pessoa, seja qual for a ocasião – "toda a humildade e mansidão". Nunca fiquem sem isso.

Esta deve ser a nossa disposição fundamental, e o nosso caráter. Somos humildes? "Ninguém pense de si próprio mais do que deve" (Romanos 12:3; cf. VA e Almeida), diz o apóstolo. "Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe, não caia" (1 Coríntios 10:12). São os nossos conceitos errôneos a respeito de nós mesmos que causam divisões. Um tem orgulho do seu nascimento, outro da sua família; um tem orgulho do seu dinheiro, outro da sua nacionalidade, do seu "status", da sua sagacidade nos negócios. Outro tem orgulho do seu cérebro, do seu entendimento – quiçá da doutrina – e o seu orgulho disso é tanto, que ele chega a causar divisão, com isso negando a sua doutrina! Humildade! Mente humilde! Disse Oliver Cromwell a certos presbíteros escoceses: "Rogo-vos, pelas entranhas de Cristo, que considerem a possibilidade de vocês estarem enganados". Isso é humildade. E a mansidão vai junto com ela; e é o que devemos demonstrar em toda parte.

Sendo essa a nossa disposição fundamental, devemos manifestá-la em nossos procedimentos para com os outros. "Longanimidade" – que

simplesmente significa sofrer ou suportar bastante tempo. Significa manter o domínio próprio durante muito tempo e não ceder à paixão. Você pode defrontar-se com uma pessoa cuja conduta é irritante – pelo que ela diz ou pelo que faz. Bem, diz o apóstolo, simplesmente agüente, não aquiesça ao desejo de demoli-la ou esmagá-la ou humilhá-la. Contenha-se, seja "longânimo", não ceda à paixão. Na Bíblia atribui-se longanimidade ao próprio Deus. Se Deus não fosse longânimo, nenhum de nós estaria vivo, nenhum de nós seria cristão. Se Deus não fosse longânimo, não haveria cristianismo. A longanimidade é a Sua atitude para conosco; portanto, seja ela também a nossa atitude uns para com os outros. Nós temos que suportar aos outros, e os outros têm que suportar-nos. Suportemos, então, todos nós, o tempo todo!

Depois chegamos ao termo "resistir" (Almeida: "suportando-vos"). Todas estas palavras se relacionam. "Resistir" significa "manter-se contra". Uma pessoa tenta envolver você numa atitude ou ação errada. Mantenha-se contra a tentação. Fique firme; agüente; resista; não ceda. Todas estas coisas são difíceis, não são? Sim, mas nós fomos chamados para uma vida tão gloriosa que, necessariamente, é difícil. Graças a Deus que é! Os outros não podem entender as coisas como as entendemos, ou não podem fazer as coisas como gostaríamos que as fizessem. Não nos apressemos a desforrar-nos; como aqueles que estão interessados na preservação da unidade do Espírito pelo vínculo da paz, tratemos de tolerá-los e procuremos compreendê-los. Uma pessoa pode ser irritável por estar passando por uma prolongada provação, ou porque pode não estar fisicamente bem. Talvez não tenha tido vantagens e oportunidades na vida, talvez a sua capacidade mental não seja o que devia ser, talvez ela não tenha tido a oportunidade que você teve de ouvir a exposição destas verdades. Desculpe o que puder nessa outra pessoa, quer em sua conduta, quer em sua doutrina, ou seja no que for. Procure, acima de tudo mais, conquistar essa pessoa para a sua posição, se você está seguro de que está certo. Não tente inferiorizá-la, nem agredi-la, nem livrar-se dela, nem ser arrogante para com ela e nem ser impaciente com ela. Devemos ser pacientes uns com os outros, devemos ser tolerantes, devemos ser longânimos.

Mas notem mais um acréscimo feito pelo apóstolo! "...com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros *em amor*". Se você, irmão, amar as pessoas, será longânimo e paciente para com elas porque de coração se interessará por elas. Você não estará tão interessado em mostrar que você está certo e que elas estão erradas. Você desejará que elas estejam certas como você. Você as ama e se interessa por elas, e se preocupa com elas; e por causa disso

você é paciente com elas. Se você ama uma criança, será paciente com ela. Ela poderá fazer a mesma pergunta mil vezes, mas você continuará respondendo pacientemente. Você faz algo, e a criança diz, "Faça de novo", e você faz, e torna a fazer, até ficar quase exausto. Você até gosta de fazê-lo, embora esteja quase sofrendo colapso físico. É porque você ama a criancinha. Esta não sabe, não entende; e seria muito errado esperar que entendesse, naquela idade. Você desce ao nível dela, veste o avental, põe-se de joelhos para identificar-se com ela. E, se você a ama, fará isso com prontidão e com alegria.

O que o apóstolo está dizendo realmente é que, quando manifestamos estas características, estamos preservando a unidade. Isso porque somos pacíficos, somos amantes da paz e somos pessoas com as quais é fácil conviver; somos pacificadores. Esta unidade do Espírito é mantida, é entrelaçada ou atada, pela paz, "pelo vínculo (ou pela atadura) que é a paz". E como somos pacíficos, amantes da paz e pacificadores, preservamos a paz e preservamos a unidade.

Em tudo isso o apóstolo esteve repetindo as bem-aventuranças que o nosso Senhor Jesus Cristo tinha proferido no início do Sermão do Monte. Eis o que Ele diz com relação às pessoas que Ele veio produzir no mundo: "Bem-aventurados os pobres de espírito", "bem-aventurados os que choram", "bem-aventurados os mansos", "bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça","bem-aventurados os pacificadores". São estas as características do cristão. Esta é a vocação para a qual fomos chamados. Se fracassarmos aqui, o sucesso em qualquer outra área será inútil. Se a maneira de eu afirmar alguma coisa certa significa que eu quebro a paz, não estou agindo bem, deixei de manter o equilíbrio da verdade, ou está faltando algo ao meu caráter. O fim de toda doutrina é preservar esta unidade do Espírito pelo vínculo da paz. O fim de toda conduta deve ser esse mesmo. Este é o ensino das bem-aventuranças, e também de 1 Coríntios, capítulo 13. De fato, este é "o fruto do Espírito", que é "amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança" (Gálatas 5:22-23). Na verdade, o apóstolo está realmente dizendo: não extingam o Espírito, não entristeçam o Espírito, porém deixem que o Espírito produza o Seu glorioso fruto em vocês e entre vocês. E, ao fazê-lo, a unidade do Espírito será preservada entre vocês pelo maravilhoso laço e vínculo da paz.

"Com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor."

4

O CORPO DE CRISTO

"Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos." Efésios 4:4-6

Com estas palavras o apóstolo Paulo começa a dar-nos uma grande razão, uma incontestável razão pela qual devemos, "com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-nos uns aos outros em amor, procurar (esforçar-nos diligentemente para) guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz". Na verdade, nestes três versículos ele introduz uma das suas grandes declarações relativas à doutrina da Igreja Cristã. Este será o seu assunto até o final do versículo 16.

Ao iniciarmos este estudo, observemos quanto espaço é dado no Novo Testamento à doutrina da Igreja. Num sentido, é o grande tema de todas as Epístolas. É verdade que o apóstolo, como os outros escritores, estava constantemente preocupado com as dificuldades e problemas particulares das vidas dos membros da igreja; mas ele sempre os trata em termos da sua doutrina da Igreja. Este é um princípio muito importante e vital. Quando lermos estas Epístolas, observemos quão invariavelmente todo apelo que nos é feito, é-nos feito indiretamente; é sempre feito em termos da nossa condição de membros da Igreja e da nossa relação com a Igreja. Somos todos partes, porções e membros da Igreja, de sorte que, se não entendermos a doutrina neotestamentária da Igreja, há um sentido em que todos os seus apelos, exortações e indicações serão completamente sem sentido para nós.

A maioria dos nossos problemas surge principalmente do fato de que persistentemente começamos com nós mesmos; somos demasiado subjetivos. Este é um dos maiores resultados do pecado. O pecado coloca o homem no centro. Ele me faz achar que só eu sou importante, e que aquilo que eu acho e aquilo que me acontece é o que realmente importa. Passamos o nosso tempo pensando em nós mesmos e em

nossos interesses pessoais. O ensino do Novo Testamento tira-nos logo disso, dando-nos uma esplêndida descrição da Igreja, e de nós mesmos como unidades e membros deste grande corpo místico de Cristo. No momento em que começamos a ver as coisas dessa maneira, ficamos livres desse subjetivismo mórbido e miserável. O modo de curar-nos da maior parte dos nossos males e problemas é elevar-nos desse subjetivismo para ver-nos como o Novo Testamento nos descreve, especialmente com as palavras, "vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular" (1 Coríntios 12:27). Na verdade é isso que o apóstolo vem fazendo desde o começo desta Epístola. Judeus e gentios individuais, no grande propósito de Deus e por Sua graça, foram chamados, salvos e colocados juntos. E aqui, agora, isso é exposto em termos da Igreja. Portanto, o que temos que fazer é ver-nos como membros da Igreja. Quando o fizermos, ficaremos livres da maior parte dos nossos problemas e dificuldades. Sendo esta a verdade quanto a todos os nossos problemas, é particularmente a verdade quanto à questão da unidade – "unidade do Espírito pelo vínculo da paz".

Há claras indicações no Novo Testamento de que já havia problemas concernentes a um verdadeiro entendimento da natureza da Igreja. Vejam, por exemplo, a igreja de Corinto. A razão pela qual Paulo escreveu a sua Primeira Epístola aos Coríntios foi que havia divisões, seitas, cismas naquela igreja. E o que ele efetivamente diz a eles é que os seus problemas brotavam da sua falha em não entenderem claramente a natureza da Igreja Cristã. Continuavam pensando em si de maneira atomística, como indivíduos, e se haviam formado em pequenos grupos de indivíduos. Se eles tivessem captado a idéia da Igreja como uma totalidade, como um corpo unido, isso seria completamente inimaginável. Por isso, ali como aqui, ele lhes faz uma exposição da doutrina da Igreja.

Nestes três versículos ele o faz de maneira muito interessante. Ele joga com a palavra "um" – "*um* só corpo e *um* só Espírito, como também fostes chamados em *uma* só esperança da vossa vocação; um só Senhor, *uma* só fé, *um* só batismo; *um* só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos". Ele repete a palavra *um*(a), e com isso estabelece este princípio da unidade essencial da Igreja.

Essa declaração é interessante, de muitos pontos de vista, incluso o que podemos denominar mecânica da interpretação, pois a palavra *um* (a) ocorre sete vezes. Há certamente aqui uma sugestão do número da Divindade, do número de Deus, da perfeição, mas não quero forçar esse ponto. Pode muito bem ser que Paulo tenha feito isso

deliberadamente, a fim de que pudéssemos ver que a unidade da Igreja é uma manifestação da perfeição da Divindade. Outra questão interessante é o modo como ele as agrupa. Três acham-se no versículo quatro, três no versículo cinco, e a sétima no versículo seis. A última, observem, é uma coleção, um sumário de todas as unidades. O apóstolo repete igualmente a palavra *todos* – "Um só Deus e Pai de *todos*, o qual é sobre *todos*, e por *todos*". De novo isto salienta a mesma noção e idéia de unidade.

Outro ponto sumamente importante é que cada um dos três grupos é disposto ao redor das pessoas da Trindade bendita e santa. Os três primeiros referem-se ao Espírito Santo. Os três seguintes referem-se ao Senhor Jesus Cristo, o Filho. E finalmente temos Deus o Pai. Ver o significado disto é o único modo pelo qual podemos captar esta doutrina da unidade e ver a sua importância em nossa vida e em nosso viver diários. No momento em que vemos isso, somos retirados do nosso desprezível e mórbido interesse próprio e somos levados a postar-nos face a face com a santa e bendita Trindade, Três em Um, Um em Três. A Igreja é um reflexo e uma manifestação da Trindade santa e bendita.

Essa é a maneira pela qual o apóstolo maneja a doutrina da unidade da Igreja. Ele não no-la deixa como um apelo para sermos bondosos, longânimos e bons. Estas graças são essenciais, mas o princípio fundamental é que nos vejamos como membros da Igreja, e vejamos a Igreja como um reflexo, na terra, da unicidade do Deus Triúno – Três em Um, Um em Três, o Espírito Santo, o Filho, o Pai. Por certo deve ser evidente que a real dificuldade com os cristãos modernos é que eles negligenciam a doutrina! Falamos em ser práticos, mas não podemos ser práticos se não soubermos como ser práticos, e por que devemos ser assim. Antes de podermos responder a apelos pessoais e diretos, temos que ver o que somos, onde estamos, e onde Deus nos colocou. Nós fomos "chamados".

Um ponto final nesta questão de interpretação; notem a ordem que o apóstolo emprega. Ele começa com o Espírito Santo, depois passa ao Filho, e conclui com Deus o Pai. Por que esta ordem? Por que não Deus o Pai, Deus o Filho, Deus o Espírito Santo? Por que Paulo inverte a ordem? Há somente uma resposta a essa questão, a saber, que ele está primariamente interessado em ser prático. Ele começa com a Igreja como esta é, composta de pessoas que são seus membros. A Igreja é uma comunhão do Espírito, uma comunidade do Espírito. Ele começa conosco exatamente onde estamos e como éramos. Depois nos leva a um ponto mais alto - a Igreja como corpo, cuja Cabeça é Cristo. Finalmente, a cabeça de Cristo é Deus o Pai. Assim ele se move de

onde estamos, habitados pelo Espírito, por meio do único e exclusivo Mediador, para Deus o Pai. O método dele é prático e experimental; ele não está interessado numa doutrina seca como o pó, algo remoto e distante; ele nos encontra onde estamos. Ele nos mostra que estamos onde estamos e que somos o que somos devido à obra do Espírito; todavia o Espírito nunca teria vindo, nunca nos teria sido enviado e dado, não fosse pelo Filho e pelo que Ele fez. E o Filho nunca teria vindo, não fosse que "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito". Isso é total e intensamente prático. Como cristãos, não somos deixados a nós mesmos. O Espírito Santo está em nós e nos leva ao Filho. Ele nos ensina a orar, pois "não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis" (Romanos 8:26). E Ele nos leva ao Filho; e, como nosso Mediador e grande Sumo Sacerdote, o Filho nos apresenta ao Pai.

O interesse do apóstolo é mostrar-nos que não há necessidade de argüir sobre esta questão da "unidade do Espírito pelo vínculo da paz". A unidade já existe, é inevitável. A tradução feita pela Versão Autorizada inglesa (como também pela Versão de Almeida) expõe esta verdade com clareza, dizendo: "Há um só corpo". A palavra "Há" é acrescentada; não está no original. Muito acertadamente os tradutores a acrescentaram. Noutras palavras, ela nos lembra que o apóstolo não nos está apelando para formarmos a unidade; o que ele nos está dizendo é que esta unidade já existe e que tudo o que ele nos está pedindo é que não a rompamos – "procurando guardá-la", defendê-la, salvaguardá-la. Ele não está fazendo um grande apelo para que nos unamos. Ele nos está concitando a termos o cuidado de não romper a unidade, de alguma forma, nem de sermos causa de algum tipo de ruptura ou cisma.

Examinemos esta unidade como deve ser vista em conexão com o Espírito Santo e a Sua obra. Esse é o tema do versículo quatro. Com o seu desejo de ser prático, a primeira coisa que o apóstolo faz é lembrar-nos do que somos como membros da Igreja. Ao fazê-lo, ele usa esta analogia do corpo – "um só corpo". Um exame cuidadoso das Epístolas de Paulo nos levará à conclusão de que essa era a sua ilustração favorita quando tratava da doutrina da Igreja. Ele tem outras ilustrações, como se pode ver nos primeiros capítulos desta Epístola. No capítulo 2 ele compara a Igreja com um grande império – "concidadãos dos santos". Diz ele também que os cristãos são "membros da família de Deus". Não só isso, a Igreja é como um edifício, "Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas". Mais

tarde, no capítulo 5, vê-lo-emos comparando a Igreja com uma esposa, dizendo que a Igreja é a esposa de Cristo, e que a relação entre o Senhor e a Igreja é a de um esposo e sua esposa. Mas parece que o apóstolo usa esta ilustração particular do corpo mais vezes do que qualquer outra. E particularmente com relação a esta questão de unidade, esta parece dar um quadro mais claro do que qualquer outra.

Ele já utilizara esta ilustração duas vezes nesta Epístola. Ele o faz no fim do capítulo primeiro, onde escreve, "E sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da Igreja, que é o seu *corpo*, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos". Ele o repete no capítulo dois, com as palavras, "e pela cruz reconciliou ambos com Deus em um *corpo*, matando com elas as inimizades" (versículo 16), e, em sua declaração sobre fazer dos dois um novo homem, ele está realmente usando a mesma ilustração (versículo 15). Nesses exemplos ele apenas o menciona de passagem, mas aqui ele o expõe. Com freqüência tenho comparado o método de Paulo com o de um compositor musical, que no prelúdio sugere os seus temas, e não faz mais que sugeri-los. Mas depois, no corpo da obra, ele toma as sugestões, dá-lhes trato e as desenvolve mais detalhadamente.

Que é que o apóstolo quer dizer com a sua referência à Igreja como "um só corpo"? Esta é uma pergunta muito importante, e especialmente nos dias atuais, com todo o interesse que há pela unidade da Igreja e pelo ecumenismo. É certamente óbvio que Paulo se refere necessariamente à Igreja mística, invisível e espiritual. Não pode significar a Igreja visível e externa pelo bom motivo de que a Igreja visível e externa consiste de muitos corpos, de uma multiplicidade de corpos. Portanto, não era nisso que o apóstolo estava pensando. Pensava na Igreja essencial, na Igreja mística, que é invisível, o corpo místico de Cristo. A incompreensão deste princípio muito importante do Novo Testamento levou a muitas tragédias na história da Igreja. Por não compreender isso, a igreja católica romana se diz a única igreja verdadeira e afirma que todas as outras igrejas visíveis não são igrejas. E houve outros que faziam a mesma afirmação, deixando completamente de entender o caráter místico, interno, invisível da Igreja verdadeira e essencial. Portanto, o apóstolo está asseverando que há unicamente uma Igreja verdadeira. Não podem existir muitas porque a Igreja é o corpo de Cristo, e um homem não pode ter muitos corpos; há somente um. Há uma só Igreja mística e perfeita, invisível e espiritual. Há somente um corpo. Esta Igreja consiste de pessoas de todos os tipos, espécies e cores, de muitos continentes e climas. Mas essas diversidades não fazem diferença para esta Igreja, invisível,

mística. Há nesta Igreja pessoas de todas as nações debaixo do céu, de todas as tribos e povos de toda a terra.

Da mesma maneira, o tempo não faz diferença para este fato. Os cristãos primitivos estão neste corpo. Os mártires da Reforma estão neste corpo. Os puritanos, os pactuários, os primeiros metodistas, todos eles estão neste corpo; e eu e vocês estamos neste corpo, se estamos verdadeiramente em Cristo. A Igreja transcende os séculos. As habilidades naturais não desempenham nenhum papel nesta questão. Não importa o que você seja, ignorante ou de grande potencial de conhecimento, inteligente ou deficiente em suas faculdades, grande ou pequeno, rico ou pobre. Todas estas coisas não passam de insignificâncias; este corpo é um só. É a Igreja de todas as eras – a plenitude do povo de Deus. É o corpo único, é a Igreja invisível, mística. A única coisa que, em última instância, importa para cada um de nós é que pertençamos a este corpo. Podemos ser membros de uma "igreja" visível, e, lamentavelmente, não ser membros desta Igreja mística e invisível. O Novo Testamento ensina isso. Ser membro de uma "igreja" visível pode ser tão inútil como a circuncisão o era nos dias da Igreja Primitiva. A única coisa que importa é que sejamos achados nesta Igreja mística, invisível, espiritual que, somente ela, é o corpo de Cristo.

Há certas coisas que devemos entender sobre esta "Igreja invisível, mística", e evidentemente Paulo achava que essa figura, essa analogia do corpo, as comunica bem. A melhor maneira de compreendermos este ensino é considerar o que o apóstolo diz no capítulo doze da sua Primeira Epístola aos Coríntios, onde ele trata disto de maneira exaustiva. A primeira coisa que emerge é o caráter orgânico da unidade que há na Igreja. A Igreja é uma nova criação, e, ao trazê-la à existência, Deus fez uma coisa tão inteiramente nova como a criação do universo. Ele não tomou simplesmente um judeu e um gentio e os juntou algo assim como uma espécie de coalizão, e os fez sentar-se juntos a uma mesa e os levou a um acordo de amizade mútua. Não! A Igreja é uma nova criação. Ela não é uma coleção de partes. O antigo foi destruído, já não há mais judeu e gentio. Essa distinção é eliminada por este corpo. Houve uma destruição antes de haver uma nova criação. Fomos libertos das coisas que nos separavam antes de Deus "criar dos dois um novo homem".

Isto se pode ver claramente na analogia do corpo. O corpo consiste de dez dedos nas mãos, dez nos pés, duas mãos, dois pés, duas pernas, dois braços, e assim por diante. No entanto, o corpo não é uma coleção dessas partes; e nenhuma delas foi criada independente ou separada-

mente e depois colocada junta com as outras. Não é assim que o corpo se desenvolve e vem à existência. Como dissemos antes, tudo parte de uma célula que começa a desenvolver-se e a crescer, e pequenos filamentos germinam. Um destes filamentos será o antebraço direito, o braço e a mão; outro formará o mesmo no lado esquerdo. Então o filamento que forma o tronco desce, e as pernas se formam, provenientes do tronco. E tudo vem da célula original primitiva. As partes nunca tiveram existência independente; todas são rebentos, produtos desta célula central primitiva. É por isso que há uma unidade essencial no corpo.

A ilustração mostra aquilo que é próprio de nós, como membros da verdadeira Igreja Cristã. É neste ponto que pode muito bem acontecer que as igrejas visíveis, que são essenciais, nos façam extraviar. O que sucede com elas é que há um rol de membros, e, quando uma pessoa se une a uma igreja, o seu nome é acrescentado à lista dos que já são membros. É preciso que se faça isso, mas tende a dar-nos uma falsa noção da natureza da igreja mística. Não somos acrescentados a Cristo dessa maneira. A verdadeira Igreja é uma nova criação, e todos os que pertencem a ela nasceram do Espírito, nasceram de Cristo, são "participantes da natureza divina". Uma vez que vejamos a verdade nesses termos, a inevitabilidade da unidade será óbvia.

O segundo elemento que o apóstolo acentua é a diversidade na unidade. Isto dificilmente requer alguma explanação porque é óbvio. Para expor a matéria negativamente, o que vemos na Igreja é unidade, não uniformidade. No uso que faz da analogia em 1 Coríntios, capítulo 12, o apóstolo utiliza a ironia e o ridículo. Ele recebera cartas dos que pertenciam à família de Cloe e de outros, dizendo-lhe que um membro dizia, "Eu sou de Paulo", outro, "Eu sou de Apolo", outro, "Eu sou de Cefas". Estavam divididos em facções, e brigavam e discutiam. O meio de que o apóstolo se serviu para tratar disso foi dizer-lhes que era evidente que eles tinham esquecido que a Igreja é o corpo de Cristo. Isso, diz ele, é como se o olho dissesse à mão, "Não tenho necessidade de ti", e o pé dissesse o mesmo ao ouvido. Ele ridiculariza tudo isso, e se põe a ensinar o princípio de que na Igreja, como no corpo humano, há diversidade na unidade.

Ambas estas verdades devem ser salientadas. Todo ensino que apresenta os membros da Igreja manifestando uma nebulosa uniformidade é antibíblico. Há variedade na unidade essencial. Vejam um dedo e comparem-no com um olho. A princípio não parece haver nada em comum. O dedo parece muito comum. Mas depois considerem o olho. Às vezes penso que não há no mundo nenhum instrumento comparável ao olho. Pensem em sua delicadeza, sua sutileza, o refinamento, o

equilíbrio, a ternura – que instrumento! À primeira vista parece não haver relação nenhuma entre um olho e um dedo, ou um pé, ou outras partes do corpo ainda menos elegantes. E, contudo, a verdade é que, embora todas elas sejam tão diferentes, pareçam diferentes e cumpram funções diferentes, são todas uma só coisa, neste sentido essencial de que todas pertencem juntas ao corpo e são partes essenciais deste. O corpo não é completo se tão-somente uma dessas partes não estiver ali. Diverso e, todavia, um só!

Depois vejam a analogia em termos da interdependência de cada parte, umas das outras. Nenhuma delas tem real sentido ou significado ou existência por si mesma. Como o apóstolo o expressa, se o corpo todo fosse mão, não haveria corpo. Se o corpo todo fosse pé, não haveria corpo. O que faz do corpo um corpo é que todas estas partes são uma só coisa neste todo orgânico, nesta unidade essencial; e todas elas são absolutamente interdependentes umas das outras. O olho não pode dizer à mão, não tenho necessidade de você. Se você não tiver mãos, irá ver-se aleijado e desvalido. O olho não pode acionar o corpo todo. Não há independência no corpo. Cada parte deriva o seu significado, a sua essência, da sua relação com o restante. Essa é a verdade acerca do corpo; e igualmente é a verdade, diz o apóstolo, acerca da Igreja. Cada órgão necessita dos outros, e cada qual se beneficia das funções dos demais.

A seguir examinem o seu argumento sobre as partes menos honrosas. Diz ele que, se você tiver um correto conceito sobre o corpo, não desprezará nenhuma parte do seu corpo. Nenhuma parte é destituída de importância. Cada uma das partes conta. Cada membro individual da Igreja é importante. Pessoas há na Igreja que às vezes dizem, "Não sou um membro muito importante", ao que replicamos que não existe isso de membro não importante. O que talvez elas queiram dizer é que não têm certos dons notáveis e incomuns que outras pessoas têm. Talvez queiram dizer que não têm capacidade para falar ou pregar ou orar eloqüentemente em público. Mas estão desprezando o dom que possuem. "E os que reputamos serem menos honrosos no corpo, a esses honramos muito mais", diz Paulo. Na vida da Igreja Cristã cada membro é essencial para o harmonioso funcionamento do todo. Às vezes o exponho desta maneira, que o simples fato de você ser membro de uma igreja e de ocupar um assento, já é uma grande coisa. Isto ajuda o pregador porque para este é desanimador ter bancos vazios em sua frente. Na igreja, pessoas e ações, tudo importa; e, portanto, qualquer coisa que façamos para eliminar esta idéia de interdependência, não somente falseia a doutrina, mas introduz uma divisão artificial, fazendo-nos culpados de cisma desta ou daquela forma.

Outro princípio evidente é que todas as partes do corpo trabalham juntas com a mesma finalidade e têm o mesmo objetivo. Cada parte do corpo tem sua própria função, pois desempenha o seu papel no todo. O homem pensa com o seu cérebro e age com a sua vontade. Entretanto, precisa ter um instrumento pelo qual executar o seu propósito. Se eu quero fechar um livro, faço isso com as mãos ; penso nisso, quero isso, porém o ponho em prática com as mãos. Se estou sem mãos e sem braços, não posso fechar o livro. Assim, todas as partes cumprem uma grande função, e todas elas trabalham para o mesmo grande fim e objetivo. A Igreja é o corpo de Cristo, e nós somos membros em particular. O apóstolo já dissera aos efésios que é por intermédio da Igreja que Deus vai revelar certas coisas, "para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus" (3:10). Os principados e potestades estão olhando desde os céus; e é por meio da Igreja, por meu intermédio e por meio de você, de cada um de nós, de todos nós juntos, que estes principados e potestades estão começando a entender a multiforme sabedoria de Deus. É para isso que somos chamados.

Não esqueçamos, porém, outra questão mencionada pelo apóstolo em 1 Coríntios, capítulo 12. Por causa desta unidade essencial, se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele. Você não pode dizer, "Só o meu dedo mínimo está doente". Não! Se o seu dedo mínimo está doente, você está doente. Se há dor nele, você sente dor. Você não pode separar-se do seu dedo mínimo. Por causa da unidade do corpo, o mesmo sangue corre em todas as suas partes. Este poder vital anima o todo. Daí, se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; e se um membro recebe honra, todos os membros se gloriam com ele. Se verdadeiramente entendêssemos esta doutrina da Igreja, toda idéia de competição, rivalidade, egoísmo, presunção seria completamente impossível; na verdade, seria grotesca. E quando nos fazemos culpados dessas coisas, estamos simplesmente proclamando que nunca entendemos a doutrina da Igreja. A maneira de evitar esse erro é entender claramente a doutrina. Não se precipitem para as praticabilidades; apeguem-se à doutrina primeiro.

Que privilégio temos e gozamos! Eu e vocês somos membros do corpo de Cristo. Esse é o nosso relacionamento com Ele. Ele é a Cabeça; e nós somos os diversos membros. Não há nada acima disso, não há maior privilégio. No Salmo 84 o salmista diz: "Preferiria estar à porta (ou "ser porteiro") da casa do meu Deus, a habitar nas tendas da impiedade". Isso era maravilhoso – ser, por assim dizer, um porteiro do palácio do Rei. Mas esta bênção do Novo Testamento vai infinita-

mente além disso! Estamos em Cristo, pertencemos a Ele. Como cristãos, somos partes do Seu corpo místico, espiritual. "Ora, vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular." Se compreendermos isso, inevitavelmente "nos esforçaremos para guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz".

5

"UM SÓ ESPÍRITO"

"Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos." Efésios 4:4-6

Passamos agora à segunda expressão utilizada pelo apóstolo. Várias questões surgem neste ponto, sendo a primeira esta: se a Igreja é o corpo de Cristo, e se a Igreja é como um corpo, de onde ela veio, por que foi formada e veio a existir, o que é que constitui a sua vida? Que é que habilita o corpo a funcionar? Que é que faz do corpo um organismo vivo e vital? O apóstolo responde imediatamente estas perguntas dizendo que é o Espírito Santo – "um só corpo e um só Espírito", com E maiúsculo. Noutras palavras, a Igreja é resultado da atividade do Espírito Santo. É Ele que opera na Igreja, na produção da Igreja, e na manutenção, no bem-estar e na vida da Igreja. O apóstolo está preocupado em mostrar quão inevitável é esta doutrina da unidade da Igreja, pelo fato de que o Espírito Santo está no centro mesmo do corpo e permeia a vida e o ser do organismo inteiro.

O apóstolo diz: "um só Espírito". Há somente um Espírito Santo; e Ele é indivisível. Esta é realmente a base de tudo o que o apóstolo tem para dizer aqui. Há somente um Espírito Santo, que é uma Pessoa e, portanto, é indivisível. Existem muitos maus espíritos. No capítulo seis desta Epístola o apóstolo nos lembra que "não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais"(versículo 12). Há uma pluralidade de maus espíritos. Há milhares, talvez milhões de maus espíritos. Todavia, há somente um Espírito Santo. Não há uma multiplicidade de Espíritos Santos correspondentes à multiplicidade de maus espíritos. Parece-me que essa verdade é esquecida freqüentemente. Mais importante ainda é o fato de que Ele é chamado Espírito *Santo*. Isso para diferenciá-lO, de uma vez por todas, de todos esses outros espíritos.

A mesma verdade se vê nos Evangelhos. Vejam, por exemplo, o pobre homem de Gadara que o nosso Senhor curou. Recordem a resposta que o homem deu ao nosso Senhor: "Legião é o meu nome, porque somos muitos" (Marcos 5:9). Não era apenas um mau espírito que estava no pobre homem, havia uma legião de maus espíritos nele. Lembramo-nos também da ilustração que o nosso Senhor utilizou em Seu ensino de que, se um mau espírito for expelido por um poder meramente humano, ele voltará e trará consigo mais sete, piores do que ele (Mateus 12:43-45). Há muitos maus espíritos. O ensino bíblico é que existe um grande reino do mal chefiado pelo diabo (satanás), "o príncipe das potestades do ar"; mas ele tem os seus emissários, os seus subalternos, que ele emprega – "principados, potestades, príncipes das trevas deste século, hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais". Há um grande número desses poderes, um exército deles. Mas há somente *um* Espírito Santo, esta Pessoa singular e bendita, a Terceira Pessoa da Trindade santa e bendita. É Ele que age na Igreja e cria a unidade da Igreja. E esta unidade é indivisível porque a Pessoa do Espírito obviamente é indivisível. Também devemos ter sempre em mente o fato de que o Espírito na Igreja não é uma influência. Jamais deveremos falar dEle como algo neutro, como muitas vezes temos a tendência de fazer. O Espírito Santo é uma Pessoa. É Pessoa, tanto como o Pai o é. É Pessoa, tanto como o Filho o é. "Quando *ele* vier", diz o nosso Senhor (João 16:8), *Ele* fará certas coisas.

Podemos deduzir desta certas outras verdades que também nos ajudarão a expor e a ressaltar a indivisibilidade, e, portanto, a unidade da Igreja. Posto que se trata do próprio Espírito Santo, e devido à obra ser obra que Ele realiza, temos o direito de dizer que Ele sempre realiza a mesma obra; e é porque Ele realiza a mesma obra em nós todos, que há esta unidade essencial na Igreja. Não devemos entender mal o ensino neste ponto. Há diferenças insignificantes e superficiais nas manifestações da Sua obra, porém toda ela é essencialmente uma só. Muitas vezes tem-se assinalado que não existem duas flores absolutamente idênticas. Elas pertencem à mesma família, ao mesmo grupo, à mesma espécie, mas não há duas que sejam perfeitamente idênticas. Você pode ter duas tulípas, por exemplo. Ambas são tulípas, todavia sempre há alguma pequena diferença. A mesma coisa é válida quanto aos membros de uma família, mesmo no caso dos chamados "gêmeos idênticos". Nunca são de fato idênticos; quase parece que são, e no entanto, sempre há alguma diferença. O mesmo se aplica à vida cristã. Visto que a obra realizada é do Espírito Santo, é sempre a mesma; mas os cristãos não são como selos do correio. Isto é da maior importância

porque nos propicia um dos melhores meios de diferenciar entre a obra do Espírito Santo e a do homem. O homem procura conseguir produção em massa, e trabalha de maneira mecânica, resultando em mesmice aquilo que ele produz. Os métodos psicológicos também produzem a mesma espécie de pessoa, o mesmo tipo. Essa mesmice é uma das maneiras pelas quais o falso, o espúrio e a imitação sempre tendem a revelar-se. Contudo, quando o Espírito realiza a obra de Deus em nós, esta é, em todos os casos, essencialmente a mesma obra, entretanto é sempre uma obra vital, não mecânica e não idêntica nos detalhes.

Em seu ensino, no final do capítulo dois, o apóstolo já tinha tocado nesta matéria. Comparando a Igreja com um edifício, ele escrevera: "No qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor" (versículo 21). Provavelmente o apóstolo estava pensando na narrativa da construção do templo no Velho Testamento. É-nos dito que as pedras foram preparadas antes de serem levadas e colocadas na construção. Esse trabalho era feito muito longe, numa pedreira, para que não houvesse barulho de martelos no edifício que estava sendo erigido. Havia, no entanto, essa obra preliminar de preparação. As pedras não deviam ser usadas como encontradas na pedreira; elas tinham que ser aparadas e modeladas para poderem encaixar-se bem em suas posições apropriadas nas paredes e assim, juntas, tornar-se partes do edifício. Da mesma maneira, uma obra de preparação é absolutamente essencial em nós, antes de podermos ser partes da Igreja. Muito tem que ser feito com o homem natural, antes de poder ele tornar-se membro do corpo de Cristo, ou uma pedra neste glorioso edifício que é o templo de Deus. A incompreensão disso e a não recordação disso explicam a maioria dos problemas presentes na vida da Igreja Cristã hoje, como sempre aconteceu através dos séculos.

A Igreja visível, lamentavelmente, compõe-se de muitos que nunca passaram por esta obra de regeneração; e é por isso, como já dissemos, que eles podem pertencer à Igreja visível, não porém à Igreja invisível. Há muitas e variadas maneiras pelas quais as pessoas se tornam membros da Igreja visível. Às vezes é um puro acidente de nacionalidade. Se você nasceu num país cristão, assim chamado, pelo menos se nasceu ali até uma época relativamente recente, a probabilidade é que você tenha sido criado numa atmosfera religiosa. Em países do mundo chamado pagão, não seria assim. Noutros casos, muitas vezes é puro acidente de se pertencer a certa família ou a certa tradição. Estes são fatores que operam com muita freqüência. Muitos de nós sabemos o que é a pessoa tornar-se membro de igreja, não porque o Espírito Santo fez algo em nós ou a nós, mas simplesmente por causa de um

desses acidentes. Quando eu, pessoalmente, fui recebido como membro em plena comunhão da Igreja Cristã na qual fui criado, só me foi feita uma pergunta. Perguntaram-me qual era o nome do ribeiro que o nosso Senhor e os discípulos tiveram que atravessar quando iam indo do Cenáculo para o local da Sua agonia. Não consegui lembrar a resposta; não obstante, fui recebido como membro comungante da igreja. Isso me aconteceu literalmente quando eu tinha catorze anos de idade. E coisas parecidas têm acontecido com muitos outros. Pode ser que, em dada idade, o ministro ou o seu auxiliar tenha tido uma conversa com os seus pais, sugerindo que esse era o tempo próprio para você, como adolescente, tornar-se membro comungante da igreja. Talvez, em acréscimo, você tenha freqüentado uma classe de instrução ou de preparação ou de confirmação. Você não teve nenhuma experiência viva; você realmente não sabia nada a respeito, fundamentalmente; era "a coisa que se tinha que fazer". É isso que sucede muitas vezes na Igreja visível; mas não sucede na Igreja invisível. Você pode tornar-se membro da Igreja visível daquela maneira; nunca poderá tornar-se membro do corpo de Cristo daquele modo. Antes de podermos tornar-nos membros do corpo de Cristo, é preciso que o Espírito Santo faça um trabalho de definida preparação. Como você é por natureza, não pode ligar-se ao Senhor em toda a Sua glória e em Sua pureza, porque por natureza você é "filho da ira, como os outros também", "morto em ofensas e pecados". O próprio apóstolo Paulo deixa isso muitíssimo claro e evidente em sua Primeira Epístola aos Coríntios, onde ele escreve, no capítulo 6: "Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbedos, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus. E é o que alguns (de vós) têm sido" (versículos 9-11). Mas agora eles estavam no reino. Como acontecera isso? A resposta é – "mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus" (versículo 11). Sem essa obra do Espírito Santo sobre nós e em nós, não somos nem podemos ser membros do corpo de Cristo. Sem essa obra também não pode haver unidade. As igrejas e os grupos de igrejas se dividem porque outros elementos – o elemento nacional, ou muitos elementos são considerados mais importantes. Isso tudo é antibíblico e anti-espiritual. As igrejas, falando geralmente, baseiam-se em tradições feitas por homens e por elas são governadas. A maior parte das divisões persiste porque as pessoas não se dão conta de que, sem a obra do Espírito Santo, não há Igreja verdadeira, nem corpo de Cristo, seja qual for a

situação externamente e na aparência.

Ao nos voltarmos então, para esta obra que o Espírito Santo realiza, examinemo-nos a nós mesmos a fim de certificar-nos de que foi realizada em nós esta obra preliminar, que é essencial, antes de se poder ser membro do corpo de Cristo. A primeira obra que sempre Ele realiza é a de convicção de pecado. Por natureza nós estávamos satisfeitos conosco mesmos, contentes em continuar, imaginando que tudo ia bem, que éramos boa gente, ou talvez sabendo que éramos maus, porém ainda sem experimentar convicção de pecado. Todavia, quando o Espírito começa a operar, Ele nos convence do pecado. Disse o nosso Senhor: "Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo" (João 16:8). Ao fazê-lo, Ele nos faz compreender algo da verdade concernente `a santidade de Deus. Podemos ter conversado sobre Deus durante anos; podemos ter "feito as nossas orações" a Ele, sem termos pensado seriamente sobre Ele, e sem nada sabermos verdadeiramente sobre Ele, até o Espírito Santo começar a tratar conosco.

Estas duas coisas acontecem juntas. Sou capacitado a ver a mim próprio. Começo a compreender que o meu problema não é tanto o fato de eu fazer coisas que não devo, e sim que eu sempre desejo fazê-las. Tomo consciência do fato de que existe dentro de mim algo vil, corrupto e errado, uma natureza pervertida e tortuosa; e começo a perceber que não conheço a Deus, que realmente estou em inimizade para com Deus, que nas profundezas do meu coração há ódio de Deus. Alegrava-me falar de Deus enquanto Ele não interferia em minha vida, e eu podia buscá-lO em minha necessidade e orar a Ele em busca de socorro. Mas eu não queria que Deus dominasse a minha vida, não queria ser guiado por Deus. O Espírito Santo desperta em nós uma percepção disso tudo. Ele também nos leva à convicção da nossa condição de perdidos, do vazio que há em nós, e da nossa miséria. Quando isso acontece, o resultado é um só, a saber, somos humilhados, somos rebaixados; somos habilitados a ver-nos a nós mesmos como realmente somos. O nosso orgulho é ridicularizado e começamos a dizer com Isaac Watts –

"Senhor, não deixes que eu me ufane,
Salvo na morte de Cristo, meu Senhor,
Tudo o que é vão e que me atrai
Ao sangue dEle eu sacrifico".

E mais:

"Desdém derramo em todo o meu orgulho".

Nada temos de que possamos gabar-nos ou que nos faça pensar que somos melhores do que os outros. Enxergamos a verdade acerca de nós mesmos; e sabemos que a mesma coisa é válida quanto aos outros. O apóstolo Paulo, enquanto Saulo de Tarso e antes de o Espírito Santo ter realizado a Sua obra nele, era um grande fanfarrão – "Hebreu de hebreus, da tribo de Benjamim, circuncidado ao oitavo dia" (Filipenses 3:5), homem que se sentara aos pés de Gamaliel, o melhor dos sábios, homem que excedia a todos os demais em zelo, em energia e no serviço de Deus. Mais tarde, porém, ele veio a dizer: "Mas o que para mim era ganho reputei-o perda por Cristo". Os seus privilégios e os seus trabalhos tinham-se tornado "esterco" e "perda" (Filipenses 3:7-8). Escrevendo mais tarde a Timóteo, ele disse: "Esta é uma palavra fiel e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal" (1 Timóteo 1:15). Ele tinha perdido o seu orgulho, a sua jactância, tudo o que era seu; ele não é nada; em seu conceito, não havia maior pecador no universo. Charles Wesley expressa a mesma verdade com as palavras:

O Teu nome é justo e santo,
Eu sou maldade e injustiça;
Sou falso e cheio de pecado,
Cheio és Tu de graça e verdade.

Nesses acontecimentos vemos a obra do Espírito Santo. Se todos os membros da Igreja visível pensassem e falassem dessa maneira, não haveria problema na Igreja. A obra do Espírito Santo garante a unidade. Se todos nos humilhássemos no pó e na cinza, com vergonha e tristeza, e tomássemos ciência da vileza que há em nós, necessariamente haveria unidade. O Espírito Santo produz uma unidade no fracasso, uma unidade no pecado, uma unidade na vergonha, uma unidade no mais completo desamparo e desespero. É devido os membros da Igreja não serem convencidos do pecado, que não há unidade. Eles ainda estão apegados às coisas das quais podem gabar-se, coisas nas quais podem vangloriar-se. A nossa primeira grande necessidade é a de sermos derrubados, humilhados e tornados humildes, para vermos a nulidade que somos; e esta é a primeira obra que o Espírito Santo realiza em nós.

O passo seguinte é "vivificação" e "regeneração". Não há uma ordem absoluta quanto a essas questões; entretanto devemos tê-las nalgum tipo de ordem em nossas mentes. Parecem acontecer exatamente ao mesmo tempo. Esta vivificação ou renegação é a dádiva que nos é feita de um novo princípio de vida. Não se pode ser cristão sem

nascer de novo. O nosso Senhor afirmou esta verdade uma vez por todas a Nicodemos (João 3:1-8). Você não poderá ser membro do corpo de Cristo se não tiver em você algo da Sua vida. Você pode unir-se à igreja ou ser membro de uma sociedade qualquer, mas não poderá pertencer a Cristo, a menos que a Sua vida esteja em você. As expressões utilizadas para descrever isto são regeneração, nova criação, nascer de novo. Quando nos tornamos cristãos, o Espírito não somente nos melhora um pouco, não somente nos livra de algumas manchas e nódoas aqui e ali. Ele faz muito mais que limar-nos um pouco e, por assim dizer, pôr-nos uma nova capa de tinta e um pouco de verniz. Não! Temos que ser reconstruídos desde os alicerces. "Ele vos vivificou", diz o apóstolo no início do capítulo 2 desta Epístola. O cristão é um "participante da natureza divina". É "membro da família de Deus". Repito que isto não significa que somos idênticos em cada detalhe; todavia, significa realmente que temos esta nova vida, vida que é a mesma em cada um de nós. Somos todos co-participantes da natureza divina desta mesma vida nova essencial. Pertencemos à mesma família, somos relacionados uns com os outros como irmãos e irmãs; o mesmo sangue, por assim dizer, corre por nossas veias e artérias. Essa é a base da unidade da Igreja e dos cristãos. É quando isso está ausente que as divisões surgem.

O resultado deste novo nascimento é que somos capacitados a exercer a fé e a obtermos certa medida de compreensão. "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus"(2:8). Não nos demoraremos com isto agora, pois teremos que estudá-lo mais tarde. Apenas anoto que é a mesma fé presente em todos. De acordo com o apóstolo Judas, somos todos participantes da "comum salvação". Há "um só Senhor, uma só fé, um só batismo". Há somente um sangue que pode expiar os nossos pecados, que pode cobrir-nos a nós e aos nossos pecados e que pode acertar-nos com Deus – unicamente um! "Debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos" (Atos 4:12). A obra especial do Espírito Santo é glorificar o Senhor Jesus Cristo. Assim, a situação é que todos nós estivemos lambendo o pó juntos; depois todos nós recebemos esta mesma nova vida. E agora estamos todos contemplando juntos a mesma Pessoa bendita. Não devemos dedicar tempo para olhar-nos uns aos outros, para comparar-nos e contrastar-nos uns com os outros; todos nós devemos olhar para Ele e gloriar-nos nEle. Quando assim nos unirmos nEle, não haverá lugar, não haverá tempo para divisão. Todos nós temos os mesmos desejos. "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça." Já não desejamos buscar lugares de importância, honra e proeminência. A verdadeira tragédia

da Igreja é que ela esqueceu esta doutrina de um só corpo e um só Espírito. A obra do Espírito foi esquecida; as coisas pertencentes à velha vida natural levantam a cabeça e causam cisma, divisão e problema.

O passo seguinte da obra que o Espírito Santo realiza em nós é a obra de incorporar-nos no corpo de Cristo, na Igreja. Tendo nos preparado, agora Ele nos incorpora num corpo só. Ele nos une ao Senhor Jesus Cristo e, portanto, ficamos unidos uns aos outros. O apóstolo Paulo expõe isto claramente em 1 Coríntios 12:13 – "Pois todos nós fomos batizados em um Espírito formando um corpo (VA: "Pois por um Espírito fomos batizados em um corpo"), quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito". Notem de novo o E maiúsculo. É o Espírito que nos batiza no corpo de Cristo. Esta obra é inconsciente, no concernente à experiência; porém, uma vez que é um fato, gradativamente nos tornamos conscientes dela à medida que vivemos juntos – "Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos" (1 João 3:14).

Depois o Espírito Santo dá alento à vida do corpo todo. O apóstolo expressa essa verdade na Primeira Epístola aos Coríntios: "Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo" (1 Coríntios 3:16-17). Quando ele diz: "Não sabeis vós que sois o templo de Deus?", está falando da Igreja, coletivamente. No capítulo 6 daquela Epístola ele fala do indivíduo, quando diz: "Não sabeis que o nosso (VA: "vosso") corpo é o templo do Espírito Santo?" – porém no capítulo 3 ele se refere à Igreja. O próprio Espírito Santo é o Agente por intermédio de quem e por meio do qual a unidade orgânica do corpo é preservada. Nesta questão Ele é comparável à vida dos nossos corpos físicos, ou, na verdade, ao sangue dos nossos corpos físicos. Ele é o Espírito unificador, que os liga a todos e os faz um só; e quando Ele não está presente, o corpo está morto. É por isso que falamos em igreja "morta". Mas ao dizê-lo, não estamos falando da Igreja invisível, porque esta nunca está morta, e sim, está sempre viva. Podemos ir adiante e dizer que, enquanto Ele dá vida a todo o corpo, dá vida igualmente a cada parte, separadamente, ao mesmo tempo. Vê-se isso no contraste entre 1 Coríntios 3:16-17 e 1 Coríntios 6:19-20. Isso é um grande mistério, contudo é um fato. O Espírito Santo realiza exatamente a mesma obra de santificação em cada um de nós, individualmente. A santificação significa sermos feitos semelhantes ao Senhor Jesus Cristo, e, portan-

to, todos os que estão sendo santificados devem ter uma similaridade fundamental, pois todos estão se tornando cada vez mais semelhantes a Ele; e, finalmente, como diz o apóstolo João, "quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele" (1 João 3:2). Então estaremos perfeitamente santificados; toda mancha e ruga terá desaparecido, e seremos semelhantes a Ele e uns aos outros. A obra de santificação realizada pelo Espírito é a mesma em todos. Isto leva, por sua vez, ao fato de que o Espírito Santo produz o mesmo fruto em todos nós, quando está habitando em nós. Dominando-nos, Ele produz o Seu fruto em nós, fruto que é sempre o mesmo. É sempre "amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança". Onde quer que o cristão esteja, na Inglaterra, na América, na China ou no Japão, o fruto do Espírito é sempre o mesmo; e onde esse fruto está presente, necessariamente há unidade. Não podemos por nós mesmos produzir esse fruto; Ele é o único que pode fazê-lo. Vemos tudo isso com muita clareza em 1 Coríntios, capítulo 13, o grande hino de amor. Se todos nós correspondêssemos àquela descrição, nunca haveria divisões. Nenhum de nós se encheria de soberba; todos nós estaríamos esperando todas as coisas uns para os outros e acreditando no melhor reciprocamente. Teríamos aquele amor que nunca falha. É quando o Espírito realiza a Sua obra que esta unidade passa a existir. O que nos divide são as nossas personalidades naturais. Elas são pecaminosas e dividem; elas se afirmam a si mesmas, e sempre há nelas o elemento de egoísmo e de egocentrismo. E, inevitavelmente, há um conflito de personalidades. Quando você se torna cristão, não perde a sua personalidade, num sentido fundamental, mas você não é mais governado pela sua personalidade; a sua personalidade é governada pelo Espírito Santo, e assim, por meio da sua personalidade, as diversas graças, o fruto do Espírito, começam a mostrar-se. Todos reconhecemos este fruto quando o vemos; e gostamos de vê-lo uns nos outros. Estas nossas personalidades tolas e angulosas não se intrometem mais. Nós mesmos, as nossas personalidades, estamos lá, mas o fruto é tanto que não podemos ser vistos. Nada há para se ver, exceto as graças; e assim há esta bendita e maravilhosa unidade.

Paulo afirma isto com muita clareza no capítulo cinco da sua Epístola aos Gálatas. Ele contrasta ali o que ele chama "as obras da carne" com "o fruto do Espírito". "Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glutonarias, e coisas semelhantes a estas". Cada uma destas obras divide, pelo que o apóstolo acrescenta: "acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que

os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus". Como podem? Tais coisas levam à divisão, à guerra; são feias e vis. A seguir, ele descreve um quadro completamente contrastante, e parece que estamos vendo um magnífico pomar, repleto de belos frutos. Precisamos examinar os espécimes individuais. "Mas o fruto do Espírito é amor." E o amor sempre une. Depois "alegria". Esta também sempre une. Diz o nosso Senhor que a mulher que encontrara a sua moeda perdida, saiu e foi dizer às suas vizinhas: "Alegrai-vos comigo, porque já achei a dracma perdida" (Lucas 15:9). O pastor que tinha encontrado a sua ovelha perdida falou de modo semelhante. Em seguida vem "paz", o oposto da guerra e da divisão. "Longanimidade", em lugar de conflito e divisão. "Benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança." Estes termos explicam-se a si mesmos, e cada uma destas virtudes promove a unidade. Quando o Espírito Santo produz este fruto, deixa de haver lugar para divisão ou discórdia. Assim é que Ele produz a unidade; e a nós compete, "com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor", manter esta "unidade do Espírito pelo vínculo da paz". O Espírito é representado por uma forma de pomba que, desde os dias da arca de Noé, simboliza benignidade e paz; e esta obra em nós sempre produz benignidade e paz. A obra que o Espírito realiza em nós sempre produz esse fruto, e assim leva à unidade.

Pergunto: realizou Ele a Sua obra em você? Realizou Ele a obra de preparação e a obra de incorporação? Ele habita em você, e está produzindo o glorioso fruto da Sua graça em você?

6

AVIVAMENTO

"Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos." Efésios 4:4-6

Continuamos o nosso estudo do versículo quatro: "Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação", e o fazemos particularmente à luz da narrativa que temos no capítulo dois do livro de Atos dos Apóstolos daquilo que aconteceu no dia de Pentecoste em Jerusalém. Esse evento é básico, não somente em nossa compreensão da doutrina do Espírito Santo, mas também da questão da unidade da Igreja Cristã. É por isso que o domingo de Pentecoste veio a ser considerando como a festa da Igreja que salienta a questão da unidade. Isso é bom, desde que o abordemos de maneira bíblica, e não sentimental.

Até aqui estivemos tratando daquilo que podemos denominar, por falta de melhor expressão, a obra comum ou normal do Espírito Santo. Essa obra pode ser dividida em ordinária e extraordinária, naquilo que é comum e aquilo que é especial. Esta é uma distinção importante. Em acréscimo à obra que Ele realiza normalmente em todos os cristãos, o Espírito Santo concede dons particulares aos membros individuais da Igreja. No capítulo doze da sua Primeira Epístola aos Coríntios, o apóstolo ensina que Ele dá apóstolos, profetas e mestres; também ensina que alguns cristãos têm dons de milagres, outros têm dom de curas, outros têm fé, e assim por diante. Ao fazê-lo, ele nos relembra a verdade de que é só quando compreendemos que os dons procedem do Espírito, que temos verdadeira unidade. No momento em que começamos a pensar neles como algo que possuímos, ou como algo de que podemos gabar-nos, há divisão. Esta foi uma das principais causas de divisão na igreja de Corinto; alguns tinham dons muito especiais, e outros tinham dons comuns. Dificuldades surgiram porque os homens que tinham dons especiais desprezavam os que tinham dons comuns; e os que tinham dons comuns tinham inveja dos que tinham

dons especiais; e assim a igreja dividiu-se. No entanto, também estava havendo divisão com relação às personalidades de alguns dos seus mestres; alguns diziam, "Eu sou de Paulo", outros, "Eu sou de Apolo", e outros se dizem seguidores de Cefas. Noutras palavras, não compreendendo que os dons, apóstolos e profetas inclusive, vêm do Espírito, estavam atribuindo os dons às pessoas, e, assim, estavam causando divisão. O antídoto para esse mal é compreender que há um só Espírito, que Ele é o Doador de todos estes dons, e que Ele os dispensa variadamente, segundo a Sua sabedoria e o Seu soberano beneplácito.

Falando de si próprio e do seu ministério, o apóstolo Paulo expõe isto com muita clareza em sua Segunda Epístola aos Coríntios, quando ele diz: "Temos, porém, este tesouro (este poder para pregar e este entendimento do evangelho) em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós" (4:7). Diz ele efetivamente que esta é a explicação da sua constante fraqueza, do seu desânimo e do seu trazer no corpo a morte de Cristo. É claro que o apóstolo Paulo teve uma luta pessoal constante com a enfermidade física, com fraqueza, com sua doença nos olhos e com vários outros problemas. À luz disto, diz ele, ninguém poderia atribuir a ele o caráter e os resultados do seu ministério. Ele padecia estas coisas para que pudesse ser claro que o poder que operava nele e por meio dele não era dele, mas, era o poder de Deus, por intermédio do Senhor Jesus Cristo e do bendito Espírito Santo.

Uma obra do Espírito Santo ainda mais especial é a que se manifesta no que denominamos operações ordinárias do Espírito, constantemente em andamento na Igreja Cristã, semana após semana. As pessoas são levadas à convicção, os crentes são levados a ver a sua insuficiência e a sua indignidade, e são incentivados a orar. O Espírito Santo realiza a Sua obra de santificação na Igreja constantemente; todavia também vem claramente ensinada nas Escrituras e na história uma obra incomum, extraordinária e especial do Espírito, realizada de tempos em tempos. Podemos considerar isto como geral e particular. Vê-se a obra geral e extraordinária do Espírito na vida da Igreja em termos gerais; a obra particular, em indivíduos, na Igreja. É a obra geral e extraordinária do Espírito, a qual chamamos avivamento. Não há assunto que seja de maior importância ou de maior urgência para a consideração da Igreja hoje, do que este: o avivamento. Se é que tenho alguma compreensão dos tempos, se é que tenho alguma compreensão do ensino bíblico a respeito da natureza da Igreja e da obra do Espírito Santo, não hesito em asseverar que a única esperança para a Igreja na presente hora está no avivamento. Não vejo esperança em nenhuma espécie de movimento, organização ou esforço especial planejado pe-

los homens. A única e suprema necessidade da Igreja é o avivamento.

Costumo definir um avivamento como uma repetição, nalgum grau, ou nalguma medida, do que aconteceu no dia de Pentecoste em Jerusalém, como vem registrado no capítulo dois do livro de Atos dos Apóstolos. É um derramamento do Espírito sobre certo número de pessoas ao mesmo tempo. Às vezes envolve uma igreja, às vezes um distrito ou um bairro, às vezes todo um país. Geralmente, o efeito disto é que a Igreja é elevada a um novo nível de experiência e de entendimento; e, ao mesmo tempo, muitos de fora da igreja, e alguns que só nominalmente estão na Igreja, são convencidos de pecado, convertidos, e são levados a um salvador conhecimento do Senhor Jesus Cristo. É importante que captemos com clareza esta definição porque, da parte de muitos há hoje um infeliz ensino de que se deve considerar uma campanha evangelística como avivamento, e de que se deve anunciá-la como avivamento. Veremos, à medida que prosseguirmos, que essa é uma impossível definição de avivamento. Não se pode anunciar um avivamento, não se pode dizer que um avivamento vai começar num dia particular, conforme dizem tais pessoas. Afixam cartazes anunciando reuniões de avivamento. Isso é impossível, por definição; o que pretendem é uma campanha evangelística, que é algo inteiramente diverso de um avivamento. Um avivamento pode irromper numa campanha evangelística, mas avivamento não é campanha evangelística propriamente dita.

Devemos considerar este assunto em muitos aspectos. Há muitos cristãos hoje que nunca sequer consideram esta questão de avivamento. De fato, muitos o desaprovam e dizem que não deve ser pregado, e que certamente não deve ser procurado. Eles temem tudo o que produz entusiasmo ou fervor. Há muitas razões para essa atitude. Existe, por exemplo, um tipo de ensino sacramentalista que não deixa espaço para a doutrina do avivamento. Segundo esse ensino, o Espírito Santo só exerce a Sua influência por meio dos sacramentos, e os sacramentos agem miraculosamente. Recebe-se graça numa hóstia ou pela água do batismo. A graça foi mecanizada e ligada a coisas materiais. De acordo com esse conceito, a Igreja recebe a graça e a influência do Espírito por meio dos sacramentos, e só por meio dos sacramentos pode recebê-los. Daí nunca vocês lerão sobre avivamento nos segmentos "católicos" da Igreja Cristã, assim chamados. Eles mecanizaram a ação do Espírito, e a ataram aos sacramentos; e excluem todas as outras possibilidades. Consideram o que aconteceu no dia de Pentecoste como entusiasmo desenfreado. Naturalmente não dizem isso; mas é o que de fato estão dizendo efetivamente. Tudo se acha sob o domínio do sacerdote; a vida da Igreja é mantida constantemente dessa maneira tranqüila, e a

bênção deve vir sempre dessa maneira.

Outra escola de pensamento encontra-se, às vezes, entre cristãos evangélicos conservadores. Ela ensina que o Espírito Santo foi dado uma vez por todas no dia de Pentecoste. Foi quando Ele veio sobre a Igreja e passou a estar nela. Portanto, argumentavam eles, é um erro orar por um derramamento do Espírito. Houve somente um derramamento, não poderá haver outro, e não é correto orar por outro. O Espírito Santo está na Igreja, ensinam eles, e tudo o que você tem que fazer é submeter-se à Sua influência e ao Seu poder. Então Ele encherá o seu ser, e a todos os que fizerem o mesmo, e assim a Igreja será cheia do Espírito. No entanto, eles ensinam que nunca devemos pedir um derramamento, que nunca devemos pedir ao Senhor que envie e derrame outra vez o Espírito, como o fez no dia de Pentecoste. Obviamente, essa questão é muito séria, pois, se esse ensino for certo, realmente não haverá lugar para avivamento, e certamente não devemos orar por avivamento. Contudo, seguramente, é um ensino completamente antibíblico.

No próprio livro de Atos dos Apóstolos há instrução que mostra que esse ensino é totalmente errôneo, pois o Espírito Santo não foi somente derramado, e veio a encher a Igreja no dia de Pentecoste, mas isso aconteceu subseqüentemente. No capítulo 4 do livro de Atos lemos: "E, tendo orado, moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com ousadia a palavra de Deus" (4:31). Certamente isso é uma repetição do que aconteceu no dia de Pentecoste. Ali estão estes apóstolos e os outros discípulos e seguidores que tinham sido batizados e sobre quem o Espírito Santo tinha vindo no dia de Pentecoste. Dois apóstolos tinham estado na prisão por causa da sua pregação; após a sua libertação, voltaram para a igreja reunida, e todos juntos oraram e pediram a Deus que tivesse misericórdia deles e os protegesse. O Espírito de Deus desceu sobre eles, e as próprias paredes começaram a mover-se; e todos eles foram de novo cheios do Espírito, e com ousadia deram testemunho concernente à ressurreição. Coisa parecida aconteceu em Samaria, como se vê registrado no capítulo 8 de Atos; e outra vez em Cesaréia, na casa de Cornélio. É-nos dito que o Espírito Santo caiu sobre ele e sobre o grupo reunido, como fizera no dia de Pentecoste, em Jerusalém. Pedro, que era cético e hesitante quanto à admissão de gentios na Igreja, teve que admitir que Deus os havia recebido, quando viu que o Espírito tinha sido derramado sobre eles "como também sobre nós no princípio" (Atos, capítulos 10 e 11). A mesma coisa é certa quanto àqueles discípulos que o apóstolo Paulo encontrou em Éfeso, segundo o registro do capítulo 19 de Atos.

Em acréscimo a isso, e fora da história registrada no cânon do Novo Testamento, há a admirável história da própria Igreja Cristã. Quando examinamos a subseqüente história da Igreja, o que vemos é que o que se conta da Igreja não mostra um nível constante de realização, progresso e êxito. Pelo contrário, vemos uma história de altos e baixos no transcurso dos séculos. Na verdade há um sentido em que se pode dizer que a história da Igreja é a história de avivamentos seguidos por períodos de inércia, e avivamento vindo outra vez. Vemos o maravilhoso início no livro de Atos e lemos sobre o extraordinário poder e sobre as transformações que aconteceram. Isso, porém, foi passando gradativamente, e nos movemos para a Idade das Trevas, para a obscura Idade Média, aquele período de torpor, letargia e ausência de vida, no sentido evangélico, na história da Igreja Cristã. Apesar disso, houve ocasionais movimentos do Espírito, condenados pela Igreja institucional como movimentos heréticos – os montanistas, os catharis, os waldenses e outros. Veio depois a brilhante e flamejante Reforma Protestante, que foi um verdadeiro "avivamento", um retorno ao livro de Atos, uma restauração do antigo poder e de tudo a que isso levou. Todavia, de novo se vê que isso passou, até chegarmos à era dos puritanos, que nalguns sentidos foi um movimento. Vieram depois os grandes avivamentos do século dezoito, em vários países. E houve ainda avivamentos no século dezenove, notavelmente de 1857 a 1859. Essa é a história da Igreja. Portanto, ensinarem quaisquer cristãos que não devemos buscar, ansiar e orar por avivamento e esperar por ele, não só me parece antibíblico, mas também uma negação de algo sumamente glorioso na história da Igreja.

É de fato vital compreender que os avivamentos são o meio de que Deus Se utiliza para manter viva a Sua obra. Isto se vê também no Velho Testamento. Vemos os filhos de Israel caindo em pecado, esquecendo-se de Deus e tornando-se indolentes e frouxos; então vemos que Deus subitamente levanta um profeta ou um rei, e aviva a Sua obra entre eles. Vê-se isto no tempo do rei Josias, do rei Ezequias e noutras ocasiões. Foram avivamentos nos quais Deus Se manifestou e manifestou algo da Sua glória. E é o que se tem comprovado através da longa história da Igreja Cristã. Houve tempos em que o verdadeiro cristianismo quase desapareceu, e certos céticos espertos, como também certos infiéis, ficaram inteiramente confiantes em que o fim tinha chegado. É justamente em tais ocasiões que Deus envia o avivamento, e a Igreja moribunda ressurge para um novo período de atividade, êxito e glória.

Vendo a questão de um ângulo diferente, podemos dizer que não há nada que, como o avivamento, prove com igual clareza o caráter

sobrenatural e divino da Igreja, e que mostre tão evidentemente a obra realizada pelo Espírito Santo; e, acima de tudo, podemos dizer que não há nada que promova tanto a unidade da Igreja como um avivamento e despertamento espiritual. Como tenho salientado repetidamente, a tragédia da situação moderna é que os homens pensam na unidade em termos de organização, não em termos deste poder do Espírito; pois é unicamente o Espírito que pode produzir a unidade. A unidade é sempre vital, cheia de energia, orgânica; somente o Santo Espírito de Deus pode produzi-la na Igreja.

Com isto em mente, vejamos o que a história dos avivamentos nos ensina. A primeira coisa que descobrimos quando lemos a história dos avivamentos ilustra perfeitamente este ponto concernente à unidade. A história de todos os avivamentos é de caráter quase sempre idêntico. Isto é deveras espantoso, porque não se pode dizer o mesmo da história geral da humanidade. Há diferenças nas reações face à vida, e no comportamento dos homens em geral de era a era e de país a país. Há costumes locais, há costumes nacionais; há características que pertencem a um século, e que não pertencem a outro, e assim por diante. Mas o que é notável, acerca de cada avivamento, é que parece igual a todos os outros avivamentos. Seja no século primeiro, ou no século dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove ou vinte, é sempre o mesmo. A história de qualquer avivamento lembra-nos o capítulo dois do livro de Atos dos Apóstolos. Sempre há, por assim dizer, um retorno àquele derramamento inicial do Espírito. A explicação disto é que o avivamento é essencialmente obra do mesmo Espírito. Há um só Espírito, e Ele sempre age no avivamento da mesma maneira fundamental. Isto se aplica, não somente a todos os séculos, mas também a todos os países.

Estes pormenores são de grande importância, porque nada é mais fortalecedor da fé que observar tais fatos. Tomem, por exemplo, a história da Reforma do século dezesseis. A Reforma ocorreu quase ao mesmo tempo na Alemanha, na Suíça, na França e na Inglaterra. Pois bem, foi por acidente? Pode-se explicar esse fato em termos humanos? O avivamento rompe as barreiras nacionais, põe abaixo todas essas distinções. Vê-se isto admiravelmente no capítulo dois de Atos. Judeus e prosélitos estavam juntos na festa de Pentecoste; tinham vindo de vários países e tinham as características daqueles países; e, todavia, todos foram feitos um, por assim dizer, pelo Espírito Santo. Esta é sempre a característica de um avivamento.

Outro fato notável é a maneira pela qual o avivamento acontece numa variedade de lugares ao mesmo tempo, como já observei quanto à Reforma do século dezesseis. O século dezoito mostra precisamente

o mesmo fenômeno. Em 1734 houve o começo de um avivamento na América, nos Estados da Nova Inglaterra, numa pequena cidade chamada Northampton, onde o ministro era o grande Jonathan Edwards. Não nos esqueçamos de quais eram as condições de viagem há duzentos anos; e também de que não havia telégrafo, sem falar no telégrafo sem fio. Mas, ao mesmo tempo, ocorreu um avivamento em Gales, no ano de 1735. Mais interessante ainda, ele irrompeu em dois lugares de Gales, por meio das vidas de dois homens que nunca se haviam encontrado e que nunca tinham ouvido falar um do outro – Daniel Rowland e Howel Harris. Eles se encontraram dois anos mais tarde, e quando o fizeram, ficaram admirados com a igualdade das coisas que lhes tinham acontecido. Isso aconteceu numa aldeia onde Rowland era um clérigo ordenado, um pároco adjunto; e aconteceu noutro lugar, a umas cinqüenta ou sessenta milhas, mediante a vida de Harris, que era um mestre-escola e que nunca foi ordenado. A mesma coisa sucedeu com os dois homens ao mesmo tempo; e eles foram levados a coisas similares. Em 1736-7 aconteceu a mesma coisa na vida de George Whitefield, e em 1738 com João Wesley e Charles Wesley. Pouco mais tarde, na Escócia, nas vidas de ministros piedosos e em igrejas de Cambuslang e de Kilsyth, houve este mesmo movimento do Espírito. É certamente notável e admirável que estes movimentos do Espírito tenham acontecido ao mesmo tempo entre pessoas que tinham pouco ou nenhum contato umas com as outras.

Igualmente, no século dezenove, de novo aconteceu o mesmo. Em 1857 irrompeu um grande avivamento na América, depois em Ulster,* em 1858, e em Gales e partes da Inglaterra em 1859. O ponto que estou salientado é que estas coisas não podem ser explicadas em termos humanos, naturalistas. É o Espírito agindo em Sua Igreja, e Ele faz a mesma coisa ao mesmo tempo. Na verdade, esta é a realidade quanto ao século atual. Houve um avivamento em Gales, em 1904 e 1905, e também na Coréia, e quase exatamente ao mesmo tempo, em 1905 e 1906. Assim aconteceu através dos séculos. Estes fatos indubitáveis devem despertar-nos para que vejamos que é desse modo que Deus age, que esta é a única esperança para a Igreja, e, acima de tudo, que oremos por isto.

Voltando-nos para os traços distintivos e as características de um avivamento, vemos em geral o que lemos no capítulo dois de Atos: "E, cumprindo-se o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e de repente" – os avivamentos vêm de repente, e muitas vezes

* Irlanda do Norte. Nota do tradutor.

inesperadamente. Os apóstolos e outros estavam esperando porque o Senhor lhes tinha dito o que aconteceria "não muito depois destes dias" (Atos 1:5). Eles estavam juntos, "unanimemente em oração", porque sabiam que ia acontecer alguma coisa; entretanto não sabiam quando. "E de repente..." Na subseqüente história da Igreja podemos acrescentar às palavras "de repente" a palavra "inesperadamente". Devemos dar graças a Deus por isso, porque nos traz poderosa consolação num período árido como este em que estamos vivendo.

Não podemos dizer quando o Espírito Santo irá visitar-nos e fazer reviver a Sua obra. O ponto que desejo acentuar é que Ele virá. É Ele que vem. "E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo". O avivamento não é o resultado de algo que os homens façam. É algo que os homens não podem fazer. Isso também aparece com regularidade na história dos avivamentos. Muitas vezes vemos que Deus usou uma pessoa particular mais do que quaisquer outras numa época de avivamento. E muitas vezes vemos que o homem que Ele escolhe é alguém que homem nenhum teria escolhido. Nem sempre se trata de um grande homem ou de alguém superdotado ou incomum. Às vezes é um homem muito humilde e inconspícuo, demonstrando-se assim o fato de que é obra do Espírito. Não pode ser explicada em termos de homens ou dos seus dons ou de suas personalidades. Assim, a honra e a glória devem ser dadas ao Espírito Santo. "Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor" (Zacarias 4:6).

Nada é mais proveitoso que a leitura da história dos avivamentos. Vocês verão que, por vezes, o avivamento veio depois que um grupo de pessoas, talvez apenas um punhado, pessoas com os corações quase despedaçados por causa do estado da religião em seu distrito, e por causa da inércia e falta de vida da sua igreja, reuniam-se para orar, suplicando a intervenção de Deus. Estiveram quase a ponto de desistir, quem sabe, porém persistiram com a sua pequena reunião de oração. Um dia foram à reunião mais ou menos desanimados e desconsolados, mas ali estavam orando quando, "de repente", todos tomaram consciência de que acontecera algo; o Espírito de Deus tinha vindo sobre eles, e eles foram transformados. Era como se a reunião não pudesse terminar. Isso continuou no dia seguinte e por meses, e vinha gente de toda parte para ver o que estava acontecendo. É assim que Deus age no avivamento – de repente, inesperadamente, ele vem.

O que sucede é que tais cristãos de repente se tornam cientes de uma presença, de um poder, de uma glória, e são tomados de um senso do

maravilhoso. A palavra "maravilhar-se" acha-se no capítulo dois do livro de Atos: "E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros...". Os próprios apóstolos e os demais estavam tomados de um senso do maravilhoso. O que acontece numa ocasião como essa é que Deus o Espírito Santo faz sentir a Sua presença tão poderosamente que homens e mulheres que podem ter crido no evangelho anos e anos, de repente ficam cientes, de maneira mais direta, da glória de Deus, da majestade de Deus e da grandeza de Deus. Não é mais questão de fé; há uma espécie de percepção mais direta. Eles sentem e sabem que Deus está ali, que Deus parece estar enchendo o edifício. Naturalmente, isso está inteiramente além do entendimento e de explicação, e até mesmo além da possibilidade de expressão e de descrição. A Igreja não o compreende; o mundo, menos ainda.

Seu efeito sobre os crentes é dar-lhes nova clareza de entendimento das verdades em que eles anteriormente criam. Os apóstolos começaram a falar, é o que se nos diz, sobre "as maravilhosas obras de Deus". Em tempo de avivamento, cristãos há que dizem que enxergaram as coisas com maior clareza num segundo do que em toda a sua vida anterior. Há aquela conhecida experiência de John Flavel, o puritano, que uma vez teve uma experiência admirável dessa natureza, quando estava a sós. Disse ele que aprendeu mais naquela única experiência do que em toda a sua vida de leitura da Bíblia e de livros sobre a Bíblia, e oração. Há um novo senso de clareza, uma luminosidade com respeito a isso tudo. É isso que acontece, e é desse modo que o Espírito Santo produz unidade. Pessoas que estavam com dúvidas, incertas e hesitantes e, por isso, discutindo umas com as outras, subitamente são cheias do Espírito Santo e de um novo entendimento. Elas se sentem quase como se vissem o Senhor Jesus Cristo e O conhecem como o Filho de Deus e como o seu Salvador com uma nova certeza. É o que acontece com todos os que experimentam isso, e assim há uma unidade real.

A tragédia é que há homens tentando produzir unidade dizendo-nos que não importa muito o que cremos, que na medida em que nos reunirmos, trabalharmos juntos e não discutirmos sobre doutrina, seremos todos um. Mas a unidade do Espírito vem por meio do entendimento, não menosprezando o entendimento e dizendo que o conhecimento da doutrina não importa. A grande característica do avivamento é que os homens entendem a doutrina e a verdade como nunca antes. Não somente isso, começam a regozijar-se como nunca antes, e se enchem de segurança e de um senso de certeza da sua relação com Deus. Às vezes ficam tão cheios de alegria que outros, vendo-os, dizem: "Estão cheios de mosto". No entanto, é "o gozo do Espírito Santo"; eles ficam comovidos com este novo senso da sua relação com

Deus o Pai e o Filho e o Espírito Santo.

Isto, por sua vez, leva a um desejo de dizê-lo aos outros, e assim começam a falar e a proclamar estas "maravilhosas obras de Deus". Os apóstolos o fizeram com uma ousadia e com uma autoridade que nunca antes haviam experimentado. Aquele Pedro que poucas semanas antes havia negado que conhecia a Cristo, porque temia ser levado à morte, falou no dia de Pentecoste com ousadia e com autoridade. Ele repreendeu os judeus e os censurou, e os colocou face a face com o juízo. A maior necessidade da Igreja hoje é essa ousadia, essa autoridade e esse poder. Que é que podemos fazer com uma geração como esta na qual nos encontramos, com o seu orgulho de conhecimento e cultura, sua zombaria e sua arrogância? Mediante o poder do Espírito Santo esta geração pode ser abalada, convencida do pecado e renovada. O homem não pode realizar esta obra, porém o Espírito pode, como o fez no dia de Pentecoste, e como Ele tem feito de tempos em tempos daí em diante, nos períodos de poderoso avivamento.

Não se pode senão notar nos registros do livro de Atos o senso de unidade que os crentes tinham. Todos eles se mantinham juntos. Durante certo período até vendiam os seus bens e viviam uma espécie de vida comunal. Isto porque sentiam que eram um, não num sentido mecânico, mas porque agora nada importava, senão esta nova vida. Tinham-se unido como num processo de fusão; sentiam o Espírito a dominá-los e a governá-los. Este senso de unidade é inevitável quando o Espírito Se faz presente com poder.

Examinando o outro lado do quadro, vemos o efeito que isso teve sobre outros. Eles se juntaram às pressas, perguntando: "Que será isto?" E Pedro pregou, e eles foram convencidos do pecado e se renderam. Judeus que recentemente haviam gritado acerca do Senhor, "Fora com ele, crucifica-o", ao ouvirem a pregação sobre Ele, gritaram, "Que faremos, varões irmãos?" Isto sempre acontece nas épocas de avivamento. Há certas pessoas das quais a gente se sentiria tentado a dizer, falando em termos naturais, que nada poderia convertê-las jamais, e que, de repente, são convencidas e convertidas pelo Espírito Santo. É o que tem acontecido nos avivamentos ocorridos na Igreja através dos séculos.

Não há nada que atraia tanto as pessoas para a Igreja como o avivamento. Os homens tentam fazer propaganda da Igreja hoje; a Igreja está criando departamentos de publicidade, e tem agentes de publicidade; e nos dizem que devemos fazer propaganda da Igreja para o povo. Contudo, se irrompesse um avivamento aqui ou em qualquer outro lugar, não haveria necessidade de propaganda. Viria gente de

toda parte, como no dia de Pentecoste, perguntando, "Que será isto?" Quando o poder do Espírito está presente, o povo vem, por admiração, talvez por curiosidade, e muitas vezes acontece que "tolos que vieram para zombar, ficam para orar".

Que é que devemos fazer com relação a isso tudo? Qual é o caminho para o avivamento? A resposta é que nós temos que aperceber-nos da nossa impotência, temos que aperceber-nos de que de nós e por nós mesmos nada podemos fazer. O poder é de Deus, quem age é o Espírito. O que nos cabe fazer "unanimemente" é perseverar "na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações". A doutrina vem primeiro. A principal obra do Espírito Santo é glorificar ao Senhor Jesus Cristo. Portanto, não haverá valor em nossas orações, se não crermos nEle, em Sua divindade singular, em Sua encarnação, nascimento virginal, milagres, morte expiatória, ressurreição e ascensão. O Espírito O glorifica e, portanto, devemos crer nEle e ser "unânimes" em nossa doutrina.

Também devemos orar. Devemos passar tempo rogando pelo Espírito, como aquelas pessoas oraram durante aqueles dez dias. E vocês verão na história da Igreja através dos séculos que, quando as pessoas oravam e eram levadas a ver a sua impotência e a sua debilidade, elas perseveravam, firmadas no nome de Cristo, o seu Salvador e Mediador, e pleiteavam com Deus para que de novo derramasse o Seu Espírito. E muitas vezes, quando achavam que o fim chegara e que não havia mais esperança, subitamente Deus lhes respondia e derramava o Seu Espírito sobre elas. Se vocês realmente sentem o peso do fardo dos tempos em que vivemos, se vocês realmente se entristecem de coração ao verem a impiedade do mundo, se vocês tiverem em seus corações compaixão pelos homens e mulheres que se acham na escravidão do pecado e de satanás, o seu primeiro dever é orar por avivamento. Quando o avivamento vem, pode acontecer mais num dia do que num século de obra comum da Igreja. Quando o Espírito vem, os corações mais valentes são quebrantados, os intelectos mais vigorosos são derribados, e homens e mulheres bradam pedindo misericórdia e procurando conhecer o caminho da salvação. A primeira tarefa, o primeiro dever dos cristãos e da Igreja Cristã hoje é orar "unanimemente" e clamar por uma repetição do Pentecoste, por um avivamento feito pelo Espírito Santo, Deus vindo outra vez com autoridade, vigor e poder no meio do Seu povo. O Espírito Santo ainda está em disponibilidade, com todo o Seu poder; assim, orem a Deus, rogando-Lhe que O envie. E quando Ele vier, veremos coisas que nos surpreenderão e que encherão de pasmo o mundo escarnecedor e incrédulo que está do lado de fora.

7

UMA SÓ ESPERANÇA

"Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação." Efésios 4:4

Chegamos agora ao terceiro aspecto que o apóstolo acentua em conexão com a obra do Espírito: "como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação". Talvez a melhor maneira de abordar esta frase seja com uma pergunta. E, diga-se de passagem, um dos segredos do proveito do estudo da Bíblia é descobrir a arte de fazer perguntas. Noutras palavras, não tomem as afirmações simplesmente como elas vêm; mas, para se certificarem de que entendem a seqüência, parem por um momento e façam uma pergunta. Temos aqui um exemplo do valor dessa prática. Diz o apóstolo: "Há um só corpo e um só Espírito". Podemos entender esta seqüência, "Há um só corpo", e é evidente que a vida do corpo, o poder que mantém o corpo vivo e que o capacita a agir, é obviamente, esse "um só" Espírito. O apóstolo passa naturalmente de "um só corpo" para "um só Espírito". Todavia, depois ele diz: "como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação". A pergunta é: por que acrescentar isso a "um só corpo" e "um só Espírito"? O apóstolo não escreve isso por acaso ou por acidente. Há uma seqüência lógica aí, e uma conexão inevitável.

Minha opinião é que há duas razões que tornam inevitável que esta seja a terceira coisa que ele mencione. A primeira coisa é compreender por que o Espírito Santo fez em nós, cristãos, o que fez. Por que é que Ele nos chamou eficazmente, como nos lembra o versículo primeiro deste capítulo? Quando estávamos mortos em pecados, fomos chamados e vivificados pelo Espírito Santo: Ele nos convenceu do pecado e nos habilitou a ver os méritos do sangue de Jesus. Ele nos deu nova vida; Ele nos chamou do mundo e nos batizou no corpo de Cristo. Será que isso tudo é um fim em si mesmo, ou haverá mais algum propósito por trás? A resposta é que todas estas coisas ocorreram meramente como uma preparação para algo que ainda iria acontecer. É um passo num grande processo; uma atividade intermediária que há de levar a uma atividade final. A Igreja não é um fim em si e por si; a Igreja é o

corpo, o instrumento que Deus está usando, por intermédio de Cristo e do Espírito Santo, para chamar dentre todo o gênero humano uma nova humanidade, um novo povo para Si, que Ele finalmente vai aperfeiçoar e vai fazer habitar num mundo renovado e glorificado, livre de todo pecado. Tudo tem o propósito de levar àquela glória final, à final manifestação concludente de Cristo e ao estabelecimento do Seu reino eterno. Dessa maneira, fica clara a seqüência, "um só corpo, um só Espírito, uma só esperança da vossa vocação". O corpo está sendo preparado para o grande dia que ainda está por vir.

Uma segunda razão pela qual o apóstolo introduz esta frase neste ponto é que o Espírito Santo, em acréscimo à Sua obra de preparar-nos para a incorporação no corpo, Sua obra especial na revivificação, realiza outra obra especial, mais pessoal. O apóstolo já se referiu a isso no capítulo primeiro, onde ele escreve: "Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo também nele crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão de Deus" (versículos 13-14). Isto se refere à obra do Espírito, como "selo" e "penhor". Tendo-nos feito cristãos, tendo-nos colocado no corpo de Cristo, Ele nos sela e age como penhor; e todo o objetivo do selo e do penhor tem relação com a "possessão adquirida" (VA) da qual ele fala. O selo é, por assim dizer, a estampilha posta em nós para mostrar que pertencemos a Deus, que somos Seus filhos e que somos herdeiros da grande herança vindoura. O penhor é um antegozo daquela herança, ou as suas primícias. É um pagamento parcial que nos é feito aqui e agora como garantia de que a receberemos plenamente.

No momento em que pensamos nos aspectos do "selo" e do "penhor" na obra do Espírito Santo, somos levados a pensar nessa possessão adquirida, nesta maravilhosa herança que Deus está preparando e mantendo para os que O amam. É por isso que Paulo diz aqui que há "um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação". Essa é a conexão inevitável. Ao mesmo tempo, vemos a maravilha e o portento das Escrituras, o seu ordenado arranjo das verdades. Como cristãos, não devemos apegar-nos a diversas idéias desconexas em nossas mentes; há um plano de salvação, há um esquema de redenção, e há passos e estágios que levam aos seguintes, numa inevitabilidade lógica. Aqui temos um exemplo dessa verdade. Portanto, qualquer veraz consideração da obra do Espírito Santo, necessariamente deve levar-nos a uma consideração da bendita e gloriosa esperança que está à frente de todo cristão verdadeiro.

O apóstolo se repete, e lembra a estes cristãos efésios o que ele

dissera no capítulo primeiro, onde lhes diz que está orando por eles, para que Deus lhes dê "em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação". "Tendo iluminados os olhos dos seus entendimentos", ele ora no sentido de que eles saibam "qual seja a esperança da sua vocação". O seu desejo é que eles saibam qual é a esperança à qual Deus os chamou, que conheçam, percebam, apreciem e entendam o grande propósito que Deus tem por trás do Seu grandioso plano de redenção. "A esperança da sua vocação"! Também precisam saber quais "as riquezas da glória da sua herança nos santos"; e, depois, "a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos". No primeiro capítulo ele ora por isso em geral, mas aqui ele trata disso e lhe dá atenção especificamente em conexão com este princípio de unidade. Ele lhes roga que, "com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-os uns aos outros em amor", se esforcem para "guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz" porque são "chamados numa só esperança da sua vocação". Nada promove tanto a unidade, e a guarda e a protege, como a nossa percepção da bendita esperança que está diante de nós, a mesma gloriosa herança que devemos compartir.

É, em grande parte, porque deixamos de manter os olhos postos na "esperança da nossa vocação", que há tantas divisões, distinções e mal-entendidos. Não devemos permanecer apenas negativamente com relação àquilo de que fomos chamados; devemos, sim, permanecer naquilo para o que fomos chamados. A nossa tendência é permanecer naquilo de que fomos chamados, e olhar para trás, para aquilo, e falar sobre aquilo. Isso necessariamente causa divisões e distinções. O diabo, nosso adversário, não pode impedir que nos tornemos cristãos, mas ele pode causar muito dano entre nós. Um dos seus métodos é fazer-nos olhar para trás, atentos àquilo de que fomos chamados, em vez de para diante, para o que somos chamados. O resultado desse modo de agir é demonstrado no caso da Igreja Primitiva. Alguns dos crentes tinham sido judeus, alguns gentios, alguns bárbaros, outros citas; alguns escravos, alguns livres; alguns homens e algumas mulheres. Quando olhavam para trás, lembravam-se dessas divisões, distinções e animosidades. Assim, se essas coisas se perpetuarem na vida da Igreja, necessariamente surgirão distinções e divisões; e esta é uma das mais prolíferas causas de divisão. De igual modo, olhar para trás muitas vezes nos faz lembrar que os pormenores de uma conversão diferem dos de outra. Vê-se isso com freqüência nas reuniões em que as pessoas relatam as suas experiências ou dão os seus testemunhos, como se diz. Começam com o que eram outrora, e imediatamente entra em cena um elemento de divisão. Um pode ter

sido judeu, outro, gentio. A posição deles, na vida , era diferente, e o seu comportamento pode ter variado da respeitabilidade ao pecado grosseiro e flagrante. Logo ocorrem divisões intermináveis.

Posso ilustrar isso por meio de um incidente que eu mesmo testemunhei uma vez. Eu e outros estávamos envolvidos numa reunião ao ar livre. Eu não tinha originado a reunião, mas estava tomando parte nela com outros; sucedeu que o trabalho estava a meu cargo na ocasião. Segui o procedimento geralmente empregado, e eis o que aconteceu: um homem foi à frente, pôs-se no círculo, e narrou sua experiência, sua história, fez um relato da sua conversão. Contou-nos que tinha sido um homem terrível, pesava-lhe a culpa de pecados horrendos, e contou-nos como, apesar disso, a graça de Deus se apoderara dele e o convertera. Depois, outro homem caminhou para a frente, um homem mais velho, homem que se convertera uns dez ou quinze anos antes do primeiro orador. Isto é quase literalmente o que ele disse: "Vocês ouviram o nosso irmão falar-lhes sobre a sua conversão e sobre a vida de pecado da qual ele foi convertido. Ele não sabe o que é pecado; eu vou dizer-lhes o que é". Então começou a descrever a sua vida pregressa com de- talhes sombrios. Pareceu-me que a reunião estava virando uma competição de crime. O segundo homem não estava consciente disto, mas o que ele estava fazendo realmente era gabar-se da sua pecaminosidade; ele estava traçando uma distinção entre o seu pecado e o do outro homem, para provar que, portanto, a sua conversão foi mais grandiosa que a do outro. Mas tudo isso é errôneo e completamente antibíblico. Todas as conversões são idênticas, num sentido último. Requer graça e o poder do onipotente Deus, salvar qualquer alma. Não importa se você era judeu ou gentio, homem ou mulher, bárbaro, cita, escravo ou livre; o que você era é irrelevante, não importa. Mas nós vivemos perpetuando estas diferenças e divisões, resultando em que, na Igreja, alguns são considerados mais importantes que outros. Ainda se pensa neles em termos do que eles eram por natureza, ou da sua posição social, sua riqueza, suas habilidades, ou de alguma outra coisa própria do homem natural. Tudo isso acontece porque persistimos em esquecer que não devemos olhar para aquilo de que fomos salvos, mas devemos olhar para aquilo para o que fomos salvos.

Permitam-me concluir esta questão particular repetindo a famosa história do que aconteceu no caso de Philip Henry, pai do comentador Matthew Henry. O jovem Philip Henry enamorou-se de uma jovem dama que pertencia a uma classe social mais alta que a dele; e ela se enamorou dele. Eles queriam casar-se, e se puseram a falar com os pais dela sobre isso. Os pais não gostaram da proposta. Não conheciam esse

tal de Philip Henry, não conheciam a família dele. Por fim o pai dirigiu-se a ela e lhe perguntou: "De onde ele veio?" E a filha, boa cristã que era, deu sua imortal resposta, dizendo: "Eu não sei de onde ele veio, mas sei para onde vai". Que mais importa, realmente? Como cristãos devemos fixar-nos na "esperança da nossa vocação". Essas outras coisas são resultado da Queda, do pecado e da divisão. Nunca houve o propósito de que o mundo se dividisse em judeu e gentio, bárbaro, cita, escravo ou livre, superior ou inferior, grande ou pequeno. Não devemos olhar para trás, para essas coisas; devemos olhar para a frente, para "esperança da nossa vocação". Essa esperança é somente uma, é sempre a mesma, e é para todos nós.

Devo acentuar o fato de que não somente não devemos olhar para trás e permanecer naquilo de que fomos salvos, mas tampouco devemos permanecer nas experiências da nossa conversão, quer dizer, nos detalhes concretos da experiência da conversão propriamente dita, pois isso também é algo que inevitavelmente tende a dividir-nos. Há alguns que tiveram uma conversão muito dramática, envolvendo agonias de arrependimento e remorso que podem ter durado longo tempo. Afinal, nalgum momento sumamente dramático, eles viram a luz e foram salvos. Há outros que realmente não podem dar o momento exato, a hora exata da sua conversão. Esta foi tranqüila, quase não notada. Eles não podem identificar nenhum evento ou momento particular; todavia o que sabem é que, enquanto que antes estavam mortos, agora estão vivos; sabem que amam o Senhor Jesus Cristo, e O querem acima de tudo mais, e desejam estar com Ele e ser semelhantes a Ele. Os dois tipos de experiência são muito diferentes. Como pastor e ministro, posso testificar o prejuízo e o dano, divisões e distinções, que a ênfase à forma da experiência da conversão causa à vida da Igreja.

Isto funciona numa variedade de maneiras. Às vezes faz grande dano ao próprio homem que teve uma conversão dramática. Ele fica orgulhoso dela; torna-se uma espécie de peça de exposição, é um cristão diferente dos outros, e tende a desprezar o homem que não está muito seguro do modo como lhe aconteceu, ou quando aconteceu. Por outro lado, o cristão que teve uma experiência tranqüila às vezes é levado a pensar que talvez ele nem seja cristão, porque a sua experiência não se enquadra no modelo dramático. Nas reuniões em que se dão testemunhos, ele fica com a impressão de que somente a experiência dramática é verdadeira. As pessoas serenas nunca são chamadas à frente para falar, e, assim, ele começa a perguntar a si mesmo se é realmente cristão e se está de fato no reino. É dessa maneira que muitas vezes

divisões e cismas errôneos e pecaminosos entram na vida da Igreja.

Permitam-me salientar isto repetindo algo que ouvi uma fez o famoso John Macneil dizer nesta conexão. Num sermão ele estava imaginando uma conversa entre dois cegos que foram curados por nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo – o cego cuja cura está registrada no capítulo nove do Evangelho Segundo João, e o cego cuja cura está registrada no capítulo oito do Evangelho Segundo Marcos. No caso do homem do capítulo nove de João, o nosso Senhor cuspiu num pouco de argila do solo, misturou-o, untou os olhos do homem com a mistura de argila e saliva, e lhe disse que fosse lavar-se no tanque de Siloé. No caso do homem do Evangelho Segundo Marcos, Ele não fez isso; e John Macneil ficou a imaginar estes dois homens encontrando-se mais tarde e conversando; e ele descreveu a conversa do seu jeito peculiar e inimitável, assim: o homem do capítulo nove de João perguntou ao do capítulo oito de Marcos: "Que é que você sentiu quando Ele pôs aquela mistura de argila e saliva nos seus olhos?" "Argila e saliva?", disse o homem de Marcos 8, "Nada sei de argila e saliva". "O quê?" replicou o outro, "Não lembra como Ele cuspiu no chão, fez a mistura e a pôs nos seus olhos? – estou perguntando: que é que você sentiu?" "Mas", disse o homem de Marcos, capítulo 8, "não foi posto nada em meus olhos." E a conversa continuou e continuou, o homem do capítulo nove de João repetindo as suas perguntas, e o outro expondo a sua ignorância. Por fim, o homem do capítulo nove de João disse ao outro: "Olhe aqui, não acredito que você tenha sido curado; você só pode estar cego ainda. Se Ele não pôs lodo em seus olhos, você continua cego". "Noutras palavras", disse John Macneil, "vieram a existir duas denominações de uma vez – os lodo-ítas e os antilodo-ítas."

Mas, lamentavelmente, isso ilustra o que tem acontecido com muita freqüência entre nós. Há essa tendência constante de olhar para trás. A única maneira de lidar com esse problema é dizer com o grande apóstolo Paulo: "Esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus" (Filipenses 3:13-14). O que importa não é como você entrou no reino; a questão vital é: você está no reino? Não importa se o seu nascimento foi dramático e excitante, ou se foi tranqüilo e quase imperceptível. Graças a Deus, isso não importa! Em parte nenhuma das Escrituras nos é dito que você precisa ser capaz de dar o momento exato, ou o versículo exato que foi utilizado, ou o nome de certo pregador. Essas coisas não importam. A única coisa que importa é que você esteja no reino.

Desafortunadamente há hoje uma grande tendência de olhar para trás. Lemos sobre reuniões especiais de cristãos que foram salvos

numa campanha particular ou num dado ano! Desse modo a Igreja fica dividida em função dos convertidos de certos evangelistas, ou do ano particular da conversão. É assim que se causam cismas na Igreja. Isso é pecaminoso; e a causa do pecado é que estamos deixando de olhar para frente, para "a esperança da nossa vocação". Não estamos esquecendo as coisas que atrás ficam, e não estamos olhando para a frente, para o prêmio da sublime vocação de Deus em Cristo Jesus, como devíamos.

Mas agora devemos ir um pouco mais adiante e dizer que tampouco devemos permanecer naquilo que somos agora. Devemos sempre estar olhando para a frente porque, se permanecermos no que somos agora, continuará havendo a tendência de dividir e separar. Essa tendência entrou crescentemente na Igreja nos últimos cem anos. Dividimo-nos em jovens, pessoas de meia idade e mais velhos; irmandades masculinas, irmandades femininas e muitos outros agrupamentos. Fazemos isso porque insistimos em olhar para nós mesmos como somos agora, em vez de olharmos juntos para aquilo que vamos ser, isto é, para "a esperança da nossa vocação". Não estou insinuando que essas diferenças não têm significação; entretanto, o que de fato digo é que elas não devem ser sublinhadas e salientadas. Não vemos essas divisões na Igreja Primitiva; eles eram todos um. As diferenças de idade não contavam; e não devem contar agora. Um homem idoso pode ser um bebê em Cristo; e uma pessoa jovem pode ser espiritualmente madura. A única coisa que importa é esta união, esta unidade; as outras divisões se relacionam com a natureza, com o tempo e com o homem não regenerado, e não com o Espírito. O apóstolo, embora tendo avançado mais que a maioria das pessoas, ainda diz: "Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito; mas prossigo para o alvo pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus". Em toda parte o Novo Testamento nos concita a olhar para a frente. Diz o nosso Senhor: "Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito" (João 14:1-2). Escrevendo aos romanos, diz o apóstolo Paulo: "Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada" (Romanos 8:18). Em sua Segunda Epístola aos Coríntios, ele diz: "Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente; não atentando nós nas coisas que se vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas" (4:17-18). Ele continua, no capítulo 5: "Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, te-

mos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus" (versículo 1). A Tito ele escreve desta maneira: "Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo" (2:13). Esta é a grande característica do ensino do Novo Testamento. O apóstolo João escreve de igual maneira: "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos" (1 João 3:2).

O fato é que nós, em nossa loucura, estamos constantemente olhando para o presente. Estamos interessados nas bombas de hidrogênio e nas bombas atômicas e no que pode estar acontecendo na África do Sul ou no Oriente Médio aqui e agora, e assim nos dividimos. Este é a favor da luta, aquele é contra; um adota uma certa idéia política, outro adota a idéia oposta; uns são socialistas, outros são conservadores, e assim a Igreja fica dividida. Isto porque damos demasiada atenção ao presente, e não olhamos para "a esperança da nossa vocação". Não é que nós, como cidadãos de pátrias terrenais, não devemos ter idéias sobre essas questões nem tomar parte na aplicação delas; mas que elas não devem influenciar-nos na Igreja; muito menos deve a Igreja envolver-se nessas questões. De um modo geral esquecemos que somos estrangeiros e peregrinos neste mundo.

O fato é que o Novo Testamento não nos oferece muito neste mundo. Disse o Senhor Jesus Cristo: "No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo" (João 16:33). O apóstolo Paulo faz eco disso, dizendo: "Neste tabernáculo gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu" (2 Coríntios 5:2). "Agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face" (1 Coríntios 13:12). Quão importante é, portanto, que olhemos para essa "vocação com que somos chamados" – "a esperança da nossa vocação"! Não olhemos para trás, não gastemos o nosso tempo olhando para o presente e comparando-nos e contrastando uns com os outros, mas olhemos para diante, para "a esperança da nossa vocação". Há uma só esperança; há a mesma esperança para todos; e vamos indo todos juntos para a mesma glória. Não haverá divisões e distinções lá.

Vamos indo avante, para uma vida inteiramente livre do pecado. É o pecado que sempre divide e separa. O objetivo da vinda do nosso Senhor Jesus Cristo é que as obras de satanás e do pecado sejam abolidas e destruídas (1 João 3:8), e que tudo venha a reunir-se nEle (Efésios 1:10). E, graças a Deus, isto vem! Chegará o dia em que seremos todos sem defeito e inculpáveis, sem mancha ou ruga ou qualquer coisas desse gênero. Que prospecto maravilhoso! Agora

temos manchas e rugas. Uns têm poucas, outros têm muitas. Todos nós somos tão diferentes, e olhamos uns para os outros, e há divisão! Mas vem o dia em que não haverá mancha, nem ruga, nem qualquer outra coisa desse tipo, e seremos todos perfeitos. Não haverá pecado em nós, e não haverá tentação fora de nós. O pecado não será retirado de nós somente; será retirado do universo inteiro. Haverá "novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (2 Pedro 3:13). E estaremos com o Senhor. Nós O veremos como Ele é, e O fruiremos juntos. Quando estivermos em Sua presença e O virmos como Ele é, não estaremos interessados em nenhuma outra coisa. Estaremos absorvidos "no encanto, no amor e no louvor". Não haverá divisões e distinções. Ninguém estará interessado se você era judeu ou gentio ou bárbaro ou cita, escravo ou livre, se você fora nascido numa grande família ou numa favela. Graças a Deus, tudo isso terá desaparecido; estaremos olhando para Ele, e nenhuma outra coisa será lembrada. "A unidade do Espírito pelo vínculo da paz".

Ademais, estive lembrando a vocês, não somente O veremos todos juntos, mas, ainda mais extraordinário, seremos como Ele. Acredito que as nossas identidades serão preservadas, porém seremos todos semelhantes a Ele. O apóstolo Paulo diz aos crentes filipenses que devemos aguardar o retorno do nosso Salvador porque Ele tem poder para "transformar o nosso corpo abatido (este corpo da nossa humilhação), para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si mesmo todas as coisas" (Filipenses 3:21). Nesta vida uns são coxos, outros podem andar altaneiramente; uns podem ter beleza, outros são feios; uns têm alguma habilidade, outros não. Isso não terá valor lá; seremos todos semelhantes a Ele. Mesmo os nossos corpos serão como "o corpo da sua glorificação". Não haverá ciúme, nem inveja, nem desprezo, nem condenação. Deus nos perdoe por sermos sempre culpados dessas coisas na esfera da Igreja, no corpo de Cristo!

De fato, nos novos céus e nova terra que Ele vai produzir, não somente estaremos com Ele, estaremos reinando com Ele, seremos "reis e sacerdotes de Deus" para todo o sempre. Esse há de ser o nosso destino, de todos nós, cristãos. A nossa expectativa é uma e a mesma. Mesmo aqui e agora estamos tendo o mesmo antegozo da glória, participando das mesmas primícias. Como, então, podem existir divisões e distinções na Igreja? O caminho da unidade da Igreja, a maneira de salvaguardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz, é fazer o que Paulo diz aos colossenses: "Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra" (Colossenses 3:2). Focalizem o seu afeto lá, como se faz com uma bússola ou com uma câmara. Centralizem o seu afeto

lá, mantenham-no lá; contemplem o Senhor constantemente. Olhem para as coisas de cima, não para as da terra, e juntem-se no cântico de um hino traduzido para o inglês por S. Baring-Gould, que diz:

Uma só, a luz da presença divina
Por sobre o Seu povo remido espalhou,
Expulsando a treva e todo o terror,
A iluminar todo o caminho em que andamos;

Um só objetivo da nossa jornada,
Somente uma fé que jamais se afadiga,
Um somente o olhar resoluto adiante,
Uma só esperança o nosso Deus inspira;

Um único tom que os lábios de milhares
Elevam qual fora de um só coração;
Um só o conflito, um só o perigo,
Uma única marcha teve início em Deus;

Uma só a alegria de alta exultação
Na praia distante, na praia eternal,
Onde o Onipotente, o único Pai
Reina com amor, e sempre reinará.

Avante, portanto, irmãos peregrinos,
Avante, levando a cruz, o nosso auxílio!
Levai seu opróbrio, librai sua batalha,
Até repousarmos sob a sua sombra.

Logo chegará o grande despertar,
Logo há de romper-se o túmulo, afinal;
Então todas as sombras serão dissipadas,
E será o fim do afã e do pesar.

8

UM SÓ SENHOR

"Um só Senhor, uma só fé, um só batismo." Efésios 4:5

Esta declaração vital deve ser considerada como parte da exposição completa, do versículo 4 ao versículo 6: "Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos" (VA: "em todos vós"). Nela o apóstolo continua com o tema da unidade, que tanto o preocupa. Esta unidade deve caracterizar a vida da Igreja, diz ele, porque, em última instância, a Igreja é obra da bendita e santa Trindade. No versículo 4 a temos visto em termos da obra do Espírito, "um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação". Agora Paulo põe-se a descrevê-la em termos da obra do Filho, como também em termos da obra do Pai.

Neste quinto versículo chegamos à segunda das três divisões em que o apóstolo divide o seu ensino, a saber, a unidade da Igreja, tendo-se em vista a doutrina da segunda Pessoa da bendita e santa Trindade, o Filho de Deus, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Torno a lembrar-lhes a ordem em que o apóstolo coloca estas coisas, a seqüência empregada por ele. Tendo começado com a obra do Espírito porque essa é a abordagem prática, agora passa a considerar a parte desempenhada pelo Filho, pois a obra central do Espírito Santo é glorificar o Filho, como o nosso Senhor mesmo disse: "Ele não falará de si mesmo – Ele me glorificará" (João 16:13-14). Não significa que Ele não falará sobre Si mesmo, porém que a Ele será dado o que falar, isto é, ensino que glorificará o Filho. O Pai enviou o Filho e o Filho glorificou o Pai; depois o Pai e o Filho enviaram o Espírito, e o Espírito glorifica, em particular, o Filho. O apóstolo Paulo nos ensina que, "ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo" (1 Coríntios 12:3). O Espírito Santo nos conduz ao nosso Senhor; somente Ele nos habilita a vê-lO e a conhecê-lO. "Os príncipes deste mundo não o conheceram, porque, se o tivessem conhecido, nunca teriam crucificado o Senhor da glória. Mas Deus revelou-nos estas

coisas pelo seu Espírito, porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus" (1 Coríntios 2:8-10).

Mais uma razão pela qual o apóstolo passa agora a falar do Filho é que, havendo considerado a Igreja como o corpo – "um só corpo" – inevitavelmente surge a pergunta: quem é a cabeça do corpo? – pois um corpo sem cabeça não funciona. A resposta é: o próprio Senhor Jesus Cristo. O apóstolo já nos fizera lembrar isso no capítulo primeiro, onde, falando sobre Ele, diz: "(Deus) sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos" (versículos 22 e 23). Vemos a mesma verdade exposta freqüentemente pelo apóstolo em suas várias Epístolas. É importante observar esta abordagem doutrinária. Estas coisas não são registradas acidentalmente; há um sistema definido aqui. O Espírito Santo ilumina a mente, e aqui vemos uma mente espiritual iluminada descortinando a verdade.

O apóstolo continua interessado em dar ênfase à unidade da Igreja. A doutrina da Pessoa do Filho é-nos exposta com o fim de levar-nos a manter "a unidade do Espírito pelo vínculo da paz". O apóstolo apresenta esta grande doutrina com apenas três palavras, "um só Senhor". Geralmente não a declara tão simplesmente assim. Em 1 Coríntios, capítulo 8, versículo 6, ele nos diz: "um só Senhor, Jesus Cristo". Certamente ele usa aqui essa forma abreviada para dar ênfase ao seu argumento sobre a unidade. O Senhor Jesus Cristo, em Si e por Si, leva à unidade e sempre produz unidade; assim, uma das melhores maneiras pelas quais podemos ver e entender esta doutrina bíblica da unidade da Igreja, e preservá-la, é manter os nossos olhos firmemente postos na doutrina da Pessoa do Filho de Deus. Esse é o argumento, e agora passamos a considerar como ele funciona.

Primeiramente, há a unicidade da Pessoa do nosso Senhor. "Um só Senhor" significa que há somente um que pode, real e verdadeiramente, ser descrito como "o Senhor". Devemos ter os olhos fixos nesse título quando lemos o Novo Testamento. "É o Senhor", disse o apóstolo João ao apóstolo Pedro quando eles O viram de pé na praia, depois de uma noite infrutífera de pesca (João 21:7). Nunca houve alguém como Ele; nunca haverá. Antes da Sua vinda, nunca houve alguém como Ele no mundo; nunca haverá outro como Ele, antes da Sua segunda vinda. Ele permanece inteiramente só em toda a glória da Sua unicidade absoluta.

O que nos compete fazer como cristãos é estar sempre a contemplá-lO e a considerá-lO – Jesus de Nazaré. Quando vocês O virem, parecerá que estão vendo tão-somente um homem. E Ele era um homem.

Ele pertencia ao tempo, estava no tempo, estava no mundo. E, todavia, num sentido, falar desse modo já é errado. As nossas declarações sobre Ele nunca devem ser feitas separadamente, isoladamente. Quando vocês olharem para Ele, não estarão somente vendo um homem, estarão vendo ao mesmo tempo Deus o Filho eterno, estarão vendo "o Senhor da glória". Sempre devemos pensar e falar dEle da mesma maneira como as Escrituras o fazem. Tomem, por exemplo, a declaração que há no início da Epístola aos Hebreus: "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo". E mais: "O qual sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa". Assim é Aquele para quem estamos olhando, o resplendor da glória de Deus, e "a expressa imagem", a plena "refulgência" da glória essencial de Deus.

A pretensão da Bíblia, e deve ser a nossa, é que a encarnação do Filho de Deus é um evento único na história. Não aconteceu nunca antes; não acontecerá nunca de novo. Uma única vez e para sempre! Esta é a estonteante verdade em que cremos – verdade que desafia o entendimento. É a essência da nossa fé. Sobre Ele Paulo escreve: "Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus (não considerou a sua igualdade com Deus como algo a que agarrar-se e em que fixar-se). Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo" (Filipenses 2:6-10). "O Verbo se fez carne, e habitou entre nós", diz o apóstolo João no seu Evangelho (1:14). Este é o evento único de toda a história, "um só Senhor". O único! O apóstolo diz aos coríntios, na primeira Epístola para eles escrita, que isto é um grande mistério, um mistério oculto desde a fundação do mundo, mas então revelado (2:7). O que nos torna cristãos é que nos foi dada certa medida de entendimento deste "mistério oculto", a encarnação do Filho de Deus. "Um só Senhor" – o único para Quem podemos olhar e dizer, o homem-Deus, o "theanthropos", Deus-homem – duas naturezas numa só Pessoa.

Quais são as implicações, ou que é que devemos deduzir desta ênfase a "um só Senhor"? O apóstolo está usando a expressão no interesse do seu apelo para manter "a unidade do Espírito pelo vínculo da paz". Seu andamento dá-se da seguinte maneira: Cristo, e somente Ele, é o cristianismo. "O cristianismo é Cristo." Não é uma coleção de idéias; não é uma coleção de pensamentos ou filosofias; não é mera questão de ensino. Primariamente, o cristianismo é o próprio Senhor e a nossa relação com Ele. Ensinos, pensamentos e filosofias variam, e, portanto, tendem a dividir. Todavia, há uma questão de relaciona-

mento pessoal, de conhecimento de uma Pessoa, e de estar num dado relacionamento com essa Pessoa. O argumento é que, como a Pessoa é uma só, o relacionamento deve ser um só. Há somente um Senhor; portanto, há esta unidade essencial em todos os que Lhe pertencem e em todos os que estão verdadeiramente relacionados com Ele. O grande perigo que ameaça a vida da Igreja é sempre o de esquecer a Pessoa do Senhor Jesus Cristo, de encobri-lO e ocultá-lO por trás de várias coisas. Há certas doutrinas essenciais, mas nunca devemos permitir que mesmo estas venham ficar entre nós e Ele. Elas simplesmente derivam dEle, e o propósito delas é levar-nos de volta a Ele. Grande parte da dificuldade da Igreja através dos séculos deve-se ao fato de que as pessoas se esqueceram do Senhor. Somos criaturas tão frágeis e tão falíveis, que nos inclinamos a ir a extremos, numa ou noutra direção. Mas todos nós somos culpados quanto ao fato de que se deixa de observar a Pessoa do Senhor e se dá proeminência a outras coisas, que se interpõem entre nós e Ele, que é "um só Senhor".

Uma segunda dedução que devemos tirar é que, visto que Ele é o único Senhor, não pode ser dividido. Este é o argumento que este apóstolo Paulo utiliza ao escrever aos coríntios no capítulo primeiro da sua primeira Epístola. Estou sendo informado, diz ele com efeito, que há divisões entre vocês em Corinto. Disseram-me que um diz, "Eu sou de Paulo", outro diz, "Eu sou de Apolo", e outro, "Eu sou de Cefas". Depois ele faz esta pergunta: "Está Cristo dividido?". Ele está lhes perguntando se compreendem as conseqüências de formar partidos e de se alinharem desse modo por trás de certos homens e certos nomes. Diz a eles que estão tentando dividir Cristo, e que isso não pode ser feito, porque Ele é Um. Há unicamente um Senhor, e Ele é indivisível.

Esta é a elevada doutrina das duas naturezas numa só Pessoa. As duas naturezas acham-se tão interligadas nEle que elas não podem ser divididas. Quando lemos a história da Igreja e notamos as diversas heresias que surgiram, vemos que geralmente foi devido ao fato de que os cristãos se esqueceram do único Senhor – "um só Senhor". Num sentido eles estiveram produzindo uma multiplicidade de senhores. Muito cedo na Igreja Cristã houve aqueles que ensinavam que as duas naturezas na Pessoa única se haviam fundido numa só e não mais se distinguiam. Havia alguns, porém, que iam ao outro extremo e diziam que havia duas Pessoas – Deus e Homem; não duas naturezas numa Pessoa, e sim duas Pessoas, Cristo como Deus, Cristo como homem.

Essas heresias ainda são ensinadas na Igreja moderna. Homens sinceros em seu desejo de acentuar os dois aspectos da Pessoa do nosso Senhor, vão longe demais. Pregam sobre Jesus Cristo como Deus e sobre Jesus Cristo como homem isoladamente um do outro. Jamais deve-

mos fazer isso. Jesus Cristo é sempre o Deus-Homem; portanto, devemos ser muito cuidadosos e prudentes quanto a dizermos que Ele fez certas coisas como Deus, e outras como homem. Não! Ele é o Deus-Homem, indivisível. Não se pode dividir Cristo em nenhum sentido. Graças a Deus por isso. Ele é sempre o mesmo; sempre será o mesmo. "Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente" (Hebreus 13:8). Um hino de Horatius Bonar lembra-nos que "não há noite" em Cristo, "não há mudança" nEle. Isso é verdade, aconteça o que acontecer no mundo. Este é o maior consolo do santo. Jesus Cristo é um só, o Senhor é um só, há somente Um, e Ele é sempre, para sempre e eternamente o mesmo.

Tiremos sempre estas deduções. O cristianismo é Cristo, este único Senhor. Ele o faz. Sem Ele não há cristianismo. Ele é essencial ao cristianismo. Com respeito a isto, é diferente de todos os outros ensinos. Outros ensinos podem ser divorciados dos seus propagadores, por exemplo, o budismo separado de Buda; não faria nenhuma diferença vital. Mas no cristianismo, o nosso Senhor é tudo. Todo ele resulta deste assombroso e singular fato da Encarnação e do que Ele tem feito.

Outra dedução inevitável é que não podemos crer em partes dEle. Ou cremos nEle, ou, de outro modo, não cremos nEle. Também com respeito a isso não podemos dividi-lO. Mais uma vez o apóstolo expressa isto muito explicitamente no capítulo primeiro da Primeira Epístola aos Coríntios, que é o melhor comentário desta matéria: "Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção" (versículo 30). Ele – Cristo, o Senhor, o Senhor único e indivisível – foi "feito" isso tudo para nós. Portanto, crer no Senhor Jesus Cristo é crer na totalidade dEle e crer em tudo o que nEle há. Não podemos dizer – não devemos dizer – que cremos nEle quanto à "justiça", mas não quanto à "santificação", não quanto à "redenção", ou que em certa altura nós O recebemos somente quanto à nossa justificação, e que mais tarde nos será possível recebê-lO quanto à nossa santificação. Isto seria dividir Cristo. Recebemos a totalidade de Cristo. Não há alternativa.

Esta doutrina leva a uma questão sumamente importante. Será que está certo formar movimentos em torno de diferentes aspectos da Sua obra, e separá-los e dividi-los do todo? Será que é certo ter um movimento que ensina somente a justificação, outro que só dá ênfase à santificação, outro somente à Sua segunda vinda? Não "tomamos" somente o Seu ensino; é por Ele que somos salvos, e Ele é um só, e é indivisível. Cristo não pode ser dividido – "um só Senhor". Devemos ter todo o cuidado de começar com esta grande doutrina do único

Senhor, e de lembrar-nos também de que Ele "foi feito" o mesmo para todos os crentes. Ele não é uma coisa para um, e outra coisa para outro. Não há muitos Cristos, há somente um; e se eu creio nEle, estou na mesma posição em que se acham todos os outros que crêem nEle. "Um só Senhor"; portanto, uma só Igreja.

O segundo grande princípio que devemos salientar é a unicidade da Sua obra. Esta segue-se, naturalmente, da unicidade da Sua Pessoa. E devemos estudá-la; devemos estudá-la constantemente. Nunca devemos tomar estas verdades como líquidas e certas, nunca devemos pressupor que as conhecemos. Devemos sempre recordá-las, porque, se não, diz o apóstolo, logo haverá divisão, haverá algum tipo de cisma.

O ponto que estamos acentuando agora é que há somente um Salvador. Que não há muitos Salvadores, mas somente um, é o grande tema do Novo Testamento. É isto que faz do cristianismo uma fé única. O mundo acredita em muitos salvadores, em muitos libertadores. Ele tem a sua lista de salvadores que vive repetindo. Fala de Moisés, Jeremias, Isaías, João Batista e Jesus, e talvez de um dos apóstolos, Pedro ou Paulo, e depois acrescenta alguns grandes homens que têm figurado na história do mundo. Algumas listas acrescentam Confúcio e Buda, e talvez Sócrates e Platão. Mas o Novo Testamento denuncia essa idéia e afirma que o nosso Senhor Jesus Cristo é único, que Ele é o único e exclusivo Salvador. Negar isto será negar a verdade central e mais essencial da fé cristã.

Quero salientar esta verdade asseverando que há um aspecto de intolerância na fé cristã; e vou além, afirmando que se nós não vimos o aspecto intolerante da fé, provavelmente não a vimos de fato. Há muitas declarações nas Escrituras que consubstanciam esta asserção, que colocar alguém ao lado de Jesus, ou falar de salvação sem Ele, ou sem Ele no centro, é uma traição e uma negação da verdade. O apóstolo Pedro, dirigindo-se ao Sinédrio, em Jerusalém, disse: "Debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos" (Atos 4:12). As autoridades estavam tentando proibir Pedro e os demais apóstolos de pregar em nome de Cristo e de operar milagres em Seu nome. Pedro, "cheio do Espírito", fez aquela réplica. Uma tradução alternativa diz: "não há segundo nome". O nome de Cristo é o único. "Um só Senhor." Diz Pedro que não deve haver acréscimo a Ele, que não devemos colocar outro nome ao lado do Seu nome. Ele é único e todo-suficiente. Ele precisa estar só. Não há outro que tenha descido do céu à terra. Não há outro que seja Deus e homem. Sua unicidade precisa ser preservada. Ele não precisa de um assistente, Ele fez tudo. Ele bradou na cruz: "Está consumado". Ele não deixou nada

que devêssemos adicionar, nada que devêssemos completar. "Ele pisou o lagar sozinho." Ninguém mais poderia fazê-lo; mas Ele o fez.

Ou vejam o que o apóstolo Paulo diz em sua Primeira Epístola aos Coríntios. Havia pessoas na igreja de Corinto que não tinham claro entendimento disso tudo. Tinham sido convertidas, mas ainda, embora tivessem vindo a crer no Deus único, havia outros deuses, os deuses nos quais eles estavam acostumados a crer, os deuses aos quais eles anteriormente serviam e aos quais eles costumavam fazer os seus sacrifícios nos templos pagãos. Eles ainda não viam isto com clareza; alguns deles eram "irmãos mais fracos". Por isso Paulo lhes diz: "Ainda que haja também alguns que se chamem deuses, quer no céu quer na terra (como há muitos deuses e muitos senhores), todavia, para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por Ele" (1 Coríntios 8:5-6). Há quem fale em deuses, porém não há deuses; há somente um Deus. Estes supostos deuses são ficções das imaginações dos homens; são apenas projeções das idéias dos homens; não são seres vivos, não têm existência. Há somente um Deus. E há somente um Senhor Jesus Cristo. Não poderia haver outro, não há outro. De novo, escrevendo a Timóteo, Paulo diz: "Há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem" (1 Timóteo 2:5). Um, e somente um! Não há quem possa introduzir-se entre Deus e o homem, exceto esta Pessoa. Para empregar a linguagem de Jó (9:33), da antigüidade, não há "árbitro" que nos possa juntar, senão Cristo. Deus está no céu em Sua santidade, e nós estamos na terra em nosso pecado. Como podemos orar a Deus, como podemos ir a Deus, como podemos ouvir a Deus e ter acesso a Deus? Há somente um caminho. Necessitamos de um Mediador entre nós, diz o apóstolo, "Um só Deus, o único Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem" – o único que "foi feito o resgate".

Somente quando captamos a unicidade desta Pessoa única é que realmente começamos a compreender a verdadeira natureza da Igreja. Se um homem acredita que pode ir diretamente a Deus como ele é, e outro sabe que não pode, exceto pelo sangue de Cristo, há divisão. Se dizemos que podemos encontrar a Deus independentemente de Cristo e sem Ele, e Este crucificado, não estamos na Igreja. Haja o que houver, e por melhor que pareça estar a nossa vida, ela não é suficientemente boa. Há somente um Mediador; há somente um Salvador; houve somente um "suficientemente bom para pagar o preço do pecado". Há somente Um que pôde levar sobre Si toda a natureza humana, e pôde suportar o fardo e o peso da nossa culpa do pecado e cuidar disso uma vez e para sempre – unicamente Um! Um só Senhor, um só Salvador!

Nenhum outro! Jamais haverá outro. Qualquer mestre ou ensino que conteste isto, é o que o Novo Testamento chama anticristo; e há muitos deles. Mas o apóstolo Paulo diz: "Nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado" (1 Coríntios 2:2). Ele conhecia muita coisa da filosofia e das idéias dos gregos, e conhecia as idéias dos judeus; mas ele põe ambos de lado. A Encarnação é única, e única é a morte de Cristo. Por que falar doutra coisa, quando Deus fez isto uma vez por todas? Por que é que Deus enviou o Seu Filho ao mundo, se podemos chegar a Deus sem Ele?

Diz ainda o apóstolo, a respeito de Cristo: "Nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Colossenses 2:9). E mais: "Em quem (em Cristo) estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência" (Colossenses 2:3). Por que é que os homens olham para outros lugares? Tudo o que necessitamos saber sobre Deus e sobre a salvação está em Cristo, e somente em Cristo. Além disso, Paulo diz aos colossenses: "Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofia e vãs sutilezas" (2:8). Se não estamos ligados à Cabeça, que é Cristo e somente Cristo, ainda estamos em nossos pecados, não conhecemos a Deus e não estamos relacionados com Ele. Ele é Um só em Sua Pessoa e Um só em Sua obra como Salvador, o único Salvador, o único Mediador entre Deus e o homem. O cristianismo é, ao mesmo tempo, intolerante e unificador. Ele precisa ser intolerante: "Ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho* anunciado, seja anátema", Paulo declara (Gálatas 1:8). Se um anjo do céu, diz ele, vier pregar a vocês e negar o que lhes tenho dito acerca desta Pessoa bendita, maldito seja. Ele era intolerante. E nós devemos ser intolerantes. Não devemos pôr ninguém junto dEle; Ele está só; e jamais devemos dizer que é possível conhecer a Deus sem Ele. Devemos ser totalmente intolerantes neste ponto. E porque todos os cristãos verdadeiros são intolerantes neste ponto, e estão nEle, eles são todos unidos, entrelaçados, feitos um. Intolerância, e unidade absoluta! Não é isto o evangelho do Novo Testamento? Devemos preservar ambas. Devemos dizer ao mesmo tempo que isso de "Congresso Mundial de Crenças" não pode haver, e também que todos os cristãos são um em Cristo. É precisamente porque somos todos um em Cristo que não se pode ter um "Congresso Mundial de Crenças". Essa idéia é uma farsa; na verdade, é uma negação de Cristo. O cristianismo não pode participar de um tal congresso. Não pode entrar em nenhuma proposta ou conferência que diga que o cristianismo é maravilhoso, mas, afinal

---

* VA, Almeida Atualizada, e o original grego: "temos". Nota do tradutor.

de contas, Deus deu percepções a Buda, Confúcio, Maomé e outros, e podemos aprender alguma coisa deles. O cristão não precisa aprender desses rincões, porque "todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão em Cristo". Ele não precisa deles, não se interessa por eles, porque ele tem tudo em Cristo. Até um olhar de relance dirigido a qualquer outro é uma negação de Cristo. Intolerante e, todavia, unificador!

Finalmente, como o Senhor é único em Sua Pessoa, e único em Sua obra, é também único em Sua relação conosco. Aqui de novo vemos como a unidade existe inevitavelmente. Na vida estamos envolvidos em várias relações pessoais. O estudante, por exemplo, está numa relação com o seu mestre ou instrutor; mas não há ninguém com quem estamos relacionados como estamos com Cristo. Nossa relação com Ele firma-se essencialmente no fato de que Lhe pertencemos. Nós Lhe pertencemos porque Ele nos comprou. Lembrem-se do modo como o apóstolo Paulo, em seu discurso de despedida aos presbíteros da igreja de Éfeso, como vem registrado em Atos, capítulo 20, expressa a questão, dizendo: "... para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue" (versículo 28). Aos coríntios ele disse: "Não sois de vós mesmos, porque fostes comprados por bom preço" (1 Coríntios 6:19-20). Essa é a relação de Cristo com o cristão; e é absolutamente única. Foi Ele que nos comprou. Quando nós estávamos mortos sob a lei, e éramos escravos de satanás, Ele nos comprou, Ele nos resgatou, Ele nos redimiu, Ele pagou o preço necessário. "Não havia nenhum outro que fosse suficientemente bom para pagar o preço do pecado. Somente Ele poderia abrir a porta do céu e deixar-nos entrar." Como nosso Senhor, Ele é o nosso Dono; visto que Ele nos adquiriu pertencemos a Ele. Essa é a relação.

Isto, por sua vez, leva ao fato de que Ele é o Mestre de todos nós. Disse Ele aos discípulos, no Cenáculo, na ocasião em que lhes lavou os pés e os enxugou com uma toalha: "Vós me chamais Mestre e senhor, e dizeis bem, porque eu o sou" (João 13:13). E esta é a relação única que subsiste entre nós e Ele. Há somente um Senhor, há somente um Dono, há somente Um que morreu por mim e me comprou. Não há outro. E esta verdade vale para cada um de nós, como cristãos. As implicações são óbvias. Não pertencemos mais a nós mesmos. Não somos mais os nossos próprios mestres. Não temos direito de crer no que quisermos, não temos direito de fazer o que quisermos. Não somos de nós mesmos. É este precisamente o argumento usado por Paulo ao escrever aos coríntios. Ele lhes diz que, ao cometerem pecado, não percebiam o que estavam fazendo: "Não sabeis que o nosso corpo

(VA: "vosso") é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço" (1 Coríntios 6: 19-20). Se todos nós compreendêssemos esta verdade, haveria perfeita unidade.

Não somos mestres de nós mesmos; e é igualmente certo dizer que ninguém mais é nosso mestre. Também não somos mestres de ninguém. Ninguém deve dominar-nos; e nós não devemos dominar ninguém. O nosso Senhor mesmo estabeleceu isto claramente no Evangelho Segundo Mateus: "Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre, a saber, o Cristo, e todos vós sois irmãos. E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é o vosso Pai, o qual está nos céus. Nem vos chameis mestres, porque um só é o vosso Mestre, que é o Cristo. Porém o maior dentre vós será vosso servo. E o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado" (23:8-12). Um só Senhor! Posto que Ele é o único Senhor, nós estamos num só nível. Nenhum de nós é mestre. Ele é o Mestre, e todos nós estamos na mesma posição; e devemos servir-nos uns aos outros. De novo Ele expôs isso com muita clareza na ocasião do lava-pés (João 13:13-14). Segue-se isto por inevitável lógica. Sejam vocês quem forem, diz Ele, Eu sou o Mestre, e vocês são apenas servos; e se Eu, o Mestre, fiz isto, todos vocês devem fazê-lo. Paulo diz: "Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor" e "Fostes comprados por bom preço; não vos façais servos dos homens" (2 Coríntios 10:17; 1 Coríntios 7:23). E de novo, no sexto capítulo desta Epístola aos Efésios, ele diz, em suas particulares injunções: "E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles (com vossos servos), deixando as ameaças, sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu, e que para com ele não há acepção de pessoas" (versículos 9). Esta é a doutrina de Cristo como o nosso Senhor, como Aquele que, somente Ele, tem posse de nós, como o Único que tem autoridade sobre nós. De novo vemos Paulo dizendo exatamente a mesma coisa na Epístola aos Colossenses: "Vós, servos, obedecei em tudo a vossos senhores segundo a carne, não servindo só na aparência, como para agradar aos homens, mas em simplicidade de coração, temendo a Deus. E, tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor, e não aos homens; sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança, porque a Cristo, o Senhor, servis". E mais: "Vós, senhores, fazei o que for de justiça e eqüidade a vossos servos, sabendo que também tendes um Senhor nos céus" (3:22-24 e 4:1). A doutrina do único Senhor leva inevitavelmente à doutrina da única Igreja e à "unidade do Espírito pelo vínculo da paz". Estamos todos ligados a Ele, à mesma Pessoa; e Ele está em todos nós, e é o nosso "tudo em todos".

O amor que devemos procurar conhecer, diz o apóstolo, é "o amor de Cristo, que excede todo o entendimento" (Efésios 3:19). No entanto, acima de tudo, o apóstolo usa este argumento em sua grande exposição da Encarnação no capítulo dois da Epístola aos Filipenses, que já citamos. Ele descreve a auto-humilhação do nosso Senhor para poder dizer, "haja em vós o mesmo sentimento", o sentimento que havia em Cristo e que O levou a fazer tanto por nós. E também, "Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo" e "não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros" (Filipenses 2:3-5). Certamente todos hão de concordar que, se tão-somente entendêssemos com clareza a nossa relação com Ele e a nossa doutrina da Segunda Pessoa da bendita e santa Trindade, a maioria dos nossos problemas seria resolvida imediatamente. Se apenas O conhecêssemos de maneira que fôssemos capazes de dizer com Paulo, "Para mim o viver é Cristo"; ou com o conde Zinzendorf, "Tenho uma só paixão, Ele, e somente Ele", a maior parte dos nossos problemas desapareceria. As divisões, os cismas e todos os fracassos devem-se em última instância à incapacidade de compreender que há somente "um Senhor". Quando cada um de nós compreender que o eterno Filho de Deus pôs de lado a insígnia da Sua eterna glória, desceu à terra, nasceu como bebê num estábulo de Belém e suportou a contradição dos pecadores contra Si mesmo por trinta e três anos, foi cuspido, escarnecido e ridicularizado, sofreu zombaria, e que Ele passou por tudo isso apesar de ter aquela destra na qual segurar, a Sua igualdade com Deus no céu, mas renunciou à Sua honra – quando soubermos que Ele fez tudo isso em favor de cada um de nós, então veremos que não somos nada, e não nos preocuparemos com o que nos faça o homem. Nada importará então, exceto que vivamos para Ele e para a Sua glória. Então estaremos preparados para cantar com Isaac Watts –

Quando eu contemplo a cruz tremenda,
Na qual morreu o Príncipe da Glória,
Tenho por perda o maior lucro
E desdém lanço em meu orgulho.

Quando realizarmos isso, ver-nos-emos mantendo, preservando, a unidade do Espírito pelo vínculo da paz.

9

UMA SÓ FÉ

"Um só Senhor, uma só fé, um só batismo." Efésios 4:5

Chegamos agora à subseqüente expressão da definição da unidade da Igreja, dada pelo apóstolo – "uma só fé". E esta fé única está em conexão com "um só Senhor". É por isso que ela entra neste agrupamento particular – "Um só Senhor, uma só fé, um só batismo". Ele não coloca "uma só fé" com a obra do Espírito ou com o Pai, mas com o Senhor.

Quase todos os cultos comentadores parecem estar em dificuldade quanto ao sentido exato da expressão, e há muito desacordo entre eles, uns tomando uma idéia, outros tomando outra. Essas idéias podem ser divididas em dois grupos principais. Há os que acham que esta fé única se refere à nossa fé subjetiva, àquela qualidade em nós, àquela capacidade em nós que nos habilita a crer. Portanto, eles argumentam que o caráter, a natureza dessa fé é patente e obviamente a mesma em todos os cristãos. É a mesma ação, a mesma consciência, o mesmo sentimento. Tudo acerca da nossa fé, subjetivamente considerada, é a mesma coisa em todos. Parece-me que esta é uma impossível explicação desta declaração, e por esta boa razão que, num sentido, ela já está coberta pela expressão "um só Senhor". Mas há uma objeção ainda mais séria. O apóstolo está se esforçando para dar provas absolutas da unidade dos crentes, de modo que, sempre que formos assaltados por dúvidas, possamos ter certeza que nos mantenha firmes. Pois bem, sempre que queiramos demonstrar ou provar algo, jamais devemos apelar para o que é subjetivo, porque o subjetivo é pessoal e não se pode definir. O subjetivo não é resposta a uma investida objetiva. Todavia, o apóstolo nos está dando provas objetivas, algo que está fora de nós e que podemos aplicar a nós, e pelas quais, portanto, podemos testar-nos a nós mesmos. Assim, eu argumento que "uma só fé" não pode ser considerada subjetivamente, pois fazer isso a retira da categoria de um teste objetivo. Tudo o que temos considerado até aqui é estritamente objetivo.

A outra idéia quanto a esta expressão é que é algo objetivo. Mas

aqui, de novo, há uma dificuldade. Se dissermos que quando ele se refere a "uma só fé" está se referindo a um corpo objetivo no qual se crê – não o meu ato de crer, porém aquilo em que eu e todos os demais cremos – outra dificuldade surgirá. É que aqueles que defendem essa idéia tendem a dizer que a fé objetiva a que se refere Paulo é uma completa confissão ou um compêndio da fé. Aos olhos desses mestres, "uma só fé" significa que os cristãos adotam e subscrevem uma das grandes confissões de fé, como a de Westminster, ou os Trinta e Nove Artigos da Igreja da Inglaterra, ou o Catecismo de Heidelberg. Fé aqui, dizem eles, significa um esboço completo do que cremos, um completo compêndio de teologia. Mais uma vez, esta não me parece uma possível explicação de "uma só fé". Na verdade, os que a adotam admitem, e têm que admitir, que se vêem em dificuldades a esse respeito, e por esta razão, que a história da Igreja mostra com muita clareza que nem sempre todos os cristãos concordam com todos os pormenores relacionados com a fé cristã. Tem havido divergências de opinião sobre diversas questões. Eles admitem que, se vamos definir "uma só fé" como um completo e detalhado compêndio de teologia, nunca existiu "uma só fé". Eles assinalam que o próprio apóstolo parece insinuar isso mais adiante, quando ele diz, no versículo 13, "Até que *todos cheguemos* à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo. Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulosamente. Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo" (versículos 13-15). O apóstolo parece estar concedendo que, até aqui, não estamos concordes em tudo, entretanto chegará o dia em que nós todos seremos levados juntos a essa unidade, veremos tudo claramente e estaremos de acordo acerca de todas as coisas – mas, não ainda!

Parece-me, pois, que não devemos tomar a expressão "uma só fé" no sentido de acordo em detalhe acerca de todas as coisas, acordo quanto a um completo compêndio de teologia ou doutrina. O apóstolo utiliza a expressão "uma só fé" como um argumento em prol da unidade, e diz que todos eles sabem o que é essa fé. Para ele é um teste objetivo que pode ser aplicado, é algo tão definido como "um só Senhor", "um só Espírito" e "um só Deus", e todas as outras afirmações. "Uma só fé" é claramente algo que podemos e devemos definir, e sobre o que devemos dizer que todos os cristãos devem estar de acordo. Que é que isto significa?

Minha opinião é que, embora não seja um completo sistema de

teologia, é algo que com muita freqüência é tratado no Novo Testamento, algo sobre o que devemos ter claro entendimento. O que defendo é que se refere à própria essência do evangelho, àquilo que os apóstolos foram especificamente chamados para pregar, em sua obra de evangelização. É de fato a grande mensagem do evangelho concernente à salvação ou justificação somente pela fé. Opino que é a única exposição possível e satisfatória da expressão "uma só fé" é dizer que o apóstolo está se referindo à fé justificadora; e que esta não é somente uma fé, mas também a única fé.

Para consubstanciar a minha alegação, permitam-me lembrar-lhes algumas outras afirmações que o apóstolo faz com respeito a esta matéria. É costume referir-se a Paulo como o grande apóstolo da fé, e ele o é. Não que os outros apóstolos não a pregassem; pregavam-na, como o próprio apóstolo Paulo o afirma alhures; mas, preeminentemente, esta era a mensagem confiada a ele, e que ele expunha igualmente aos judeus e aos gentios. Talvez o exemplo maior e mais nobre se veja na Epístola aos Romanos. Diz ele que está desejoso de encontrá-los e visitá-los (1:11). Ele ouvira falar deles e quer visitá-los e firmá-los na fé. Depois passa a dizer-lhes qual é a mensagem do evangelho. Ele a resume logo no início da Epístola, onde escreve: "Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê... Porque nele (no evangelho) se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: mas o justo viverá da fé" (1:16-17). Essa é a mensagem, e essa, eu sugiro, é a "uma só fé" a que se refere em Efésios 4:5. Na verdade, os que estão familiarizados com a Epístola aos Romanos sabem que os quatro primeiros capítulos dessa Epístola são inteiramente dedicados a esta grande mensagem da justificação – ou salvação, ou justiça – pela fé. Esta, diz ele, é a nova mensagem. Até ao ministério de Cristo, diz ele, os judeus estavam debaixo da lei e a Lei era pregada, "Mas agora"– esse é o ponto decisivo – há algo novo. No terceiro capítulo dessa mesma Epístola ele diz: "Pela lei vem o conhecimento do pecado. Mas agora se manifestou sem a lei (independentemente da Lei) a justiça de Deus"(versículos 20-21). Ele vai adiante e faz uma exposição vigorosa deste princípio, desta doutrina da justificação unicamente pela fé. Isso é "uma só fé".

A Epístola aos Gálatas é exclusivamente dedicada ao mesmo tema. Essa Epístola foi necessária porque certas pessoas tinham descido de Jerusalém e estiveram pertubando a vida das igrejas da Galácia, dizendo que o apóstolo Paulo estava certo em pregar a doutrina da justificação pela fé, porém estava errado quando falava em justificação pela fé somente. Eles diziam aos gálatas que, num sentido, eles eram

cristãos, mas que, se desejavam ser cristãos verdadeiros, eles, como gentios, deviam sujeitar-se à circuncisão. O apóstolo escreve a sua Epístola para mostrar que, se alguém faz tal acréscimo à fé, "caiu da graça" e "tem outro evangelho, que não é evangelho". De fato ele lhes diz que tivera até que corrigir o apóstolo Pedro sobre essa questão. Pedro tivera claro entendimento disso, mas tinha ficado assustado e alarmado com certo gente que descera de Jerusalém, e ele começara a dissimular e a transigir. Paulo declara que teve que resistir-lhe na cara (a Pedro) em Antioquia, e o levara a ver de novo que o princípio da fé é o centro e a glória do evangelho cristão – "uma só fé".

Mas talvez a exposição mais clara dessa verdade seja a que se acha no décimo capítulo da Epístola aos Romanos. O apóstolo compara e contrasta as falsas idéias dos judeus com o verdadeiro método de salvação, e escreve: "Mas que diz? A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração; esta é a palavra da fé, que pregamos" (versículo 8). Esta expressão, "a palavra da fé", refere-se ao que ele já dissera no versículo 6: "Mas a justiça que é feita pela fé diz assim". A afirmação é acentuada pelo contraste com o que diz a Lei – "Moisés descreve a justiça que é pela lei, dizendo: o homem que fizer estas coisas viverá por elas". Depois continua: "Mas a justiça que é pela fé diz assim: Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu? ... Ou: quem descerá ao abismo? ... Mas que diz? A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração; esta é a palavra da fé que pregamos". "A palavra da fé" é a palavra da "justificação pela fé". É a palavra da justiça pela fé. É esse o sentido da expressão, "a palavra da fé". É a palavra acerca da fé, a palavra acerca da fé como o princípio justificador, a palavra da fé no sentido de que "O justo viverá da fé"(VA e Almeida, Atualizada, "O justo viverá por fé"). "A palavra da fé" é a palavra que devemos contrapor à palavra da Lei.

Devemos agora ir adiante e ampliar a definição e a descrição desta "uma só fé". É muito importante que o façamos, pois esta é a única fé, esta é "uma só" fé. De acordo com Paulo, quem quer que diga outra coisa, está errado, é inimigo da verdade. Esta é "a fé" que foi redescoberta, ou melhor, revelada de novo e restaurada na Reforma Protestante. Esta foi "a fé" pregada pelos pais protestantes; esta é "a fé" pela qual eles morreram alegremente na fogueira. A Reforma Protestante foi uma redescoberta, uma nova percepção do grande princípio de que "o justo viverá por fé". Foi esta a grande mensagem de Lutero, a justificação unicamente pela fé – "sola fide". Essa é "a palavra da fé"; não fé em geral, porém esta mensagem peculiar, específica, sobre o método da justificação. Esta é a "uma só fé".

Torno a dar ênfase a isto, pois, se não temos esta fé e não nos apegamos a esta fé, não somos cristãos. Não hesito em dizer isso. Repito que não estamos tratando de um compêndio da fé, ou de uma minuciosa lista de pontos. Não estou afirmando que, se você não subscrever cada detalhe desse tipo de confissão de fé, você não é cristão. Essa é a maneira de produzir divisões. Estou interessado somente na "uma só fé", que é o que importa. Essa é a mensagem concernente à maneira pela qual Deus salva os homens. É concernente à justiça que vem de Deus. Não é algo feito pelos homens, e sim o que Deus fez. Esta é a mensagem; e isto é cristianismo. O apóstolo afirma isso com várias expressões. Escreve sobre "Deus justificando aquele que crê em Jesus". No quarto capítulo da Epístola aos Romanos ele faz uma das mais espantosas afirmações por ele feitas: "Mas aquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça" (versículo 5). O fato de que "Deus justifica o ímpio" prova, sem sombra de dúvida, que se trata de um ato de Deus. Este é o meio pelo qual Deus faz qualquer de nós justo e aceitável aos Seus santos olhos. É o meio pelo qual nos tornamos retos para com Deus e reconciliados com Deus, e ficamos sabendo que Deus é o nosso Pai. Somente Deus faz isso, e o faz em Cristo. Ele nos declara justos, Ele proclama que somos justos. É essencialmente um anúncio, uma proclamação, uma declaração feita por Deus a nosso respeito.

A analogia freqüentemente usada é esta: um prisioneiro no banco dos réus, e o juiz sentado à mesa do tribunal. Há o conselho de denúncia, a lei de Deus, apoiada pela própria consciência do homem. O prisioneiro não guardou a lei, mas pecou contra ela . Essa é a comunicação, a causa contra ele; e o prisioneiro não tem resposta. Todavia, em vista de uma exposição feita por um benfeitor, o juiz faz uma proclamação e um anúncio; ele declara que considera o criminoso, o réu, livre da acusação que fora proferida contra ele. Ele o proclama justo aos seus olhos, afirma que não tem nada contra ele e o absolve da culpa e da vergonha. Ele diz: declaro você justo, e o considero como se você nunca tivesse sido culpado.

A justificação é uma ação de Deus, uma ação legal, uma ação forense. Absolutamente independente de nós, Deus faz um pronunciamento concernente a pecadores, dizendo que Ele considera aquela pessoa ímpia em particular como sendo agora justa. Deus a declara justa e livre de todo pecado. A justificação significa que Deus declara o homem justo aos Seus olhos.

No entanto, como Deus faz isso? Façamos de fato a pergunta que Paulo faz em Romanos, capítulo 3, versículos 25 e 26: como Deus pode fazer isso? Pois Deus é santo, justo, reto e puro. Deus não pode

fingir nem disfarçar; Deus não pode dizer uma coisa um dia e desdizê-la no dia seguinte. Ele é o "Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sobra de variação" (Tiago 1:17). Ora, Deus disse, desde o início da criação, que, se o homem pecasse, seria punido e expulso da Sua presença. Ele repetiu isso e o deixou mais claro quando deu a Lei por meio de Moisés. Ele disse que mantinha o homem responsável. Deus deixou claro que, por causa do Seu caráter, do Seu ser, da Sua santidade, da Sua retidão, justiça e eqüidade, o pecado tem que ser punido. Portanto, como é que Deus pode justificar o ímpio, como é que Ele pode fazer esse pronunciamento com relação a algum pecador? A grande resposta é dada numa passagem maravilhosa da Epístola aos Romanos, capítulo 3, versículos 21 a 31. Deus "propôs Cristo para propiciação pelos nossos pecados". Quer dizer que Deus tomou os nossos pecados e os colocou sobre Cristo, e os puniu. Tratou deles em Seu próprio Filho na cruz do Monte Calvário. Essa é a doutrina: "Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no seu sangue". Este é o coração do cristianismo; de fato, não há cristianismo sem isto. Esta é "a fé" que todos nós devemos ter e crer, a saber, que "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não lhes imputando os seus pecados"; que Deus "fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos", e que "o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus". Em 2 Coríntios, capítulo 5, Paulo nos diz: "Somos embaixadores da parte de Cristo, como se Cristo por nós rogasse. Rogamos-vos, pois, da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus". Esse é o método de reconciliação, essa é a mensagem de reconciliação que nos foi transmitida.

O próprio coração da mensagem cristã é que Deus tomou os nossos pecados e os imputou a Jesus Cristo – "não os imputando a nós", afirma Paulo, porque os imputou a Ele. "Imputar" significa considerá-los, colocá-los na conta de alguém. É como se um homem rico fosse a uma loja ou armazém e dissesse: "Quero que mande as seguintes mercadorias a tal endereço, mas não lhes mande a conta; ponha na minha conta; impute isso a mim". Deus tomou os nossos pecados e os imputou a Cristo, colocou-os na Sua conta e os puniu nEle. "Ele o fez pecado por nós" – em nosso lugar. Deus feriu o Seu próprio Filho por causa dos nossos pecados. Cristo sofreu o nosso castigo. O apóstolo Pedro escreve: "Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas pisaduras fostes sarados"(1 Pedro 2:24).

Mas Deus fez também algo mais; Ele pôs a justiça de Cristo em nossa conta. O Senhor Jesus Cristo nunca pecou; Ele obedeceu a Lei de Deus em todos os pormenores. O Pai ficou satisfeito com Ele; Ele

tinha feito tudo o que o Pai O enviara para fazer. Ele foi descrito pelo arcanjo Gabriel a Maria como "o Santo" (VA: "a coisa santa") (Lucas 1:35). Ele nasceu cheio de retidão, guardou perfeitamente a Lei e agradou a Deus em tudo, prestando uma obediência perfeita. O que Deus faz é tomar a justiça de Cristo e pô-la em nossa conta. Há, por assim dizer, uma grande transação, uma grande transferência no livro-razão do céu. A nossa injustiça foi posta sobre Ele; a justiça dEle é posta sobre nós. E assim Deus, tendo tirado de nós os nossos pecados, e tendo posto sobre nós a justiça de Cristo, declara-nos justos. Esta é a gloriosa verdade que capacitou o conde Zinzendorf a escrever o grande hino que João Wesley traduziu com tanta nobreza:

Jesus, Teu manto de justiça
É minha veste, é minha glória;
Em meio a mundos flamejantes
Feliz a fronte eu erguerei.

No grande dia estarei de pé;
Quem minha culpa levará?
Graças a Ti, absolvido fui
Do vil pecado, medo e culpa.

Jesus, a Ti louvor eterno!
Misericórdia tens por mim;
Plena expiação por mim fizeste,
Pagaste eterna remissão.

A palavra da fé que pregamos é que a nossa salvação é, toda ela, ação de Deus por meio deste único Senhor Jesus Cristo. É por isso que "uma só fé" segue-se a "um só Senhor". O "um só Senhor" foi enviado pelo Pai. Ele tomou sobre Si a natureza humana, viveu uma vida perfeita na terra, e então "Deus lançou sobre ele a iniqüidade de todos nós" e transfere para nós a Sua justiça. Esta nos vem pela fé, pela "uma fé", a única fé. Não contribuímos com nada para tudo isso. Os nossos feitos, as nossa ações não desempenham parte alguma, a nossa bondade não entra, pois não é bondade aos olhos de Deus, é apenas como "esterco" e refugo aos olhos de Deus. A nossa busca não ajuda, a nossa capacidade não ajuda, nada em nós ajuda, em absoluto. É tudo de Deus, é tudo de graça, é tudo feito por Deus, do princípio ao fim.

A justiça é posta sobre nós. Estávamos em andrajos, por assim dizer, como condenados no banco dos réus; mas Deus enviou Cristo, pelo Espírito, para tirar-nos os trapos e vestir-nos com o manto da

perfeita justiça de Cristo. Deus agora olha para nós e vê, não os nossos pecados, porém a justiça de Cristo. Ele nos vê "em Cristo". O nosso nascimento natural não faz nenhuma diferença, a nossa nacionalidade não entra nisso. O grau do arrependimento que experimentamos não importa, nem o volume da emoção que o acompanha. Se fizermos do nosso arrependimento um ato meritório, estaremos negando a fé. O que somos, ou o que fizemos ou não fizemos, não conta; nada em nós conta; a nossa justiça está toda em Cristo, e pela fé, somente pela fé. O apóstolo já nos dissera no capítulo 2, versículo 8, que a salvação não vem de nós: "Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus". Esta justiça de Cristo nos é dada, e passa a ser nossa, mediante a instrumentalidade da fé, que também é dom de Deus.

Dessa maneira fica mais claro que o apóstolo menciona "uma só fé". Neste ponto em particular ele está interessado no princípio essencial da unidade, e isto nos ajuda a ver esta unidade. Este é o único meio de salvação. Na verdade diz o apóstolo que este sempre foi o único meio de salvação. No quarto capítulo da sua Epístola aos Romanos, Paulo expõe este fato. Diz ele que, embora, num sentido, o que ele pregava e ensinava era novo por causa da vinda do Filho de Deus ao mundo, realmente este sempre fora o meio pelo qual Deus justifica o homem. Ele mostra como Abraão foi justificado aos olhos de Deus, e isso pela fé, não por suas obras. Ele prossegue e mostra que Davi tinha ensinado a mesma verdade, dizendo: "Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa maldade" (Salmo 32:2). A imputação foi também o método de Deus na antiga dispensação. Pela mesma razão Paulo diz no terceiro capítulo da Epístola aos Gálatas que Abraão é o pai de todos nós, o pai de todos os que confiam na fé, o pai de todos os cristãos. Como cristãos, somos filhos de Abraão porque somos filhos da fé. O décimo primeiro capítulo da Epístola aos Hebreus ensina que isto vai mais longe, no passado, chegando A Abel, Enoque e Noé. Sempre foi este o método de Deus. É errado pensar que havia um meio de salvação no Velho Testamento, e agora outro, no Novo. Não! Deus sempre justificou os homens pela fé. Abraão foi declarado justo por Deus, mediante a fé. É "uma só fé"; esta foi sempre a única fé.

Uma vez mais, devemos dar ênfase igualmente ao meio de salvação para judeus e gentios. Nenhuma outra coisa importa, senão a fé. Não importa se somos bárbaros, citas, homens ou mulheres, escravos ou livres. Todos viemos pelo mesmo caminho, e este é sempre o caminho da fé. Somos todos culpados perante Deus: "Não há um justo, nem um sequer", "todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus". Somos

todos culpados e estamos sob a condenação da mesma lei de Deus. Devemos esquecer judeu e gentio e todas as outras distinções. Há somente um caminho da salvação, o caminho da fé, pela qual a justiça de Cristo nos é imputada depois de serem imputados a Ele e punidos nEle os nossos pecados. Se havermos de ser cristãos, temos que tornar-nos cristãos do mesmo modo. Se você foi "bom" ou "mal" em sua vida passada, não importa. Se você foi criado num lar religioso e sempre foi à igreja, ou se a sua criação e a sua vida passada foi ímpia, é igualmente irrelevante. Somos todos um, e há tanta esperança de salvação no segundo caso como no primeiro. Não há meio de salvação, exceto mediante "uma só fé", a fé que recebe esta justiça perfeita de Deus por intermédio de Jesus Cristo, e Este crucificado. Tudo está em Cristo, não há nada em nós. Não deve haver discussão nenhuma sobre isso. É isto que nos faz todos um. Vejam, diz o apóstolo, que não quebrem a unidade, vejam que a preservem, "procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz".

Há, infelizmente, muitas maneiras pelas quais podemos romper a unidade com relação a esta fé. Uma delas é introduzir algo nosso. Se introduzirmos a nossa "vida virtuosa" e as nossas "boas obras", estaremos virtualmente dizendo que somos melhores do que os outros. Seremos como o fariseu que foi ao templo orar e que deu graças a Deus porque era um homem tão bom, e muito melhor do que o publicano. Mesmo que, como cristãos, comecemos a gabar-nos do que estamos fazendo ou do que somos, estaremos desacreditando a fé e causando divisão. Qualquer jactância acerca das nossas boas obras, das nossas vidas, da nossa piedade, e até da nossa fé, é negação do princípio de fé. Se nos jactarmos do nosso entendimento e nos orgulharmos dele, e desprezarmos o homem que sabe menos, estaremos rompendo a unidade e violando o princípio de fé. Quão cuidadosos devemos ser!

Outro modo de quebrar a unidade é negar a absoluta centralidade de Cristo e Sua obra. Há pessoas que dizem que são salvas, que crêem que os seus pecados estão perdoados, mas quando lhes perguntam sobre quais fundamentos elas sabem que os seus pecados estão perdoados, dizem que crêem, que Deus é um Deus de amor, que não mandará para o inferno o homem que pede perdão. Nem mencionam o nome de Jesus Cristo; atribuem tudo unicamente ao amor de Deus, como se Cristo nunca tivesse existido, como se o único Senhor nunca tivesse vindo da glória para o mundo, e nunca tivesse ido para a cruz e derramado o Seu precioso sangue pelos nossos pecados. Elas acreditam que obtêm perdão independentemente de Cristo. Mas essa não é a "uma só fé", e essas pessoas não estão em Cristo. Obviamente

estão causando divisão.

Um terceiro modo de quebrar a unidade, igualmente perigoso, é o de acrescentar algo a esta "uma só fé". Isto produziu a heresia daqueles gálatas que diziam: "fé mais circuncisão". Se acrescentais a circuncisão, é o que Paulo diz, "da graça tendes caído" (Gálatas 5:4), negastes a fé. Não se deve acrescentar nada a esta fé. Esta é a heresia fatal do catolicismo romano, denunciada pelo ensino da Reforma Protestante. A igreja católica romana obscureceu o princípio da "uma só fé". Os seus mestres estiveram acrescentando à fé muitas coisas, como a igreja e a idéia de transmissão mecânica da graça por meio dos sacramentos. Ensinavam que o batismo nos torna cristãos, que, como resultado de uma oração feita por um sacerdote, a água contém graça, e que recebemos o corpo físico de Cristo ao recebermos a hóstia naquilo que eles denominavam missa. Acrescentaram também a adoração e a mediação da virgem Maria, as obras de superrogação dos santos, e muitas outras coisas. Com esses acréscimos eles negavam a "uma só fé", e, assim, causaram divisão e cisma. Não foi Lutero que dividiu a Igreja; os erros do catolicismo romano é que foram responsáveis por isso.

Temos que ser cuidadosos para não cairmos nessa heresia sutil. Todo aquele que ensinar que há alguma outra coisa essencial para a salvação, seja lá o que for, estará negando esta "uma só fé" e estará dividindo a Igreja. A "uma só fé" é a fé justificadora. Isso, e somente isso, é essencial. Há muitos outros ensinos que podem ou não ser verdadeiros. Estamos divididos em nossos conceitos sobre profecia, em nossas idéias concernentes ao batismo, e sobre muitas outras coisas. Graças a Deus, essas idéias não determinam a nossa salvação. O único e exclusivo meio de salvação é que eu venho a Deus e digo de coração: "Nada trago nas mãos, só me apego à Tua cruz" – e

Assim como estou, sem nada pleitear,
senão que morreste por mim
É que me chamaste a vir a Ti,
Cordeiro de Deus, eis-me! *

Isso é fé justificadora! Você sabe que não pode apoiar-se em nada que haja em você; que toda a sua justiça não passa de "trapo da imundícia" (Isaías 64:6), que se pudesse viver outros mil anos e jejuar, suar e orar, não estaria mais perto da salvação do que está neste momento, que não há nada em você que conte, que tudo está em Cristo,

* Cf. *Salmos e Hinos,* 318. Nota do tradutor.

mediante o Espírito Santo, e que só nisso você põe a sua confiança. Se você crê nisso, você é cristão. Se não crê, não é. Nenhuma outra coisa é essencial; esta é a "uma só fé". Não quero dizer que não há outras matérias muito importantes e que não precisamos instruir-nos sobre elas, mas sim, que elas não são essenciais para a salvação. Esta é a única e exclusiva coisa que é um essencial absoluto; e, portanto, é a única e exclusiva fé.

Você tem isso? Não estou fazendo uma pergunta teórica. Você compreendeu que esta é a única coisa que nos faz um em Cristo? Você está se apoiando em seus antecedentes? Você está pondo, na mínima extensão que seja, a sua confiança no fato de que os seus pais podem ter sido cristãos, e que você foi sempre educado num lar piedoso e numa atmosfera piedosa, que você sempre freqüentou igreja, que você sempre acreditou em Deus, que você não cometeu adultério ou assassínio ou quaisquer pecados grosseiros ou perversos, que você sempre procura fazer o bem e fazer doações às boas causas? Você está confiando numa dessas coisas? Se a sua resposta for positiva, você está fora da "uma só fé", e está fora de Cristo. A mensagem do evangelho, a mensagem da salvação é sobre "a justiça de Deus pela fé", "de fé em fé", "O justo viverá pela fé", ou, "O justo pela fé viverá". A "uma só fé" é a fé que pronta, alegre e sinceramente reconhece esta verdade, dá graças a Deus por ela, regozija-se nela, é a fé que, com o apóstolo Paulo, diz: "Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (Gálatas 6:14). Conceda-nos Deus que todos nós tenhamos a "uma só fé" e que nesta fé descansemos, nela nos alegremos, para a glória de Deus o Pai, do único Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, e do bendito Espírito Santo.

10

UM SÓ BATISMO

"*Um só Senhor, uma só fé, um só batismo.*" Efésios 4:5

Chegamos agora à terceira afirmação deste segundo grupo de afirmações centralizadas no nosso Senhor – "um só batismo". É evidente que, ao estabelecer estes pontos, o apóstolo não o faz de maneira casual ou acidental. Ele não está apenas fazendo uma série de afirmações ao acaso, e muito menos se repetindo. Está realmente acrescentando algo à mensagem, está desenvolvendo o significado dela. É óbvio que ele selecionou as questões particulares por meio das quais poderia provar conclusivamente aos efésios a natureza da unidade da Igreja, a inevitabilidade dessa unidade e, portanto, a importância do seu esforço para a manterem. Já vimos que há diferença de ênfase nas expressões "um só Senhor" e "uma só fé". É a própria Pessoa de Cristo que recebe ênfase em "um só Senhor", ao passo que "uma só fé" dá ênfase à fé concernente em particular à justificação, o meio pelo qual Deus torna o Seu povo justo e o declara justo.

A própria menção desta expressão, "um só batismo", indubitavelmente levanta uma dúvida na mente de muitos, quanto a como este "um só batismo" promove unidade, porque é um fato notório que toda a questão do batismo levou muitas vezes à discussão, à divisão e à separação. E, todavia, o apóstolo inclui "um só batismo" com o fim de mostrar a inevitabilidade da unidade entre os crentes verdadeiros. Daí, seja qual for a nossa interpretação da expressão, "um só batismo", terá que mostrar a inevitabilidade da unidade; terá que ser algo que os efésios poderiam usar como um argumento para se persuadirem de continuar a guardar "a unidade do Espírito pelo vínculo da paz". Assim, não estamos discutindo meramente o batismo em geral; precisamos discutir este "um só batismo" de tal modo que ilustre claramente, mais que nunca, a unidade particular que prevalece nos membros do corpo de Cristo.

Contudo, devemos começar com certo número de elementos negativos, porque alguns têm dito que isto é muito simples e que aqui não há absolutamente nenhum problema. Através dos séculos houve

aqueles que ensinavam que este "um só batismo" obviamente se refere ao que eles gostavam de chamar "regeneração batismal". O batismo, ensinam eles, é o instrumento da regeneração, de modo que quando alguém é batizado ele recebe, por esse ato, nova vida e é regenerado. Assim, em sua cerimônia ou ministração de batismo eles dizem daquele que batizaram: "Agora esta criança é regenerada". Querem dizer que a criança foi regenerada por aquilo que lhe fizeram. Este ensino prevalece em vários segmentos da Igreja; não se limita aos católicos romanos. Esta escola de interpretação considera a declaração completa do apóstolo como significando um Senhor, uma fé nesse Senhor, e uma regeneração ou incorporação nesse Senhor por meio de, pela instrumentalidade do, batismo. Os católicos romanos consideram o batismo como algo que age "ex opere operato", isto é, que opera por si e de si. Como resultado da oração do sacerdote, a água passa a conter graça, graça regeneradora, e, portanto, a criança nasce de novo. Outros que não vão tão longe assim acreditam que, de um modo ou outro, o ato do batismo torna regenerada a pessoa que é batizada.

Há outros que explicam essa expressão em termos do modo do batismo. Lembro-me de haver lido um sermão de um homem que, referindo-se a esta frase, "um só batismo", despachou-a com a lacônica observação: "Naturalmente isto significa batismo de adultos por imersão na água". Nada mais havia para ser dito. Para ele não havia problema nenhum. Nunca lhe ocorreu que interpretá-la desse jeito obviamente tem causado divisão na Igreja e, portanto, não era, mais do que as outras interpretações que mencionei, uma ilustração da unidade. Não podemos, pois, aceitar a idéia de que é apenas uma referência ao modo do batismo, pois isso não mostra a inevitabilidade deste princípio de unidade.

Uma terceira interpretação fala de "um só batismo" como uma referência ao rito do batismo, e nada mais. Eles não crêem na regeneração batismal; não ensinam que algum modo particular é essencial. Alegam que há o rito do batismo e, assim, o apóstolo estava simplesmente se referindo ao fato de que, quando as pessoas se tornavam cristãs, eram batizadas, e que essa era a sua iniciação no corpo visível da Igreja. Como veremos, há algo que se pode dizer em favor desta terceira idéia, mas temos que ser cuidadosos, porque sempre há o perigo de fazer do batismo algo essencial para a salvação. Mesmo que rejeitemos a doutrina da regeneração batismal, que evidentemente não é ensinada em parte alguma das Escrituras, porém foi introduzida para estabelecer o poder do sacerdócio e da igreja, há o perigo de fazermos do próprio rito um elemento essencial. Certamente não devemos fazer isso nunca. Não devemos dizer que o

batismo, em qualquer forma ou modo, é vital e essencial para a salvação, e que um homem não pode ser salvo, a não ser que seja batizado. Isto pela boa e suficiente razão que tem havido excelentes cristãos entre os quacres, particularmente os quacres primitivos, e entre os membros do Exército de Salvação hoje, e outros. Tome-se o caso do ladrão moribundo na cruz, ao lado do nosso Senhor. Seguramente ninguém duvida da sua salvação, da sua conversão, da sua regeneração; todavia, ele não foi batizado. Tem havido outros que chegaram a ver a verdade em seus leitos de morte e nunca foram batizados. O batismo não é essencial para a salvação; assim é que não pode ser que o apóstolo estivesse dando ênfase ao rito em si.

Parece claro, portanto, que devemos rejeitar essas três sugestões. No lugar delas eu sustento que o apóstolo está se referindo àquilo que o batismo representa e significa. Era, como sabemos, costume na infante Igreja Cristã, como devia ser ainda, batizar todos os que se tornavam crentes. Temos exemplos disto no livro de Atos dos Apóstolos. Vejam, por exemplo, o que aconteceu no dia de Pentecoste. Quando certas pessoas clamaram e disseram a Pedro: "que faremos, varões irmãos?" A resposta de Pedro foi: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo". Mais tarde se nos diz que o carcereiro de Filipos "creu e logo foi batizado, ele e todos os seus". Isso era feito em obediência a uma ordem do Senhor. O Batismo e a Ceia do Senhor deviam ser observados; estas são as duas, e as únicas duas ordenanças que reconhecemos, porque são as únicas duas ensinadas nas Escrituras. No entanto, é muito importante compreender que estas são simplesmente representações externas de uma graça interna, invisível e espiritual. O significado é o elemento vital.

Portanto, estou preparado para argumentar que o único sentido concebível que esta expressão pode ter deve estar na esfera dessa representação espiritual que é significada pelo rito externo do batismo, seja qual for a forma ou maneira ou modo que você escolha ou empregue. Não é o modo do batismo que importa, é a realidade significada. É assim porque somente esta interpretação é coerente com o princípio da unidade acerca da qual o apóstolo está escrevendo e está interessado em salientar. Quero mostrar que no batismo, seja que você batize uma criança ou um adulto, quer o faça por imersão quer por aspersão, esta unidade é possível – quer dizer, se a pessoa batizada se torna cristã. Estamos rejeitando completamente a opinião de que batizar uma criança faz dela uma cristã; e igualmente esse batismo não faz de um adulto um cristão. O ato do batismo não efetua nada por si

mesmo; mas ele representa e significa algo, e é isto que exibe o elemento de unidade.

A primeira coisa a ser acentuada é que o batismo é em um nome somente, em nome do Senhor Jesus Cristo. Estou ciente de que no fim do Evangelho Segundo Mateus nos é dito: "batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (28:19). Isso, porém, não precisa causar nenhuma confusão, porque primariamente o batismo é em nome do Senhor Jesus Cristo e, por meio dEle, em nome do Espírito e do Pai. Permitam-me demonstrar esta verdade. O que o apóstolo diz no capítulo primeiro da sua Primeira Epístola aos Coríntios nos oferece um excelente comentário desta matéria, pois ali o apóstolo se ocupa justamente desta questão de divisão, desunião e cisma na Igreja. Diz ele: "A respeito de vós, irmãos meus, me foi comunicado pelos da família de Cloe que há contendas entre vós. Quero dizer com isto, que cada um de vós diz: Eu sou de Paulo, e eu de Apolo, e eu de Cefas, e eu de Cristo". Depois Paulo pergunta: "Está Cristo dividido? Foi Paulo crucificado por vós? Ou fostes vós batizados em nome de Paulo?" Evidentemente ele lhes está lembrando que eles foram batizados em nome de Cristo. E continua dizendo: "Dou graças a Deus, porque a nenhum de vós batizei, senão a Crispo e a Gaio. Para que ninguém diga que foi batizado em meu nome. E batizei também a família de Estéfanas; além destes, não sei se batizei algum outro". Notem com que cuidado ele coloca esta questão do rito do batismo em seu lugar certo e na perspectiva certa. Mas a frase significante é a pergunta: "Está Cristo dividido? Foi Paulo crucificado por vós? Ou fostes vós batizados em nome de Paulo?" Claro que não. Eles não foram batizados em nome de Paulo ou de Apolo ou de Cefas; cada um deles foi batizado em nome do Senhor Jesus Cristo. Um Senhor, uma fé nesse Senhor, a fé justificadora, e um batismo no mesmo nome.

Mas vejamos alguns outros exemplos. Já citei a exortação de Pedro no dia de Pentecoste, como está registrada em Atos 2:38, onde ele diz: "Cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo". De novo, em Atos 19:5, lemos: "E os que ouviram foram batizados em nome do Senhor Jesus". Antes eles só tinham conhecido o batismo de João Batista; agora são "batizados em nome do Senhor Jesus". O nome dEle é o único nome, e o único batismo é em Seu nome. A tragédia é que tantas vezes na Igreja aquilo que é mais importante tem sido esquecido, e os homens têm argumentado, debatido e discutido, e, infelizmente, têm até brigado sobre o modo e o método do batismo e, com isso, têm produzido divisão. Se tão-somente se lembrassem do único nome, teriam dado ênfase ao princípio da unidade.

Passamos agora àquilo que este batismo em nome de Cristo representa realmente. Para alguns a resposta parece simples e óbvia, e eles levianamente replicam que ele representa o lavar dos meus pecados, o perdão dos meus pecados, devido ao fato de que sou justificado. Naturalmente isto é verdade, mas se você parar nesse ponto, estará perdendo a coisa mais importante em relação ao batismo. É certo que o batismo representa o lavar dos pecados, todavia, havendo feito isso, vai adiante, para algo infinitamente mais importante. É bom notar que a expressão utilizada é "batizado em" ou "batizado para". Isto nos dá a chave para um verdadeiro entendimento deste "um só batismo". Significa "em referência a Cristo", ou "para o domínio de Cristo", ou "para a esfera de influência exercida por Cristo".

Há uma interessante declaração, de novo na Primeira Epístola aos Coríntios, que realmente lança muita luz sobre isto. O apóstolo está escrevendo àqueles coríntios que estavam prontos a dividir, e emprega esta expressão espantosa: "Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, e todos passaram pelo mar. E todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar" (10:1-2). É uma declaração a respeito dos filhos de Israel. Deus tinha enviado Moisés para livrá-los do cativeiro do Egito. Eles partiram em sua jornada, mas Faraó e os seus exércitos os perseguiram. Chegaram ao Mar Vermelho, e Deus operou o milagre de dividir as águas do mar, e os filhos de Israel, guiados por Moisés, passaram pisando terra seca. Ao tentarem segui-los, os egípcios se afogaram. É com referência àquele acontecimento que o apóstolo afirma que os filhos de Israel foram "batizados em (ou "para") Moisés". Essa afirmação só pode ter um sentido. Eles foram batizados para a liderança, para a esfera de influência de Moisés. Eles se tornaram identificados com Moisés e com tudo pelo que ele lutava, e com a causa representada por Moisés. Noutras palavras, eles foram separados dos egípcios entre os quais tinham vivido, e agora eram o povo redimido de Deus, o povo salvo, o povo protegido e identificado com Moisés, a quem Deus enviara para libertá-los. Agora havia uma divisão entre eles e todos os que pertenciam ao domínio de Faraó.

Esta é uma descrição daquilo que é próprio de todos os que estão em Cristo. Portanto, o batismo representa e significa a nossa introdução na esfera e sob a influência do Senhor Jesus Cristo. Significa que anteriormente nós pertencíamos ao mundo, pertencíamos ao domínio do mundo; mas no momento em que nos tornamos cristãos, saímos do domínio do mundo para o domínio de Cristo, e o batismo significa isso. Escrevendo aos colossenses, Paulo diz que Deus "nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor" (1:13).

Fomos tirados do mundo e postos no reino de Deus, no reino de Cristo. Estamos num novo domínio, numa nova esfera, estamos sob uma influência inteiramente nova. Não somente isso; quando somos batizados estamos confessando Cristo, estamos anunciando que nos sujeitamos a Ele, que Ele Se tornou o nosso Mestre e Senhor. Aqueles filhos de Israel poderiam ter ficado no Egito, se quisessem. Mas tinham ouvido a Moisés e o seguiram, arriscando suas vidas com ele e adentrando o Mar Vermelho. Tinham se sujeitado inteiramente à liderança de Moisés, tinham-se rendido a ele. Ele era o seu líder, o seu mestre, o seu Senhor. Figuradamente, foram batizados no Mar Vermelho para Moisés.

Assim, o batismo representa e significa que eu e vocês, que somos cristãos, não pertencemos mais ao mundo, ao seu reino e aos seus interesses; mas, sim, que agora pertencemos ao Senhor Jesus Cristo. Ele é para nós o único Senhor, o único que reconhecemos como Mestre e Senhor. Compreendemos que estamos por completo numa nova esfera e num novo reino; deixamos o mundo e O seguimos. É isso que o batismo representa. Pensem de novo nos ouvintes de Pedro no dia de Pentecoste. Havia judeus e prosélitos, e outros; eles estavam ouvindo o sermão de um homem cheio do Espírito Santo. Enxergaram e creram a verdade, e deram o momentoso passo de batizar-se em nome de Jesus Cristo. Sabiam que isso poderia muito bem levá-los a sofrer perseguições, que as suas famílias poderiam odiá-los, e talvez votá-los ao ostracismo porque criam neste Jesus, neste Nazareno, que tinham sido crucificado como criminoso. Mas, tendo enxergado a verdade, identificaram-se com Ele, submeteram-se ao batismo e, ao serem batizados, identificaram-se com Cristo e Sua causa. Estavam declarando que Jesus de Nazaré é o Senhor, que no reino espiritual César não é o Senhor, porém Jesus é o Senhor, e não há outro, que Ele é o Messias, o Libertador há tanto tempo esperado.

Todos nós que dizemos que estamos "em Cristo" estamos proclamando que abandonamos tudo mais, que unicamente Ele é o nosso Mestre e Senhor, que doravante vamos segui-lO. Ele mesmo disse: "Se alguém quiser ser meu discípulo, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me" (cf. Mateus 16:24). O batismo representa e significa que fizemos isso. A importância disto, com relação à unidade, é óbvia. Antes éramos indivíduos, cada homem exercendo a sua própria vontade e cada qual seguindo o seu caminho; cada homem centralizado em si mesmo e egoísta. Ao nos submetermos ao batismo, negamo-nos a nós mesmos, tomamos a cruz e seguimos a Cristo. É óbvio que quando o fazemos sinceramente, não pode haver

divisão, só terá que haver unidade. Visto que todos nós desistimos de nós mesmos, negamo-nos a nós mesmos e estamos olhando e seguindo o único Senhor. Como os filhos de Israel não decidiram sobre a travessia do Mar Vermelho, mas atenderam ao chamado de Moisés e o seguiram, assim nós não somos mais guiados pelas nossas vontades, e sim O seguimos; e, daí, somos todos um. O único batismo leva inevitavelmente à unidade.

No entanto, esta verdade maravilhosa ainda não se finda nisso. Há algo mais profundo, a saber, aquilo que vemos no sexto capítulo da Epístola aos Romanos. "Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida" (versículos 3 e 4). Esta declaração faz parte da seção de doutrina que começa no versículo 12 do capítulo cinco da Epístola aos Romanos, onde o apóstolo está mostrando aos crentes, pessoas cristãs, que como outrora eles estavam "em Adão", e ligados a ele, agora estão "em Cristo" e ligados a Cristo, e são uma parte de Cristo.

Pois bem, este é o argumento: Adão foi o primeiro homem. Nele estava junta toda a humanidade, e ele era a totalidade da raça humana. Não somente isso, Deus o fizera chefe e representante de toda a raça humana. Deus falou com ele nessa qualidade, e lhe destinou e fez com ele uma aliança. Deus lhe disse que, se ele pecasse, seria punido com a expulsão do Jardim, e sofreria a morte. Adão desobedeceu e, como a argumentação do apóstolo mostra no restante do capítulo, as conseqüências do pecado de Adão caíram sobre toda a sua posteridade. Todos nós pecamos em Adão, porque todos estávamos "em Adão"; todos estávamos, por assim dizer, nos lombos de Adão. Toda a humanidade vem de Adão; assim, o que ele fez, todos nós fizemos. Isso por causa da raça humana. Adão foi o nosso chefe federal e o nosso representante, de modo que o que ele fez, ele o fez por nós; e somos responsáveis por isso, e as conseqüências vêm sobre nós. "Em Adão todos morremos."

A seguir o apóstolo passa a desenvolver e elaborar o seu argumento, e a mostrar que "como em Adão todos morrem, assim em Cristo todos serão vivificados" (1 Cor. 15:22). Ele deixa isso ainda mais claro no capítulo 6 tratando da pergunta que alguns poderiam fazer: "Permanecemos no pecado, para que a graça abunde?" O apóstolo responde: "De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?" (Romanos 6:1-2). Mas se lhe

perguntassem: "Está morto para o pecado?" – certamente que está, replicaria Paulo. Como é que estou morto para o pecado? Você está morto para o pecado neste sentido, que você morreu para ele com o Senhor Jesus Cristo, a quem você agora está ligado, como anteriormente estava ligado a Adão. Você está agora em Cristo, como outrora estava em Adão; e o que Cristo fez, você fez. Podemos afirmar esta verdade da seguinte maneira também: na Primeira Epístola aos Coríntios o apóstolo diz: "Pois todos nós fomos batizados em um só espírito formando um corpo, quer judeus, quer gregos" (12:13). Não sou tão-somente um crente em Cristo, não só tenho aquela fé justificadora que me assegura que os meus pecados estão perdoados porque Deus os puniu em Cristo e imputa a Sua justiça a mim, mas eu estou "em Cristo", fui batizado pelo Espírito Santo no corpo de Cristo, que é a Igreja. Cada cristão – "todos nós" – foi incorporado em Cristo, foi ligado a Cristo e é membro do Seu corpo, a Igreja. Como estávamos "em Adão", assim estamos "em Cristo". Examinemos algumas das conseqüências disto, e vejamos a sua particular importância quanto a essa questão de unidade.

Tudo que aconteceu a Cristo, diz o apóstolo, aconteceu conosco. Ele foi crucificado; e fomos crucificados com Ele. "Fui crucificado com Cristo", diz Paulo aos Gálatas; e, como vimos em Romanos 6:3, "Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte?" Quando Adão pecou, nós pecamos. Quando Cristo morreu, nós morremos. Nós morremos com Ele. Fomos sepultados com Ele, o que significa que estamos "mortos para o pecado". "Nós, que estamos *mortos* para o pecado, como viveremos ainda nele?" O apóstolo passa a explicar que "aquele que está morto está justificado do pecado" (Romanos 6:7). Diz ele: "Sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dos mortos, já não morre; a morte não terá mais domínio sobre ele". Quanto a nós isto significa que estamos mortos para o reino do pecado, estamos mortos para toda a autoridade do pecado, estamos mortos para "o mundo". Diz ainda o apóstolo aos gálatas: "Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (6:14). Sintam-no vocês ou não, se estamos em Cristo, essa é a verdade concernente a nós. Todos nós pertencemos por natureza ao mundo, ao diabo e ao pecado; mas, tendo sido crucificados com Cristo, não pertencemos mais àquela esfera. Fomos crucificados para o mundo, e o mundo foi crucificado para nós. Coloquemos o ponto desta maneira: outrora eu era um homem em Adão, mas tendo morrido com Cristo, não estou mais naquela situação. Não pertenço mais à raça de Adão; eu pertenço à nova raça que começou no Senhor

Jesus Cristo, que é "o primogênito entre muitos irmãos". "Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado" (Romanos 6:6).

Nada é mais importante que a compreensão desta verdade particular. Ela afeta o princípio de unidade da seguinte maneira: o pecado sempre leva à divisão e à discórdia. No momento em que o homem pecou e caiu, a discórdia e a desunião entraram no mundo. Vocês podem delinear a história nos primeiros capítulos de Génesis. Vocês vêem Caim chegar a matar o seu irmão. Esse é o efeito do pecado. O pecado sempre divide porque leva ao egoísmo. O homem rebelde e pecador não dobra mais os seus joelhos para Deus; ele próprio se fez um Deus. Cada qual se faz um Deus, e assim há discórdia e desunião, rivalidade e conflito. Assim é sempre o homem adâmico. E assim o mundo está dividido hoje como sempre esteve no transcurso dos séculos; e há divisões entre nações, raças, grupos e alinhamentos de nações, por causa da natureza adâmica que está no homem. Mas quando um homem está "em Cristo", está ligado a Ele; morreu com Ele; o velho homem está morto; ele é um novo homem. E posto que essa é a verdade a respeito de todos os que estão em Cristo, não deveria haver nenhuma divisão, nenhum conflito, nenhuma separação.

"Um só Senhor, uma só fé, um só batismo." Não somos mais criaturas adâmicas. Não devemos estar mais exercendo as nossas vontades separadas, e não deve haver mais divisão, rivalidade, ciúme, inveja. Não devemos começar a dizer: "Eu sou de Paulo, eu sou de Apolo, eu sou de Cefas". Não devemos gabar-nos de nomes; há somente um nome – "um só Senhor, uma só fé, um só batismo". Estamos nEle, não somos mais adâmicos, somos cristãos, somos povo de Cristo. Morremos com Ele, fomos sepultados com Ele. O velho homem e os seus caminhos foram levados ao fim. Mas, graças a Deus, há também o positivo. Também "ressuscitamos com ele". Recebemos nova vida dEle, através dEle. Embora estivéssemos mortos em ofensas e pecados, fomos vivificados "juntamente com Cristo".

Assim Paulo prossegue, argumentando e exortando: "Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Romanos 6:11). Isto significa que o cristão não é tão-somente um homem que crê no Senhor Jesus Cristo e que Cristo morreu por ele em seus pecados. Ele crê nisso, e sabe que os seus pecados estão perdoados porque Cristo morreu por ele. Entretanto, ele é muito mais do que isso! Ele está "em Cristo", está ligado a Cristo, e a vida de Cristo está nele. Cristo é a Cabeça, e ele é

um membro do corpo. Cristo é a Videira, e ele é um ramo. Ele está "em Cristo", faz parte de Cristo. A vida de Cristo está nele, e é a mesma vida que está em todos os membros. Tudo isso é verdade quanto ao cristão porque ele foi batizado naquele corpo único de Cristo pelo Espírito Santo (1 Coríntios 12:13). Este é o verdadeiro significado de "um só batismo". Quando e enquanto compreendermos isto, e quando todos vivermos à luz disto, não poderá haver divisão. Cristo não está dividido, o corpo é um só; ele tem uma unidade orgânica. Não deve haver cisão no corpo, não deve haver guerra civil. Todos nós e cada um de nós estamos "nele", a Cabeça viva, e Sua vida está em nós, permeando o nosso ser, enchendo-nos com o seu poder, derramando amplamente o seu amor dentro de nós.

Vemos assim, o que o apóstolo quer dizer com este "um só batismo". Ele não está pensando em termos do rito; não é nada mágico; é esta percepção de que há somente um nome e um só Senhor, há somente uma vida, a vida do Filho de Deus, que nos redimiu, que ascendeu ao céu, em quem fomos incorporados, e cuja vida é a nossa vida. Escrevendo aos Colossenses, Paulo diz: "Quando Cristo, *que é a nossa vida,* se manifestar ...". (3:4). Ele é a nossa vida. Quando cada um de nós poder junta-se à proclamação: "Vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim", seremos todos um nesta unidade espiritual viva. O velho ego terá desaparecido e seremos um em Cristo, a Cabeça viva.

11

UM SÓ DEUS

"Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos." Efésios 4:6

Estas palavras completam a grande declaração do apóstolo iniciada no versículo 4: "Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos". É também o clímax do apelo de Paulo aos cristãos efésios para "se esforçarem para guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz". Como vimos, ele lhes dá estas sete razões para fazê-lo, e as divide em três grupos principais. As três primeiras centralizam-se no Espírito Santo (um só corpo, um só Espírito, uma só esperança da vossa vocação); as três seguintes no Filho (um só Senhor, uma só fé, um só batismo); e agora chega ao clímax – "um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos".

Nada é tão característico do modo como o apóstolo escreve às diversas igrejas como o modo como ele sempre sobe a esse clímax. Vemos outro exemplo disto no capítulo onze da Epístola aos Romanos, onde, depois de esboçar o curso da história da Igreja e de mostrar como uma cegueira temporária tinha caído sobre Israel, ele afirma o grande e seguro propósito de Deus e termina dizendo: "Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! Por que quem compreendeu o intento do Senhor? ou quem foi seu conselheiro? ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele, e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória pois a ele eternamente. Amém" (versículos 33 a 36). O apóstolo não pára no Espírito ou no Filho, como tantos cristãos são tentados a fazer; ele sempre prossegue, indo ao Pai.

Devemos lembrar-nos de que o apóstolo coloca estas verdades numa ordem experimental. Como membros da Igreja, naturalmente pensamos primeiro na obra do Espírito Santo. Mas o Espírito Santo leva-nos ao Filho, pois Ele foi enviado para glorificar o Filho. E o

principal desejo e propósito do Filho era glorificar o Pai. Isto precisa ser salientado na época atual porque há uma tendência de se deixar de lembrar isto. Há uma escola popular de teologia que dá ênfase ao aspecto cristocêntrico da salvação. Num sentido é correto fazê-lo; todavia nunca devemos parar no Filho. O apóstolo Pedro, em sua primeira Epístola. lembra-nos isto quando escreve: "Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus" (3:18).

O apóstolo está interessado em mostrar que tudo que se relaciona com a nossa salvação sugere o elemento de unidade; e em nenhuma outra parte se vê isso mais claramente do que na doutrina das Pessoas da bendita e santa Trindade. Cada Pessoa da Trindade está interessada em nós e em nossa salvação; cada Uma delas trata de um aspecto particular dessa obra, e cada Uma delas coopera com as Outras. O apóstolo está incentivando os crentes efésios a se lembrarem disto sempre. Ele não começa falando-lhes imediatamente a respeito deles mesmos; lembra-lhes, em vez disso, a grande verdade objetiva concernente à salvação deles. Esta é a chave para a maior parte dos nossos problemas. Vejo cada vez mais que a maioria das dificuldades da vida cristã deve-se ao fato de que somos demasiado subjetivos e passamos muito tempo examinando-nos a nós mesmos e tomando o nosso pulso espiritual, por assim dizer. A cura para muitas doenças e enfermidades da alma está em dar atenção à grande verdade objetiva, à glória da nossa redenção e salvação. Se tão-somente nos déssemos conta de que as três benditas Pessoas de Trindade santa estão íntima e ativamente interessadas em nós e em nossa salvação, toda a nossa situação mudaria completamente. O ensino bíblico concernente à salvação é que, antes mesmo do tempo, num eterno conselho do Pai, do Filho e do Espírito Santo, a nossa salvação foi planejada e projetada; e na plenitude do tempo ela foi posta em ação. Como membros da Igreja, ensina-nos o apóstolo, estamos em relação com o Espírito e o Filho e o Pai. E esta relação torna inevitável a questão da unidade.

Esta é também a única maneira de manter essa unidade; não o estabelecimento de uma imensa organização a fim de tentar produzi--la. O caminho para a unidade é pregar o evangelho, não estabelecer novos ofícios e organizações. A unidade resulta da compreensão e entendimento da verdade.

E agora chegamos à verdade particular concernente a "um só Deus e Pai de todos". Por alguma estranha razão, estamos constantemente em perigo de esquecer que a Igreja é, depois de tudo, "a igreja de

Deus". Existem seitas que falam sobre "a igreja de Cristo" – e há um sentido em que a Igreja é a Igreja de Cristo, porém a expressão empregada na Bíblia é "a igreja de Deus". Lemos, por exemplo, sobre "A igreja de Deus que está em Corinto".

Como será que isto nos ajuda a entender este princípio de unidade? A primeira expressão é, "um só Deus". Isto quer dizer que, como cristãos, constatamos que existe somente um Deus. O mundo pagão ao qual os cristãos efésios tinham pertencido anteriormente não cria nesta verdade. Como o apóstolo lembra aos coríntios, "sabemos (nós, cristãos) que o ídolo nada é no mundo, e que não há outro Deus, senão um só. Porque, ainda que haja também alguns que se chamem deuses, quer no céu, quer na terra (como há muitos deuses e muito senhores), todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele" (1 Coríntios 8:4-6). Aqui também, no interesse da unidade, o apóstolo está apresentando o argumento do "um só Deus". A crença numa multiplicidade de deuses sempre leva à divisão. Este adora a Júpiter, aquele a Mercúrio, outro adora ao deus Marte ou a algum outro Deus. As vilas e cidades dos pagãos estavam repletas de altares dedicados aos diversos deuses, como Paulo viu em Atenas. Isso, Paulo ensinava em toda parte, era resultado da obra do diabo; pois há unicamente "um Deus". E, uma vez que há somente um Deus, tem que haver unidade essencial entre os que crêem nEle.

O apóstolo não está só ensinando que há somente um Deus, mas também está acentuando o fato de que Deus é um só. Este é um grande mistério, porém é a essência da doutrina da Trindade. Não cremos que existem três deuses; há um só "Deus em três Pessoas, a bendita Trindade". A grande doutrina específica que os judeus tinham que preservar e proteger era esta verdade e doutrina concernente à unidade de Deus, que "Deus é um". Isto explica por que alguns dos judeus a princípio achavam difícil crer no Senhor Jesus Cristo, que Se dizia um com o Pai. Isto parecia insinuar que há dois deuses, mas não é assim. Não tentem entender isto; ninguém pode entender este mistério último. Contudo é a verdade que encontramos nas Escrituras. Deus é Um – há uma só Deidade. Todavia há três Pessoas na Deidade. Isto não implica três deuses, não triteísmo, e sim monoteísmo – três Pessoas na Deidade Eterna e Una. Evidentemente, esta verdade está na mente do apóstolo aqui. Reconhecemos o Espírito; reconhecemos o Filho; reconhecemos o Pai; não obstante, dizemos que os três são um só Deus.

As Escrituras ensinam isso do começo ao fim. Lemos que o Espírito está em nós, que Cristo está em nós, que Deus está em nós. Lemos que o Espírito fez certas coisas, lemos noutras partes que Cristo fez as

mesmas coisas, e ainda que o Pai fez as mesmas coisas. Essa é apenas uma maneira de salientar esta verdade, que os Três são Um na Deidade eterna – "Deus em três Pessoas, a bendita Trindade". É Trindade em Unidade, é Triunidade. Isso de novo reforça e acentua o princípio de unidade na Igreja. Assim como as três benditas Pessoas são um só Deus, também nós, que adoramos e pertencemos a Deus, somos igual e necessariamente um só. Portanto, devemos lembrar-nos de "guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz" examinando, crendo e admirando esta doutrina da Trindade.

Pode-se deduzir disto certas conclusões práticas. O fim e objetivo da salvação é "trazer-nos a Deus". Não seria estranho que tenhamos de estar repetindo e salientando isso? O objetivo da salvação não é levar-nos ao Senhor Jesus Cristo. O Senhor Jesus Cristo veio a este mundo e fez tudo que fez para "trazer-nos a Deus", a Deus o Pai. É por isso que oramos a Deus o Pai, e não ao Senhor Jesus Cristo. Vimos a Deus por meio do Senhor Jesus Cristo; mas a finalidade de tudo é "trazer-nos a Deus". Vemos que isto é completamente inevitável quando entendemos realmente a mensagem da Bíblia. No princípio vemos que Deus fez o homem à Sua imagem, e que o homem era submisso a Deus. Todavia o pecado e a rebelião entraram; e isso levou à Queda, cujo efeito foi separar de Deus o homem. Assim como o pecado é aquilo que nos separa de Deus, a salvação é aquilo que nos traz de volta a Deus. O grande fim e objetivo da salvação não é somente que sejamos felizes e tenhamos certas experiências e certos benefícios. Ela faz isso, é certo, mas se eu não compreender que o principal fim da minha salvação é reconciliar-me com Deus, trazer-me a Deus e habilitar-me a comparecer na presença de Deus, não a terei entendido verdadeiramente. É neste ponto que o cristianismo difere de todas as seitas e de todas as outras religiões. Elas sempre se centralizam no homem e nalgum benefício para o homem; entretanto a fé e doutrina cristã começa com Deus, e tudo leva a Deus – "um só Deus".

Sendo este o grande fim e objetivo da salvação, todos nós, que somos cristãos, devemos, portanto e evidentemente, vir juntos ao mesmo Deus; e se viermos ao mesmo Deus, não poderá haver divisões. Todos nós temos um e o mesmo objeto de culto. O apóstolo já tinha tratado disso várias vezes em porções anteriores desta Epístola. No capítulo 2, versículo 18, ele diz: "Porque por ele (Cristo) ambos (judeu e gentio) temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito". O judeu era anteriormente um adorador de Deus, enquanto que o gentio era um adorador de uma das divindades pagãs; mas agora tudo isso passou e tanto o judeu como o gentio têm "acesso ao Pai em um mesmo

Espírito" (ou "por um mesmo Espírito"). Se compreendêssemos isto, a unidade seria totalmente inevitável.

No céu se centraliza em Deus. É-nos ensinado isto claramente nos capítulos 4 e 5 do livro de Apocalipse. Os animais, os anciãos e todos os santos anjos adoram a Deus o Pai Eterno, e se inclinam diante dEle, focalizando-se nEle. Diante dEle os anjos velam seus rostos. Há perfeita harmonia no céu. Na verdade é isto que faz do céu, céu; não há desunião, não há discórdia. Tudo é em uníssono, tudo em harmonia. Deus é tudo, e todos O adoram e se prostam diante dEle. Deus é o centro. E, portanto, tudo é bem-aventurança, alegria e perfeição. No entanto, Paulo nos lembra que, mesmo aqui na terra, todos nós estamos adorando este único Deus, e quando nos apercebemos da presença de Deus, todas as distinções e cismas se desvanecerão e desaparecerão imediatamente. Na presença da glória de Deus, tudo mais empalidece, reduzindo-se à insignificância, e "nos absorvemos em encanto, amor e louvor". Um só Deus! Nós O adoramos, ao Deus único, e o fazemos todos juntos. Não há necessidade de argumentar acerca da unidade; a percepção da presença de Deus cria unidade.

Além disso, podemos e devemos lembrar-nos de que todos nós estamos indo a este único Deus, ao mesmo Deus. Estamos agora na terra e estamos juntos como membros da Igreja. A nossa salvação nos reconcilia com Deus, e nos habilita a cultuá-lO. Mas não somos estáticos; somos apenas "estrangeiros e peregrinos" neste mundo, estamos "marchando para Sião". Todos vamos encontrar e ver o mesmo Deus. "Bem-aventurado os limpos de coração, porque eles verão a Deus." Estamos indo para o mesmo lar eterno. Como o hino já citado nos lembra:

Um só o prazer de alegrar-nos
Na longe praia eternal,
Onde o uno Pai onipotente
Com *amor reina, para sempre.*

Ah, que possamos compreender que estamos todos sob os olhos de Deus, e que todos estamos indo a Deus! Há somente um Deus, e nada mais importa.

Contudo, o apóstolo não nos deixa nisso; diz ele: "Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos". É sumamente importante que notemos que a palavra *todos* não está no gênero neutro, e sim no masculino. Isto é importante porque, quando ele diz, "Um só Deus e Pai de *todos*", não quer dizer todas as coisas – a criação, o

universo, o cosmos e tudo o que ele contém – mas todas as pessoas. Não obstante, devemos apressar-nos a acrescentar que não significa cada indivíduo singular que já viveu ou ainda viverá. Há os que se dispõe a dizer que o sentido é esse, e que vêem neste versículo um argumento em prol daquilo que eles chamam "Paternidade Universal de Deus". Deus, afirmam eles, é o Pai de todos, e nós, como cristãos, não devemos restringir a paternidade de Deus unicamente a nós. Uma cuidadosa análise da declaração mostra que não pode ser esse o sentido. O apóstolo está escrevendo acerca da Igreja; não está escrevendo acerca do mundo. Está escrevendo aos que pertencem a um "corpo", aos que estão "em Cristo"; está escrevendo a cristãos aos quais exorta a se esforçarem para "guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz". Ele não está pensando no mundo em geral, porém nos que foram recolhidos do mundo e incorporados no corpo de Cristo, e que são membros do Seu corpo místico. A referência toda é unicamente ao povo cristão; o termo "todos" cobre todos os cristãos, e ninguém mais.

Não só isso, pois a última frase aí, "e em todos", basta para firmar a questão uma vez por todas. Essa frase nunca é utilizada acerca do incrédulo, do não cristão. Deus está somente "no" crente, "no" cristão. Contudo, podemos ir adiante e dar uma conclusiva prova afinal. O versículo seguinte – o versículo 7 – estabelece a nossa argumentação além de toda e qualquer dúvida, no sentido de que o apóstolo está falando acerca da Igreja – "Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo" – e ele passa a tratar da distribuição de dons e trabalhos dentro do corpo, da Igreja. Assim, desde o início ele está limitando a sua atenção à Igreja, ao povo cristão, e não está dizendo coisa alguma sobre os de fora.

Deus não é o Pai de todos os homens. A respeito de alguns homens, disse o nosso Senhor: "Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai" (João 8:44). Deus é o criador de todos, e nesse aspecto há uma espécie de paternidade geral; mas a paternidade de Deus, como exposta aqui, limita-se aos que estão em Cristo e na Igreja. Assim, enquanto que não cremos na paternidade universal de Deus e na fraternidade universal do homem, nós cremos e devemos crer na paternidade de Deus, no caso de todos os que pertencem a Cristo. O apóstolo começara nesta Epístola dizendo: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo", e toda a sua argumentação é que, mediante Cristo, Deus Se tornou nossa Pai também. O fato estupendo que devemos tentar captar é que Deus, este grande, glorioso e eterno Deus, é nosso Pai. Paulo repetira isso no capítulo 2, dizendo: "Por ele ambos temos acesso ao Pai em um mesmo Espírito" (versículo 18). Depois,

no capítulo 3, ele se refere ao "Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome" (versículos 14 e 15), e ele está apenas repetindo isso aqui. Se tão-somente víssemos e entendêssemos pelo Espírito que somos filhos de Deus, isto revolucionaria todo o nosso modo de pensar e de viver. O apóstolo Pedro, empregando uma expressão diferente, afirma que somos "participantes da natureza divina" (2 Pedro 1:4). Não significa que os tornamos deuses, mas sim, que nos foi dado um princípio de vida que vem do próprio Deus.

É isso que realmente significa ser cristão. O cristão é alguém que nasceu de novo, nasceu do Espírito, nasceu de Deus. Este princípio da vida divina e eterna foi posto nele; portanto, ele é o filho de Deus. Deus é seu Pai. Isto necessariamente introduz o princípio da unidade. Como cristão, somos todos filhos de Deus, filhos do mesmo Pai, pertencentes à mesma família. Pertencemos à família da qual Paulo nos lembrara no fim do capítulo dois, onde ele diz: "Já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus". Fomos adotados na família de Deus, e Ele enviou aos nossos corações o Espírito de Seu Filho, que clama: "Aba, Pai" (Gálatas 4:6). Quão pouco pensamos nestas coisas, e quão raramente falamos delas! Como nos preocupamos com exterioridades e com as coisas que se acham na periferia e na circunferência da nossa vida cristã! Se retornássemos a estas centralidades, se tão-somente nos déssemos conta do sentido desta particular declaração de que Deus é nosso Pai, de que pertencemos à Sua família, e de que Ele cuida de nós como Seus filhos queridos e bem-amados, toda a nossa perspectiva mudaria e a unidade se seguiria inevitavelmente, como a noite segue-se ao dia.

O apóstolo era um sábio mestre. Conhecia estes efésios, e a nós. Por isso não deixa isto como uma declaração geral; vai adiante, às particularidades, acrescentando: "O qual é sobre todos, e por todos, e em todos". Este acréscimo não é mero floreio retórico nem vão acúmulo de palavras. É o desenvolvimento do que ele já dissera em detalhe, sabendo que, se eles captassem isto, solucionaria os seus problemas e os ajudaria a guardar "a unidade do Espírito pelo vínculo da paz". Ele divide a declaração geral em três pontos particulares. Alguns interpretam isto entendendo que, obviamente, o apóstolo está se referindo de novo à doutrina da Trindade. Dizem eles que "um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos" refere-se a Deus o Pai; "por todos" refere-se a Deus o Filho; "e em todos (vós)" refere-se a Deus o Espírito Santo. Muitos grandes e cultos comentadores argumentam desse modo, provavelmente inclinados a se repetirem uns aos outros.

Mas por certo essa é uma explicação e exposição totalmente impossível pela boa e suficiente razão que o apóstolo está tratando aqui unicamente do Pai, de "Um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos". Ele já falara do Espírito e do Filho; agora fala do Pai, e, indubitavelmente, estas três afirmações referem-se ao Pai.

Minha opinião é que Paulo já nos dera nos três primeiros capítulos uma exposição do que ele quer dizer aqui. A primeira coisa que ele diz acerca do Pai é que Ele é "sobre todos". Significa que Deus está acima de todos. É uma referência à supremacia de Deus o Pai, à posição exaltada do Pai, ao fato de que, na "economia" da Trindade, Deus o Pai é supremo. Na obra de salvação o Filho subordinou-Se ao Pai, embora sendo co-igual e co-eterno com Ele; e o Espírito subordinou-Se ao Filho e ao Pai. O Pai está "acima de todos"; a Ele pertence a supremacia final. Refere-se isto ao fato de que Deus é Criador, de que Deus é supremo, acima de todo o universo, de todo o cosmos? Isso é verdade; mas não é isso que o apóstolo tem em mente aqui. Ele está pensando em termos da Igreja. E quando ele diz que Deus, o único Pai, é sobre todos, está querendo dizer sobre todos na Igreja e para a Igreja dos redimidos. Certamente o sentido é que em toda esta questão da Igreja, esta questão dos redimidos, no meu caso, no seu e de todos nós que estamos no corpo de Cristo e nesta bem-aventurada unidade, Deus o Pai é o originador de tudo isso. A Igreja é o Seu grande propósito e desígnio. O apóstolo já estivera dizendo e expondo isto no primeiro capítulo: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo" (versículo 3). Aí é onde ele começa, e aí é onde nós devemos começar em nosso pensamento. Ele está prestes a expor a doutrina cristã, ele está prestes a revelar a coisa admirável que Deus fez, trazendo a Igreja à existência, e começa com, "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo". Mas ele continua dando ênfase à mesma coisa nos versículos seguintes: "Como também (Deus o Pai) nos elegeu nele (Deus o Filho) antes da fundação do mundo, e nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo para si mesmo (Deus o Pai)". O Pai concebeu a idéia, planejou-a, projetou-a. Notem depois a significativa frase no final do versículo 5, "segundo o beneplácito de sua vontade" – a vontade de Deus.

Vê-se a mesma verdade, ainda mais explicitamente, em versículos que se acham um pouco adiante: "Descobrindo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo" (versículo 9). O grande e eterno Deus, em Sua glória, infinidade e inefabilidade, "propusera em si mesmo" cuidar de mim e de vocês e redimir-nos, tirar-nos do domínio do pecado, de satanás e do inferno,

colocar-nos "no corpo de Cristo" e adotar-nos para a Sua família. O próprio Deus o Pai o fez, "segundo o benefício de sua vontade", "segundo o seu benefício, que propusera em si mesmo". É neste sentido que Deus o Pai está "sobre todos" ou "acima de todos". O propósito é exposto claramente com as seguintes palavras: "De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra; nele" (versículo 10).

Dessas coisas o apóstolo nos está lembrando aqui, no capítulo 4, ao tratar da questão da unidade. Seu argumento é que há "um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos", e, sendo sobre todos, o Seu plano e propósito é reunir, juntar em um só todas as coisas em Cristo. Não haverá necessidade de argumentar ou apelar acerca da unidade, se se perceber que o propósito de Deus o Pai, o qual é sobre todos, é reunir, tornar a juntar em um só, aquilo que foi dividido e separado pelo pecado. A desunião e o cisma ser-nos-ão completamente impossíveis se nos regozijarmos nessa verdade; jamais deveríamos permitir-nos estar numa posição na qual causamos divisão. Todo o propósito de Deus é reunir. Ele é "sobre todos", e planejou e projetou este recolhimento de todos juntos outra vez.

Paulo diz, porém, em segundo lugar, que Deus não somente é "sobre todos", mas também é "por todos", ou "produz energia" em todos. Pode-se considerar isto como uma descrição da providência de Deus. Noutras palavras, Paulo está dizendo que Deus permeia toda a vida da Igreja e a sustenta. É a energia de Deus que trouxe à existência a Igreja, mantém em existência a Igreja e a manterá existindo até à consumação final. O apóstolo mesmo expõe isto no fim do capítulo primeiro, onde, tendo dado graças a Deus pelos cristãos efésios, diz-lhes que está orando por eles desta maneira: "... tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos; e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo" (versículos 18-20). O seu desejo quanto a eles é que se apercebam da sobreexcelente grandeza do poder de Deus, "a energia da força do seu poder", para com os todos os que crêem. Este é o poder que os havia tirado das trevas e da morte para a luz e a vida, quando eles estavam "mortos em ofensas e pecados". Ele os vivificara e os ressucitara dos mortos com essa energia. Homem nenhum seria salvo, nem poderia ser salvo, a não ser pela energia de Deus; é Ele que nos vivifica e nos ressucita da morte decorrente do pecado.

Isto é desenvolvido no capítulo 2. Deus não parou em nossa vivificação. Ele nos mantém e nos sustenta. Nada é mais importante, diz Paulo a estes efésios, do que o fato de conhecer esta "sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos". E este poder está em todos nós. A mesma energia, a mesma vida e o mesmo poder estão em todos nós. O conhecido hino, que fala da natureza da Igreja, lembra-nos isto:

Uma só, a luz da presença divina
Por sobre o Seu povo remido espalhou,
Expulsando a treva e todo o terror,
A iluminar todo o caminho em que andamos.

Um só o objetivo da nossa jornada,
Somente uma fé que jamais se afadiga,
Um somente o olhar resoluto adiante,
Uma só esperança o nosso Deus inspira;

Com a mesma idéia em mente, Paulo, escrevendo aos filipenses, diz: "Operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade" (2:12-13). Vê-se a energia de Deus na santificação, como em todas as partes da nossa salvação. Ele é "sobre todos"; Ele é "por todos". Finalmente, Ele é "em todos vós". Esta, a coisa mais espantosa de todas, não significa nada menos que o fato de que Deus o Pai, como Deus o Filho e Deus o Espírito Santo, está em todos nós. O apóstolo dissera no capítulo 2: "Já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus; edificados sobre o fundamento dos apóstolos, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito" (versículos 19-22). A Igreja é habitação de Deus; Ele habita nela, e, portanto, em nós. O nosso Senhor mesmo já tinha ensinado isto, como vemos no Evangelho Segundo João: "Jesus respondeu, e disse-lhe: se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele a morada" (14:23). Estas palavras expõem a verdade em todo o seu esplendor, encanto e glória. Não podemos contemplá-la sem sermos um. Não é surpreendente que o nosso Senhor, em Sua "oração sacerdotal", tenha orado assim: "Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste. E eu dei-lhes a glória que a mim

me deste, para que sejam um, como nós somos um. Eu neles, e tu em mim, para que eles sejam perfeitos em unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste a mim, e que tens amado a eles como me tens amado a mim" (João 17:21-23). "Um só Deus e Pai, o qual é sobre todos, por todos, e em todos."

Você tem contemplado esta grande verdade? Você tem considerado o fato de que Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo estão interessados em sua redenção? Você entendeu que somente a percepção disso no faz um? O fim de toda a doutrina é levar ao conhecimento de Deus e ao serviço de Deus; todo e qualquer conhecimento que possamos ter será inútil se não nos levar a esse ponto. Se o seu espírito não for humilde, se você não tiver amor, se não estiver interessado nesta unidade do povo de Deus, você não terá nada melhor do que um conhecimento intelectual que, além de estéril, na verdade pode até ser do diabo. Disse o nosso Senhor: "Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes" (João 13:17). Você está lutando para aperceber-se de que há "um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos"? Diz-nos o apóstolo Pedro que os anjos desejam examinar bem isso. Você o está examinado?

12

"UM ... CADA UM"

"Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo. Pelo que diz: subindo ao alto, levou cativo o cativeiro, e deu dons aos homens. Ora, isto – ele subiu – que é, senão que também antes tinha descido às partes mais baixas da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todo os céus, para cumprir todas as coisas."

Efésios 4:7-10

Embora esta grande declaração comece com a disjuntiva "mas", é óbvio que o assunto de que trata está estreitamente relacionado com o de que estivemos tratando. Noutras palavras, "mas" é, afinal de contas, uma conjunção. Implica um contraste, porém, ao mesmo tempo, leva-nos de volta ao que se passou antes. Evidentemente, o apóstolo está continuando ainda com o assunto da unidade da Igreja; ainda está desenvolvendo a exortação a "guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz". Entretanto, agora vai fazê-lo de maneira ligeiramente diversa; ele vai examinar outro aspecto do assunto. Por isso emprega esta particular palavra "mas". É essencial que o tenha feito, pois, se não o fizesse, correríamos o real perigo de ter um falso entendimento e uma falsa concepção do que significa esta unidade.

Há sempre o perigo de concebermos a unidade em termos de uniformidade. Nossa tendência é pensar na unidade como consistindo de várias coisas absolutamente idênticas em cada um dos aspectos individuais, sem nenhuma diferença, tal como uma folha de selos do correio. Contudo, o apóstolo peleja para mostrar-nos que isso não é verdadeira unidade, e sim uma opaca e monótona uniformidade. A unidade, mostra ele, é muito mais que isso, algo muito mais grandioso. Qualquer concepção da unidade que a iguale à uniformidade diminui a grandeza e glória essencial da unidade. Noutras palavras, a unidade não é algo mecânico; não é pura mesmice. Para nós, que vivemos na presente hora, é muito difícil captar este ponto. Estamos acostumados com a produção em massa – artigos saindo de uma máquina um após o outro, todos exatamente iguais. E a intenção é que sejam idênticos.

E isso não é somente com as máquinas e com as mercadorias manufaturadas; há óbvias tendências no mundo atual de pensar da mesma maneira dos seres humanos. Isto não é inteiramente novo; tem caracterizado certos estabelecimentos educacionais que têm produzido um artigo de massa, um diferente tipo de indivíduos, todos eles amoldados ao mesmo padrão de comportamento, na conduta, na linguagem e noutros aspectos. Cada qual tem sobre si uma certa marca, e mais consciência se tem do tipo do que do indivíduo propriamente dito, exceto no caso de indivíduos incomuns. E não é de admirar, porque o espírito de grupo é poderoso em todos nós, por natureza. O apóstolo contesta essa noção e mostra que a unidade é algo vivído e vital, algo quase estonteante em sua variedade. Este é, de fato, o aspecto muito especial e sumamente glorioso da unidade espiritual. Sigamos o apóstolo enquanto ele desenvolve este princípio.

Estudando os versículos 4, 5 e 6, vimos que o apóstolo emprega a palavra "um" ("um só") sete vezes – "*um só* Espírito, *um só* corpo, *uma só* esperança da vossa vocação, *um só* Senhor, *uma só* fé, *um só* batismo, *um só* Deus e Pai de todos", e com isso estabelece o grande princípio da unidade. No entanto, o conceito que o apóstolo tem de unidade, e o ensino do Novo Testamento sobre a unidade, é tal que, havendo salientado a unicidade sete vezes, ele pode imediatamente passar a dizer: "Mas a graça foi dada a cada um de nós". Ele parece ter estilhaçado a unidade com este "cada um de nós". Todavia ele não fez isso, pois não fomos fundidos numa substância sólida e não diferenciada; não perdemos a nossa identidade. Ainda temos as nossas individualidades. Estamos sendo de novo considerados como personalidades singulares, e devemos pensar em nós mesmos como unidades num todo. O fato admirável e espantoso é que, apesar de sermos todos "um", podem, não obstante, dirigir-se a nós com a frase, "cada um de nós".

A explicação é esta: somos todos "um" em Cristo. Somos todos um na questão da salvação, e como filhos de Deus. Somos todos um como membros distintos do corpo de Cristo. É isso que o apóstolo vem salientando e acentuando. Cada indivíduo cristão foi salvo exatamente da mesma maneira como todos os demais. A salvação do apóstolo Paulo não foi diferente do que a salvação de qualquer outro cristão. Todas as conversões são essencialmente iguais. As circunstâncias especiais e peculiares, os pormenores particulares, são realmente irrelevantes. É por isso que é tão errado dar-lhes tanta importância como se faz com freqüência. A regeneração é obra do Espírito de Deus, e somente dEle. É um milagre em cada caso individual, e é sempre o mesmo milagre. Além disso, como filhos de Deus e como membros da

família de Deus, não há diferença. Pensem numa família, numa família grande; uns podem ser meninos, outros meninas, mas todos eles são filhos. Os meninos não são mais filhos do que as meninas, e as meninas não são mais do que os meninos. Podem ser diferentes em muitos aspectos, mas isso não faz a menor diferença quanto à sua relação, quanto ao fato de que são filhos, quanto ao fato de que eles estão nessa peculiar relação com o seu pai. A imagem e ilustração do corpo transmite claramente a mesma noção, a mesma idéia.

Nesses aspectos somos todos idênticos, somos todos um, somos todos iguais. Contudo – e é disto que o apóstolo vai tratar agora – a nossa unidade não significa que somos idênticos em cada um dos aspectos singulares. Mil vezes não! "A cada um de nós." Nesta expressão ele inclui diversidade, diferença, variedade e variação. A especial glória da unidade é que é uma unidade na diversidade, uma unidade que abrange variação e variedade. Somos essencialmente um, porém em muitos aspectos diferimos. Devemos manter em nossas mentes estes dois princípios juntos o tempo todo. A diversidade não destrói a unidade; e a unidade não elimina a diversidade. Esta é a especial glória da graça redentora; este é o milagre da redenção. Este é o fenômeno peculiar que a Igreja Cristã deve manifestar e demonstrar ao mundo, e que nenhuma outra coisa o pode fazer.

O apóstolo passa agora a salientar estas óbvias diferenças dos membros do corpo, isto é, dos membros da Igreja: "Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo." A questão que nos confronta é: "Como é que esta grande unidade que Paulo tanto tem acentuado possa ser preservada, à luz desta diversidade e variação? É uma questão a que ele dá resposta imediatamente, começando no versículo 7 e continuando até o fim do versículo 16. Nestes versículos ele pinta um quadro da Igreja e mostra como a Igreja é caracterizada por estes dois elementos gêmeos de unidade e diversidade. Os dois elementos são mantidos juntos sempre e de maneira maravilhosa. Somos conduzidos ao segredo disso tudo, e se nos mostra como isso vem a ocorrer na experiência e na atividade da Igreja.

O apóstolo firma o grande princípio com as palavras: "Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo" (versículo 7). O princípio determinante é que o próprio Senhor Jesus Cristo é a Cabeça da Igreja e é o Doador da variedade de dons de que se serve a Igreja em geral e cada membro em particular. Este é o princípio que garante a unidade na diversidade. O apóstolo desenvolve este mesmo princípio no capítulo doze da sua Primeira Epístola aos Coríntios. Ali ele o faz em termos do Espírito. Chega quase à mesma coisa, porque,

como ele nos diz aqui, é o Senhor Jesus Cristo que dá o Espírito, e dá os Seus dons por intermédio do Espírito. Aos coríntios ele diz: "Ora há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo" (1 Coríntios 12:4-5). Aí temos precisamente o mesmo princípio central e determinante.

Agora, no entanto, surge uma questão que insiste em chamar a nossa atenção. É algo que é muito característico deste apóstolo, e que ele vai desenvolver: "Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo". Antecipamos que ele está para dizer imediatamente, "e ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres". Mas não o faz. É o que ele eventualmente, e claramente, tenciona dizer; todavia ele se interrompe e insere o conteúdo dos versículos 8, 9 e 10. Estes versículos constituem uma espécie de parênteses, e é isso que é tão característico do método de Paulo como escritor. Ora, por que será que ele segue este método? Há apenas uma resposta a essa pergunta. Ele tinha mencionado o nome de Cristo: "Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo". A menção do nome bendito imediatamente o inflama e o entusiasma. Ele não pode conter-se, e despeja estes três versículos com esta tremenda declaração acerca do nosso bendito Senhor e Salvador. Dou ênfase a isto porque ilustra o fato de que o apóstolo Paulo amava tanto o Senhor Jesus Cristo que a simples menção do Seu nome sempre o comovia até às profundezas do seu ser. Ele podia dizer, em grau ainda mais elevado, o que disse Bernardo de Claraval:

Jesus, o só pensar em Ti
Meu peito enche de dulçor.

A simples menção do nome o faz interromper o seu pensamento particular e expor a Sua glória mais uma vez. Ao fazê-lo, ele se torna culpado de perpetrar um crime literário conhecido como anacoluto. Os puristas falam sobre isso. Estes anacolutos tão característicos do estilo de Paulo constituem uma interrupção de um argumento ou de uma declaração por outra e, e depois, de um retorno à idéia original e sua continuação. Na Versão Autorizada os versículos 9 e 10 são colocados entre parênteses, e acertadamente, num sentido. Na verdade, o primeiro parêntese devia aparecer antes do versículo 8. Opino que o que levou ao parêntese foi algo semelhante a isto: Paulo mencionara na declaração original, no versículo 7, que o Senhor Jesus Cristo é a Cabeça da Igreja e que Ele é o doador e o dispensador de todos os dons.

Isto o leva não somente a atribuir toda a glória ao Senhor, como também a mostrar-nos como o Senhor Jesus Cristo chegou à condição de poder fazer isso. Por que Cristo é a Cabeça da Igreja? Por que Ele é o doador de todos os dons? Como foi que o Filho de Deus chegou a essa condição particular que Lhe dá o direito de fazer isso? Esta é a questão respondida nos versículos 8, 9 e 10.

Podemos analisar a declaração da seguinte maneira. A primeira coisa que o apóstolo diz é que a declaração que acabara de fazer não deveria surpreender-nos, pois isso fora predito e profetizado desde os tempos antigos – "Pelo que diz", declarando com isso que o Espírito Santo, ou Deus, fala desse modo nas Escrituras – e imediatamente cita o Salmo 68: "Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro, e deu dons aos homens" (versículo 18). Seu argumento é que a sua declaração acerca da sua graça dada a cada um de nós, cristãos, pelo Senhor Jesus Cristo, não deve ser entendido como algo que subitamente viera à mente de Deus. Ao contrário, sempre fez parte do plano divino de redenção e do Seu propósito com respeito à Igreja. Deus de fato o tinha revelado ao salmista uns dez séculos antes.

Dou ênfase a este assunto porque há um ensino conhecido como dispensacionalismo que nos diz que Deus enviou o Senhor Jesus Cristo ao mundo para estabelecer o reino de Deus, porém, quando viu que os judeus rejeitaram Seu Filho e Seu ensino, e não quiseram receber o reino, Ele decidiu-Se pelo meio de salvação mediante a cruz e pelo estabelecimento da Igreja. A Igreja, dizem os dispensacionalistas, é um pensamento ulterior, um parêntese; não fazia parte do plano original, e é apenas uma fase temporária, até que o reino seja de novo pregado aos judeus e seja introduzido. Entretanto nos versículos 8, 9 e 10 temos uma completa negação desta doutrina dispensacional, pois ela é reprovada, fora de toda dúvida, no Salmo 68, versículo 18, onde temos esta profecia concernente à Igreja e ao Senhor Jesus Cristo como a Cabeça da Igreja.

Mas o apóstolo vai além, porquanto se põe a comentar a sua citação. Ele o faz nos versículos 9 e 10. Estes três versículos, 8, 9 e 10, são extremamente interessantes e importantes. Todo aquele que estiver familiarizado com a história da Igreja, principalmente com a história das doutrinas e da teologia, saberá que aqueles versículos muitas vezes desempenharam importante papel nas discussões e controvérsias, e com freqüência têm sido mal compreendidos. Convém, pois, considerá-los cuidadosamente e tomar tempo para entendê-los, não somente em sua significação geral, mas também em seu ensino particular, e mesmo num sentido técnico.

A primeira coisa que notamos é que a citação, no versículo 8, do Salmo 68 é, obviamente, uma referência ao próprio Deus, o Senhor, Jeová. Esta é a verdade com relação ao salmo inteiro. Lemos, por exemplo, nos versículos 4 e 5: "Cantai a Deus, cantai louvores ao seu nome; louvai aquele que vai sobre os céus, pois o seu nome é JÁ (forma abreviada de Jeová); exultai diante dele. Pai de órfãos e juiz de viúvas é Deus no seu lugar santo". E mais: "Os carros de Deus são vinte milhares, milhares de milhares. O Senhor está entre eles, como em Sinai, no lugar santo" (versículo 17). E no versículo 18, que o apóstolo cita: "Tu subiste ao alto, levaste cativo o cativeiro, recebeste dons para os homens, e até para os rebeldes, para que o Senhor Deus habitasse entre eles". Neste salmo Davi está glorificando o nome de Deus; e o faz por causa da grande vitória que Deus lhe dera. Sua vitória pessoal lembra-lhe que a mesma não era a única vitória que Deus dera ao Seu povo. Isso o envia de volta à história dos filhos de Israel, sua saída do Egito e sua travessia do Mar Vermelho, a destruição de Faraó e seus exércitos, as jornadas pelo deserto e a entrada em Canaã. Todas estas, diz o salmista, são vitórias de Deus. O povo de Deus entrava em dificuldade, e Deus, por assim dizer, descia e os livrava; e tendo-o feito, Ele, por assim dizer, subia de novo ao céu. Era isso que Davi estava pretendendo dizer. Mas aqui, neste versículo oito do capítulo quatro da sua Epístola aos Efésios, o apóstolo atribui isso tudo ao Senhor Jesus Cristo. Ele está se referindo ao dom de Cristo. "Pelo que diz: subindo ao alto, levou cativo o cativeiro, e deu dons aos homens." Paulo está falando de Cristo e da Igreja, ao passo que o salmista está falando de Jeová. Como conciliar estas coisas?

A dificuldade nos lembra algo que devemos ter sempre em mente quando lemos a Bíblia. Se não o fizermos, a nossa leitura será pouco inteligente e confusa. É que muitas vezes veremos um duplo sentido nas declarações do Velho Testamento. O mesmo acontece com muitos salmos; é igualmente o que se pode dizer dos profetas e dos seus escritos. No Salmo 68 a primeira coisa presente na mente de Davi foi um evento histórico e local, um acontecimento contemporâneo acerca do qual ele quer escrever. Contudo, posto que ele está sob a influência do Espírito Santo e, por isso, é um homem inspirado, é levado a algo além do tempo então presente. Davi mesmo talvez não tenha percebido isso, mas é levado pelo Espírito a uma verdade mais alta. A inspiração leva Davi a descrever a circunstância local de tal maneira que ela também se torna uma perfeita prefiguração daquilo que vai acontecer mais tarde. É uma profecia de Cristo; é uma primoriosa e exata descrição do que aconteceu com o Senhor Jesus Cristo. Similarmente, os profetas escreveram para o seu tempo e a sua geração; tinham uma

mensagem local e imediata; entretanto esta não ficava nisso. Emparelhada a ela havia a mensagem profética mais ampla e maior, concernente à vinda do Messias. O imediato e local continha também o remoto e mais grandioso. O nosso primeiro princípio é, pois, que o salmista, sob a inspiração divina, viu no evento local um quadro e uma leve representação da vinda do Filho de Deus e do que Ele ia fazer. Esta é uma das grandes provas da inspiração das Escrituras.

Em segundo lugar, é igualmente claro que o ensino do apóstolo aqui, como na verdade em todos os seus escritos, é que o Senhor Jesus Cristo é Jeová, o "JA" a respeito de quem Davi escreve. No Velho Testamento há referências ao "Anjo da Aliança" e à sua vinda para ajudar o povo. Indubitavelmente essas são referências ao Senhor Jesus Cristo. Relembramos também como Paulo, em 1 Coríntios, capítulo 10, afirma que Cristo era a Rocha que acompanhava os filhos de Israel, a Rocha que lhes dera água. Igualmente o mártir Estêvão, no grande discurso que fez quando estava sob julgamento, declara que Cristo estava com os filhos de Israel, "a igreja no deserto". Noutras palavras, o ensino é que Cristo é Jeová.

Do Pai não se pode dizer que Ele recebeu dons para os homens. Do Pai não se pode dizer que Ele subiu, porque Ele está no céu, e sempre esteve e sempre estará. Há somente um de quem podemos dizer que subiu às alturas – o Senhor Jesus Cristo. Assim deduzimos esta grande verdade que está no coração e no centro da mensagem cristã. Jesus de Nazaré é o Filho de Deus. Não é um ser criado. É co-igual e co-eterno com o Pai, igual a Ele em majestade e poder. Acha-se aqui a verdade concernente ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, a completa doutrina da Trindade. O Filho subordinou-Se para a obra de salvação; mas Ele, como tal, não é subordinado. É nesse ponto que a heresia ariana surgiu na Igreja Primitiva e lhe ameaçou a própria vida. Essa heresia ensinava que Cristo é um ser criado, criado anteriormente ao tempo, porém, ainda, um ser criado. É aí que o unitarismo está igualmente errado. Cristo é Jeová, Cristo é o Senhor. O termo "Senhor", empregado no Velho Testamento com referência a Deus, é o mesmo termo aplicado e atribuído ao Senhor Jesus Cristo no Novo Testamento. A nossa segunda dedução é, portanto, que Jesus Cristo é Senhor, que Jesus Cristo é Jeová.

Há ainda outra questão para considerarmos. O versículo 18 do Salmo 68 não é idêntico à citação neste versículo 8 de Efésios 4. Aqui lemos: "Pelo que diz: subindo ao alto, levou cativo o cativeiro, e deu dons aos homens". Mas no Salmo 68 vemos que ele recebeu: "recebeste dons para os homens" (vers. 18); não que Ele os *deu*, e sim que os *recebeu*. Isto, de novo, é importante. No hebraico do Velho Testamen-

to a palavra é, de fato, *recebeste*, e na Septuaginta, a Tradução dos Setenta, o termo também é corretamente traduzido *recebeste*. Todavia aqui o apóstolo Paulo escreveu *deu*. Isto parece entrar em conflito com a doutrina da inspiração das Escrituras. Como podemos dizer que o apóstolo está decididamente escrevendo como alguém inspirado, quando ele cita mal uma passagem do Velho Testamento? Os espertos críticos argumentam que isto descarta a nossa defesa da autoridade das Escrituras e, especialmente, da infalibilidade das Escrituras. Mas a nossa resposta é clara, e é que não há contradição aí. É correto dizer do Senhor Jesus Cristo que Ele tanto *recebeu* como *deu*. O apóstolo Pedro disse no dia de Pentecoste, em Jerusalém: "De sorte que, exaltado pela destra de Deus, e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis" (Atos 2:33). Ele *recebeu* e Ele *deu*; é uma só ação. A mesma Pessoa recebe e dá; o dar pressupõe o receber. No entanto, concedido isso, alguém dirá: " que dizer da questão da autoridade e inspiração do Espírito Santo?" A resposta é que foi o mesmo Espírito Santo que inspirou Davi quando ele escreveu o salmo, que inspirou o apóstolo Paulo quando ele escreveu o capítulo 4 desta carta aos efésios; e o que Ele faz em ambos os casos é mostrar que todos os dons que vêm à Igreja, vêm do Senhor Jesus Cristo e por meio dEle. Num caso Ele salienta que é o Pai que os dá ao Filho; no outro Ele salienta que é o Filho que os dá à Igreja, e aos seus membros individuais. Não há contradição; as duas afirmações são verdadeiras. Na verdade, é precisamente aí que vemos com tanta clareza o senhorio e a soberania do Espírito Santo. Há outros exemplos no Novo Testamento onde afirmações do Velho Testamento são citados, e não com palavras absolutamente idênticas. O que sempre importa é o significado. O Espírito Santo está interessado nos significados, e Ele exibe o mesmo significado nos dois casos, que é que os dons são dados à Igreja no Senhor Jesus Cristo e por meio dEle. O apóstolo Paulo estava bem ciente do que se afirma no Salmo 68, versículo 18, tanto no original hebraico como na tradução da Septuaginta, e, todavia, sob a inspiração do Espírito, ele diz: "deu". Ele deseja dar ênfase à ação única, receber e dar. O Filho é sempre e para sempre o grande Mediador.

Isto nos leva ao comentário final sobre o que podemos chamar, o aspecto mecânico desta grande declaração, antes de passarmos a traçar a grande doutrina ali ensinada. A frase final diz: "levou cativo o cativeiro". Há um ensino que considera "o cativeiro" como se referindo aos santos do Velho Testamento. Ensino que sustenta que eles eram filhos de Deus, que foram salvos do Velho Testamento. Ensino que sustenta que eles eram filhos de Deus, que foram salvos, porém que

eram mantidos numa espécie de cativeiro. O que o Senhor Jesus Cristo fez após a Sua morte, argumentam eles, foi descer ao Hades, tirá-los do seu cativeiro e introduzi-los numa esfera mais alta. Esse é o ensino dos católicos romanos neste ponto. Eles falam de algo a que chamam "limbus patrum", onde os pais ficaram até Cristo livrá-los do seu cativeiro. Rejeito isso como uma interpretação inteiramente falsa aqui, porque o quadro é de triunfo sobre os inimigos, de levar os inimigos em triunfo. Nos tempos antigos, se um rei ou príncipe ou comandante em chefe empreendia vitoriosamente uma guerra, quando regressava ao seu país, sempre havia uma espécie de parada triunfal. Os reis, príncipes, comandantes e capitães derrotados eram postos a marchar em procissão, acorrentados. O vencedor estava "levando cativo o cativeiro". Ele tinha feito os seus adversários cativos e agora os exibia publicamente. Ao mesmo tempo ele atirava presentes para o seu povo. Ele ia em seu carro distribuindo-os ao povo que o aclamava e, ao mesmo tempo, ia levando esses homens derrotados com cativos. Esse é, indubitavelmente, o quadro aqui. Assim, não devemos interpretar isso em termos de alguma libertação dada aos santos redimidos do Velho Testamento. É um quadro do Senhor Jesus Cristo levando em Seu séquito triunfal o diabo, o inferno, o pecado e a morte – os grandes inimigos que estavam contra o homem e que tinham mantido a humanidade em cativeiro por tanto tempo. Os príncipes que tinham exercido o domínio sobre o cativeiro, agora estão sendo levados cativos. O apóstolos nos está dizendo que o Senhor Jesus Cristo veio ao mundo para haver-Se com os nossos inimigos e vencê-los, e, tendo concluído a Sua campanha e tendo-os derrotado, Ele voltou para o céu levando cativos todos esses inimigos, e despejando sobre nós os Seus presentes, a nós, Seu povo que O aclama. O apóstolo não se contentou em deixar o tema nesse ponto, como veremos; não obstante, a coisa grandiosa que devemos ter em nossas mentes é que o princípio de unidade é acentuado pelo fato de que Cristo é o dispensador, o doador de todos os dons. Ele é o grande Capitão celestial, e nós somos o Seu povo. Tendo derrotado os Seus inimigos, Ele dispensa e derrama os Seus dons sobre nós. Mas todos os dons, sempre e eternamente, vêm dEle.

13

O DRAMA DA REDENÇÃO

"Ora isto – ele subiu – que é, senão que também antes tinha descido às partes mais baixas da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas." Efésios 4:9-10

Nestes versículos o apóstolo põe-se a provar e a demonstrar que a declaração do Salmo 68, versículo 18, que ele tinha citado, deve ser aplicada ao nosso bendito Senhor e Salvador. Na versão Autorizada, como já observamos, estes dois versículos são colocados entre parênteses para indicar que eles são parte integrante da declaração completa e são uma exposição daquilo que ele acabara de dizer, como o indica a palavra "Ora". Realmente, ele está expondo aquele versículo; e nós o acompanharemos no processo. "Ora", diz ele; e depois faz a pergunta, "que é, senão"? Então se concentra na palavra "subiu". Esta palavra, argumenta ele, prova que Ele tinha que ter descido primeiro às partes mais baixas da terra.

Como vimos, o Salmo 68 é um grande hino de louvor a Jeová, que dera a Davi uma vitória maravilhosa, como na antigüidade dera uma notável vitória aos filhos de Israel sobre Faraó e seus exércitos quando os levou através do Mar Vermelho. Mas Davi afirma que Jeová tinha "subido". A questão é: como pode Jeová, o "Eu sou o que sou", o Único Ser eternamente existente, sem princípio e cujos dias não têm fim – como pode Jeová subir? A resposta do apóstolo é que há só um modo de explicar isso. É que o próprio uso do termo "subir" implica uma descida anterior – "Ora isto – ele subiu – que é, senão que também antes tinha descido às partes mais baixas da terra?" Há somente uma maneira pela qual podemos falar de uma descida da Deidade, e é com relação a Jesus de Nazaré, o Filho de Deus. É nEle, e somente nEle, que Deus, Jeová, desceu. Assim o apóstolo argumenta que a declaração do Salmo 68, versículo 18, só pode ser uma referência ao nosso bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo. Ele não está fazendo violência às Escrituras quando aplica isso tudo ao nosso Senhor. Não há outra explicação concebível, não há outra possibilidade, é a única maneira

pela qual Deus desceu à terra e subiu de volta ao céu.

Chegamos agora à afirmação que se evidenciou ser mais difícil na história da interpretação – "que também antes tinha descido às partes mais baixas da terra". Como sabem os que têm conhecimento da história da Igreja, a expressão "às partes mais baixas da terra" tem provocado muita discussão e tem levado à proposta de certas doutrinas. Têm sido sugeridas muitas explicações dela, das quais não podemos tratar exaustivamente. Mas devemos dar uma olhada nalgumas delas, porque são repetidas irrefletidamente por muitos cristãos. Nas igrejas em que é costume recitar credos, as pessoas recitam domingo após domingo a frase, "Ele desceu ao inferno". Bem podemos inquirir quantas delas sabem exatamente o que querem dizer quando fazem isso. Baseia-se numa exposição particular desta declaração de Efésios, capítulo 4, e como nos compete prestar culto inte-ligentemente, somos forçados a examinar a exposição desta frase em particular.

Alguns têm sustentado que é uma referência ao nascimento do nosso Senhor, da virgem Maria, que Ele nasceu "do ventre da virgem". Há algum apoio para essa opinião no Salmo 139, versículo 13-15: "Pois possuíste os meus rins; entreteceste-me no ventre de minha mãe. Eu te louvarei, porque de um modo terrível, e tão maravilhoso fui formado; maravilhosas são as tuas obras, e a minha alma o sabe muito bem. Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado, e entretecido como nas profundezas da terra". Outros dizem que as palavras de Paulo fazem referência ao túmulo. "Terra" é a terra, argumentam eles, porém "as partes mais baixas da terra", indicando algo que está abaixo do nível do solo, devem, portanto, ser o túmulo. Outros, que vão mais longe ainda, dizem que as palavras em questão se referem ao inferno. O inferno está embaixo, o céu em cima; assim, a frase "as partes mais baixas da terra" é uma referência ao inferno ou ao Hades.

Com relação às duas primeiras sugestões, tudo o que necessito dizer é que, obviamente, no Salmo 139, versículo 15, a referência é a algo que aconteceu na terra; certamente não aconteceu em lugares profundos da terra. O homem não é formado nalgum buraco ou poço nas profundezas da terra. Trata-se simplesmente de uma frase pictórica que descreve como o homem é produzido no ventre da sua mãe. Portanto, não há referência a descer num sentido físico ou material. O mesmo se aplica, naturalmente, ao túmulo. A interpretação que nos é importante considerar é a terceira, pois é a que tem figurado mais proeminentemente na história da Igreja e na história das doutrinas.

Há, digo, aqueles que crêem que as palavras de Paulo ensinam que o nosso Senhor, depois da Sua morte e do Seu sepultamento, desceu

ao inferno e fez certas coisas, em particular que Ele derrotou ali o diabo e as suas hostes. Outros dizem que o que Ele fez no Hades foi pôr em liberdade os santos do Velho Testamento que tinham sido mantidos numa espécie de cativeiro desde a sua morte. O nosso Senhor, dizem eles, desceu, tirou-os e os fez subir com Ele. Outros acreditam que o que o nosso Senhor fez quando desceu ao inferno foi proclamar a salvação a certas pessoas que estavam lá. Eles baseiam essa idéia, não somente neste texto, e sim também no que vemos na Primeira Epístola de Pedro, capítulo 3: "Porque melhor é que padeçais fazendo o bem (se a vontade de Deus assim o quer), do que fazendo o mal. Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito; no qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão; os quais noutro tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água" (versículos 17-20). A frase importante é, "pelo Espírito; no qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão". Isto, sustentam eles, só pode ter o sentido de que o nosso Senhor, após a Sua morte e sepultamento, desceu ao inferno e lá pregou o evangelho aos que foram destruídos no Dilúvio dos dias de Noé, com o fim de conceder-lhes "uma segunda chance", outra oportunidade para arrependimento e fé. Há alguns que vão além e ensinam que *haverá* "uma segunda chance" e mais uma oportunidade para todos depois desta vida, no Hades. Das explicações sugeridas, da expressão "as partes mais baixas da terra", essa é a mais popular. É a mesma explicação que aquela dada sobre 1 Pedro 3:19, a saber, que é uma indicação de que o nosso Senhor, depois da Sua morte, foi pregar àqueles "espíritos em prisão", ou foi evangelizá-los.

Outra explicação é que o que o nosso Senhor fez não foi pregar o evangelho a eles no sentido de que lhes estava dando oportunidade para crerem, porém que Ele desceu e proclamou a Sua retumbante vitória sobre o diabo e o inferno a todos os habitantes e hóspedes do inferno. Ele lhes disse como tinha vencido todos os inimigos de Deus, em toda parte, e que Ele era Senhor sobre todos.

São essas as declarações que se fazem de tempos em tempos, ao longo da história da Igreja. Minha concepção da obra de pregação e ensino é que devemos encarar estas questões francamente, e não esquivar-nos delas ou deixá-las sem consideração, porque obviamente esta expressão tem algum significado. Minha opinião é, pois, que ela não tem nenhum desses sentidos, mas que o sentido da frase, "as partes mais baixas da terra" é simplesmente a terra mesma. Digo isso pelas seguintes razões: como já sugeri, a afirmação do Salmo 139, versículo

15, obviamente significa a terra. Quando um homem nasce e vem a existir, entra na vida da terra, embora a expressão do salmista seja "nas profundezas da terrar". Uma expressão similar no Salmo 63, versículo 9, pode ter o sentido de "o túmulo", mas, de novo, é muito incerto.

A questão crucial, contudo, é a exposição de 1 Pedro 3:19. Estará o apóstolo Pedro dizendo que o nosso Senhor foi pregar aos que tinham sido destruídos no Dilúvio do tempo de Noé? Rejeito essa explicação perguntando: por que lhes seria dada uma "segunda chance" ou oportunidade, mais do que a todos os outros pecadores? Por que haveriam de ser *eles* os únicos a quem Ele pregou? Nas gerações anteriores houve muitos que tinham pecado antes dos que viveram na época do Dilúvio; e houve miríades que pecaram desde aquela época; por que, pois, só a eles foi dada mais uma oportunidade? Por que não também ao povo de Sodoma e Gomorra? Por que não a muitos outros que foram mortos e destruídos repentinamente pela ação de Deus? Por que aqueles foram separados? Os que ensinam que o nosso Senhor pregou no Hades àquelas pessoas, não têm resposta para estas perguntas. A situação delas, como pecadoras, não é diferente da situação de todos os demais pecadores. A verdade dessa questão é que o apóstolo Pedro não está dizendo tal coisa. Nesta parte da sua Epístola, Pedro está lembrando aos seus leitores que eles estavam vivendo num tempo de juízo. No capítulo subseqüente ele diz: "Já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus". Ele os está advertindo da vinda do juízo e lhes diz que há somente um modo de serem salvos, o modo que ele menciona nos versículos que se seguem. Lembra-lhes ele que Noé e sua família foram salvos por meio de uma arca; e lhes diz que nós somos salvos por um similar do tipo de arca, a saber, pelo batismo em Cristo. Em Cristo, que é a nossa Arca, somos salvos.

A afirmação de Pedro é que a situação dos cristãos é similar à situação que prevalecia imediatamente antes do Dilúvio. Cristo está falando no Espírito por meio dos apóstolos (Pedro e outros), e está exortando o povo de Deus e outros a "fugir da ira que está para vir". Ele tinha feito precisamente o mesmo, "no Espírito", por meio de Noé, antes do Dilúvio. Há somente dois grandes julgamentos universais na história da humanidade – o primeiro foi o Dilúvio; o segundo será quando o Senhor vier de novo, e os elementos se fundirão com o tremendo calor do juízo final. Assim Pedro está dizendo que há um paralelo entre os que estão vivendo na época e era anteriores ao segundo grande julgamento e os que viveram antes do primeiro grande julgamento. O paralelo é perfeito: Cristo prega "no Espírito" agora por intermédio dos apóstolos, como pregou "no Espírito" naquele tempo por intermédio de Noé àquele povo antigo. Esta não é somente a

exposição verdadeira; é a única que evita a idéia de que o evangelho foi pregado somente a certos pecadores particulares, e não a todos.

Segue-se, pois, que, se nos propusermos a escorar a nossa exposição do versículo 9 de Efésios 4 aduzindo-lhe 1 Pedro 3:19, veremos que não nos dará nenhuma ajuda. Não há prova nenhuma para dizer-se que o nosso Senhor alguma vez pregou no inferno. É uma suposição, mera especulação, e uma teoria. Não há nada nas Escrituras que a consubstancie, nenhuma palavra que insinue que Ele tenha libertado pessoas que tinham sido mantidas cativas. Não há qualquer indicação de que o nosso Senhor finalmente tenha vencido o diabo e os seus poderes no inferno, depois da Sua morte; na verdade, é-nos dito, positivamente, que essa obra foi realizada na cruz. Paulo ensina no capítulo dois da Epístola aos Colossenses: "E, despojando os principados e potestados, os expôs publicamente" – não "nas partes mais baixas da terra, mas "publicamente" – "e deles triunfou em si mesmo" – a saber, em Sua morte na cruz. Foi na cruz que o nosso Senhor bradou, dizendo: "Está consumado". Nada foi deixado para completar-se no inferno; a obra foi realizada completamente na cruz.

Finalmente, para concluir esta exposição, há outras declarações nas Escrituras que, quando tomadas juntas com esta declaração, leva à conclusão de que aquilo de que estamos tratando nada é, senão uma maneira gráfica e pictórica de descrever a vinda do nosso Senhor à terra. Não é Sua descida a estas ou aquelas profundezas da terra, mas é Sua vinda do céu à terra. Vejam, por exemplo, o que o nosso Senhor diz em João 3:13: "Ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem, que está no céu". Temos aí de novo o subir e descer, a descida e a subida; não em termos de descer ao inferno, porém de vir para viver na terra. O nosso Senhor estava na terra e estava falando com Nicodemos na terra, e estava reivindicando autoridade única para o Seu ensino. Homem nenhum jamais subiu ao céu para falar com Deus e ouvir os segredos de Deus, diz Ele, mas eu vim do céu. "Nós dizemos o que sabemos e testificamos o que vimos." Eu vim do céu e continuo no céu. Ou tomem o que se vê em João 8:23: "Vós sois de baixo, eu sou de cima". Ele não quis dizer que eles estavam embaixo, nalguma cova, debaixo da terra; eles estavam na terra, mas, em comparação com o "de cima" do qual Ele viera, eles eram "de baixo". "Vós sois deste mundo, eu não sou deste mundo" comunica exatamente o mesmo contraste. É um contraste entre ser de cima, do céu, e estar na terra, não debaixo da terra.

Como uma citação final, vejam Atos 2:19. Pedro está pregando no dia de Pentecoste, e cita o profeta Joel: "E farei aparecer prodígios em

cima, no céu; e sinais em baixo, na terra, sangue, fogo e vapor de fumo". Não devemos literalizar as expressões "em baixo", ou "as partes baixas" ou "debaixo". O contraste é, patentemente, entre o céu em cima e a terra em baixo. Diz o apóstolo que este Jeová subiu "acima de todos os céus". Aí de novo temos uma frase pictórica, pois "acima de todos os céus" significa no mais alto céu, no lugar mais alto que se pode conceber. O apóstolo não diz, "no lugar mais alto que se pode conceber", e sim, "acima de todos os céus". Não existe nada "acima de todos os céus", porque céu é céu; essa é uma expressão empregada para ênfase. Assim como os céus são mais altos, as partes mais altas, assim a terra são "as partes mais baixas". O contraste é entre o céu e a terra.

Assim o apóstolo está asseverando que o que coloca o nosso Senhor na condição em que Ele é o doador de todos estes dons à Igreja, a Cabeça da Igreja e o Senhor de toda a Igreja, é a obra que Ele realizou quando esteve aqui na terra. Ele subiu, e está em condições de dispensar dons porque primeiro desceu e veio à terra para aqui habitar e para fazer certas coisas enquanto estivesse aqui. Esta exposição e explicação evita toda confusão e toda especulação desnecessária sobre o que o nosso Senhor pode ou não ter feito depois da Sua morte e antes da Sua ressurreição. Estas especulações se infiltraram nos credos, mas não têm nenhuma sanção bíblica real.

O que temos aqui é uma descrição de todo o movimento da salvação. Na verdade, podemos usar uma expressão mais forte e dizer que o apóstolo está descrevendo o grande drama da salvação. Ele está efetivamente dizendo que o versículo do Salmo 68 que tinha citado é uma descrição de como o nosso Senhor realizou a salvação e redenção, e, na qualidade de poderoso Vencedor, agora está dando dons as Seu povo na Igreja.

Examinemos os termos que o apóstolo emprega. Afinal, por que há necessidade de salvação? A resposta é, porque a humanidade em pecado está numa condição de escravidão. Um inimigo entrou no mun- do. O diabo, o inimigo de Deus, fingindo-se amigo do homem, foi o maior inimigo do homem. Ele dominou o homem e daí em diante o mantém em escravidão e cativeiro. Ensina-nos isto o capítulo dois da Epístola aos Hebreus: "E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo; e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão" (versículos 14-15). O homem em pecado é escravo do diabo; está sob o domínio de satanás. Quando foi dada pelo Senhor Jesus Cristo ao apóstolo Paulo, no caminho de Damasco, a ordem para

pregar o evangelho, foi-lhe dito que fosse para o povo e para os gentios "para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de satanás a Deus" (Atos 26:18). Satanás, o arqui-inimigo, é o comandante dos exércitos do inferno; e ele atacou e derrotou a humanidade, e a tomou cativa. Ele exerce um terrível domínio e poder sobre a humanidade. O pecado é semelhante a uma terrível escravidão – "O caminho dos prevaricadores é áspero" (Provérbios 13:15).

Muitos pensam que uma vida de pecado é uma vida de liberdade, mas é a maior escravidão de todas. Pensem nas multidões que no mundo atual são escravas da bebida e das drogas, do sexo e de mil e uma outras coisas. Falam da sua liberdade e vida maravilhosas, porém são pobres escravos ignorantes, como logo descobrem quando tentam libertar-se. Quem quer que tenha tentado livrar-se de um hábito mantido e praticado há muito tempo sabe algo sobre a escravatura e sobre o poder da escravidão do pecado. Acresce que a humanidade está debaixo da maldição da lei: "A cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária", diz Paulo em Colossenses (2:14). A lei de Deus é contra nós por causa do nosso pecado, e está pronunciando um julgamento sobre nós. Estamos "debaixo da lei" por natureza. Esta é a condenação, e dela não podemos escapar. E depois há o fato da morte. "Ora o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte" (1 Coríntios 15:26). Eis o poderoso inimigo que mantém a humanidade em escravidão a vida inteira, o medo da morte. Satanás maneja e usa esse medo para manter-nos na escravidão. A humanidade em pecado odeia esse temível espectro que cada vez mais se aproxima de nós. Ela faria qualquer coisa para evitá-lo, todavia não consegue. Estes são os inimigos que derrotaram o homem. O Filho de Deus veio a este mundo a fim de vencer estes inimigos e pôr em liberdade todos os que nEle crêem. Cristo veio para redimir a Igreja, para resgatar o Seu próprio povo dessa escravidão, desse cativeiro, dessa tirania. Ele veio com esse objetivo específico, e o levou a cabo.

O nosso Senhor agora está na glória, assentado à destra de Deus, tendo posto todos os inimigos debaixo dos Seus pés. Mas, quando pensarmos nEle, devemos pensar também nalguma coisa mais – "que é, senão que também antes tinha descido às partes mais baixas da terra?" Ele está nos altos céus agora, mas já esteve na terra. Ele "veio à terra para ficar". O hino das crianças lembra-nos isso:

Eu gosto de contar a história
Que a voz dos anjos conta,
Que outrora o Rei da glória
Veio à terra para ficar.

Ele "deixou o palácio real celestial", Ele "humilhou-se"; estes são outros modos de dizer, "que é, senão que também antes tinha descido?" Estes são modos de descrever a Encarnação. Como John Henry Newman o expressou:

Que sabedoria do nosso Deus!
Quando tudo era pecado e vergonha,
Um segundo Adão para o combate
E para o resgate à terra veio.

Ele não poderia levar cativo o cativeiro enquanto não descesse primeiro e enfrentasse o inimigo. No entanto Ele veio, Ele desceu.

A clássica descrição e desenvolvimento disto acha-se no capítulo dois da Epístola aos Filipenses: "Que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus". Ele não Se apegou a esta igualdade que tinha com Deus como um prêmio que jamais deixaria ir-se, "mas aniquilou-se a si mesmo". Continuava sendo Deus em Sua plenitude; mas deixou de lado os sinais, a insígnia, a pompa e a glória disso tudo. Desceu à terra como incógnito, por assim dizer. "Tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens." "Ora isto – ele subiu – que é, senão que também antes tinha descido às partes mais baixas da terra?" significa que Ele veio dos mais altos palácios reais do céu ao ventre da virgem, à terra, na forma de homem, na forma de servo, com toda a pobreza e com tudo o que caracterizava o lar para o qual Ele veio. Dêem rédeas à sua imaginação inspirada e contemplem este drama da redenção. Ele desceu para defrontar-Se com os inimigos que nos derrotaram, e especialmente o poderoso adversário que nos mantém na escravidão.

Mas Ele não somente tomou para Si a forma de servo e Se fez semelhante aos homens, pois lemos a seguir: "E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte". Fazemos uma pausa aqui, por um momento, para ressaltar este elemento de obediência que caracterizou a Sua vida toda. Ele veio para empenhar-Se num conflito terrível; ainda quando Ele era um bebê, o Rei Herodes tentou matá-lO. "Um segundo Adão para o combate e para o resgate veio." Considerem também o Seu conflito com o diabo. Depois pensem também em Sua obediência aos Seus pais. Ele foi obediente, apesar de ser o Filho de Deus. Recordem como, aos doze anos de idade, no templo, Sua mãe e José O encontraram "assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os", e O censuraram

(Lucas 2:46). E lhes disse: "Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?" Embora Ele conhecesse os "negócios" do Seu Pai, foi obediente a José e Maria. "Sendo obediente." Procedeu assim porque isso fazia parte da luta. Sujeitou-Se ao batismo, apesar de não ter feito nada de errado e não ter nenhuma necessidade de ser batizado. Recordem o que João Batista Lhe disse. Mas Ele estava Se identificando com o Seu povo, pelo qual Ele ia lutar. Ele foi tentado pelo diabo. Durante quarenta dias e quarenta noites no deserto, Ele esteve em combate singular e mortal com o principal inimigo. Pensem na oposição dos fariseus, dos escribas, dos saduceus e dos doutores da lei. Tudo isso faz parte do drama da redenção e da luta, do conflito para libertar o Seu povo. Ele "desceu" para fazer isso. "Ele se tornou obediente" (VA). Nunca falhou; prestou perfeita obediência à vontade do seu Pai. Veio depois aquele terrível momento no Jardim do Getsêmani, quando Ele viu claramente o que a nossa redenção ia envolver, e clamou: "Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres". Obediência! Sim, "obediente até à morte, e morte de cruz". Ele foi até à cruz a fim de que esta vitória fosse completa.

Considerem de novo a palavra de Paulo aos colossenses: "E, despojando os princípios e potestados" (2:15). No Calvário eles puseram à mostra as suas últimas reservas. O diabo supunha que, se O matasse, ficaria livre dEle, e assim O derrotaria. Mas quando eles O estavam matando, Ele os estava destruindo. "Despojando os principados e potestados, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo." Foi morrendo e ressuscitando que Ele derrotou finalmente o diabo e todas as suas hostes. Ao mesmo tempo Ele enfrentou a lei: "Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz". Fazendo tudo isso, Ele morreu, e eles baixaram o Seu corpo e o sepultaram num túmulo.

Ele foi derrotado afinal? Sabemos a resposta, graças a Deus. Não houve derrota; foi sempre vitória, o tempo todo. Ele morreu e foi sepultado; os Seus amigos fizeram rolar uma grande pedra sobre a boca do túmulo, e os Seus inimigos puseram soldados para vigiá-lo. O inimigo parecia vitorioso, e tudo parecia estar perdido. Mas Ele "rompeu as ataduras da morte" e Se levantou triunfante sobre o túmulo. "Tragara foi a morte na vitória." Ele venceu a morte e o túmulo, de modo que podemos dizer com Paulo: "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória? Ora o aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Mas graças a Deus que nos dá a vitória por nosso Jesus Cristo".

O nosso Senhor venceu o último inimigo. Todo inimigo que alguma vez escravizou o homem e o manteve em cativeiro foi vencido e derrotado. Assim, tendo completado a obra, Ele ressurgiu e subiu da terra ao céu. Os discípulos estavam com Ele no Monte Olivete e O viram subir ao céu. "Ele passou através das nuvens." Como diz o apóstolo, "Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas".

A asserção do apóstolo é que é porque Ele fez tudo o que viera fazer na terra, que Ele está agora "acima de todos os céus". Ele expressa a mesma verdade na Epístola aos Filipenses: "Pelo que também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, na terra, e debaixo da terra" (2:9-10). É por causa do que Ele fez, que Deus O exaltou a esta posição suprema. O nosso Senhor mesmo afirmou isso, quando disse: "É-me dado todo o poder no céu e na terra. Portanto ide, ensinai todas as noções ... e eis que eu estou convosco todos os dias (estarei convosco), até à consumação dos séculos" (Mateus 28:18-20). Depois voltem-se para o livro de Apocalipse, capítulo 5, com o seu relato de um livro e selos nele, o livro da história, e observem o choro e o lamento porque ninguém é bastante forte (ou digno) para abrir os selos; não há ninguém, nem na terra nem no céu, que seja suficientemente grande para ter o controle da história. Outra vez, tudo parece perdido e sem esperança; mas "eis aqui o Leão da tribo de Judá, que venceu para abrir o livro e desatar os seus sete selos". O Leão da tribo de Judá! Jesus, o Filho de Deus! Aquele que "desceu", também "subiu", e é grande o bastante e suficientemente forte! O Livro é dado a Ele, e Ele rompe os selos. Ele é o Senhor da história! Ele está assentado à mão direita de Deus, "esperando até que os seus inimigos sejam postos por escabelo dos seus pés" (Hebreus 10:13). Senhor da criação, Senhor da história, Senhor de tudo!

O apóstolo já dissera tudo isso no capítulo primeiro desta Epístola. Ele quer que nós conheçamos a sobreexcelente grandeza do poder de Deus sobre nós, os que cremos, "segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo principado, e poder, e potestado, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro; e sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos" (versículos 19-23). "Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro, e deu dons aos homens." "A graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do

dom de Cristo." E em tudo isso porque Aquele que subiu e está em condições de dar dons, primeiro desceu, venceu todos os nossos inimigos e captores e os levou em Seu séquito triunfal. Ele conquistou o direito de ser a Cabeça da Igreja, e tem todo o poder. Assim, Ele dispensa estes dons ao Seu povo na Igreja, segundo a medida que Ele próprio determinou.

Certamente devemos juntar-nos todos para agradecer a Deus o grande apóstolo ter interrompido o seu argumento e ter-nos dado esta exposição, e, com ela, esta estupenda visão do drama da redenção – do céu à terra, ao túmulo, e de volta ao céu. Devemos lembrar-nos, porém, de que Ele levou conSigo a nossa natureza para a glória. Aquele que está no trono pôde "compadecer-se das nossas fraquezas" (Hebreus 4:15). Ele levou com Ele a Sua natureza humana, a nossa natureza, para a glória! E num sentido nós estamos lá com Ele, assentados com Ele "nos lugares celestiais." Esse é o quadro com o qual o apóstolo descreve Cristo como a Cabeça da Igreja, concedendo e distribuindo graças e dons ao Seu povo na Igreja, "que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos".

14

DONS DIFERENTES

"Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo." "E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores." Efésios 4:7 e 11

Agora devemos dirigir a nossa atenção para estes dois versículos em particular. Estivemos considerando o parêntese dos versículo 8-10 porque é essencial que captemos o seu ensino, se é que havemos de compreender verdadeiramente o ensino destes dois versículos que o circundam. Tendo o apóstolo escrito a declaração que vemos no versículo 7, a saber, que "a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo", em vez de passar a explicar de imediato o que exatamente o Senhor Jesus Cristo dá, explica primeiro como Ele está em condições de fazê-lo. Também devemos lembrar-nos, mais uma vez, de que o tema fundamental da seção toda é o da unidade da Igreja. Ele está interessado também em mostrar que esta unidade não implica uma mesmice monótona, mas é uma unidade na variedade, uma unidade na diversidade, é resultado da obra que o nosso Senhor, como a Cabeça da Igreja, realizou a favor do Seu povo.

Nestes dois versículos o apóstolo começa a desenvolver este princípio em detalhe e como vemos, ou deveríamos vê-lo, na vida e na atividade da Igreja Cristã. Este é um tema sumamente importante, e particulamente importante na presente hora, quando tanto se fala e se escreve sobre igreja, ecumenismo e unidade. Talvez nunca tenha sido mais importante que hoje considerar e tentar entender o ensino do apóstolo concernente a esta questão essencial. Ao fazê-lo, tenhamos o cuidado de observar que o apóstolo não estabelece um rígido sistema de ordem eclesiástica. Na verdade, é questionável se se pode achar tal coisa nalguma parte das Escrituras. Contudo, é importante notar que são firmados certos princípios que devemos observar e praticar. Devemos, pois, ter o cuidado de evitar dois perigos. Um é o de ir além das Escrituras e impor à Igreja algum sistema de ordem rígido, legal, mecânico. O outro é que, com medo de fazer o que acabamos de dizer,

não tenhamos nenhum sistema, tornando impossível fazer tudo "com ordem e decência", segundo a injunção apóstolica. Portanto, devemos dedicar-nos ao exame destes princípios.

O primeiro é que Cristo, e somente Cristo, é o Cabeça da Igreja. Há somente um Rei na Igreja, o Rei Jesus, como disse o escocês Andrew Melville no século 16. O papa não é o chefe, nem qualquer príncipe ou monarca. Jamais algum homem ou mulher pode ser o chefe da Igreja. A história da Igreja mostra que esta verdade foi esquecida muitas vezes, e muita batalha tem sido travada sobre ela. Cristo na Igreja é o Chefe da Igreja, e, onde quer que dois ou três se reúnam em Seu nome, ali está Ele, no meio deles. Devemos reafirmar esta verdade central nestes dias em que todos estes princípios estão de novo no crisol, nas mentes da imensa maioria das pessoas. Nossos antepassados terão lutado em vão acerca destas questões? Será inconseqüente dizermos que não há Chefe da Igreja senão o Senhor Jesus Cristo, e que ninguém deverá ser colocado nessa posição, jamais? Cristo é a Cabeça, e nós somos o corpo, e seus membros em particular.

O segundo princípio é que a Igreja consiste de membros, cada qual tendo uma função sob a Cabeça. É o que é exposto no versículo 7, "Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo". Quando o apóstolo fala em "graça dada", não está se referindo à graça de salvação, porque ele já tinha tratado desse assunto. Agora ele está preocupado com o funcionamento da Igreja como corpo de Cristo. Obviamente, a todos nós foi dada a graça da salvação, do contrário não estaríamos na Igreja; agora, porém, como o indica a expressão, "e ele mesmo deu uns para apóstolos", o seu tema é a graça dada a cada membro individual da Igreja Cristã, homem ou mulher, habilitando-o a desempenhar alguma função particular. A cada um é dada uma função, e, com esta, Ele lhe dá capacidade para exercer essa função particular. A analogia do corpo esclarece muito bem nisso. Cada parte do meu corpo, em particular, tem uma função para executar. Nem sempre sabemos qual é a função; entretanto, o fato de não sabê-la não significa que não haja uma função para cada parte.

Muitas vezes os cientistas caíram em erro quanto a esta questão. Há cem anos, e depois, houve aqueles que, acreditando na teoria da evolução, diziam dogmaticamente que a glândula tireóide não tem nenhuma função, sendo apenas um dos vários vestígios rudimentares. Falavam semelhantemente de diversas outras glândulas inativas. Mas hoje sabemos que essas glândulas executam funções vitais. Tais pessoas ainda dizem que o apêndice não tem nenhuma função, todavia o que realmente querem dizer é que não sabem o que ele é, e provavelmente descobrirão que ele tem uma função muito importante. O ponto em que

estou insistindo é que não há nada no corpo, nem sequer uma célula mínima, nem um fio de cabelo, sem alguma função, algum propósito. Pode parecer muito insignificante em si; mas está no corpo, opera com os outros elementos e tem o seu papel a desempenhar.

Quando examinamos esta verdade e nos testamos por meio dela, como nos vemos como membros da Igreja Cristã? Surgiu uma fatal tendência de pensar e dizer que, em sua grande maioria, as pessoas da Igreja estão destinadas a ser inteiramente passivas. Muitos parecem pensar na Igreja apenas como um edifício ao qual as pessoas vêm, sentam-se e ouvem sermões e palestras, e no qual não fazem nada. Isto é negar a proposição fundamental de que a graça foi dada a cada um de nós na Igreja e como partes do corpo de Cristo. Cada um de nós tem uma função, e não somos destinados a ser inteiramente passivos. Todo o segredo do funcionamento do corpo humano é que cada parte e partícula tem uma função particular destinada a ser cumprida.

A primeira coisa que temos que fazer, portanto, é descobrir qual é a nossa função. Quando compreendemos isso, é que vemos que privilégio é sermos membros da Igreja Cristã. A glória da nossa posição é que, neste corpo que Cristo está formando por meio do Espírito, temos uma parte e um lugar. Em 1 Coríntios, capítulo 12, são nos lembrados algumas dessas funções, mas Paulo não nos dá uma lista exaustiva. Há alguma posição particular que cada um de nós é chamado para ocupar e na qual trabalhar. Assim, como cremos que a Igreja é a guardiã e a defensora da única mensagem que pode salvar o homem neste terrível mundo moderno, o nosso primeiro dever é descobrir qual é a nossa função, e exercê-la. Esta função pode *parecer* não importante, como vou mostrar, mas isso não importa; o que é vital é que há algo para cada um de nós fazer – "A graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo".

O terceiro princípio é que é o próprio Cristo que dá a cada um de nós esta graça particular. O apóstolo dá ênfase a este ponto nos versículos 7 e 11. A graça nos é dada "segundo a medida do dom de Cristo". Infelizmente, no versículo 11, a Versão Autorizada não assinala o sentido, pois diz: "E Ele deu uns, apóstolos". Contudo, a tradução correta e melhor é: "E ele mesmo deu uns para serem apóstolos" (como Almeida). É enfático; não "ele", mas "ele mesmo", para que não deixemos de compreender e de lembrar que é o próprio Senhor que dá todos estes diversos dons.

Chegamos a seguir ao mais importante aspecto prático de toda esta matéria. Do ponto de vista das atividades da Igreja hoje, esta é certamente uma das questões mais importantes. Noutras palavras,

vamos considerar o que se conhece como doutrina da vocação. Os homens e as mulheres da Igreja são chamados pelo próprio Senhor para determinadas funções, e por Ele mesmo lhes é dada a capacidade para exercê-las. Este é um assunto difícil, e freqüentemente mal compreendido. Só poderemos tratar de alguns dos princípios pertinentes.

O primeiro princípio é que a pessoa não se chama a si própria. Não nos cabe decidir fazer isso ou aquilo na Igreja, como se tem feito com freqüência. Por exemplo, um decide que vai pregar, e o faz. Não lhe interessa a doutrina da vocação; nunca ouviu falar dela. Ele faz o que deseja fazer. Mas, segundo o ensino do apóstolo, o homem não se chama a si próprio; menos ainda, por certo, ele entra no ministério, ou em qualquer outro ofício da Igreja, como profissão. A história dos períodos sem vida nos anais da Igreja mostra como a idéia de entrar no ministério como profissão tendia a prevalecer. A tradição e costume das grandes famílias era que o filho mais velho se engajasse na Marinha, o segundo filho ia para o Exército, enquanto que o terceiro filho entrava no ministério da Igreja como clérigo. O filho que ia para o ministério, ia exatamente da mesma maneira como os seus irmãos iam para a Marinha ou para o Exército. Isto freqüentemente explicava as tristes condições da Igreja Cristã. E não imaginemos que esse costume se restringe ao passado; ainda há aqueles que vão para o ministério exatamente do mesmo modo. Um homem que poderia ser um poeta e que deseja uma vida sossegada em que possa ter tempo para ler obras da literatura e para compor poemas ou escrever romances ou outros tipos de literatura, pode entrar no ministério por essas razões. Isto explica por que tantas vezes a Igreja é fraca e ineficiente. Os homens esqueceram que é Cristo quem chama, e que não somos nós que decidimos o que fazer na Igreja, nesta ou naquela posição.

Devemos ir ainda além e acentuar que a necessidade não é a vocação. Esta é uma negativa importante, porque um ensino evangélico popular tem insistido em que a necessidade é a vocação. A resposta a isso é que é o Senhor que chama. Naturalmente Ele pode chamar-nos para fazermos algo devido a uma certa necessidade; mas a necessidade não pode ser a vocação, pela boa e suficiente razão que, se a necessidade constituísse a vocação, todos nós deveríamos estar atendendo a essa necessidade, e isso é patentemente ridículo. O propósito não é que a necessidade seja a vocação. O Senhor mesmo vê o campo todo, e é a Cabeça do corpo todo. Ele vê uma necessidade aqui, uma necessidade ali, ao mesmo tempo. Ele vê, como nós, de maneira parcial; Ele vê perfeitamente. Devemos salientar este princípio, que, simplesmente porque eu vejo uma necessidade num dado lugar, não devo concluir daí que tenho a incumbência de satisfazê-la.

Pode não ser da vontade de Deus que eu o faça. Pode ser que Ele tenha alguma outra coisa para eu fazer, e talvez Ele queira que outra pessoa realize a obra que eu insensatamente me apresso a empreender. O ensino segundo o qual a necessidade é a vocação não somente não é escriturístico, é uma negação do ensino de que o Senhor, como Cabeça da Igreja, é o único que pode dar a vocação, e de que Ele no-la dá diretamente.

Em terceiro lugar, devemos acentuar que a Igreja sozinha não dá a vocação. Não estou avançando a minha própria opinião ou interpretação daquilo que o apóstolo diz aqui – "A graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo.... E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores" – pois o próprio Cristo deu o mesmo ensino nas muitas vezes citada declaração de Mateus 9: "A seara é realmente grande, mas poucos os ceifeiros". Será a Igreja, então, que deve lançar mãos de pessoas e enviá-las à seara? A resposta do nosso Senhor é: "Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara" (versículos 37-38). Nós não lançamos obreiros; Ele o faz; e tudo o que fazemos é orar rogando-Lhe que os envie. Em nosso zelo e entusiasmo carnal, muitas vezes julgamos que o nosso objetivo é chamar pessoas para tarefas na igreja, e fazemos isso de diferentes maneiras. Sugerimos a jovens que entrem no ministério, ou preguem, ou ensinem. Como isso é escandaloso! Não temos direito de sugerir a outrem qual pode ser a sua função na igreja ou o que ele deve fazer. Há muitos homens que estão no ministério por uma só razão, a saber, que a certa altura um velho ministro ou algum presbítero ou diácono foi lhes perguntar se alguma vez tinham pensado em entrar no ministério, e então os persuadiu a fazê-lo.

Perdoem-me uma referência pessoal que pode ajudar a ilustrar este assunto. Há uns trinta anos, quando me senti chamado por Deus para entrar no ministério e para pregar o evangelho, recebi uma carta do Secretário Geral de uma certa sociedade de missões estrangeiras. Em sua carta ele me sugeriu que, ao invés de pregar o evangelho na Inglaterra, eu devia ser um médico missionário na Índia. Parecia-lhe óbvio isso. Na ocasião havia tremenda necessidade de um homem em certo hospital da Índia, e aqui estava eu apressando-me para pregar o evangelho na Grã-Bretanha, quando obviamente eu era o homem para aquele posto na Índia. Minha resposta àquele bom homem – cujos motivos, naturalmente, eram excelentes e de quem eu muito me compadecia – foi simplesmente fazer-lhe uma pergunta. Perguntei-lhe se ele cria na doutrina bíblica da vocação, se ele cria que o Senhor da

seara ainda escolhe os homens e escolhe o lugar para onde enviá-los. Disse-lhe eu que, quanto a mim, não somente creio, mas ajo baseado nisso e, daí, não fui para a Índia.

Há de fato um elemento quase impertinente, espiritualmente impertinente, neste falso ensino segundo o qual a necessidade é a vocação. Pensamos que entendemos, e tantas vezes fracassamos em nossos esforços! Em nossa ignorância, não hesitamos em legislar para a Igreja e em decidir o que os homens devem fazer. Não é tarefa da Igreja sugerir ou chamar, ou, menos ainda, pressionar os homens, como se faz tantas vezes, e numa atmosfera emocional. Delinea-se a necessidade, e com ela se procura impressionar os jovens; depois se faz um apelo para que todos se disponham a alistar-se como voluntários. É um processo sumamente antibíblico.

Estou dando ênfase a isto, não somente por tratar-se de matéria de interesse teológico, mas também porque com freqüência têm ocorrido tragédias resultantes dessa prática. Há pessoas cujas vidas foram completamente arruinadas por este ensino que proclama que é o dever de todo jovem cristão ir para o campo missionário. Não se preocupem com a ausência de sentimento, diz este ensino, a necessidade é a vocação; vão para o campo missionário e, se virem, quando chegarem lá, que não há propósito em ficarem lá, bem, então, vão para casa! Isso é exatamente o oposto do ensino do nosso Senhor, e também do ensino do apóstolo. Assim a confusão entra na Igreja, e muitas vidas se arruínam simplesmente pela falta de aplicação do ensino das Escrituras.

Cada um de nós deve estar disposto a fazer qualquer coisa que o Senhor nos chamar para fazer – ir para o campo missionário, e igualmente talvez, não ir para o campo missionário. Às vezes pode ser mais fácil ir do que não ir. Há pessoas que tranqüilizam e satisfazem as suas consciências fazendo algo heróico, tal como ir para o coração da África e construir um hospital. No entanto, pode não ser a vontade de Deus que o façam. Sua vontade pode ser que fiquem fazendo algo monótono e comum neste país. Como povo cristão, como membros do corpo de Cristo em particular, devemos estar à disposição dEle, prontos a fazer o que quer que Ele nos chame para fazer. Os que Ele chama para que vão, e envia, realizam uma obra fiel e trazem glória ao Seu nome.

Tem havido muita confusão quanto a todo este assunto de obra missionária estrangeira, e muitas vezes o nome de Cristo foi difamado. Pessoas que se lançam emocionalmente à obra, quando chegam ao campo descobrem o seu engano e, quando retornam ao país de origem apresentar relatório do trabalho, não voltam mais ao campo, e disto ficam sabendo os de fora da Igreja. Ouvi dizer que, nalguns países,

somente um em três voltam para o campo missionário depois do seu primeiro período de ausência de lá. Isso porque foram chamados por homens, e não pelo Senhor; tem-se considerado a necessidade como sendo a vocação, ou a igreja tem dado a vocação. Eles nunca entenderam que somos apenas partes e membros individuais de um corpo, que é a Cabeça que decide e chama, e que esta prerrogativa é de Cristo, e dEle somente.

Mas alguém poderá perguntar como havemos de saber quando vem esta vocação. Há quem pergunte se a igreja tem algo que ver com isto. Que se há de fazer com um homem que se apresenta e afirma que foi chamado pelo Senhor para realizar uma obra em particular? As Escrituras nos fornecem uma resposta para o problema. Elas começam, como temos acentuado, com a grande e central doutrina de que o Senhor mesmo é Aquele que chama. No entanto, em acréscimo, as Escrituras mostram que o que qualquer de nós pode considerar como vocação deve ser provado e testado. É justamente aqui que a igreja entra; porém a função da igreja é mormente negativa. A igreja deve aplicar certos testes ao homem que alega que foi chamado pelo Senhor para uma tarefa. Tal homem não deve pôr-se em ação imediatamente; deve vir à igreja e fazer a sua declaração; e então a igreja deve estudar a questão.

Notem, por exemplo, o que vemos no capítulo seis do livro de Atos dos Apóstolos, e também nas Epístolas pastorais. Ali vemos minuciosas regras e regulamentos com vistas aos presbíteros e diáconos e acerca dos que pregam e ensinam. É dever da igreja aplicar esses testes a qualquer candidato. Há dois lados nesta questão. Posso ilustrar isso repetindo a conhecida história sobre Charles Haddon Spurgeon, que tinha o seu próprio método de aplicar esses princípios. Uma vez um jovem o procurou e lhe disse que tinha sido chamado, e que o Espírito lhe dissera que ele devia pregar na terça-feira seguinte no Tabernáculo de Spurgeon. Spurgeon respondeu que era muito estranho, porque o Espírito não tinha dito nada a ele (a Spurgeon) sobre isso. Quando o Senhor chama pelo Espírito, não fala somente com o jovem; fala com Charles Haddon Spurgeon também! "Faça-se tudo decentemente e com ordem", diz Paulo, para que o ministério não seja censurado (1 Coríntios 14:40; 2 Coríntios 6:3). É preciso que não haja confusão na igreja; e quando o Espírito opera, sempre o faz de modo ordeiro. Assim, demos estas instruções à igreja, e com isso temos uma prova que nos assegura de que não fomos mal conduzidos por um impulso passageiro. Todos nós somos tão frágeis, e o inimigo é tão astuto! Ele pode "transfigurar-se em anjo de luz" (2 Coríntios 11:14), com o fim

de confundir-nos. O homem verdadeiramente vocacionado é humilde, e não se impõe sozinho; ele vai à igreja e declara que acredita que foi chamado por Cristo. Ele se apresenta à igreja; e a igreja o examina.

Naturalmente, é muito importante que a igreja faça isso corretamente; e aqui há erros, perigos e armadilhas por todos os lados. A igreja deve fazer isso aplicando testes de maneira espiritual. Ela mesma deve ser sensível à direção do Espírito. Ela não deve agir de maneira legalista, nem de maneira rígida, nem de maneira meramente formal. Por vezes a igreja cometeu trágicos enganos. Houve homens que verdadeiramente foram chamados por Deus, e que foram à igreja só para ouvirem dela que eles não eram vocacionados. A igreja os rejeitou. Mas nalguns casos a igreja errou inteiramente. A igreja não é infalível e não deve agir de maneira legalista; deve respeitar a liberdade do Espírito, e o equilíbrio do Espírito. Portanto, convém-nos a todos manter-nos no Espírito e debaixo da influência do Espírito, de modo que possamos "julgar segundo a reta justiça" (João 7:24).

A história da Igreja mostra claramente que, gostemos ou não, quem chama é o próprio Senhor. O tratamento dado a George Whitefield e aos irmãos Wesley pela Igreja da Inglaterra há duzentos anos nos fornece uma perfeita ilustração deste ponto. Naquele tempo a Igreja da Inglaterra estava cega, e não podia ver que era o Senhor que tinha chamado aqueles homens e os enviara para os seus poderosos ministérios. A igreja não conseguia enxergar isso; e a igreja estava errada. É o Senhor que concede os Seus dons à Igreja; e não há nada mais fascinante na história da Igreja do que observar o modo como Ele o faz. De que maneira inesperada, age Ele às vezes! Ele impõe as Suas mãos sobre um filósofo imoral como Agostinho de Hipona, assenhoreia-se de um monge como Martinho Lutero, ou de um grande crânio para leis como João Calvino. Assim O vemos dar os Seus dons. Ele chama e dá. A Igreja nem sempre entende; mas não significa que devemos ignorar a Igreja e dizer que a Igreja não importa. Ela pode cometer erros por não ser bíblica e espiritual, todavia Ele é a Cabeça, e pode sobrepujar até os erros dela.

Não há nada que esteja tão distante da descrição apostólica da Igreja como o instuticionalismo e o eclesiasticismo. Não se encontram esses "ismos" em parte alguma de Novo Testamento. O institucionalismo é uma negação da descrição da Igreja como corpo de Cristo, e de Cristo somente com a Cabeça, e do Espírito Santo produzindo e preservando esta bendita unidade. O eclesiasticismo é tanto uma negação do ensino da Escrituras, como é o caos que se vê noutros círculos na hora presente, onde os homens se estabelecem a si próprios e não reconhecem nenhuma autoridade. Devemos ser guiados pelo conjunto com-

pleto das Escrituras, e esforçar-nos conforme nos sejam dados graça e poder pelo Espírito, para manter um genuíno equilíbrio.

Isto nos leva ao quarto princípio, que é mais prático ainda. Esta graça que o Senhor dá a cada um de nós difere e varia de caso a caso. "E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores." É Ele que determina os diversos ofícios e funções na Igreja; portanto, quem não crê em nenhuma organização, está numa posição inteiramente antibíblica. Há os que imaginam que é muito espiritual não ter organização, mas sim, ter uma comunidade solta e livre. Contudo, o nosso Senhor determinou ofícios específicos para a Igreja. Não é um artifício feito pelo homem; tudo proveio de Cristo, por meio destes apóstolos inspirados. Ele não somente determinou que houvesse ofícios e funções, porém também determinou a natureza e a variedade deles. 1 Coríntios, capítulo 12, ensina-nos isso claramente. Uns ofícios são mais importantes do que os outros e, todavia, cada um deles é essencial. Como no corpo físico algumas partes não são tão elegantes como outras, entretanto estas partes deselegantes são necessárias e lhes concedemos mais abundante honra. As várias funções diferem umas das outras, e o propósito é que sejam diferentes; porém todos são indispensáveis para o funcionamento harmonioso do conjunto total.

Além disso, é-nos dito que o nosso Senhor designa os homens para estes ofícios. "Ele mesmo deu uns para serem (ou como) apóstolos." É o Senhor mesmo que escolheu os apóstolos, os profetas e todos os demais. Ele estabelece estes diferentes ofícios, chama homens para eles e lhes dá capacidade para exercerem as funções que estão destinadas a exercer naquele ofício particular. Aqui, de novo, é óbvia a desigualdade. As próprias Escrituras ensinam que se preste excepcional honra aos presbíteros que pregam e ensinam, pois essa função é excepcionalmente importante. Há uma graduação de ofícios na Igreja; uns são mais importantes, outros são menos, contudo todos são essenciais. Portanto, devemos ter constantemente em vista estas duas coisas ao mesmo tempo – a divisão de ofícios, a graduação dos ofícios e, todavia, o fato de que todos eles são igualmente essenciais, e todos são designados pelo próprio Senhor.

A transposição deste ensino para a prática é altamente importante. Começamos pelo reconhecimento das desigualdades; e longe de ficarmos perturbados ou transtornados diante das desigualdades, reconhecemos que elas são determinadas por Cristo e que visam ao pleno e harmonioso funcionamento da Igreja. Depois, tendo reconhecido estas diferenças e graduações, devemos respeitá-las. Pelo que,

Tiago ensina no capítulo três da sua Epístola: "Meus irmãos, muitos de vós não sejam mestres" (VA: "Meus irmãos, não sejais muitos mestres") (versículo 1º). Havia pessoas na Igreja Primitiva que afirmavam que todos eram iguais, que todos eram mestres, todos pregadores, todos capazes de fazer as mesmas coisas. Não foi determinado que fôssem todos mestres! Devemos reconhecer que há diferentes funções, diferentes ofícios, diferentes capacidades, diferentes vocações na Igreja. Mas preciso acrescentar imediatamente que não devemos endurecer isso numa divisão rígida e absoluta. Não há nada nas Escrituras que dê suporte à idéia monárquica do governo da Igreja. Não devemos chamar a ninguém senhor na Igreja. Não há autoridade monárquica ou papal.

É interessante observar que, dentre todos os homens, foi o apóstolo Pedro que escreveu: "Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho" (1 Pedro 5:3). Os nossos antepassados puritanos e vultos da Igreja Livre derramaram o seu sangue por este princípio; porém hoje a tendência é dizer que estas coisas de nada valem. Temos que reconhecer que existem diferentes funções, vocações e ofícios; todavia eles não devem ter caráter hierárquico. O homem de um ofício inferior não tem por que dobrar os joelhos ao de um ofício superior e chamar-lhe, "Meu Senhor". Todos nós recebemos a mesma graça e, apesar de nos serem dadas funções diferentes, somos igualmente essenciais. Na Igreja, a ninguém chamo Senhor, a ninguém chamo mestre. Reconheço as divisões e respeito o homem que exerce uma função superior, mas não me sujeito como escravo, como súdito de um nobre ou de um rei ou de alguém que tem autoridade monárquica. A idéia monárquica é uma negação daquilo que aqui se ensina com clareza.

Devemos aprender a considerar corretamente estas coisas, em nós e nos outros. Com relação a nós mesmos, se você achar que foi chamado para um alto ofício ou que lhe foi dado um dom extraordinário, não seja orgulhoso, não se gabe e não despreze outro irmão. Como Paulo argumenta: "Quem te diferença? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se não o houveras recebido?" (1 Coríntios 4:7). Se você ocupa uma posição elevada, seja humilde; o que você tem lhe foi dado; o ofício foi dado, o dom foi dado; a capacidade foi dada; portanto, não se jacte, e não despreze os outros. Por outro lado, se é você que ocupa uma posição inferior, não seja invejoso, não seja ciumento. Não olhe para o outro e diga: por que ele tem isso, e eu não? Leia 1 Coríntios, capítulo 12, e corrija-se. Todos nós devemos estar contentes com a função que nos foi dada, com a tarefa para a qual fomos chamados. Não importa quão inferior ou quão

insignificante ela é; não importa se não recebo louvores dos homens, e se o meu nome nunca está nos jornais; isso é completamente sem importância, porque foi o Senhor que chamou a cada um, e a minha função é essencial. Faço tudo para a Sua glória; alegro-me nisso; a Deus louvo porque estou no corpo, mesmo sendo uma das partes menos elegantes, e uma parte que não parece necessária. "Pela graça de Deus sou o que sou" (1 Coríntios 15:10). Foi Ele que me chamou, foi Ele que me deu a incumbência e a capacidade.

Também devemos aplicar isto com relação à nossa maneira de ver os outros. Foi isso que deixaram de fazer em Corinto, resultando em que aquela igreja foi dividida em seitas, cisões e grupos, cada qual seguindo um homem em particular e se gabando de um dom particular. Eles tinham esquecido que "Paulo não é coisa alguma, e Apolo não é coisa alguma, senão ministros de Cristo", e que nenhum deles teria dom nenhum, se o Senhor Jesus Cristo não lhos tivesse dado. Assim Paulo diz-lhes que não se gloriem no homem, mas que se gloriem somente no Senhor, o Doador dos dons, a Cabeça da Igreja.

Não seria crescentemente óbvio que é a nossa falta de estudo das Escrituras que leva às dificuldades e à confusão, às divisões e cismas, às mágoas, aos pesares, ao ciúme, à inveja e rivalidade, e a toda balbúrdia e confusão nas igrejas, e que retarda o avivamento? Como poderá o Senhor honrar uma tal igreja, um tal aglomerado de pessoas? Devemos retornar ao ensino bíblico sobre a Igreja. Isso não é algo teórico, só para presbíteros e líderes, não é somente algo para ser discutido nos concílios da Igreja. Esta Epístola foi escrita para todos os membros da igreja de Éfeso. Todos nós precisamos ter idéias claras acerca destas coisas, de modo que, quando lermos sobre elas, possamos ter opiniões e expressá-las. É nossa obrigação ver que a Igreja funcione como o seu Senhor planejou que funcionasse. Portanto, humilhemo-nos, todos nós, diante dEle, confessemos o nosso orgulho ou ciúme, a nossa inveja ou o nosso fracasso, o nosso egoísmo, a nossa autovalorização, os nossos sentimentos de que somos negligenciados. Voltemos ao Senhor, é o que digo, e humilhemo-nos diante dEle; peçamos-Lhe que nos perdoe, que nos purifique; peçamos-Lhe que nos mostre de modo simples e claro a obra para cuja realização Ele nos chamou, que é que Ele deseja que façamos; e depois levantemo-nos e vamos fazê-lo com todas as nossas forças, firmados no poder, na autoridade e na energia do próprio Espírito Santo.

15

APÓSTOLOS, PROFETAS, EVANGELISTAS, PASTORES E MESTRES

"E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores." Efésios 4:11

Já vimos que o versículo 11 é uma continuação do que o apóstolo começara a dizer no versículo sete. Era essencial que os tomássemos juntos. Mas tendo feito isso, agora podemos considerar a particular mensagem e declaração deste versículo em si mesma, contudo somente com a condição de continuarmos a ter em mente que o Senhor Jesus Cristo é o Doador de todos os dons da Igreja. Também devemos continuar a ter em mente que o objetivo e o propósito de Deus, acima de tudo, consistem em reunir em uma só todas as coisas, e que uma das principais funções da Igreja Cristã é manifestar isso ao mundo. É por isso que precisamos ter sempre o cuidado de preservar e defender a unidade. O apóstolo explica como o nosso Senhor mesmo fez certas coisas com esse fim, e para salvaguardar esta unidade.

Tendo firmado a sua doutrina, os seus princípios, o apóstolo passa agora a ilustrar isso e a dar alguns exemplos de como Ele o faz: "Ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores".

É importante que compreendamos que no versículo 11 o apóstolo está simplesmente ilustrando o seu grande tema. Ele o faz indicando algo com o que os seus leitores estavam bem familiarizados na vida das suas igrejas e na de outras igrejas. Mas ele não está expondo um pleno e exaustivo relato e descrição de uma ordem da Igreja. Há ofícios que ele não menciona aqui. O seu objetivo é simplesmente ilustrar o seu princípio. O que ele está efetivamente dizendo é que na vida da Igreja há diferentes ofícios e diferentes dons, porém que cada um deles foi designado para levar ao mesmo alvo da unidade. Põe-se ele a desenvolver isso pormenorizadamente nos versículos 12-16: "Querendo o

aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé", e assim por diante.

Esta é mormente uma matéria de instrução que, a primeira vista, pode parecer distante da vida do cristão individual, porém há muitas razões importantes pelas quais devemos estudá-la. A história da Igreja, através dos séculos, mostra que nada, talvez, foi mais prolífico na produção de dificuldade, contenda, cisma e grave dano à Igreja e, conseqüentemente, do nome de Cristo e da Sua obra de salvação, do que a incompreensão deste assunto. Esta verdade se vê particularmente no caso da igreja católica romana; mas não se restringe a ela. Houve outros segmentos da Igreja e movimentos dentro da Igreja em geral que são igualmente culpados de confusão neste aspecto, e nos estaremos referindo a alguns deles.

A dificuldade tem sido com respeito à definição de "apóstolos e profetas" e aos demais ofícios. Isto, no entanto, não é importante somente do ponto de vista do entendimento da história da Igreja; é de importância prática no presente, com toda a ênfase que se dá ao ecumenismo. Dizem-nos constantemente que a única questão importante é a união dos diversos segmentos da Igreja Cristã numa grande igreja mundial. É-nos dito que esta é a grande necessidade, e há os que asseveram que a sua promoção é o maior movimento do Espírito Santo desde a era dos apóstolos. O perigo é que aquele que carecem de uma firme apreensão do ensino escriturístico podem estar prontos a fazer concessões e a cometer erros graves. Em seu desejo de unidade, os cristãos podem alijar certos princípios pelos quais os nossos antepassados não só lutaram, mas até morreram. Há, por exemplo, acordo geral entre os corpos religiosos maiores, no sentido de que o episcopado é essencial para o bem-estar da Igreja. É, pois, importante que tenhamos um inteligente entendimento destas questões. Como povo cristão, cabe-nos ter opinião sobre elas, e estaremos falhando em nosso dever, se não falarmos delas inteligentemente. É um erro dizerem quaisquer cristãos que não se incomodam com estas questões, que são simplesmente evangélicos preocupados com a salvação de almas. Não temos direito de dissociar-nos da Igreja, não temos nenhum direito de ignorar o ensino das Escrituras. Você pode imaginar que está sendo muito espiritual ao fazê-lo, porém na verdade você está deixando de sujeitar-se à Palavra de Deus. Não temos o direito do continuar crianças; devemos crescer, como o apóstolo nos faz lembrar. Os que se colocam como extraordinariamente espirituais, não podendo incomodar-se com essas coisas, são, como diz o apóstolo, os que estão mais sujeitos a ser "levados em roda por todo o vento de doutrina", e

eventualmente se vêem em situações nas quais nunca imaginaram, sequer por um momento, que poderiam estar.

Os ofícios mencionados pelo apóstolo são apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres. A respeito destes muito se tem escrito, discutido e debatido no transcorrer dos séculos. Minha opinião é que podem ser divididos em dois grupos. Primeiro, há certos ofícios que foram temporários e extraordinários na Igreja, certas funções destinadas a serem utilizados durante um certo período, e daí em diante desapareceram. Obviamente, portanto, o segundo grupo consiste dos ofícios permanentes na vida e no testemunho da Igreja. Com o fim de estabelecer e mostrar que esta classificação é boa, devemos examinar agora estes diferentes ofícios.

No primeiro grupo, dos ofícios extraordinários e temporários, temos apóstolos, profetas e evangelistas; e no segundo grupo, dos ofícios permanentes, temos pastores e mestres. Começamos com "apóstolos". Foi o nosso Senhor mesmo que criou, e foi Ele que designou homens para o ofício. Como Paulo nos lembra no versículo primeiro da sua Epístola aos Gálatas, Paulo apóstolo (não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressucitou dos mortos)". Ele não é apóstolo "da parte dos homens"; não foi chamado ou designado por homens; "mas por Jesus Cristo". "Ele mesmo deu uns para apóstolos", e deu esses apóstolos à Igreja. Há certas coisas claras nas Escrituras do Novo Testamento com relação ao ofício de apóstolo. Apóstolo era um homem caracterizado pelas seguintes coisas: primeiro e acima de tudo, é preciso que ele tenha visto a Cristo ressurreto. Não podemos trabalhar com todas as provas escriturísticas, porém uma das mais importantes é 1 Coríntios 9:1, onde Paulo escreve: "Não sou apóstolo? Não sou livre? Não vi eu a Jesus Cristo Senhor nosso?" Igualmente em 1 Coríntios, capítulo 15, ao dar uma lista das pessoas pelas quais o Senhor ressurreto fora visto, ele menciona o fato de que, "Por derradeiro de todos me apareceu também a mim, como a um abortivo. Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo". Nenhum homem poderia ser apóstolo, se não fosse testemunha da ressurreição do Senhor, se não pudesse dizer que tinha visto a Cristo ressurreto. Veremos por que é importante dar ênfase a isso.

O segundo ponto essencial é que é preciso que ele tenha sido chamado e comissionado para realizar a sua obra pelo próprio Senhor, em pessoa; não pela Igreja, não por alguma delegação. Vê-se isto, de novo, em Gálatas, capítulo primeiro. De fato Paulo geralmente começa as suas Epístolas descrevendo-se como "Paulo", chamado para ser

apóstolo", ou "um apóstolo chamado". Com isso ele se diferencia de outros homens que se diziam apóstolos, os quais nunca tinham sido chamados pelo Senhor. Eles se chamaram a si mesmos, ou certos segmentos da Igreja os tinham chamado. Paulo fora "chamado" no caminho de Damasco. O Senhor ressurreto lhe aparecera; e Paulo O tinha visto. Não foi uma visão, lembremo-nos; Paulo de fato viu, a olhos nus, o Senhor ressurreto e glorificado. Vira-O tão definidamente como cada um dos outros apóstolos O vira no Cenáculo e noutros lugares. O Senhor o comissionara ali, e lhe dissera que ia fazer dele um "ministro e testemunha tanto das coisas que tens visto como daquelas pelas quais te aparecerei ainda" (Atos 26:16). Ele dissera que tinha aparecido a Paulo "por isso", "com esse propósito" (VA). Sem ter visto realmente o Senhor ressurreto, ninguém podia ser apóstolo.

Em terceiro lugar, apóstolo era um homem a quem tinha sido feita uma revelação sobrenatural da verdade. O apóstolo já tinha tratado disso no capítulo três desta Epístola, onde ele diz: "Se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada; como me foi este mistério manifestado pela revelação" (versículo 2-3). Ele recebera "pela revelação" o conhecimento da verdade que devia pregar. No capítulo primeiro da Epístola aos Gálatas, onde ele defende o seu apostolado e declara anátema sobre qualquer, mesmo um anjo do céu, que pregasse algum outro evangelho que não o que ele lhes tinha pregado, Paulo justifica a sua linguagem forte e alega com as seguintes palavras: "Persuado eu agora a homens ou a Deus? Ou procuro agradar a homens? Se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo. Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens. Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo" (versículos 10-12). É isso que dá a um apóstolo a sua autoridade e competência como mestre excepcional.

Quarto, o desiderato subseqüente segue-se logicamente do terceiro, a saber, que apóstolo é um homem a quem foi dado poder para falar não só com autoridade, com também infalivelmente. Os apóstolos eram os embaixadores de Cristo, e lhes foi outorgada autoridade única. A Igreja Primitiva reconhecia esta autoridade. Quando, mais tarde, a Igreja Primitiva teve que decidir sobre o cânon das Escrituras do Novo Testamento, sob a direção do Espírito Santo, este foi o último teste, que um livro tinha que ter autoridade apostólica. Esta autoridade tinha que ser traçada até um apóstolo propriamente dito, ou tinha que ser provado que derivava do ensino de um apóstolo. A apostolicidade era um teste da autenticidade, porque um apóstolo, e unicamente um apóstolo, podia falar infalivelmente e com autoridade divina. Isto se

explica por que o apóstolo Paulo pôde escrever ao povo e dizer: "Sede meus imitadores" (1 Coríntios 4:16; Filipenses 3:17). Isto não era egoísmo, nem presunção; era a humildade de um apóstolo que sempre deixou claro que as suas palavras não eram propriamente suas, e sim as do Senhor. A importância da ênfase a isto é evidente.

O quinto e último teste que se deve salientar é que apóstolo era um homem que tinha o poder de realizar milagres. Afirma-se isto em Hebreus 2:4, onde se nos diz que, primeiro, a palavra foi proclamada pelo Senhor, e pelos que O ouviram, "Testificando também Deus com eles, por sinais, e milagres, e várias maravilhas". O Senhor dissera aos Seus discípulos: "Maiores obras do que estas fareis" (João 14:12). Isto se refere a milagres; a realização de milagres era uma das marcas de um apóstolo, como vemos profusamente no livro de Atos dos Apóstolos.

Tudo isso é importante porque, mesmo nos dias da Igreja Primitiva e dos apóstolos, havia homens que, dizendo-se apóstolos, arvoravam-se em apóstolos e mestres. Paulo refere-se a eles na Segunda Epístola aos Coríntios. Esses homens estavam perturbando a igreja de Corinto e outras igrejas; e é isto que Paulo diz a respeito deles: "Porque tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo. E não é maravilha, porque o próprio satanás se transfigura em anjo de luz" (11:13-14). O fato de que havia falsos apóstolos torna vitalmente importante que entendamos o que é um verdadeiro apóstolo. Os falsos apóstolos não tinham visto o Senhor ressurreto, e nunca tinham sido chamados e comissionados por Ele. Não compreendiam a verdade, nunca tinham recebido a revelação, não realizaram milagres. Eram impostores que davam e recebiam "cartas de recomendação" uns dos outros (2 Coríntios 3:1). Por definição, este ofício de apóstolo era claramente um ofício extraordinário e temporário. Era impossível que continuasse, simplesmente por este fato, que, desde o apóstolo Paulo, homem nenhum viu a olhos nus o Senhor ressurreto, nem teria a mínima possibilidade de alegar que O vira daquela maneira. Alguns têm alegado que tiveram visões, contudo visões pertencentes a uma categoria inteiramente diferente. Paulo não teve uma visão no caminho de Damasco; ele realmente viu o Senhor Jesus Cristo.

Portanto, não há nenhum sucessor dos apóstolos. Por definição, nunca poderá haver, nem houve, sucessor dos apóstolos. Que isto é ensinado no próprio Novo Testamento pode-se provar assim: recordem como, por causa da apostasia e do suicídio de Judas Iscariotes, os apóstolos decidiram designar um sucessor dele; e designaram Matias, como somos informados no capítulo primeiro de Atos. Mas depois há

este interessante caso do apóstolo Paulo, e como ele foi introduzido no apostolado. Ele nunca teria sido aceito pelos outros apóstolos, se não lhe fosse dado ver o Senhor ressurreto no caminho de Damasco. Ele mesmo nos declara que o seu caso foi incomum e excepcional, dizendo que ele foi como "um abortivo", uma espécie de nascimento ectópico (1 Coríntios 15:8). O Cristo ressurreto foi revelado por último a ele. Ele não estivera presente quando da ressurreição.

Há também uma muito interessante prova negativa da questão. No capítulo doze de Atos dos Apóstolos se nos diz que Tiago, o irmão de João, um dos apóstolos, foi morto pelo rei Herodes. No entanto não foi designado nenhum sucessor dele. Se os apóstolos devessem ser designados pela Igreja, indubitavelmente a Igreja teria designado um sucessor de Tiago, sem demora. Mas não foi feito isso. Todas estas evidências, tomadas juntas, provam, fora de toda dúvida, que o apostolado era um ofício temporário e que nunca foi intenção do Senhor dar-lhe continuidade. Com que freqüência não se tem compreendido isto! Toda a estrutura do papado está baseada num errôneo entendimento disto. Está baseada na teoria de que Pedro se tornou o fixo e estabelecido apóstolo e bispo de Roma, que ele nomeou um sucessor, e que esse processo vem sendo seguido sempre, desde aquele tempo. O catolicismo romano ensina que Pedro transmitiu aos seus sucessores o mesmo poder que ele possuía. A pretensão não somente é antibíblica, é até historicamente errada. Não há nenhuma prova válida de que essa posição alguma vez foi outorgada a Pedro, ou de que ele foi o primeiro bispo de Roma. Essa mentira foi inventada nos séculos subseqüentes. Todavia, em última análise, essa estrutura está baseada num entendimento completamente falso do ofício de apóstolo. Os papas designados pela igreja não têm a pretenção de que viram o Senhor ressurreto; porém nós vimos que isso constitui a primeira qualificação essencial de um apóstolo.

Que lástima! Esta falácia não se restringe à igreja de Roma. Fora o ensino dos setores católicos da Igreja da Inglaterra e de certas outras igrejas sobre a "sucessão apostólicaz", houve outros na Igreja que se diziam apóstolos e que afirmavam que o que se ensina em 1 Coríntios, capítulo 12, deve perpetuar-se na Igreja. Vê-se isto, por exemplo, na extraordinária história de Edward Irving, dos irvingitas e da assim chamada Igreja Católica Apostólica que ele fundou em Londres por volta de 1830. Irving era um brilhante jovem escocês pregador, que tinha sido assistente do Dr. Thomas Chalmers, e que, para muitos, era superior ao próprio Chalmers, em sua eloqüência e oratória. Ele veio para Londres, onde foi o pregador da moda durante bom número de anos; mas, subitamente, para espanto e consternação de todos, come-

çou a dizer que todo o sistema da Igreja estava errado, que ele era um apóstolo, e que o apostolado era algo que devia perpetuar-se na Igreja. Assim ele estabeleceu o que denominou A Igreja Católica Apostólica, com apóstolos, profetas e outros ofícios. Sua vida terminou em tragédia. A informação pode ser lida num livro intitulado, Edward Irving e o seu Círculo (*"Edward Irving and his Circle"*), escrito por A.L. Drummond. A partir daí passou a existir uma igreja que a si mesma se chama, A Igreja Apostólica. Tudo isso baseia-se num falso entendimento do ensino do Novo Testamento concernente ao ofício de apóstolo.

Em seguida passamos ao termo "profetas". No Novo Testamento os profetas geralmente estão ligados aos apóstolos, como no capítulo dois desta Epístola: "Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina" (versículo 20). No entanto, embora ligados aos apóstolos, os profetas são obviamente diferentes. Po exemplo, não era necessário que o profeta tivesse visto o Senhor ressurreto. Na verdade, ele não precisava ter a maior parte das qualificações de apóstolo. O profeta era, essencialmente, um homem que falava sob a direta inspiração do Espírito Santo. Está claro também que, às vezes, o profeta era mulher. No capítulo dois de Lucas se nos diz que Ana era uma "profetisa". Igualmente somos informados em Atos 21:9 de que o evangelista Filipe tinha quatro filhas que "profetizavam". Há muitas referências a profetas no Novo Testamento. Em Atos, por exemplo, é-nos dito que havia diversos profetas na igreja de Antioquia, alguns dos quais tinham descido para lá, de Jerusalém (11:27; 13:1). Um deles, chamado Ágabo, profetizou que uma grande fome estava para sobrevir à terra, e ele exortou os cristãos sobre isso. Há um ensino específico sobre os profetas no capítulo catorze da Primeira Epístola aos Coríntios. Toda a questão dos profetas é um assunto difícil, e não se pode falar demasiado dogmaticamente a respeito. Podemos e devemos ser absolutamente dogmáticos acerca dos apóstolos, mas, quanto aos profetas, devemos ser mais cautelosos, porque o ensino não é nítido.

Podemos dizer, contudo, que o profeta era uma pessoa a quem a verdade era dada pelo Espírito Santo. De fato, pode-se dizer que ele recebia uma revelação da verdade, e também lhe era dado poder para falar e proferir esta verdade de maneira mais ou menos extática. Isto fica evidente pelo fato de que um dos problemas da igreja de Corinto era que estes pronunciamentos extáticos dos profetas estavam tendendo a causar confusão. Alguns que profetizavam lá desculpavam-se dizendo que ficavam anulados sob o poder do Espírito. Paulo vai

contra isso, dizendo: "E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas". Ele ensina que os profetas podem e devem controlar-se, e que devem falar um de cada vez e sem interromper uns aos outros.

Devemos acentuar que o profeta é uma pessoa a quem veio uma revelação da verdade. Isso está claro no ensino de Paulo em 1 Coríntios, capítulo 14, onde ele diz: "Falem dois ou três profetas, e os outros julguem. Mas se a outro, que estiver assentado, for revelada alguma coisa, cale-se o primeiro" (versículo 29-30). Vinha-lhes uma revelação ou mensagem ou algum discernimento da verdade e, cheios do Espírito, podiam fazer declarações benéficas e proveitosas para a igreja. Certamente está claro que também isto era temporário, e por esta boa razão, que naqueles primeiros dias da Igreja não havia Escrituras do Novo Testamento, a verdade ainda não tinha sido exposta em palavras.

Procurem imaginar a nossa situação, se não possuíssemos estas Epístolas do Novo Testamento, mas unicamente o Velho Testamento. Essa era a situação da Igreja Primitiva. A verdade lhe era comunicada primordialmente pelo ensino e pregação dos apóstolos, porém isso era suplementado pelo ensino dos profetas, a quem era dada a verdade e também a capacidade de proferi-la com clareza e poder, na demonstração e autoridade do Espírito. Todavia, uma vez que estes documentos do Novo Testamento foram escritos, o ofício de profeta deixou de ser necessário. Daí, nas Epístolas pastorais, que se referem a um período posterior da história da Igreja, quando as coisas se haviam tornado mais estabelecidas e fixas, não há menção dos profetas. É claro que mesmo naquele tempo o ofício de profeta não era mais necessário, e aos mestres e pastores e outros competia expor as Escrituras e transmitir o conhecimento da verdade.

De novo devemos notar que muitas vezes, na história da Igreja, dificuldades surgiram porque havia os que pensavam que eles eram profetas no sentido neotestamentário, e que tinham recebido revelações especiais da verdade. A resposta para isso é que, em vista das Escrituras do Novo Testamento, não há necessidade de verdade adicional. Essa é uma proposição absoluta. Temos toda a verdade no Novo Testamento, e não temos necessidade de quaisquer outras revelações mais. Tudo foi dado, tudo o que é necessário está disponível. Portanto, se alguém afirmar que recebeu revelação de alguma nova verdade, suspeitemos dele imediatamente. Muitas vezes a Igreja teve que fazer isso. No século segundo apareceu uma seita chamada montanistas que afirmava justamente isso. Foram denunciados como hereges pela Igreja; e acertadamente. Eram boas pessoas, e sinceras,

como freqüentemente os hereges são, e grande parte da crítica que eles faziam ao estado da Igreja era correta. Eram pessoas de propensão espiritual, mas exageravam na ênfase a uma verdade particular, e o diabo vinha e os concitava a irem além das Escrituras, e assim se tornavam hereges. Deveras ironicamente, entretanto, a própria igreja católica romana é a principal herege nesta questão, como na do apostolado. No passado, a igreja católica romana muitas vezes não hesitou em reivindicar e asseverar que recebeu novas relações da verdade, além daquilo que se acha no Novo Testamento. Isso se aplica à maior parte do seu ensino acerca da virgem Maria. Não se acha nas Escrituras, mas eles alegam que o receberam mediante novas revelações. Em geral eles não ensinam isso no presente de maneira nua e crua como o faziam, porém dizem que estas coisas estavam latentes nas Escrituras. Contudo, quando o papa fala "ex cathedra" e promulga a doutrina da imaculada concepção, assim chamada, ou a da assunção da virgem, alega-se que ele está falando com a autoridade dos apóstolos e profetas e como vigário de Cristo. Tudo isso deve-se a um falso entendimento destes ofícios de apóstolos e profetas. Porventura não é certo que devemos estar cientes destas coisas quando muito nos concitam a juntar-nos a Roma para a formação de uma grande igreja mundial?

Além disso, devemos lembrar que isso não se limita ao catolicismo romano. Na época da Reforma Protestante surgiram certas seitas – freqüentemente classificadas, um tanto injustamente, sob o título geral de anabatistas – no continente europeu, as quais causaram muito problema a Martinho Lutero em particular, e também a Zwínglio e Calvino. Essas pessoas, chamadas "profetas de Zwickau", alegavam que eram profetas e que estavam recebendo revelações do céu. Alguns dos mais fanáticos foram tão longe que chegaram a repudiar e ignorar a Palavra escrita e a substituir a sua autoridade pelo que eles diziam que eram revelações diretas do Espírito. Vê-se a mesma tendência na Inglaterra, no caso do movimento dos quacres, que surgiu no século dezessete, na época do avivamento puritano. George Fox, o seu fundador, foi sem dúvida um santo homem de Deus, mas cada vez mais foi dando ênfase à "luz interior" e a uma direção e orientação direta como superior à Palavra escrita, e os seus seguidores fizeram mais ainda disso. Eles realmente se diziam profetas no sentido do Novo Testamento.

A resposta para tudo isso é que a necessidade de profetas terminou, uma vez que temos o cânon do Novo Testamento. Não temos mais necessidade de revelações diretas da verdade; a verdade está na Bíblia. Nunca devemos separar o Espírito da Palavra. O Espírito nos fala por

meio da Palavra; portanto, devemos pôr em dúvida e questionar sempre qualquer suposta revelação que não seja inteiramente coerente com a Palavra de Deus. Na verdade, a essência da sabedoria está em rejeitar completamente o termo "revelação" naquilo que se refere a nós, e falar somente em "iluminação". A revelação foi dada uma vez por todas, e o que necessitamos e o que pela graça de Deus podemos ter, e temos, é a iluminação do Espírito para entendermos a Palavra. O pregador não deve ir ao púlpito alegando que recebeu uma revelação; sua alegação deve ser que ele é um homem que lê a Palavra e ora e crê que o Espírito Santo esclarece e ilumina o seu entendimento, com o resultado que tem uma mensagem para o povo. Noutras palavras, é um homem que ora constantemente, rogando para si o que Paulo no diz que rogava a favor dos cristãos de Éfeso (capítulo 1 e 3).

Opino também que o mesmo vale para o termo "evangelista". Se alguém ficar surpreso por eu colocar o evangelista e o seu ofício na mesma categoria extraordinária e temporária dos apóstolos e dos profetas, a probabilidade é que ele está pensando num evangelista nos termos do uso moderno da palavra. Este é algo essencialmente diferente do seu uso no Novo Testamento, onde não temos muita informação acerca dos evangelistas. Filipe, que é mencionado no capítulo oito do livro de Atos, era um evangelista. Ele é mencionado outra vez, no capítulo vinte e um. É mais que evidente, também, que Timóteo e Tito eram evangelistas. O apóstolo Paulo lembra a Timóteo que faça a obra de evangelista. Dessas referências parece claro que o evangelista era um homem muito especial, que estava em estreita associação com os apóstolos. Alguns dos chamados Pais Primitivos da Igreja inclinavam-se a dizer que foram os evangelistas que escreveram os quatro Evangelhos; mas não pode ser, à luz do que nos é dito nas passagens já mencionadas. O evangelista é um homem a quem foi dada habilidade e poder especial para tornar conhecidos e expor os fatos do evangelho. Geralmente era um homem designado pelos próprios apóstolos, e pode ser descrito como uma espécie de aprendiz dos apóstolos. Era alguém enviado pelos apóstolos para fazer determinada obra. Às vezes era enviado adiante dos apóstolos, como Filipe foi enviado a Samaria, porém geralmente seguia os apóstolos.

Os apóstolos, os profetas e os evangelistas eram itinerantes. Viajavam, fundavam igrejas e lançavam os fundamentos da Igreja Cristã. com freqüência se verá, pois, que o evangelista era deixado pelo apóstolo para edificar sobre o alicerce que fora estabelecido, para expor e explicar a verdade mais completamente. Ou, como eu disse, às vezes ele era enviado adiante do apóstolo para preparar o caminho e

apresentar a mensagem geral do evangelho. Essa era a sua tarefa particular. Ele não tinha visto o Senhor ressurreto, não podia testificar a ressurreição dessa maneira. A história de Tito e Timóteo prova isso além de toda dúvida. Mas o evangelista era um homem que o Espírito Santo levara os apóstolos a escolherem. Foram dadas a ele certas habilidades; ele conhecia os fatos, conhecia as verdades do evangelho, e ele podia apresentá-las de maneira clara e com a unção, a autoridade e o poder do Espírito Santo. Desse modo ele suplementava a obra dos apóstolos e a estendia e a fazia espalhar-se e tornar-se firme. Assim, o evangelista era um homem cujo ofício era temporário, e quando as igrejas estavam constituídas e se tornaram mais solidamente estabelecidas, este ofício igualmente desapareceu.

Isso não significa que, desde aquele tempo, não pode haver homens na Igreja hoje a quem é dada uma vocação especial para pregar o evangelho de jeito e maneira particular, mas, estritamente falando, não são evangelistas no sentido neotestamentário da palavra. Seria melhor chamá-los "exortadores", como eram chamados no tempo do despertamento evangélico do século dezoito.

Aí estão, pois, três ofícios que foram extraordinários e temporários. Os ofícios permanentes são descritos como os de "pastores e mestres". Este grupo é muito mais fácil de entender, embora tenha havido muita discussão quanto a se pastores e mestres são dois ofícios diferentes. Concordo com os que dizem que são um só. Se fossem dois ofícios separados, esperaríamos ler, "Ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores, e outros para doutores" (ou "mestres"); mas o apóstolo escreve, "e outros para pastores e mestres", ligando os dois um ao outro; e, falando em termos gerais, estes dois ofícios acham-se no mesmo homem. Relacionam-se com uma condição mais regular da Igreja, e têm persistido através dos séculos. O ofício de pastor geralmente ocupa-se do governo, da instrução, das normas e da direção. É copiado, naturalmente, da figura do pastor de ovelhas. O pastor pastoreia o seu rebanho, mantém em ordem as ovelhas, dirige-as aonde ir e onde alimentar-se e as traz de volta ao aprisco, cuida da segurança delas e as protege dos inimigos que poderiam atacá-las. É um grande ofício, todavia, infelizmente, o termo tem sido rebaixado. O pastor é aquele a cujos cuidados são confiadas almas. Não é apenas um homem fino e agradável que visita as pessoas, toma uma chávena de chá com elas à tarde ou se entretém com elas. Ele é o guardião, o vigia, o protetor, o organizador, o diretor, que governa o rebanho. O mestre ministra instrução na doutrina, na verdade. O apóstolo passa a desenvolver isso,

mostrando que precisamos ser edificados e que é necessário que não permaneçamos "crianças". Precisamos ser protegidos contra "todo o vento de doutrina", e o meio de fazê-lo é dar instrução e ensino.

Apesar de eu dizer que estes dois ofícios geralmente andam juntos, e isso através da longa história da Igreja, às vezes um homem tem mais dom pastoral do que de ensinar ou pregar, e outras vezes tem mais dom de ensinar e pregar do que de pastorear. Esta é uma questão de variação individual, de acordo com o dom do Espírito. Mas na Igreja vocês têm estes ofícios, estes homens que ensinam, pregam e cuidam das almas dos membros da Igreja. A igreja católica romana inclinou-se a dividir estes ofícios, ao passo que os puritanos nos séculos 16 e 17, nomeavam "preletores" que não tinham cargo pastoral. Estes casos, porém, são exceções à regra geral.

Na Igreja Cristã temos a sabedoria da Cabeça, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Ele deu apóstolos e profetas para o lançamento do alicerce. A Igreja é edificada "sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas" (Efésios 2:20). Eram homens que Ele chamou de maneira especial para essa obra. O apóstolo Paulo, olhando para trás, pôde dizer: "Ele me separou desde o ventre de minha mãe" (Gálatas 1:15). Durante anos e anos ele não soube disso, e foi um blasfemo, odiando e perseguindo a Igreja. Não obstante, chegou a hora em que Ele Se revelou a Paulo e o chamou. Oh, a sabedoria da Cabeça da Igreja! Provavelmente eu e vocês nunca chamaríamos a maioria dos apóstolos, os quais eram pescadores incultos. Teríamos chamado uma série de homens notáveis como filósofos. No entanto, o Senhor nosso, como Cabeça da Igreja, escolheu alguns homens muito comuns, bem como este incomum e extraordinário Paulo. Foi ele que os escolheu a todos. Ele sabia como lançar o alicerce. A Igreja esqueceu-se disso muitas vezes, como, por exemplo, quando o imperador romano Constantino tornou-se cristão e fez do cristianismo a religião oficial do Império Romano, em 313 A.D. Logo houve uma aliança entre a Igreja e o Estado. Imperadores e concílios começaram a designar membros de famílias nobres para ofícios da Igreja; e isso vem acontecendo daí em diante. Introduziu-se o termo não cristão "padroado", e tem persistido e continuado. Assim é que, falando em termos gerais, os homens não têm sido chamados para estes altos ofícios por sua espiritualidade ou por sua compreensão da verdade, mas, antes, por seu nascimento natural, por sua capacidade natural ou por sua cultura secular, adquirida nas universidades a que pertencem, e por razões similares. A Igreja Cristã está em constante perigo de esquecer o ensino dos apóstolos, o fundamento sobre o qual somos edificados,

com o resultado que o mundo nem sequer olha para ela, porém a ignora. O mundo vê esta mundaneidade na Igreja, vê a caça de ofícios, as rivalidades, as maquinações e as manipulações que ele conhece muito bem em sua própria esfera, e diz que por isso não se interessa pela Igreja. Noutras palavras, uma das mais urgentes necessidades da presente hora é que demonstremos ao mundo que a Igreja ainda é o corpo de Cristo, que ela ainda é espiritual, que tudo quanto lhe diz respeito, especialmente estes ofícios, é determinado pelo Senhor, e não por eclesiásticos astutos. Como a verdadeira Igreja continua sendo o corpo de Cristo, será só quando a Cabeça chama e designa os homens para estes ofícios que o mundo ouvirá a Igreja e sua mensagem, e se livrará da escravidão do pecado e de satanás, e seus membros se tornarão santos na Igreja do Deus Vivo.

Queira Deus conceder-nos sabedoria e entendimento nestas questões, para que possamos desempenhar o nosso papel certo em todas as perigosas discussões da atualidade. Não tenhamos medo de firmar a nossa posição nas Escrituras, e não nos deixemos arrastar e afastar por vagas generalidades acerca da unidade, tantas vezes às custas da própria verdade.

16

EDIFICANDO O CORPO

"Querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo. Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulosamente. Antes, seguindo a verdade em caridade (amor), cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor." Efésios 4:12-16

Grande declaração essa, e quão poderosa! Seu propósito é dizer-nos por que o nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo designou na Igreja vários ofícios e os homens para ocupá-los. É com a finalidade de aperfeiçoar a Igreja e torná-la inteira e completa em todos os aspectos.

É bom começar fazendo uma análise geral da declaração. Nos versículos 12 e 13 o apóstolo faz uma afirmação positiva e geral do objetivo em vista. Tudo isso foi feito, diz ele, para "o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo". É esse o propósito quanto ao que devemos ser, essa é a meta, mas, mestre sábio como ele era, coloca-o negativamente no versículo 14: "Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulosamente". Depois ele volta aos termos positivos no versículo 15: "Antes, seguindo a verdade em amor (caridade), cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo". Tudo visa à edificação do corpo e seu funcionamento harmonioso, com ele o desenvolve em detalhe mediante a analogia da Igreja como corpo de Cristo, no versículo 16.

Mais uma vez estamos olhando para um maravilhoso quadro da Igreja. Somente quando nós, que estamos na Igreja, tivermos um conceito certo da Igreja, é que começaremos a funcionar verdadeiramente. Por exemplo, a primeira questão quanto ao problema da evangelização não é o estado do mundo lá fora; é a condição da Igreja. Conceitos defeituosos da Igreja e do seu funcionamento levam ao emprego de métodos mundanos e carnais. Se víssemos a Igreja como retratada pelo apóstolo, tudo mudaria. O real problema continua sendo a natureza da Igreja.

Devemos começar com a exposição geral dos versículos 12 e 13 com respeito ao propósito de todos os ofícios da Igreja. No versículo 12 Paulo o expõe objetivamente e em geral. No versículo 13 ele o expõe de maneira um tanto mais particular e subjetiva: o fim propriamente dito, em geral, no versículo 12; o meio pelo qual isso nos afeta, no versículo 13. Há apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres na Igreja por três razões principais: para o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério e para a edificação do corpo de Cristo. A questão que se levanta é a relação destes três ofícios uns com os outros, e os doutos comentadores passam muito tempo discutindo-a. A questão é: seriam estas três coisas absolutamente paralelas e exatamente coordenadas?

A resposta é propiciada pela palavra "para" (VA) – "*para* o aperfeiçoamento dos santos, *para* a obra do ministério, *para* a edificação do corpo de Cristo". A mesma palavra é empregada três vezes na Versão Autorizada inglesa, porém se formos ao original, veremos que no grego o primeiro *para* é uma palavra diferente da que é empregada no segundo e no terceiro casos. O primeiro *para* é mais geral do que os outros. Concordo inteiramente com os que dizem que a diferença é que o primeiro *para* faz referência ao propósito final, ao passo que o segundo e o terceiro se referem a um propósito mais imediato. Há um grande fim ao qual os dois fins intermediários levam. Podemos expor a matéria da seguinte maneira: o propósito final de todos estes ofícios e divisões de trabalho na Igreja é o aperfeiçoamento dos santos; e o modo como os santos devem ser aperfeiçoados é pelo dom do ministério, cuja função é edificar o corpo de Cristo. Há um objetivo final, e há objetivos mais imediatos.

Chamo a atenção para a maneira pela qual os crentes são descritos aqui. Cada um deles é um santo – "para o aperfeiçoamento dos santos". Todo membro da Igreja Cristã é um santo. As Epístolas do Novo Testamento tornam isso claro e simples; elas são dirigidas "aos santos que estão em Corinto" ou "aos santos que estão em Roma", ou nalgum

outro lugar. É muito entristecedor que os cristãos tenham permitido que esta palavra fosse mal empregada, e em particular que tenhamos permitido que a concepção católica romana de um santo nos influenciasse tanto. Em nossa estultícia dizemos: "Ah, eu não sou um santo", ou "Não gosto de dizer que sou um santo". Todavia, devemos dizer que somos santos. Que é um santo? Um santo é um homem que foi separado do mundo. A palavra mesma significa "uma pessoa santa" – "para o aperfeiçoamento das pessoas santas". "Uma pessoa santa" é alguém que foi tirado de onde estava e foi posto à parte. O termo é empregado constantemente no Velho Testamento. Um monte foi tornado santo e, neste sentido, foi separado para uso de Deus. Os vasos do templo tornavam-se santos quando era aspergido sangue sobre eles. Eles eram santificados desse modo e postos à parte. O modo como devemos conceber-nos a nós mesmos como cristãos e como membros da Igreja é, portanto, que fomos separados do mundo, que não somos mais profanos, e não pertencemos mais a essa esfera. Deus nos moveu, separou-nos e nos pôs à parte para Si. Somos "a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido" (ou "um povo peculiar") – um povo para a Sua possessão peculiar. Fomos segregados e separados. Mais uma vez afirmo que a Igreja é como está porque esta idéia foi esquecida. Esta separação não está mais em evidência; somos parecidos demais com o mundo. O mundo penetrou na Igreja, e ficou difícil dizer a diferença entre um cristão e um não cristão. A palavra "santo" nos lembra todo o processo pelo qual somos chamados, separados e postos de lado para Deus. Regozijemos-nos no fato de que somos santos, e gloriemo-nos em nossa alta vocação.

Passamos agora à palavra "aperfeiçoamento". Essencialmente esta palavra significa que nós temos que fazer-nos aptos para servir ao fim e objetivo colimado. A figura é que algo que desejamos usar ainda não está perfeito, de modo que temos que fazer certas coisas a fim de habilitá-lo para aquele fim e objetivo para o qual queremos usá-lo. Significa suprir certas deficiências ou corrigir e ajustar certas partes que estão erradas. A idéia original, por trás desta palavra, é "ajustar em conjunto num só corpo". É de fato um termo que era empregado para descrever a junção de ossos deslocados. Quando os ossos se deslocam, o membro particular ao qual eles pertencem fica imperfeito. Quando eles são colocados ou recolocados no alinhamento certo, o membro fica perfeito de novo. Assim, a idéia presente na palavra utilizada pelo apóstolo é que todas estas diferentes partes e porções do corpo de Cristo sejam colocados no alinhamento certo, sejam adequadamente ajustadas, e que cada uma delas se desenvolva plenamente. O apóstolo ainda está pensando em termos da Igreja como o corpo de Cristo.

Todos nós juntos somos o corpo de Cristo, mas somos membros em particular; e cada um de nós tem que ser aperfeiçoado; e quando cada um de nós for aperfeiçoado, todo o conjunto será aperfeiçoado. Portanto, a obra está sendo realizada em cada um de nós, estamos sendo ajustados adequadamente para o nosso lugar particular na Igreja, com o resultado que o corpo todo funcionará de maneira harmoniosa e satisfatória. Tudo o que o Senhor designou para a Igreja tem em vista esse fim e objetivo, a saber, que este corpo de Cristo, em todos os seus membros, venha a tornar-se perfeito e completo.

Passando agora para a questão seguinte, quanto a como isto deve ser realizado, chegamos à segunda declaração – "para a obra do ministério". Este é um dos fins subsidiários. Aqui de novo há muito debate e discussão, quanto ao sentido desta frase particular. Alguns afirmam que significa "para a realização de serviço", que o nosso Senhor estabeleceu todos estes ofícios na Igreja para que nos tornássemos aptos ou "equipados para" fazermos o nosso serviço, seja este qual for. Alguns afirmam que significa que o apóstolo está dizendo que todos estes ofícios são designados para capacitar-nos, como membros do corpo, para servir-nos uns aos outros. Parece-me, porém, que, como exposição, isso é insustentável. Naturalmente, há um sentido em que isso é verdade, porém a questão é se isso que o apóstolo está salientando aqui. Meu parecer é que não é, pela razão de que todo o contexto o contraria, e de que a idéia do apóstolo em todo o contexto é a dos ofícios ministeriais na Igreja. Para esse fim ele os especificou – "apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres". Ele não está pensando nos membros tipo médio, nos membros comuns da Igreja; ele está ilustrando deliberadamente o seu tema destacando certos ofícios e certas vocações especiais. Noutras palavras, ele está ressaltando que o Senhor determinou uma forma e uma ordem de ministério na Igreja Cristã. Esse é o contexto completo; e ele inclui aqueles, e somente aqueles, que exercem ofícios ministeriais. De fato, no Novo Testamento esta palavra para "ministério" é geralmente utilizada naquele sentido e com aquela conotação. Vejam, por exemplo, o que o mesmo apóstolo diz em 1 Coríntios 3:5: "Pois quem é Paulo, e quem é Apolo, senão ministros pelos quais crestes, e conforme o que o Senhor deu a cada um?" O que ele quer dizer com, "e conforme o que o Senhor deu a cada um" é, "e conforme o Senhor designou o seu ofício para cada um". Ele prossegue, dizendo: "Eu plantei"; essa foi a obra confiada a ele; "Apolo regou"; essa foi a tarefa dada a ele. No entanto, observem que o apóstolo descreve a si próprio e a Apolo como "ministros". Ele o faz de novo no capítulo subseqüente, em 1 Coríntios

4:1: "Que os homens nos consideram como ministros de Cristo, e dispenseiros dos mistérios de Deus". De novo ele está tratando do ofício ministerial.

O Senhor Jesus Cristo ressurreto, em toda a Sua glória, enviou estes dons para a Igreja. Estes não são de instituição humana; Ele mesmo os ordenou e os designou, Ele decidiu qual a natureza dos ofícios, e Ele decidiu sobre os homens que devem exercer estes ofícios. Assim é que eles são "ministros" da Igreja. O apóstolo é um ministro. Os profetas, os evangelistas, os pastores, os mestres, são todos ministros de Cristo e dispenseiros dos mistérios de Deus. O que os ministros fazem na Igreja domingo após domingo não é algo que o homem desenvolveu através dos séculos; foi originado pelo próprio Senhor, e nós o realizamos porque é nosso dever fazê-lo, pois fomos chamados para realizá-lo. "O aperfeiçoamento dos santos" não pode efetuar-se fora da obra do ministério.

Esta obra do ministério é "para edificação do corpo de Cristo". Esta palavra "edificação" significa "construção". O apóstolo Paulo já tinha utilizado essa palavra no fim do capítulo dois, onde ele diz que somos "edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado..." Na verdade, é a mesma idéia que o nosso Senhor utilizou, quando disse: "tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei (ou "construirei") a minha igreja". Portanto, ocupamo-nos aqui da idéia de construção. O apóstolo parece estar misturando as suas metáforas, como parece estar fazendo também no capítulo dois. Sua idéia dominante é a do corpo, entretanto ele fala de construção do corpo. Ele combina esta idéia de erigir um edifício com a de crescimento de um corpo e, assim, escreve sobre a construção do corpo. Fazemos algo similar quando falamos sobre alimentos que "constroem o corpo". Paulo ensina que a obra do ministério é "construir o corpo".

A obra do ministério, diz o apóstolo, é promover crescimento e desenvolvimento espiritual. Ninguém pense que este assunto só é apropriado para um seminário teológico ou para uma reunião de ministros, nada tendo que ver com os membros de igreja não chamados para algum ofício ministerial. Esta matéria é importante para todos os membros de igreja, por esta boa razão, que demasiadas vezes o banco de igreja dominou o púlpito, com grande dano para a Igreja. O apóstolo adverte a Timóteo de que "virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina". É o que sucede freqüentemente nos dias atuais, e foi assim durante o presente século. Por isso é importante que todos os membros de igreja tenham uma verdadeira concepção da Igreja e do ofício do ministério em particular.

Há igrejas no mundo atual que, na superfície, parecem florescentes. Multidões se juntam nelas e exibem muito zelo e entusiasmo. Mas, com um exame de perto, vocês verão que a maior parte do tempo é tomada com música de vários tipos, e com clubes e sociedades e atividades sociais. O culto começa às 11 horas e deve terminar ao meio-dia em ponto. Será um problema sério, se não for assim! Há apenas uma breve "palestra" de um quarto de hora de duração, vinte minutos no máximo. O infeliz ministro, se não vê estas coisas claramente, teme ir contra os desejos da maioria, o seu sustento depende dos membros daquela igreja, e o resultado é que tudo se faz para amoldar-se aos desejos e vontades do banco da igreja. Soube de uma fonte bem autorizada que há uma igreja que é freqüentada em certas ocasiões do ano por distintas personalidades, quando são dadas instruções ao pregador para não pregar por mais de sete minutos. É muito importante, pois, que todos os membros da Igreja entendam que o propósito e a função do ministro consistem na "edificação do corpo de Cristo". A história da Igreja mostra claramente que é quando o banco, ou seja, os ouvintes exercem tão poderosa influência, e quando os ministros destituídos de coragem são tão coibidos, que a Palavra de Deus não é pregada fielmente e a Igreja fica inerte e sem vida. O banco não deve ordenar ao ministro o que lhe cabe fazer.

Contudo, deixem-me acrescentar que o ministro não deve mandar. É o Senhor que determina, é Ele que está assentado à mão direita de Deus e que deu "uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres". Ele os deu para edificação dos membros da Igreja, e é a Sua mensagem que deve ser pregada, sem temor nem favor. Precisamos recapturar algo do espírito de John Knox, cuja pregação fazia Maria, a rainha dos escoceses, tremer.

A obra do ministério é edificar o corpo de Cristo. O dever dos ministros é edificar a Igreja, não edificar-se a si próprios! Ah! Tantíssimas vezes eles têm se edificado a si mesmos, e lemos sobre príncipes da Igreja que vivem em posições de grande riqueza e pompa. Que completa inversão do ensino de Paulo é isso! Observemos também que são chamados para edificar; não para agradar e entreter. O modo como eles fazem isso é resumido perfeitamente naquela passagem tão lírica de Atos, capítulo 20. O apóstolo Paulo estava se despedindo dos presbíteros da igreja de Éfeso, à beira-mar, e eis o que ele disse: "Agora, pois, irmãos, encomendo-vos a Deus e à palavra de sua graça; a Ele que é poderoso para vos edificar e dar herança entre todos os santificados" (versículo 32). "à palavra da sua graça; a Ele que é poderoso para vos edificar"! (VA: "à palavra da sua graça, que é

poderosa para vos edificar"!). O apóstolo expressa a mesma idéia ao escrever aos colossenses: "A quem anunciamos, admoestando a todo o homem, e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo; e para isto também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que obra em mim poderosamente" (1:28-29). Vemos o mesmo ensino também na Segunda Epístola a Timóteo: "Toda a Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra" (3:16-17). De novo, no capítulo quatro da mesma Epístola, lemos: "Que pregues a palavra, insistes a tempo e fora de tempo" (4:2). Em sua Primeira Epístola aos Coríntios, o apóstolo diz: "Com leite vos criei, e não com manjar, porque ainda não podíeis" (3:2). Igualmente, na Epístola aos Hebreus, vemos: "Do qual muito temos que dizer, de difícil interpretação; porquanto vos fizestes negligentes para ouvir. Porque, devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar quais sejam os primeiros rudimentos das palavras de Deus; e vos haveis feito tais que necessitais de leite, e não de sólido mantimento. Porque qualquer que ainda se alimenta de leite não está experimentado na palavra da justiça, porque é menino. Mas o mantimento sólido é para os perfeitos, os quais, em razão do costume, têm os sentidos exercitados para discernir tanto o bem como o mal" (5:11-14).

Todas estas passagens nos instruem quanto à obra do ministério. Elas mostram a maneira de edificar o corpo de Cristo. É "pregar a Palavra" – "a Palavra da sua graça, que é poderosa para vos edificar". A obra do ministério não consiste em falar acerca de atividades ou eventos correntes, o ministro não deve achar a sua mensagem nos jornais, não deve entreter as pessoas contando-lhes histórias ou provocando risadas. Deve "pregar a Palavra". Esta é a única Palavra que pode edificar a Igreja, e edificar cada membro do corpo de Cristo.

Voltando-nos agora para a questão prática quanto a como esta Palavra deve ser pregada, a primeira regra é que a pureza doutrinária deve prevalecer. O apóstolo Pedro, em sua primeira Epístola, escreve: "Desejai afetuosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional, não falsificado, para que por ele vades crescendo" (2:2). O leite "não adulterado", "puro", sem mistura, correspondente ao padrão, vitorioso no teste – o leite puro e não adulterado da Palavra. E não "a palavra do homem", mas "a palavra de Deus" (VA). Não é de admirar que a Igreja seja hoje como é; foram-lhe dados filosofias e entretenimento. Por esses meios o ministro pode atrair e reter uma

multidão por algum tempo; porém esses meios não podem "edificar". E o dever dos pregadores é edificar, não atrair multidões. Nada, senão a Palavra de Deus não falsificada, edifica. Fora desta não existe autoridade alguma; e é preciso que ela não seja modificada ou enfeitada para enquadrar-se na moda da ciência moderna ou nalguns supostamente "seguros resultados da crítica", que sempre estão mudando. É o "evangelho eterno", é a "Palavra eterna", a mesma Palavra que Paulo e os outros apóstolos pregaram, a mesma Palavra que os reformadores protestantes pregaram, e os puritanos, e os grandes pregadores de há duzentos anos, e igualmente Spurgeon no século passado, sem modificação alguma. É porque isso foi esquecido nos últimos cem anos que as coisas estão como estão hoje.

Em segundo lugar, deve ser a palavra apropriada, o alimento apropriado. Vimos como o apóstolo Paulo diz: "Com leite vos criei, e não com manjar", e como o autor da Epístola aos Hebreus diz exatamente a mesma coisa. Não damos alimento forte a um bebê; o bebê tem que ser alimentado com leite. Quer dizer que o ministro precisa ter discernimento e juízo nestas questões. Não é a criança que resolve qual a particular dieta melhor para o seu crescimento. A criança quer resolver, é claro, a criança sempre quer ter aquilo que gosta; mas ela não sabe o que é bom para ela. Não é dever da criança resolver; é dever dos pais. Na nutrição espiritual há leite e há alimento forte; faz parte do dever do pregador saber as diferenças entre ambos. Ele deve variar a dieta alimentar de acordo com a necessidade das pessoas – não só leite, e não apenas alimento forte – doutro modo a sua pregação não estará edificando. Há também circunstâncias variáveis; e esta Palavra deve ser aplicada a toda e qualquer circunstância. Alguns ouvintes estão alegres, outros estão tristes; há os que talvez estejam sofrendo perseguição e tribulação; alguns poderão estar celebrando uma vitória. Há uma palavra para todos; e um completo ministério de toda a Palavra satisfará a todas as condições e a todas as circunstâncias concebíveis.

Além disso, esta dieta que edifica, não só não deve ser falsificada e apropriada; também deve ser completa e balanceada. Pode-se ilustrar isto com o que é próprio da esfera natural. Lemos nos jornais sobre a importância de uma dieta balanceada de proteínas, gorduras e carboidratos, e vitaminas também. Uma das grandes descobertas deste século, e especialmente durante a Segunda Guerra Mundial, é a importância de uma dieta balanceada. Muitas vezes as pessoas ficam doentes, não somente por não comerem alimento suficiente, porém também porque a sua dieta não é balanceada. Isto é igualmente certo e vital com relação ao alimento espiritual. Deve ser uma dieta balan-

ceada, como nos dizem as citações que fizemos. Dieta de ensino e doutrina. Esta sempre vem em primeiro lugar: "Persiste em ler, exortar e ensinar", diz o apóstolo a Timóteo (1 Timóteo 4:13). E outra vez, no mesmo capítulo: "Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina" (versículo 16). Se não estivermos firmes na doutrina da fé cristã, não teremos a mínima possibilidade de crescer.

A história da Igreja mostra claramente que os seus grandes e gloriosos períodos, tais como durante e após a Reforma Protestante, sempre vieram depois da poderosa pregação da doutrina. Não será inteligente admirar os grandes heróis da fé, tais como os pactuários, se você não os entende. O que fez daqueles homens os homens que foram, é o fato de que eles conheciam as grandes doutrinas da fé cristã. Isto é a proteína e o ferro que dão força. As grandes doutrinas da fé têm que ser a base da dieta alimentar cristã. Depois da doutrina deve vir o ensino que aplica a doutrina. O apóstolo teve o cuidado de dizer que estava "admoestando a todo o homem". E nós precisamos ser admoestados em dias e tempos como estes. Há demasiada complacência na Igreja. A situação é realmente desesperadora, e "é tempo que comece o juízo pela casa de Deus". Acaso percebemos a nossa responsabilidade pelas condições da Igreja, pelas condições do mundo? Nós seremos chamados às contas.

Em seguida à exortação vêm a repreensão e a correção. Não gostamos disso, e desejamos algo que nos faça sentir felizes. Mas a Bíblia está repleta de repreensão, de correção; e todos nós temos necessidade de ser repreendidos e corrigidos quanto às nossas vidas e ao nosso modo de viver; por exemplo, nosso uso do dinheiro, nosso uso do tempo, nosso vestuário e muitas outras coisas. Depois precisamos de "instrução na justiça". Necessitamos que nos digam como viver uma vida piedosa, santa e pura. Nesta mesma Epístola que estamos estudando, o apóstolo vai do meio deste capítulo quatro até o fim para dar clara instrução na justiça. Ele também diz a Timóteo que "exorte, com toda a longanimidade". Quer dizer que a verdade tem que ser aplicada. Um ministério que apenas expõe a verdade sem aplicá-la, falhou. O verdadeiro pregador da justiça concita o povo a pô-la em prática. Noutras palavras, se estivermos interessados no crescimento de uma criança ou de um adolescente, daremos ênfase à necessidade de exercício. Este ajudará o crescimento e o desenvolvimento.

Aqui, de novo, devemos ter o cuidado de que o nosso ensino seja balanceado. Dizia-me recentemente um amigo que ele e muitos dos seus irmãos de igreja estavam constantemente sendo exortados a fazerem várias coisas sem que lhes fosse dada a razão para isso. Um

ministério que consiste unicamente de exortação e apelos às pessoas para tomarem decisões constantemente, em geral se torna estéril e fútil. Ação e atividade devem resultar da doutrina. Um ministério balanceado não se limita nem somente à doutrina, nem somente à exortação, e sim combina ambas e as coloca na ordem certa. É preciso haver sempre algo para a mente, para o coração e para a vontade. A verdade envolve prática, bem como teoria. O pregador não deve tratar e analisar uma porção das Escrituras como se estivesse manuseando uma peça de Shakespeare. A Palavra é a Palavra de Deus, é verdade santa e visa a comover o coração e a influenciar e afetar a vontade. Assim, aquele que ministra o evangelho deve pregar de maneira vívida e calorosa, sob o poder do Espírito. Num sentido, nada é mais devastador do que o ministério que é unicamente intelectual e que nunca perturba. Houve tempos na história da Igreja em que os ministros pregavam sermões ortodoxos, porém a Igreja estava morta. A explicação é que a pregação era puramente intelectual, o coração nunca era tocado.

Há pouco tempo um homem disse-me uma coisa que me animou mais do que qualquer coisa que eu tenha ouvido durante anos. Era um homem de mais de oitenta anos de idade. Sucedeu que eu estivera pregando sobre a justificação pela fé e, com lágrimas nos olhos, disse-me ele: "Eu soube essa doutrina a minha vida toda; mas antes nunca a conheci de modo que me comovesse". Ele tinha mantido a doutrina intelectualmente; ele pertencera a um segmento da Igreja no qual estas coisas eram consideradas objetivamente, de maneira puramente intelectual, todavia a doutrina não o comovera. O que podemos chamar vitaminas espirituais sempre deve ser um elemento constitutivo da dieta, se é que há de haver uma qualidade vivificante no ministério.

Finalmente, é preciso fazê-lo de maneira atraente. Quando uma pessoa adoece e perde o apetite, o seu alimento deve ser apresentado de maneira atraente. Você não o atira nele, por assim dizer; você o cozinha tão bem quanto puder, e o serve tão atrativa e asseadamente quanto puder. Noutras palavras, se o ministro não se preocupa com as almas das pessoas, se ele não se inquieta por elas, e não tem o cuidado de observar se elas estão crescendo e se desenvolvendo, não está exercendo um ministério edificante. Torno a acentuar que isto não significa que ele devia estar entretendo o povo. Paulo salienta, particularmente em suas Epístolas pastorais, que isto deve ser feito com seriedade e com sobriedade. O apóstolo escreve acerca de si mesmo e do seu ministério nestes termos: "Sabendo o temor que se deve ao Senhor" ("Conhecendo o terror do Senhor"), persuadimos os homens" (2 Coríntios 5:11). Ele se sentia responsável pelas almas dos homens,

e sabia que ele e a sua obra seriam julgados no "tribunal de Cristo", em parte pela condição das pessoas. A verdade deve ser apresentada atrativamente, isto é, de maneira espiritualmente atrativa, não de maneira carnalmente atrativa, não como entretenimento.

Mais uma instrução para o ministério é que ele deve mostrar em si mesmo um padrão em sua vida e ministério. Ele próprio deve manifestar crescimento espiritual, entendimento da doutrina, e interesse por ela, em sua vida e em todo o seu comportamento. O apóstolo pôde desafiar o povo de Tessalônia neste sentido: "Vós e Deus sois testemunhas de quão santa, e justa, e irrepreensivelmente nos houvemos para convosco, os que crestes" (1 Tessalonicences 2:10). E insiste com Tito sobre a importância de mostrar-se ele próprio um modelo de piedade, retidão e santo viver (2:7-8).

Como vimos, o Senhor mesmo designou estes ofícios "para o aperfeiçoamento dos santos". Seu desejo é que, por meio do ministério, sejamos todos edificados, que o corpo de Cristo seja edificado, que cada parte seja forte e vigorosa, e uma honra para a Cabeça, e tudo em conformidade com a Sua vontade e o Seu prazer. A Cabeça viva, sabendo qual é a necessidade, designa os ofícios e os homens para exercê-los e realizar a Sua obra.

Deus tenha misericórdia de todos nós que fomos chamados para pregar, se falharmos no exercício deste ministério. Ficamos sem desculpa, pois aqui nos é dito abertamente o que se espera que sejamos e façamos. O que todos nós precisamos conhecer é "a palavra da sua graça, que nos pode edificar". Você está sendo edificado? Você está "crescendo na graça e no conhecimento do Senhor"? Você é forte, é varonil? É capaz de levantar-se contra as perigosas infecções que são epidêmicas no mundo moderno? Você é saudável? Você está sendo aperfeiçoado, está sendo edificado como membro do corpo de Cristo? É uma questão solene. "Cada um examine-se a si mesmo."

17

FÉ E CONHECIMENTO

"Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo." Efésios 4:13

Neste versículo treze, o apóstolo explica como os vários ofícios do ministério e da obra do ministério levam à edificação, à construção, do corpo de Cristo. Portanto, nada é mais importante para nós, como nada foi mais importante para estes cristãos efésios, do que entender esta figura e esta concepção da Igreja Cristã que o apóstolo coloca diante de nós. Como povo cristão, falhamos em não entender o que significa a nossa condição de membros da Igreja – a dignidade, o privilégio e a responsabilidade – e essa é a causa da maior parte dos nossos problemas. Nossa maior necessidade é recapturar o ensino do Novo Testamento concernente à Igreja. Se tão-somente nos víssemos a nós mesmos em função disso, compreenderíamos que somos o povo mais privilegiado da terra, que não existe nada que se compare com ser cristão e membro do corpo místico de Cristo.

Os ofícios da Igreja foram introduzidos e homens foram chamados para funcionarem neles a fim de que o corpo de Cristo fosse edificado. Mas há dificuldades acerca disso, como vem exposto no versículo treze, como há acerca das informações subseqüentes nos versículos 15 e 16. O apóstolo retornou à sua analogia favorita da Igreja como o corpo de Cristo. Seu interesse nisso é tanto que ele interrompe o seu pensamento com a declaração negativa do versículo 14, e depois torna a voltar a ele, e, ao fazê-lo, quase mistura as suas metáforas. Não obstante, a descrição maior é essencial é muito clara. O objetivo final destes ofícios e da obra da Igreja é que os santos sejam aperfeiçoados. Isto é descrito, primeiramente, em termos de unidade – "Até que todos cheguemos à unidade da fé" – e depois, em segundo lugar, em termos do "conhecimento do Filho de Deus". Mediante estas realidades chegamos a "varão perfeito", "à medida da estatura completa de Cristo". Pode-se descrever o objetivo final em termos de chegarmos a "varão perfeito", ou "à medida da estatura completa de Cristo".

A palavra "perfeito" significa "puro", "com pleno crescimento", "plenamente desenvolvido", ou "completo". O perigo quanto ao emprego da palavra "varão" (ou "homem") é considerar a questão como uma coisa que se refere a nós individualmente, um por um, como se o apóstolo estivesse dizendo, "até que todos nós cheguemos a ser homens perfeitos". Ora, embora num sentido, como vou mostrar, isso seja a verdade, não é exatamente o que o apóstolo comunica mediante este quadro, pois, como foi assinalado, se fosse assim, levantar-se-ia a questão sobre onde entram as mulheres. Na verdade, por causa desse problema, alguns dos Pais Primitivos entraram em grande dificuldade neste ponto. Mas o "varão perfeito" significa a Igreja, com Cristo, a Cabeça, e nós mesmos, homens e mulheres, como membros do corpo. Assim, pode-se considerar "o varão perfeito" como sendo a Igreja numa condição perfeita, o corpo correspondendo à perfeição da Cabeça.

Podemos justificar esta interpretação referindo-nos ao fato de que o apóstolo utiliza de novo esta expressão concernente ao nosso Senhor na Primeira Epístola aos Coríntios, onde lemos: "Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também" (12:12). "Cristo" aqui obviamente representa a Igreja. O que caracteriza o corpo, o corpo humano natural, também caracteriza a "Cristo", com o que ele quer dizer, Cristo e Sua Igreja, Cristo e a Igreja constituindo um só corpo. Assim, o apóstolo está dizendo que sempre devemos pensar em nós mesmos dessa maneira e dar-nos conta de que o grande programa e propósito de Deus é que a Igreja seja perfeita – Cristo como a Cabeça e nós como membros em particular desse corpo. Esse deve ser o estado final da Igreja, e é para esse fim que profetas, evangelistas, e pastores e mestres são ordenados. Vem o dia em que este corpo, a Igreja, será completa, madura, completamente crescida, plenamente desenvolvida. Ela não é assim ainda; mas será. Depois o apóstolo expõe esta matéria noutros termos, "à medida da *estatura* completa de Cristo" (VA: "à medida da *estatura* da plenitude de Cristo"). Doutos comentadores passam muito tempo arrazoando se a tradução deve ser "estatura" ou "idade". Em última instância, não faz diferença qual seja o sentido, pois as duas idéias, de altura e de idade, obviamente andam juntas. A figura é a do desenvolvimento de uma criança para a adolescência e para a idade adulta. Podemos pensar nisso em termos de idade ou em termos de altura; porque é quando a criança atinge certa idade que ela atinge idade e altura permanentes. O importante é que o apóstolo nos ajuda a ver como esta perfeição do corpo será alcançada. O homem perfeito consiste, não somente da Cabeça, Jesus Cristo, que é sempre perfeito, porém também de nós, que formamos os membros

e as partes individuais do corpo. Portanto, o que Paulo está realmente dizendo é que o homem perfeito só se concretizará quando cada um de nós, que é membro do corpo, tiver crescido até a plena estatura e o pleno desenvolvimento que Deus determinou para nós. Esse corpo, esse "homem", a Igreja, não será perfeita, enquanto cada singular parte e porção não for perfeita. Se houver um defeito ou falta de desenvolvimento ou imaturidade em qualquer parte ou porção, não se poderá dizer que o corpo está perfeito.

Pensem, por exemplo, numa maçã. Pode-se ter o que parece um ótimo espécime; todavia, se houver nela um só defeito, o mais leve sinal de estrago, ela não levará o primeiro prêmio na competição de uma exposição de fruticultura. Embora se destaque de todas as outras quanto a tamanho, forma e cor, não será mais um espécime perfeito. Assim, não se chegará a ter este "homem perfeito" enquanto cada parte e porção não estiver plenamente desenvolvida e absolutamente perfeita.

Uma vez mais, porém, isto não significa que seremos absolutamente iguais e idênticos. A figura do corpo torna isso impossível. O polegar é diferente dos outros dedos, os dedos são diferentes da mão; todas as várias partes são diferentes: haverá variações na capacidade e na função; não obstante, cada parte terá atingido aquilo que se pretendeu que ela seja e aquilo que se pretendeu que ela faça.

A idéia que constitui a glória central da Igreja Cristã pode ser considerada negativamente da seguinte maneira: podemos dizer que toda apresentação da verdade cristã que tenda a produzir mesmice em seu povo é, por esse teste, errônea e falsa. As seitas, como vimos, sempre reproduzem um tipo; os seus membros são quase idênticos, todos se ajustam a um modelo. Eles usam as mesmas expressões e as proferem da mesma maneira. Não há sugestão disso no Novo Testamento; e jamais é uma característica de uma obra genuína do Espírito Santo. Esta analogia do corpo deveria salvar-nos desse erro particular. As imitações sempre são mecânicas, e se revelam tais reproduzindo pessoas idênticas em muitos aspectos. A glória da Igreja está nesta extraordinária variedade e variação; não há somente unidade, mas também a perfeição de cada uma das partes. Noutras palavras, o corpo não será perfeito enquanto cada polegar não for perfeito, cada unha não for perfeita, cada fio de cabelo não for perfeito, cada detalhe não for absolutamente perfeito.

Portanto, o que importa na Igreja não é qual é a nossa vocação ou o nosso ofício, ou a particular graça a nós concedida, segundo a medida do dom de Cristo; o que importa é que cada um de nós seja perfeito nessa posição. O propósito é que cada um de nós seja cheio da vida de Cristo. Os membros não contêm, cada qual, a mesma quantidade,

contudo cada um está cheio. Se você foi ao oceano com um copo na mão e o mergulhou, você dirá: "O meu copo está cheio", e se levar um grande reservatório e o deixar encher-se, você dirá: "O reservatório está cheio". Há uma grande diferença na quantidade de água do mar no copo e no reservatório, entretanto ambos estão cheios, e ambos podem estar transbordando. Assim, o que aqui se ensina não é identidade na quantidade, mas que cada um tem a plenitude a ele destinada, seja homem, seja mulher.

Quando a Igreja estiver completa, quando se chegar a este "homem perfeito", nem um único santo estará faltando; todos estarão seguramente reunidos. "A plenitude dos gentios" e "todo o Israel" estarão salvos. Deus sabe o número, a complementação e a plenitude. Eu não o sei, e ninguém o sabe; porém "O Senhor conhece os que são seus" (2 Timóteo 2:19), e quando o homem perfeito estiver concretizado, nem um só membro do corpo estará ausente ou faltando, nem o mais leve grau da graça estará faltando em parte alguma. O corpo todo estará proporcionalmente completo e perfeito.

Podemos examinar isto de duas maneiras. Há um sentido em que eu e você faremos parte daquilo que constitui a plenitude de Cristo. Há um sentido em que Ele não está completo sem nós. Uma parte da Sua abnegação e da Sua humilhação é que Ele Se sujeitou a isto, que Ele Se uniu a este corpo e agora faz parte dele, a saber, é a Cabeça. Neste sentido, Ele não está completo sem nós, porque esta plenitude que Lhe pertence como a Cabeça do corpo não estará completa, enquanto nós todos não estivermos compartindo a Sua plenitude e não formos perfeitos. No entanto agora, e até sermos perfeitos, significa que a Sua plenitude está em cada um de nós.

É neste ponto que vemos que a analogia do corpo é tão valiosa. Toda a organização do corpo, a sua natureza orgânica e a natureza orgânica da sua unidade, torna isto absolutamente vital. A vida está no sangue e flui através de cada parte do corpo, mesmo dos membros do corpo mais distantes. O mesmo sangue flui através de cada parte levando a mesma vida. A plenitude da Cabeça está nos dedos. A plenitude de Cristo está em nós. Mas é igualmente certo que o fato de estarmos cheios completa a Sua plenitude. É assim que devemos ver a nós mesmos como povo cristão.

Deixar de compreender isto, e de compreender o privilégio e a glória que isto envolve, é que leva à situação miserável na qual muitos pastores e pregadores têm que clamar aos membros da sua igreja que a freqüentem no domingo, e têm que persuadi-los a cumprirem vários deveres na igreja. Tais pessoas nunca se viram a si mesmas como membros do corpo de Cristo. Acham que estão conferindo honra à

igreja por estarem, mesmo frouxamente, ligadas a ela, e que a honram com a sua freqüência irregular. Não vêem que devem lutar para completar a *Sua* plenitude, que não há tempo a perder, que devem purificar-se dos seus pecados, buscar a santidade e crescer na graça para poderem chegar a esta plenitude. Precisamos meditar mais e mais neste "homem perfeito" vindouro, na consecução da "medida da estatura da plenitude de Cristo".

Não devemos concentrar-nos em nosso lugar ou em nossa posição particular na igreja, pois não há membro sem importância na igreja. Temos a tendência de andar errados (e certos segmentos da Igreja encorajam-nos a andar errados), se exageramos a distinção entre os clérigos e os leigos. Como vimos, é certo dar ênfase a ofícios especiais, e não devemos desacreditá-los; porém nunca devemos considerá-los de tal modo que digamos que nós nada significamos nem somos levados em conta, e que somos membros insignificantes da igreja. O corpo ainda não está perfeito, e tampouco estará completo, enquanto nós formos imperfeitos ou tivermos alguma imperfeição quanto a nós. A meta que todos nós devemos buscar é este "homem perfeito" e "a medida da estatura de Cristo". Apressemo-nos para passar "da graça para a glória". Não há tempo a perder, pois, como diz o apóstolo João: "qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro" (1 João 3:3).

Consideremos agora com atingir esse objetivo. O ensino do apóstolo é que toda a obra do ministério deve levar-nos a isso. Há duas coisas que devemos alcançar. A primeira é a "unidade da fé". Diz ele: "Até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus". (VA: "e do conhecimento do Filho de Deus"). "A unidade da fé é a fé do "Filho de Deus". Todos os gramáticos concordam nisso. Assim, podemos ler: "Até que todos cheguemos à unidade da fé do Filho de Deus, e do conhecimento do Filho de Deus". Temos que vir para a unidade da fé concernente ao Filho de Deus. Este é o meio de chegar àquela perfeição. Vemos como o apóstolo é prático. Ele não deixa nada ao acaso. A perfeição sobre a qual ele escreve não é alguma espécie de experiência esotérica ou mística; o meio de consegui-la é, primeiro e acima de tudo, compreender esta unidade da fé concernente ao Filho de Deus.

Que significa esta unidade, e como conciliá-la com o que Paulo disse no versículo 5 sobre "um só Senhor, uma só fé, um só batismo"? Diz ele naquele versículo que já temos "um só Senhor, uma só fé, um só batismo" e, contudo, aqui ele diz que chegaremos à unidade da fé. Parece haver uma contradição, mas, obviamente, não há. Quando

estivermos estudando o versículo 5, opinamos que ele significa que há um mínimo irredutível na questão da fé salvadora, sem o qual não se pode ser cristão. Aventurei-me a sugerir que isso realmente significa justificação pela fé somente. Esta doutrina é o cerne da fé; qualquer introdução das obras significa que já não há cristianismo. "A fé" é o princípio, o primeiro passo; "uma só fé" significa que somos justificados somente pela fé. Todavia este é apenas o começo, não tudo. É o primeiro passo, que é absolutamente essencial, é também o primeiro passo que leva ao estágio final em que a nossa fé será perfeita, inteira, completa e balanceada, sem lhe faltar nada e sem nada perder. Mas, conquanto eu diga que aqui e agora devemos ter claro entendimento da primeira verdade, sem a qual não há cristianismo, existem muitos outros aspectos da fé concernente ao Filho de Deus a respeito dos quais não temos claro entendimento e acerca dos quais os cristãos divergem. Contudo, quando chegarmos a esta perfeição da fé, estaremos dizendo as mesmas coisas e crendo nas mesmas coisas; pois então O conheceremos e O veremos como Ele é. Haverá então uma fé tornada perfeita.

Daí, enquanto falamos de "uma só fé", podemos falar também de chegar à "unidade da fé do Filho de Deus". Esta fé é grande e abrangente, e não podemos esperar tratar dela de maneira exaustiva; no entanto significa, em primeiro lugar, que deve ser unidade da fé concernente à Pessoa do nosso Senhor. A própria expressão utilizada pelo apóstolo faz sobressair isto: "Até que cheguemos à unidade da fé do Filho de Deus". Mais tarde Paulo se refere a Ele como "Cristo". É preciso que não haja dúvidas ou incertezas concernentes à Sua Pessoa. Ele é o Filho de Deus; mas também é homem. A unidade da fé incorpora ambos. Alguns salientam somente o homem nEle, e não vêem nada mais. Essa não é "a fé". Outros salientam Deus nEle, e não parecem entender claramente o fato de que a encarnação foi real e de que Ele não Se revestiu de um corpo fantasma, porém assumiu realmente a natureza humana e nasceu da virgem. Ele foi tanto Filho de Deus como Filho do Homem. "A fé" mantém estas coisas na proporção certa, e dá a cada uma o seu valor relativo. Todos nós temos que ser constantemente cuidadosos para não nos tornarmos culpado de uma ênfase falsa. Alguns de nós podem tender a dar exagerada ênfase à Sua deidade eterna e única, e a esquecer-se de acentuar, como devemos, que Ele foi homem entre os homens, verdadeiramente homem, como também verdadeiramente Deus. Outros podem ser culpados do exagero oposto, conquanto sustentando realmente a verdade acerca das duas naturezas. Contudo, quando chegarmos realmente a esta "unidade da fé", veremos tudo isso claramente, e veremos tudo nas devidas proporções. Devemos apressar-nos rumo a

essa perfeição.

Isso envolve toda a assombrosa maravilha da encarnação e de tudo o que levou a isso. É parte integrante da "fé do Filho de Deus" saber que Deus, antes do tempo, planejou tudo isso e fez do Seu filho o herdeiro de todas as coisas, e Lhe deu a Igreja para ser o Seu povo. E assim o Filho veio, aceitando voluntariamente o plano e a Sua parte nele. O meio de chegar a essa perfeição final é olhar para estas coisas, captá-las, entendê-las e meditar nelas. Devemos crer no plano de redenção, no esquema de salvação, como os profetas o predisseram. É tudo parte desta fé do Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus. O velho Testamento, com os seus tipos e sombras, é essencial para a nossa felicidade. Quanto mais soubermos sobre eles, mais estaremos crescendo e amadurecendo.

Depois devemos pensar nos ofícios do nosso Senhor – Profeta, Sacerdote, Rei. Devemos examinar o Seu ensino, e agarrar-nos a ele. Devemos crer que "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer" (VA: "este o manifestou") (João 1:18). Devemos ler os quatro Evangelhos e contemplar esta manifestação e revelação da glória de Deus, e examinar o ensino de Cristo. Negligenciamos estas coisas para nosso risco; devemos viver baseados nelas. Devemos ouvir o Profeta no Sermão do Monte, e ouvir todos os Seus outros ensinos, porque isso faz parte da "fé do Filho de Deus". Em seguida, devemos vê-lO como Sacerdote. Devemos contemplá-lO fazendo Ele a oferta de Si mesmo. Ele fez da Sua alma uma oferta pelo pecado. Ele renunciou à Sua própria vida, Ele deu-Se até a morte. Ele sujeitou-Se quando Deus "fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos", quando Deus O feriu com os açoites que eu e vocês tanto merecemos. Como o nosso grande Sumo Sacerdote, Ele fez oferta de Si mesmo, e depois apresentou o Seu sangue no mais Santo de todos os Santos, no céu. Este grande Sumo Sacerdote "passou pelos céus" e tomou o Seu lugar à mão direita de Deus. Meditar nestas coisas é o meio pelo qual amadurecer e desenvolver-se. Este é o meio para chegar finalmente ao "homem perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo".

A seguir pensem em nosso Senhor em Seu ofício real. Ele já é o Rei da Igreja. Ele veio fundar um reino. A Igreja é a forma atual do reino. Mas Ele voltará e estabelecerá o Seu reino de maneira visível. Ele instalará aquela condição eterna em que estaremos com Ele na glória, com os nossos corpos glorificados, julgando o mundo e julgando os anjos. Também devemos considerar o fato de que Ele enviou o Seu Espírito à Igreja, de que Ele designou todos estes ofícios, e considerar toda a obra realizada pelo Espírito, aperfeiçoando-nos, santificando-

-nos, purificando-nos. Tudo isso faz parte desta "fé do Filho de Deus", e o conhecimento disto leva-nos à perfeição final.

O apóstolo não somente fala da fé do Filho de Deus, porém também do "conhecimento do Filho de Deus". Tem havido muita discussão em torno deste conhecimento. Há os que dizem que devemos ler a declaração da seguinte maneira: "Até que todos cheguemos à unidade da fé, isto é, do conhecimento do Filho de Deus" – a fé que leva ao conhecimento. Não podemos aceitar isto porque o apóstolo diz "e", e não "isto é". Ele está se referindo a algo adicional. Dou ênfase a isto porque é a coisa mais preciosa. A fé, é claro, leva ao conhecimento, e há sempre um elemento de conhecimento na fé. É difícil diferenciar estas coisas, mas é vital que procuremos fazê-lo. Você pode ter "a fé do Filho de Deus" sem ter este "conhecimento" especial de que o apóstolo está falando. Você pode ser cristão sem ter muito deste conhecimento de que Paulo está falando. Repito que você não pode ter fé sem ter algum conhecimento. Não pode crer nas coisas às quais me venho referindo sem, em certo sentido, conhecê-las. Há na fé esse elemento de conhecimento que, para usar uma expressão técnica, é chamado "conhecimento de cognição". Todavia aqui não estamos tratando de cognição, e sim de recognição. É algo experimental. O apóstolo faz uso de uma palavra muito forte (epignosis), que significa "pleno conhecimento", algo que está além e acima daquela outra espécie de conhecimento e apreensão intelectual. O conhecimento do qual estamos falando é uma coisa mais penetrante, mais profunda e, como digo, é algo experimental.

É parte vital da obra do ministério levar-nos a este conhecimento mais completo; e que Deus nos perdoe por sermos propensos a negligenciar esse dever e por não termos a consciência disso como devíamos! É parte essencial da edificação do corpo que todos cheguemos a este conhecimento do Filho de Deus. A este "conhecimento" é que Paulo se refere no capítulo três da sua Epístola aos Filipenses. Fazia anos que ele tinha um claro entendimento da justificação pela fé. Não se interessava mais por sua própria justiça, que é "segundo a lei"; tinha passado a vê-la como "esterco" e refugo e sem valor. Ele desejava e tinha "a justiça que é Deus, pela fé" em Jesus Cristo. No entanto, ele tinha uma aspiração ainda maior, a saber, "Para conhecê-lo" – não somente conhecer a doutrina acerca dEle – "e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições, sendo feito conforme à sua morte; para ver se de alguma maneira posso chegar à ressurreição dos mortos. Não que já a tenha alcançado" (versículo 10-12). Ele ainda não tinha isto como o desejava. Dentre todos os homens, ele tinha

recebido muito, e dava graças a Deus por isso, mas continuava tentando "alcançar aquilo para o que fui também preso". Seu desejo era conhecer ao próprio Cristo, não se contentava em só crer acerca de Cristo e nEle. É possível ao cristão este conhecimento mais íntimo do Filho de Deus, uma apropriação do Seu amor a nós, pessoalmente, um verdadeiro conhecimento do Senhor mesmo.

O apóstolo já tratara deste conhecimento profundo no capítulo anterior, onde expressara o seu desejo de que os efésios pudessem "perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deu" (versículos 18-19). O "conhecimento" de que o apóstolo torna a falar é o conhecimento do Seu amor pessoal por nós; nossa confiança nEle e nossa devoção a Ele, num sentido pessoal. Significa conhecê-lO diretamente, e ter comunhão e companheirismo com Ele pessoalmente. Isso é algo que é possível a todos os cristãos; faz parte do processo do nosso desenvolvimento. Significa que sabemos o que é receber da Sua plenitude, como o Evangelho Segundo João o expressa: "Vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. E todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por graça" (VA: "e graça sobre graça") (1:14-16). Significa receber algo do Seu poder, da Sua energia e da Sua graça; e literalmente saber que o estamos recebendo, saber que estamos nEle como o ramo está na videira, e que estamos recebendo da Sua vida.

Foi isso que o nosso Senhor quis dizer quando declarou à mulher de Samaria: "A água que eu lhe der se fará nele uma fonte d'água que salte para a vida eterna" (João 4:14). Significa nunca mais ter fome, nunca mais ter sede, conhecer a Sua plenitude e receber dela. Noutras palavras, significa viver nEle, de acordo com as palavras do nosso Senhor com relação a isto, como se vê no Evangelho Segundo João: "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. Assim como o Pai, que vive, me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim, quem de mim se alimenta, também viverá por mim" (6:56-57). Porventura sabemos o que é participar espiritualmente de Cristo dessa maneira? Estamos comendo a Sua carne e bebendo o Seu sangue espiritualmente? Estamos vivendo por Ele? Estamos vivendo nEle? Podemos dizer com Paulo: "Para mim o viver é Cristo"? Tudo isso faz parte do "conhecimento" do Filho de Deus. O que se espera de nós é que sejamos cheios por Ele. Espera-se que experimentemos o que dizemos e aquilo pelo que oramos quando cantamos juntos –

Enche-me a vida, ó meu Senhor,
Toda ela, de louvor.

Significa receber da plenitude da Cabeça e, assim, ser cheio em todas as partes e áreas do nosso ser.

Cabe-nos não somente chegar à "fé do Filho de Deus", no entanto também ao "conhecimento do Filho de Deus". Você O conhece? Ele é real para você? Ele disse que Se manifestará aos que guardam os Seus mandamentos. Quando Ele Se manifesta, nós O conhecemos; já não é mais a fé preliminar, por assim dizer. Este é um conhecimento pessoal, um conhecimento íntimo dEle, que é oferecido aos Seus filhos, que faz parte integrante da vida do Seu povo.

Estes são os meios pelos quais somos edificados. A atividade da Igreja não é apenas dizer-nos que podemos ser felizes e como podemos encontrar um Amigo, ou como dominar o pecado. Somos subjetivos demais, somos centralizados demais em nós mesmos. O meio pelo qual crescer é olhar para Ele, ter fé nEle, ter este conhecimento dEle.

Gostaria de salientar a relação íntima destes elementos, um com o outro – a fé e o conhecimento. A fé, sozinha, pode fazer-nos inchar; entretanto este conhecimento edifica. Há uma espécie de conhecimento, diz Paulo, que "incha"; mas "o amor edifica" (1 Coríntios 8:1). Temos que usar o nosso tempo para estudar doutrina, temos que chegar a esta "unidade da fé do Filho de Deus". A revelação está na Palavra de Deus escrita, e o Espírito nos é dado para ajudar-nos a entendê-la. Devo entregar-me ao estudo dela com diligência; é tarefa dos pastores e mestres informar o seu povo destas coisas e edificá-lo. Contudo não paramos aí, pois o propósito é levar-nos a este pleno conhecimento do Filho de Deus – "Para conhecê-lo" – a saber, este conhecimento íntimo, pessoal, subjetivo do Senhor, regozijando-nos nEle, recebendo-O como a nossa vida, aspirando a Sua plenitude e enchendo-nos da Sua plenitude.

Devemos prosseguir em busca disto, "até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo". Oh dia bendito! Oh bendita realização! Então, cada um de nós será perfeito, aperfeiçoado nEle, e estará participando da Sua bem-aventurança e glória eterna.

18

NÃO MAIS MENINOS

"Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulosamente." Efésios 4:14

Vimos que a função do ministério – apóstolos, profetas, evangelistas, pastores, mestres – e de tudo quanto foi determinado pelo Senhor, é levar todos os membros do corpo de Cristo a "varão perfeito", à "medida da estatura completa de Cristo". "Vimos também que o meio pelo qual se obtém esse fim é que sejamos todos levados à "unidade da fé e do conhecimento", a este pleno conhecimento "do filho de Deus". É isso que o futuro reserva para nós, essa a meta a que devemos chegar. Mas ainda não chegamos, e muita coisa terá que acontecer antes de chegarmos. A palavra "doravante" (VA) já por si sugere este contraste entre o que somos e o que seremos. Devemos sempre ter os olhos postos na meta derradeira, porém é igualmente importante compreender o que somos no presente e partir desse ponto.

Mais uma vez devemos comentar a profunda sabedoria deste apóstolo como mestre. Ele não estabelece simplesmente a meta, nem nos considera como já a tendo alcançado; ele é sempre realista e prático, e sempre o move um profundo zelo pastoral. O primeiro grande princípio de todo bom ensino, seja for o assunto, é tratar as pessoas como são, não como deviam ser. O bom professor está sempre ciente do conhecimento ou da falta de conhecimento dos seus alunos, e se preocupa em relacionar a sua lição com a condição deles. O apóstolo faz precisamente isso nesta exortação, e com a palavra "doravante". Como já indiquei, ele de fato faz uma interrupção com o fim de fazer isso.

O apóstolo nos faz lembrar que há certas coisas que devemos compreender acerca de nós mesmos. Elas são mormente negativas, todavia são absolutamente essenciais. Se não estivermos cientes desses elementos negativos, nunca chegaremos ao positivo e perfeito. Mais uma vez saliento que é a nossa não compreensão desses fatores negativos que explica muito do presente estado da Igreja Cristã; e aqui

temos um retrato perfeito da Igreja de hoje e dos seus problemas.

A primeira coisa que devemos entender é que todos nós começamos na vida cristã como crianças. Isso parece tão óbvio e, contudo, estamos sempre a esquecê-lo. "Para que não sejamos mais meninos", diz o apóstolo, indicando que todos nós começamos como crianças. É apenas outro modo de fazer-nos lembrar que a vida cristã é uma vida nova. Não é a continuação de alguma outra vida, não é um adendo a alguma outra vida, é uma vida nova. A palavra "meninos" (VA: "crianças") traça uma absoluta linha de divisão entre o não cristão e o cristão. Não há mudança gradativa de um movimento do estar no mundo para o estar na Igreja. É um nascimento, um começo inteiramente novo. Nascemos numa esfera inteiramente nova que está em completo contraste com a esfera antiga. E visto que esta nova vida começa com um nascimento, nós, portanto, começamos como crianças. Constantemente o Novo Testamento da ênfase a este princípio vital. "Necessário vos é nascer de novo ", diz o nosso Senhor a Nicodemos (João 3:1-8). Isto implica de imediato o princípio geral do crescimento e desenvolvimento. Começamos como crianças, e desde esse começo temos que crescer, desenvolver-se e amadurecer. Este é o princípio central da vida cristã ensinado em toda a parte no Novo Testamento.

Em sua primeira Epístola, João dirige-se a "filhinhos, mancebos e pais" (2:12-13). Todos nós temos que passar por estes estágios. Pedro trata da mesma verdade quando escreve: "Desejai afetuosamente, como meninos novamente nascidos (VA: "recém-nascidos"), o leite racional, não falsificado, para que por ele vades crescendo" (1 Pedro 2:2). Todavia, a despeito da ênfase do Novo Testamento a esta verdade fundamental, há da nossa parte uma curiosa tendência de esquecê-la, e uma fatal tendência de supor que, desde que nos tornamos cristãos, temos tudo, já chegamos. A conversão não é um fim, mas sim, um começo, e devemos livrar-nos da idéia de que tornar-se cristão é o fim da história, e que agora estamos completos e só temos que passar o resto da vida em atividades. Desse modo, passamos por alto muito do ensino destas Epístolas, e produzimos o estado de confusão que é a principal característica da vida da Igreja Cristã na presente hora. Para ilustrar o que quero dizer, basta que leiamos as Epístolas pastorais a Timóteo e a Tito, para notarmos que o apóstolo escreve sobre neófitos, sobre o que os neófitos não devem fazer e sobre o que não se deve pedir aos neófitos que façam. Depois, aplicando tudo isso à Igreja em geral, como a Igreja é hoje, vemos como isso é quase inteiramente ignorado. Longe de ensinar que começamos como neófitos e crianças, o lema é:

"Dê ao converso algo para fazer". No entanto, o ensino dessas Epístolas pastorais é que o primeiro dever do neófito é crescer, aprender e fazer-se apto e qualificado para prestar serviço ao Senhor.

Por amor da ênfase, podemos expor este princípio da maior importância assim: todo aquele que se torna cristão e entra nesta vida cristã, entra como criança. Ainda que ele tenha grande intelecto ou que seja um grande homem numa profissão e tenha o que se descreve como uma personalidade forte, é totalmente insignificante. Seja o que for que se possa dizer dele, quando ele entra nesta vida cristã, ele, como todos os outros, entra como um bebê; é um bebê espiritual. Ele deve ser considerado como tal, e deve considerar-se a si mesmo como tal. Mas, desafortunadamente, o que se supõe é que, se um homem é grande nalguma outra esfera, começa como grande nesta esfera. Vê-se muitas vezes na prática que isso não o acaso. Deixar de lembrar isso tem levado à prática antibíblica de colocar certas pessoas em posições de liderança imediatamente, apenas devido à sua proeminência nalguma esfera secular ou natural.

Devemos compreender que, na esfera da Igreja, estamos interessados em algo inteiramente diferente. O apóstolo repete este princípio tão freqüentemente que é espantoso como podemos esquecê-lo alguma vez. "Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus" (1 Coríntios 2:14). "Não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados" (1 Coríntios 1:26). Nesta esfera estamos lidando com verdades que "se discernem espiritualmente". Assim é que cada um de nós começa como um bebê, como um pequenino, e se torna criança. O primeiro teste a ser aplicado na esfera da Igreja não é a capacidade natural, menos ainda a posição ou classe ou poder natural; o que se requer aqui é entendimento espiritual, apreensão espiritual, um conhecimento espiritual da verdade. Devemos dar graças a Deus por isso; e devemos dar-nos conta de que esta é a marca peculiar da Igreja Cristã. Na Igreja, todas as divisões e distinções são abolidas, "não há grego, nem judeu, bárbaro, cita, servo ou livre" (Colossenses 3:11). Não somente isso, porém; não há grande, nem pequeno. Todas estas divisões e distinções tornam-se completamente irrevelantes. Todos entramos no reino de Deus da mesma maneira, e todos começamos como "bebês" recém-nascidos".

Em seguida o apóstolo prossegue e mostra que as crianças têm certas características e tendências particulares. Ele chama a atenção para estas com as palavras, "para que, doravante, não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina,

pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulosamente". Aqui temos um exemplo do conhecimento que o apóstolo tinha do que hoje se descreve como "psicologia infantil". É uma perfeita descrição das crianças, e do modo de ver e da mentalidade da criança, e isso corresponde fielmente a todos nós,quando começamos na vida cristã. Há uma passagem paralela no capítulo 3 da Primeira Epístola aos Coríntios, onde de novo ele analisa esta condição, mas sob um aspecto e um ponto de vista ligeiramente diferentes. Para o nosso crescimento é essencial que compreendamos e continuaremos sendo crianças. Não conheço nada que seja mais trágico do que ver cristãos permanecem exatamente onde sempre estiveram e sendo o que sempre foram. Terminam como crianças, como começaram. Eles achavam que tinham tudo no começo e, assim, nunca cresceram espiritualmente, permanecem crianças a vida toda. Não parecem que tenham compreendido que temos apropriar-se e apossar-nos do que é prometido e tornado possível a cada um de nós, e que temos que "crescer na graça e no conhecimento" do Senhor.

Segundo o apóstolo, há duas principais tendências nas crianças. A primeira é instabilidade. Ele utiliza uma frase bastante pitoresca para descrever isso: "lançados para lá e para cá" ("inconstantes"), "agitados como as ondas". Não significa que somos agitados de um lado para outro pelas ondas, porém que nós somos semelhantes às ondas, agitadas para lá e para cá e constantemente em movimento. Na verdade podemos traduzir a frase por, "lançando-se por todos os lados". A palavra que o apóstolo empregou, e é o único caso em que ela se acha no Novo Testamento, comunica o sentido de violência – "um violento lançar-se das águas ao redor". Tiago tem a mesma idéia no capítulo primeiro da sua Epístola, onde a palavra empregada significa "lançada de um lado para outro" ou "agitada" (1:6). Nada é tão característico do mar como a sua inquietação, o seu constante movimento e mudança. A palavra do apóstolo transmite esta idéia do mar agitado para lá e para cá, oudas ondas do mar em constante movimento, com a idéia de violência e agitação. E isso, diz o apóstolo, caracteriza a condição infantil.

Contudo, devemos analisar isto mais detalhadamente, como o apóstolo claramente tenciona que façamos. A condição nos lembra que uma das características mais proeminentes da criança é a inconstância e mutabilidade. Quão rapidamente uma criança pode mudar do riso para o choro! Pode-se ver no seu rosto as rápidas mudanças. A criança não pode evitar isso, é claro, porque é criança. Nas Escrituras há muitos exemplos disto, nos casos em que se aplica a uma condição infantil. Vejam, por exemplo, o que lemos no último

capítulo de Atos dos Apóstolos. Paulo tinha desembarcado, após um naufrágio, na ilha de Melita (Malta). Fazia frio, e eles juntaram uns gravetos para fazer uma fogueira para esquentar-se. De repente, uma víbora prendeu-se na mão do apóstolo. Os outros concluíram imediatamente que ele devia ser um homem muito mau, e ficaram na expectativa de que ele começasse a inchar a qualquer momento e sofresse morte violenta. Todavia, quando viram que ele nem inchava nem morria, mudaram de opinião e disseram que ele era um deus. Passaram imediatamente de um extremo ao outro. Essa conduta é típica da criança, "agitada para lá e para cá, como as ondas do mar". É sempre triste ver essa espécie de comportamento no povo cristão, entretanto todos começamos como crianças.

Outra coisa que caracteriza esta condição infantil é a falta de domínio próprio. É por isso que as crianças devem estar sob o controle de pessoas mais velhas. As crianças são criaturas de impulsos e caprichos; pouco sabem de autodisciplina, e elas não conseguem dominar-se, controlar-se e controlar o seu gênio. Diz-nos o livro de Provérbios que o homem pode dominar o seu gênio é o maior do que aquele que pode capturar uma cidade. O domínio próprio é uma tarefa muito difícil. A criança não pode dominar-se; ela dá livre expressão de si mesma. Quer uma coisa, e a quer imediatamente; mostra o seu temperamento e o seu desagrado, se lha negam. A criança manifesta-se incapaz de controlar as suas reações e respostas às coisas que lhe sucedem.

Outra característica da criança, e característica que se segue às anteriores, é que a criança sempre reage exagerada e violentamente às coisas que lhe acontecem. A criança age de maneira global, e o faz com um elemento de violência e excesso. A criança ou gosta demais de uma coisa, ou a odeia; não há meio termo. Ela vai direto de um extremo ao outro. Todas as reações da criança exibem este elemento de excesso, de violência e de falta de disciplina e de controle. Quão desconcertante as Escrituras podem ser quando colocam de nós esse tipo de espelho! O verdadeiro cristão, e adulto, não deve reagir violentamente e com excesso; ele precisa manifestar disciplina e controle, e um elemento de temperança. "Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, de amor, e de moderação", diz o apóstolo ao jovem Timóteo (2 Timóteo 1:7). "Moderação" (VA: "mente sã") quer dizer disciplina e domínio próprio. não devemos reagir com excesso e com violência às coisas que acontecem conosco.

Mais uma característica da criança é que ela defende as suas idéias violentamente, e tende a mudar de um extremo para o outro. Todos nós conhecemos o dogmatismo da criança; e o que a torna mais difícil

ainda é que quando ela muda completamente de idéia, defende a novas idéia de maneira igualmente dogmática. Além disso, nunca se sabe quando a mudança vai acontecer. O resultado disso tudo é que a criança vive num estado de perpétuo tumulto e agitação mental. Do mesmo modo, o adulto que acabou de se tornar cristão tende a mostrar estas características, tanto individualmente como em grupos. Observem um pequeno grupo de crianças. Elas parecem terrivelmente perturbadas; uma coisa de nada as transtornou, e elas se juntam em bloco e parecem falar todas ao mesmo tempo. São violentas em suas reações, agitadas, e estão num estado de tumulto. Acham que o fim do mundo está prestes a acontecer, tudo porque um brinquedinho se quebrou ou por causa de alguma coisa igualmente trivial. São como as ondas do mar, agitadas para lá e para cá. A agitação mental é sempre indicativa de uma condição infantil, a não ser que se deva a uma verdadeira doença mental.

Tudo isso deve levar-nos a perguntar se *nós* estamos manifestando estas características da criança, esta instabilidade, este constante movimento e agitação, esta tendência para ser violenta nestes diferentes aspectos; esta falta de disciplina e de domínio próprio, e especialmente esta incapacidade de controlar as nossas reações às coisas que nos acontecem. Noutras palavras, a vida da criança é uma vida vivida na superfície. A criança não tem reservas às quais recorrer. Isto não é uma crítica à criança; é uma descrição. É a característica da criança. E porque é criança, não pode evitá-lo. Contudo, quando você vir esta condição em alguém que é cristão há algum tempo, a primeira coisa necessária é fazê-lo compreender que ele está muito errado e que "doravante" não deve continuar nesse estado.

O segundo fato importante da criança é a sua predisposição para ser desencaminhada e enganada. "Para que (doravante) não sejamos mais meninos inconstantes, *levados em roda por todo o vento de doutrina*". Uma tradução melhor talvez seja, "levados em roda em todas as direções". O vento vem de umancerta direção. e então, subitamente, parece mudar para outra. O constante girar de um cata-vento indica as mudanças do vento. De maneira similar, uma criança dá voltas e é levada por toda espécie de ensino, em todas as direções imagináveis. Este é simplesmente um modo gráfico e pictórico de dizer que a criança está sempre sujeita a ser enganada, pois tende a acreditar em tudo o que lhe dizem. A criança, por ser criança, prontamente é presa de qualquer impostor que aparece. O apóstolo está particularmente preocupado com isso. Por isso falou como falou aos presbíteros desta igreja de Éfeso, como consta noi capítulo vinte do livro de Atos, numa das

passagens mais comoventes de todas as Escrituras. Ele podia antever o que estava para suceder-lhes e, conseqüentemente, estava preocupado com eles. Ele podia ver como eles eram propensos a deixar-se enganar, porque ainda eram crianças na fé. É interessante que ele tenha dito tudo isso aos presbíteros da igreja de Éfeso, à qual escreveu mais tarde esta mesma Epístola que agora estamos estudando.

Uma questão muito importante que devemos encarar, se é que havemos de livrar-nos desse estado, é quanto a por que uma criança é propensa dessa maneira a ser enganada? Qual será a nossa análise psicológica da sua situação? Eis algumas das respostas: isto é próprio da criança, por sua ignorância. Em última instância se deve, na verdade, à sua falta de conhecimento. Os problemas da criança surgem porque ela não tem um padrão, e lhe falta um padrão porque lhe falta conhecimento. Sem um padrão, nada se pode testar e avaliar. E deixar de testar é não ser capaz de julgar. Quando você é confrontado por diversos ensinos, como você sabe qual é o certo? Há apenas uma resposta; somente o conhecimento nos habilita a fazer o teste e, se não tivermos o conhecimento, simplesmente não estaremos em condições de testar, peneirar e discriminar. Esse é o problema com a criança; e se torna trágico quando o vemos nos que continuam crianças quando já deviam ser adultos. É inevitável na criança porque lhe falta o conhecimento, e por essa razão ela precisa ser ensinada. Mas é indesculpável nos que são adultos e que já deviam ter obtido o conhecimento.

Também é certo dizer da criança que, não somente é ignorante, porém também tem uma tendência inata para não gostar de receber instrução e de sujeitar-se à disciplina. Sabemos que isso é verdade quando olhamos retrospectivamente para as nossas experiências pessoais, e também para a nossa experiência com as crianças no presente. Em particular, a criança não gosta de ser ensinada vagarosamente. A criança é impaciente e sempre quer avançar rapidamente. Pensem numa criança que está recebendo lições de música. Ela destesta ter que praticar as escalas; quer tocar a grande peça clássica imediatamente; ela não gosta de trabalho penoso e de aplicação regular. A criança que está estudando aritmética não gosta de estudar a tabuada, porém quer resolver os problemas. A idéia de que se tem que tomar tempo e que se tem de crescer de estágio é odiosa para a criança. O apóstolo sabia que a criança espiritual mostra o mesmo desagrado pela disciplina e por receber instrução, e sempre exagera na avaliação da sua própria capacidade e conhecimento.

Ou, ainda, não há nada que seja mais característico da criança do que o quanto ela gosta de novidade, de mudança, de algo novo. A criança não se preocupa tanto com o valor intrínseco de uma coisa,

como com o fato de ser nova. A criança pode estar brincando com os seus brinquedos favoritos, entretanto, se de repente lhe apresentam um brinquedo novo, os outros logo são esquecidos e jogados fora pela sua própria mão. A mente e a mentalidade infantis gostam de mudança e ambicionam o que é moderno e o que é novo. Atos, capítulo 17, nos fala dos moradores de Atenas, que "de nenhuma outra coisa se ocupavam, senão de dizer e ouvir alguma novidade". Isso é típico da mentalidade infantil, sempre interessada na coisa mais recente, seja qual for. Como isso é típico de muitos cristãos hoje, que se denunciam inconscientemente por este gosto por mudança e novidade!

Além disso, a criança gosta de entretenimento e de agitação. Isto era próprio de todos nós na infância. A criança tende a ter um antagonismo secreto até pelos seus pais, se não pais dignos do nome, porque estes sempre estão ali, exercendo certa medida de restrição e impondo certos princípios. Quão mais bondoso é o tio favorito, que ocasionalmente vem passar uma semana e que nos dá tudo o que queremos e não nos nega nada! O tio nos consola quando somos castigados e está proto a brincar conosco, a entreter-nos e a juntar-se a nós em várias travessuras. Ele parece ser muito melhor e mais amável do que o pai e a mãe. Lembro-me distintamente do prazer secreto que eu e outros rapazes da minha idade sentiam quando o diretor da escola sob quem ei tive que estudar outrora, tinha o seu ataque anual de lumbago e não podia vir à escola. Como era animador ter a permissão para estudar a lição como quiséssemos, e com um mestre que talvez estivesse gostando um pouco da liberdade!

Infelizmente tudo isso tende a ser verdade quanto a nós como cristãos. Às vezes penso que um dos primeiros problemas e provas que um jovem pastor tem que enfrentar deve-se exatamente a isto, que tem de ajustar-se ao fato de que muitos cristãos mostram esta característica da meninice. Gostam de mudança; qualquer coisa, contanto que seja diferente; mudança, modernidade e novidade, e especialmente o anseio pelo elemento de entretenimento e animação. Quão mais gostoso é divertir-se do que passar pela fadiga de uma lição! Se vocês prestarem atenção nos periódicos religiosos e em seus anúncios, e aplicarem o ensino do apóstolo a isso, vocês entenderão o que eu quero dizer. O incomum, especialmente se contiver o elemento de entretenimento e animação, evidentemente será o mais popular. Essa é uma clara indicação da perspectiva e mentalidade infantil. O apóstolo está interessado em imprimir isto nas mentes dos efésios porque, se eles não o percebessem nem o compreendessem, nunca se desenvolveriam nisso.

A derradeira característica deste estado e condição da criança que leva ao perigo e à suscetibilidade de ser levada em roda por todo vento de doutrina, é que a criança é peculiarmente suscetível face ao sensacionalismo teatral. A criança instintivamente gosta do sensacional. Quanto maior for o elemento teatral, mais a criança vai gostar. A criança não tem como discriminar, não tem meios de avaliar estas questões. Quanto maior o "show", quanto maior a ilusão, em certo sentido, mais provável será que a criança acreditará naquilo. Posto que lhe faltam conhecimento e capacidade para discriminar e entender, ela tende a ser seduzida pelo espetacular, pelo vultoso, pelo pomposo, por tudo o que seja feito com autoconfiança. O espetacular sempre atrai as crianças; é por isso que a criança tem que ser protegida, e também é por isso que é tão indispensável que a criança seja disciplinada e ensinada.

Tudo isso é apenas introdutório com relação ao que o apóstolo vai dizer. É importante que entendamos esta mentalidade por causa dos terríveis perigos que nos cercam. E de todos os perigos, nenhum é maior do que "o engano dos homens" e a astúcia com que eles "enganam fraudulosamente". Mas será sem propósito continuar estudando mais estas questões, se não nos examinarmos a nós mesmos e não estivermos conscientes das características da mentalidade infantil. Duas coisas são essenciais. A criança deve compreender que é criança; e também deve compreender que, devido ser criança, está numa situação extremamente perigosa. O apóstolo coloca estas coisas na ordem certa. Deus nos perdoe por sermos tão instáveis, tão inconstantes, tão prontos a deixar-nos iludir, tão prontos a reagir violentamente! Perdoe-nos Deus também por sermos tão faltos de disciplina e daquele conhecimento verdadeiro que leva a um interesse pela glória e honra de Deus e do Senhor Jesus Cristo, e também pela glória da Igreja, que é o Seu corpo! Todos nós entramos nesta vida como crianças, "nascemos do Espírito", "nascemos de cima", "nascemos de novo". Pode ser que alguns de nós estejam na vida cristã por longo tempo. Acaso continuamos sendo meninos "lançados para lá e para cá e levados em roda por todo o vento de doutrina"? Deus tenha misericórdia de nós!

19

AS CILADAS DO DIABO

"Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulosamente." Efésios 4:14

Agora devemos examinar mais de perto os perigos a que estão expostas a meninice e a imaturidade espirituais. É deveras assombroso notar quanto o espaço e quanta atenção a Bíblia dá a esta questão particular. Há advertências constantes contra este perigo particular. Vejam, por exemplo, o que lemos no Evangelho Segundo Mateus: "Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores" (7:15). Que solene advertência! E o nosso Senhor prossegue e a desenvolve. De novo, no capítulo 24 do mesmo Evangelho, o nosso Senhor diz: "Então, se alguém vos disser: eis que o Cristo está aqui, ou ali, não lhe dei crédito; porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. Eis que eu vo-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: eis que ele está no deserto, não saiais; eis que ele está no interior da casa, não acrediteis" (versículos 23-26). "Eis que eu vo-lo tenho predito", diz o nosso Senhor; todavia, quão pouco ouvimos sobre estas exortações hoje! De fato, como espero mostrar mais tarde, muitos até se aborrecem com estas advertências hoje em dia! A Igreja atual não parece estar consciente do perigo, e dá pouca atenção, se é que dá alguma, a estas infindáveis advertências que se acham nas Escrituras.

Considerem de novo a advertência do apóstolo Paulo aos presbíteros desta mesma igreja de Éfeso, parte da qual já citamos. Diz ele: "Olhai pois por vós, e por todo o rebanho sobre o que o Espírito Santo vos constitui bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue. Porque eu sei isto; que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão ao rebanho; e que dentre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si. Portanto, vigiai". (Atos 20:28-31). Em todas as suas Epístolas estas advertências estão

sempre em evidência. Daí, é certo dizer que a maioria destas Epístolas contém um proeminente elemento polêmico. Elas estão repletas de argumentação, debate, raciocínio e advertência. Pensem, por exemplo, no capítulo 11 da Segunda Epístola aos Coríntios, onde o apóstolo os adverte dos falsos mestres. Diz ele que não é admirar que estes falsos mestres se portem como o fazem, pois o diabo é capaz de transformar-se num anjo de luz. A Epístola aos Gálatas pode verdadeiramente ser considerada como tão-somente uma extensa advertência sobre os falsos mestres. Em sua Epístola aos Filipenses Paulo escreve: "Guardai-vos dos cães, guardai-vos dos maus obreiros, guardai-vos da circuncisão" (3:2). Em sua Epístola aos Colossenses vemo-lo advertindo os cristãos: "Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo" (2:8). Nas Epístolas pastorais ele adverte das "oposições da falsamente chamada ciência (conhecimento); a qual professando-a alguns, se desviaram da fé" (1 Timóteo 6:20-21).

Nada é mais notável neste aspecto, talvez, do que o que vemos no capítulo dois da Segunda Epístola de Pedro. Ele avisa os seus leitores de que surgiriam falsos mestres entre eles, exatamente como surgiram falsos profetas entre os filhos de Israel na antiga dispensação; e ele prossegue e diz coisas terríveis a respeito deles. A Epístola de Judas também é inteiramente dedicada à mesma espécie de solene advertência. Na Primeira Epístola de João muita atenção é dada aos "anticristos", os falsos profetas, que se levantaram. No livro de Apocalipse as cartas às sete igrejas tratam especificamente do mesmo problema; na verdade, o livro de Apocalipse é uma grande advertência à Igreja neste sentido. De fato, quase se pode dizer que o Novo Testamento veio a existir com a finalidade de advertir o povo cristão a guardar-se do terrível e sempre presente perigo de ser levado a extraviar-se por falso ensino concernente ao nosso Senhor e à Sua grande salvação.

Gostaria de salientar algo de que este versículo nos faz lembrar, a saber, a extraordinária linguagem empregada com relação a este perigo – a linguagem forte, a linguagem quase violenta empregada! Vê-se isto até na linguagem do nosso Senhor. Ao descrever os falsos profetas, Ele diz que eles vêm até nós "vestidos como ovelhas", parecendo inocentes, atraentes, fascinantes. Mas "interiormente", diz Ele, "são lobos devoradores". Com essas expressões tão fortes Ele caracteriza estes falsos mestres! De novo, no capítulo 23 do Evangelho Segundo Mateus, advertindo os Seus discípulos e seguidores sobre os fariseus, diz Ele que eles são "sepulcros caiados". Feitos para parecer

atrativos, mas por dentro estão cheios de nada que ossos e imundícia. Esta linguagem é muito forte; é quase violenta; contudo, é o Filho de Deus falando, a encarnação do amor de Deus.

A mesma coisa é verdadeira quanto à linguagem utilizada pelo apóstolo Paulo em Atos, capítulo 20, onde ele descreve os falsos mestres como "lobos cruéis". Em sua Epístola aos Filipenses ele os denomina "inimigo da cruz de Cristo" (3:18). Em sua Segunda Epístola aos Coríntios ele adverte os cristãos que se cuidem para não suceder que, "assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia", assim também estes falsos mestres e falsos apóstolos os enganem (11:3). No entanto, talvez não haja nada mais forte do que o que ele diz na Segunda Epístola aos Tessalonicenses. Paulo os está advertindo do anticristo em sua forma final, e diz: "A esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça para os que parecem" (2:9-10). Diz ele que há perigo de sermos levados a extraviar-nos pela "operação do erro" e de virmos a "crer na mentira" (versículo 11). Não há linguagem mais forte nas Escrituras do que a linguagem empregada com relação a este assunto. Paulo se refere a falsos mestres chamando-lhes "cães". O apóstolo João escreve sobre "o anticristo; e Pedro se refere a "heresias de perdição" e a "dissoluções" (VA: "caminhos perniciosos"), e fala de homens maus que "por avareza farão de vós negócio com palavras fingidas". Todos os escritores utilizam a palavra "mentiras", ou seus sinônimos, com referência ao ensino propagado por esses falsos mestres.

Não é de admirar, porque, segundo as Escrituras, todo falso ensino é resultado da obra da serpente, e traz em si a marca e o caráter da serpente. Foi por meio da serpente que o falso ensino entrou pela primeira vez na vida do homem. O homem estava num estado de perfeição, em comunhão com Deus e tinha amizade com Deus. Contudo, veio a serpente e "enganou" Eva com as suas sutis insinuações, alusões e sugestões. Sutileza e engano, diz a Bíblia, sempre foram, daí em diante, uma característica de grande parte da vida do homem. Mas as crianças não têm consciência disso, e por esta razão, diz o apóstolo, o Senhor Jesus Cristo estabeleceu na Igreja apóstolos, profetas, evangelistas e pastores e mestres.

Pintei o cenário de fundo para que possamos compreender que isso não é algo peculiar a Paulo. A escola da "Alta Crítica", assim chamada, sempre esteve pronta a afirmar que isso é peculiar a Paulo que, afirmam eles, era legalista e intolerante em sua estreiteza, e ficava aborrecido quando alguém discordava do que ele dizia. Os incrédulos

estão prontos a aceitar aquele ensino, e cristãos jovens e ignorantes têm sido enganados por ele. Citei o Senhor Jesus Cristo para mostrar que isso não é verdade e que Ele falou em "lobos devoradores", "condutores cegos", "supulcros caiados", e assim por diante. O motivo pelo qual dou ênfase a este assunto é que não posso imaginar, e desafio quem possa apresentar uma descrição mais perfeita da situação do cristão moderno do que a que temos no versículo 14 de Efésios, capítulo 4. O cristão moderno está rodeado de seitas e falsos ensinos, pelo que devemos estudar as expressões que o apóstolo utiliza, devemos aplicá-las aos numerosos ensinos falsos e erros que se oferecem às crianças na fé atualmente.

A primeira expressão que devemos examinar é "todo o vento de doutrina". As palavras de Paulo, "para que doravante não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina", sugerem uma multiplicidade; sugerem que, de repente, os falsos ensinos podem vir do norte, do sul, do leste e do oeste. Estamos literalmente cercado de erros, falsos ensinos e heresias. Foi assim na Igreja Primitiva, e continua sendo assim. Mesmo nos dias que se seguiram imediatamente à vida, morte e ressurreição do nosso Senhor, e nos dias dos próprios apóstolos, estes ventos de falsa doutrina começaram a soprar.

A expressão seguinte e: "pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulosamente". O real sentido de *engano é erro*. Significa um extrativo da ortodoxia ou da piedade; significa algo que é falso, infiel, e mentira. O objetivo de todos os falsos ensinos, é o que Paulo diz, é persuadir-nos a ir pelo caminho do erro e a agarrar-nos ao erro, e não temos por que ficar surpresos por ele empregar uma linguagem forte com relação a eles.

Observemos a seguir a maneira pela qual ele nos diz que estes erros são ensinados e propagados. "Todo o vento de doutrina", diz ele, que tende a desviar-nos e a enredar-nos, é manipulado "pelo engano dos homens". "Engano" é uma palavra muito interessante. Notemos de passagem o fato de que são empregadas nesse único versículo duas palavras que não são utilizadas em nenhuma outra parte das Escrituras, e uma terceira que é empregada somente aqui e outra vez nesta mesma Epístola, no capítulo 6, versículo 11. Estas palavras são "hapax legomenom", expressão técnica empregada para descrever palavras utilizadas só uma vez nas Escrituras. Outra palavra dessa classe é a que é traduzida por "inconstantes" (VA: "lançadas para lá e para cá"), que já consideramos.

A palavra "engano" só é utilizada aqui, nas Escrituras; portanto, devemos dar-lhe atenção. A palavra de fato utilizada pelo apóstolo é

a que conhecemos como "dados". Refere-se a jogar com dados, um jogo de azar que é praticado e determinado pelo lançamento de um dado. A impressão que dá é que, com relação a tal jogo, há sempre uma abertura para o elemento de engano e trapaça, de tapeação e chicanice. Quando você não está vigiando cuidadosamente, o homem que está para atirar o dado manipula-o de alguma maneira, de modo que ele consegue o particular número que deseja. O jogo de dados e a sorte dão uma oportunidade ao homem que, pela rapidez da mão, pode enganar os olhos. O apóstolo está descrevendo os falsos mestres que se aproximam com artimanha do jovem cristão. Diz o apóstolo que eles são como homens hábeis nos jogos que dependem do lançamento de um dado e do fator sorte. Sabem manipular o jogo, são rápidos e sutis, e quando você, em sua inocência, não está observando atentamente, eles o enganam e o fazem extraviar-se.

O apóstolo não se contenta em ficar nisso; vai adiante e afirma que eles fazem isso "com astúcia" e "enganam". Isto se refere à perícia ou manha que eles empregam. Isto outra vez chama a atenção para a arte do sofisma, ou fraude, para a esperteza, a sutileza do ensino e dos métodos deles. Eles sabem o que estão fazendo, e estão cheios de astúcia e engano.

Chegamos agora a outra palavra, aquela que é usada somente aqui e no capítulo 6, versículo 11. Paulo diz: "com o que eles ficam de emboscada" (VA). "Ficar de emboscada", no original, é uma palavra que significa "seguir alguém e persegui-lo, como um animal persegue e segue a sua presa". Pensem numa doninha na pista de um coelho; uma vez que a doninha parte pelo faro, continua indo, continua indo. O coelho corre e periodicamente pára e se põe à escuta. Julga-se a salvo, e se vai, porém a doninha o segue lenta, mas implacavelmente, até que acaba capturando a sua presa. Ou pensem num desses animais predatórios à espera da sua vítima e depois se lançando sobre ela. Desse sentido original a palavra desenvolveu este sentido em que o apóstolo a emprega. Ela transmite a idéia do método de um plano bem feito, de fato a idéia geral de um plano e um sistema deliberados. É traduzida por "astutas ciladas" no capítulo seis, no versículo que diz: "Revesti--vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as *astutas ciladas* do diabo". O apóstolo utiliza esta palavra particular com o fim de salientar que somos confrontados por algo que é muito metódico e que é planejado quase à perfeição. Age como a fera, por instinto, começa a perseguir a sua vítima; e, portanto, a palavra assinala tanto o sutil engano dos falsos mestres como a patética fraqueza das vítimas. Podemos, pois, explicar a frase dizendo que o apóstolo ensina que o engano dos homens "opera segundo a astúcia ou

manha empregada por aqueles que desejam laçar ou capturar", ou "enganando segundo a astúcia que o erro usa". Este, diz o apóstolo, é o perigo com o qual se defrontam as crianças espirituais.

Certas perguntas devem ser feitas nesta altura. Estaríamos cientes de que esta é a nossa situação no presente? Diz o nosso Senhor: "Eis que eu vo-lo tenho predito", e o apóstolo Paulo fez a mesma afirmação quando se dirigiu aos presbíteros da igreja de Éfeso; assim repito a minha pergunta: damo-nos conta de que esta é a nossa situação? No entanto, deixem-me subdividir a questão numa série de perguntas. Porventura compreendemos como devemos que o erro não é meramente negativo, mas pode ser muito ativo e muito positivo? O erro não é apenas a ausência da verdade completa ou do ensino completo; é mal positivo. Falo assim porque há um ensino que tem tido muita aceitação, com vistas a que o pecado nunca seja considerado como positivo, que o pecado é meramente negativo, mera ausência de boas qualidades. De acordo com o ensino sentimentalista popular, não devemos dizer que um homem é realmente mau; o que devemos dizer é que ele não é bom. Para esse ensino não existe mal positivo. Também defende a idéia de que não existe ensino positivamente mau. Ora, isso é negar o ensino da Bíblia inteira, que, como vimos, acentua o caráter positivamente mau do falso ensino.

O segundo fato que devemos compreender a respeito do falso ensino é que ele é planejado e organizado; que não acontece acidentalmente. Se todos estamos cientes do que está acontecendo hoje, só temos que saber do plano, do método e da organização dos falsos mestres. Os missionários em terras estrangeiras no dizem que têm mais dificuldade com os erros e os falsos ensinos, e com as falsas religiões, do que com a incredulidade como tal. Além disso, vemos que os erros, as seitas e os falsos ensinos muito raramente conseguem convertidos diretamente do mundo; eles os obtêm entre os cristãos inexperientes. Após o missionário ter realizado o seu trabalho e de haver convertidos, eles vão atrás da sua presa, e como animais predatórios, lançam-se sobre ela. Isto não se restringe ao campo estrangeiro; é igualmente verdade quanto às Ilhas Britânicas. Os recém-convertidos são atacados pelos que geram dúvidas nas suas mentes quanto à autoridade da Bíblia, à Pessoa do nosso Senhor, a expiação substitutiva, e vários outros aspectos essenciais da fé cristã e, em sua ignorância, podem ser levados a extraviar-se temporariamente.

Devemos acentuar que estes mestres "ficam de emboscada", que eles são metódicos, e sabem exatamente o que estão fazendo. O falso

ensino é sempre bem organizado, e também se caracteriza por extraordinário zelo. Quando se comparam os falsos ensinos, neste aspecto, com o ensino ortodoxo, aqueles fazem este passar vergonha. Vê-se isto muitas vezes nos recursos financeiros que eles controlam e nas sacrificais contribuições feitas pelos seus seguidores. Vê-se também em sua literatura, em suas reuniões e na prontidão do seu povo para trabalhar. O nosso Senhor disse uma vez que "os filhos deste mundo são mais prudentes na sua geração do que os filhos da luz" (Lucas 16:8), e certamente isso é verdade neste aspecto particular. Os falsos mestres "ficam de emboscada", planejam a sua campanha e a executam com extraordinária habilidade, astúcia, zelo e energia. Não é de admirar, quando lembramos que tudo isso provém do próprio diabo. Ele é "mentiroso desde o princípio", diz o nosso Senhor, é "pai da mentira", e pode transformar-se num "anjo de luz". O plano mais brilhante já executado neste mundo limitado pelo tempo foi o do diabo concernente a Adão e Eva no jardim do Éden. Que trama perfeita! Que esquema perfeito! Com que habilidade o diabo soube abordá-los! E quão traiçoeiro e insinuante foi o seu método! Essa tem sido a grande característica dos seus seguidores daí em diante.

A característica subseqüente do falso é a sua sutileza. Isto vê nas palavras "engano", "astúcia" e "enganar fraudulosamente". Elas descrevem a sedução exercida pelo falso. É porque ele parece tão sedutor que as pessoas estão prontas a aceitá-lo, especialmente as que são apenas crianças na fé. Ele sempre parece muito simples e direto. O falso ensino diz-nos que não precisamos passar muito tempo estudando esta Epístola aos Efésios e ficar pelejando para entender doutrina; a verdade é tão simples! Você simplesmente crê, e tem tudo. Ele oferece "atalhos"; é sempre simples, direto, imediato, e é sempre tão "gloriosamente simples"! É aqui que vemos a sutileza disso tudo. Este é o segredo da conjuração, como era o segredo dos homens que no passado costumavam passear pelos mercados atirando coisas numa sacola e aparentemente oferecendo uma grande venda por uma pequena quantia, porém que os tolos e ingênuos que caíam vítimas da língua traiçoeira descobriam que não tinham valor nenhum.

Pode-se ilustrar muito facilmente isto na esfera espiritual mencionando certos ensinos particulares. Somos convidados a unir-nos a um segmento da Igreja que se oferece para fazer tudo por nós. Simplesmente confessamos os nossos pecados ao sacerdote e deixamos a nossa alma sob a guarda da igreja. Quão sutil, quão plausível, quão atraente parece! Por isso tem sucesso, e por isso todo erro e falso ensino sempre teve sucesso, desde o início. Isso mostra a sutileza da

serpente. "Como a serpente enganou Eva", assim os seus emissários, os seus agentes, continuam a enganar e a iludir os ingênuos, os que de nada desconfiam.

Quando passamos a considerar como se pode reconhecer essa trapaça toda, há uma invariável característica do falso ensino, a saber, que ele sempre usurpa e diminui a glória do Senhor Jesus Cristo. Não admira que o apóstolo tenha escrito "pelo engano dos homens", porque em cada um destes falsos ensinos a proeminência é dada ao homem, de algum modo ou forma. Não é que eles neguem completamente o Senhor Jesus Cristo; claro que não! São inteligentes demais para fazê-lo. Todavia eles O negam e diminuem a Sua glória. Dão ênfase ao sacerdote, ou à virgem Maria, ou à igreja, ou ao papa, ou aos santos finados, ou a alguma mulher que afirma que teve uma visão. Geralmente há uma pessoa a quem é dada proeminência e que está no centro, e de maneira muito sutil, o Senhor Jesus Cristo não é "tudo em todos". Isto porque o diabo odeia o Filho de Deus acima de tudo mais e, por meios sutis, usurpa a Sua glória central e exalta o homem, ou um grupo de homens, ou uma instituição, ou uma organização. Não é mais Cristo, e somente Cristo, e exclusivamente Cristo.

É bom e prudente testar todo ensino com esse critério. O apóstolo João, em sua Primeira Epístola, depois de nos advertir quanto a crermos em todo espírito, e de nos assegurar que muitos falsos profetas saíram pelo mundo, e que existem muitos anticristos, diz-nos que o teste que devemos aplicar a todo ensino é, "Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus", mas é anticristo (4:2-3). Tudo deve ser testado pela posição atribuída ao Senhor Jesus Cristo. Se Ele não é essencial, se Ele não é central, se Ele não é único e não está acima e além de todos, e se Ele não torna pequenos tudo e todos, então o ensino é falso.

Finalmente aprendemos aqui, como noutras partes, que todo falso ensino deve ser odiado e deve ser objeto da nossa oposição. O Novo Testamento nos diz que o nosso Senhor e todos os apóstolos o odiavam, opunham-se a isso, e advertiam as pessoas a respeito. No entanto, eu pergunto de novo: é o que se faz hoje? Que dizer da sua atitude pessoal para com isto? Você seria um daqueles que dizem que não há necessidade desses pontos negativos , e que devemos contentar-nos com uma apresentação positiva da verdade? Subscrevemos o ensino dominante, que não gosta de advertências e de criticar os falsos ensinos? Você concorda com aqueles que dizem que o espírito de amor é incompatível com a denúncia negativa e crítica do erro que se apresenta ruidosamente, e que sempre devemos ser positivos? A

resposta simples a tal atitude é que o Senhor Jesus Cristo denunciou o mal e denunciou os falsos mestres. Repito que Ele os denunciou como "lobos devoradores", "sepulcros caiados" e "condutores cegos". O apóstolo Paulo disse de alguns deles: "cujo Deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles" (Filipenses 3:19). Essa é a linguagem das Escrituras. Pouca dúvida pode haver de que a Igreja é como é hoje porque não seguimos o ensino do Novo Testamento e suas exortações, e nos limitamos ao positivo e ao "simples evangelho", assim chamado, e deixamos de acentuar os pontos negativos e as críticas. O resultado é que as pessoas não reconhecem o erro quando o encontram. Aceitam o que lhes parece bom, e se impressionam com os que vêm às suas portas falando da Bíblia e oferecendo livros sobre a Bíblia, sobre a profecia, e assim por diante. Em sua ignorante condição infantil, muitas vezes ajudam a propagar o falso ensino porque não vêem nada de errado nele. Sobretudo, não percebem que o erro deve ser odiado e denunciado. Imaginando-se cheios do espírito de amor, são enganadas por satanás, o animal predatório que estava em sua pista e que de repente as apanhou e se apossou delas com a sua astúcia e sutileza.

Não é agradável ser negativo; não dá prazer ter que denunciar e expor o erro. Entretanto qualquer pastor que sinta, em pequena medida, e com humildade, a responsabilidade que o apóstolo Paulo sentia em grau infinitivamente maior, pelas almas e pelo bem-estar espiritual do seu povo, é compelido a proferir estas advertências. Não é provável que isto seja apreciado nesta frouxa geração moderna, mas, se não for feito, o povo será enganado pelos falsos mestres, "como a serpente enganou Eva". Que não sejamos mais "meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulosamente". Queira Deus abrir os nossos olhos, ter misericórdia de nós e dar-nos entendimento e discernimento espiritual, para que possamos resistir às ciladas do diabo em nossos dias e em nossa geração, e assim honrar e glorificar o nosso bendito Senhor e Salvador, a Cabeça do corpo, da Igreja, da qual temos a inapreciável honra de ser membros!

20

FALANDO A VERDADE EM AMOR

*"Mas, falando a verdade em amor, cresçamos em tudo nele."** Efésios 4:15

Naturalmente, esta frase faz parte de uma declaração maior. Ela introduz o aspecto positivo do ensino do apóstolo relacionado com a função do ministério na Igreja Cristã. O objetivo do ministério é levar-nos todos a "varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo". Mas, como vimos, a fim de alcançarmos esse objetivo, devemos começar de onde estamos. E a primeira coisa que devemos fazer é compreender que somos crianças e que estamos sujeitos a algumas das características das crianças, quer dizer, crianças no sentido espiritual. Portanto, havendo-nos advertido no sentido de, doravante, não continuarmos como crianças, o apóstolo nos exorta a "falar a verdade em amor" e a "crescer em tudo naquele que é a cabeça, Cristo".

Primeiramente devemos procurar o sentido da palavra traduzida por "falando". Embora num sentido esteja certo, não comunica o significado pleno da palavra utilizada pelo apóstolo. A palavra que ele empregou não é normalmente traduzida por "falando". Ou, para expor a matéria pelo ângulo oposto, as palavras geralmente traduzidas por "falando" não são a palavra que o apóstolo usou aqui. A palavra grega significa "professando", de modo que podemos traduzir a frase desta maneira: "professando a verdade em amor". Muitos insistem em que uma tradução bem literal, embora não agradável, é "verdadeando" – "mas, verdadeando em amor". O que a expressão comunica é que estamos "andando na verdade". Talvez a melhor tradução seja, "tendo ou mantendo a verdade em amor". Isso inclui, é claro, falando-a, discutindo-a juntos e ensinando-a. Todavia, não é mero falar; cobre todo o nosso comportamento. Devemos ser verdadeiros e andar na verdade e em amor. Assim, o que o apóstolo diz é que não devemos ser mais crianças, lançadas para lá e para cá, etc., mas, antes, devemos manter a verdade em amor, devemos crescer em tudo em Cristo.

---

* Almeida: " ... seguindo a verdade em caridade". Nota do tradutor.

Estou tentado a asseverar que no presente não há nenhuma declaração na Bíblia inteira que seja objeto de tanto abuso e que tenha sido tão mal citada como esta declaração particular. Esta frase, junto com a do versículo 21 do capítulo dezessete do Evangelho Segundo João, "Para que todos sejam um", são os dois textos favoritos dos participantes do movimento ecumênico e dos defensores de uma grande "Igreja Mundial". Juntos se tornaram ambos, virtualmente, um lema. É, pois, muito importante que examinemos e consideremos cuidadosamente esta frase.

Ela se tornou o texto favorito de muitos porque foi arrancada do seu contexto. É sempre extremamente perigoso tirar uma frase do seu contexto e torná-la num lema. Toda declaração das Escrituras sempre deve ser tomada em seu contexto. É fazer violência às Escrituras tratá-las doutra maneira qualquer. Veremos a importância deste princípio quando fizermos a nossa exposição. Ao fazê-la, devemos ter o cuidado de ter em mente o interesse do apóstolo em toda esta passagem. Quando ele diz: "falando a verdade em amor", não quer dizer apenas ser bom e amável. Sinto-me compelido a começar com esse elemento negativo porque hoje em dia é comum interpretar o texto dessa forma. Esta se tornou a idéia dominante no presente nas discussões concernentes à unidade da Igreja. O companheirismo é posto em primeiro lugar. Dizem-nos que nada é tão importante como companheirismo; a unidade, em si e por si, é a coisa suprema. Dizem-nos que a falta desta unidade é o principal, senão o insuperável, obstáculo para a evangelização. Também nos dizem que não temos direito de esperar avivamento na ausência desta unidade. A explicação do estado da Igreja e do fato de que as multidões estão fora da Igreja é que há tanta divisão na Igreja. Na verdade nos dizem que nada é mais importante hoje do que sermos todos um numa grande igreja e que, a todo custo, devemos pôr o companheirismo e a unidade na posição suprema. Para esse fim nos dizem que devemos tolerar qualquer coisa, tudo; que contanto que um homem seja bom e amável, e mostre espírito amigável e pratique boas obras, especialmente que se sacrifique para fazê-lo, então, o que ele crê ou não crê é relativamente sem importância.

O que importa, dizem-nos, é que a pessoa tenha "o espírito de Cristo" e que deseje imitar o exemplo de Cristo. Isso faz dele um cristão! No passado foi dada exagerada ênfase à exatidão doutrinária. Um homem pode ser vacilante sobre a Pessoa de Cristo, pode não crer na doutrina da expiação, ou no nascimento virginal, ou na ressurreição literalmente física do nosso Senhor, porém, se tem mente aberta, é tolerante para com outras opiniões, é bondoso, amigável, "gracioso"

e se preocupa com os outros, especialmente com o sofrimento e a necessidade dos outros, e deseja corrigir todos os erros políticos e sociais, é um cristão verdadeiro. O que um homem é e faz, dizem-nos, é de muito maior importância do que os seus conceitos doutrinários. Além disso, argumentam, nada senão uma demonstração deste "espírito cristão", assim chamado, terá algum efeito sobre os de fora da Igreja que não têm nenhum interesse por doutrina. De fato, manter conceitos doutrinários com rigor e criticar outros conceitos é virtualmente considerado pecaminoso e freqüentemente se descreve como sendo "sub-cristão". É assim que a frase, "falando a verdade em amor", está sendo comumente interpretada.

Seria fácil dar algumas ilustrações notáveis e quase assombrosas do que estou dizendo. Por exemplo, é muito divertido notar como um conhecido resenhista de livros religiosos, quando passa por alguma crítica de outras idéias no livro que ele está analisando, imediatamente critica o espírito do autor. Essa parece ser a única prova da sua erudição. "Erudição" veio a significar que você acha todas as idéias muito interessantes, e que há algo que dizer a favor de todos os pontos de vista. Se você quiser ser considerado erudito, não deverá dizer se dado conceito é certo ou errado; não deverá criticar, pois criticar é negar o espírito de Cristo, e ser inteiramente vazio de amor. "Falando a verdade em amor" passou a significar que você elogia mais ou menos todas as coisas, entretanto, acima de tudo, que você nunca crítica fortemente nenhuma idéia, porque, afinal de contas, há uma certa porção do certo e da verdade em tudo.

Portanto, devemos perguntar: esta interpretação da declaração de Paulo estaria certa e verdadeira? Seria isto que se quer dizer com "falando a verdade em amor"? Respondo imediatamente que não pode ser, por esta razão, que o apóstolo não nos diz simplesmente aqui para falarmos amorosamente. O que ele diz é, "falando a verdade" ou "mantendo a verdade". Não nos é dito pelo apóstolo que cultivemos um vago espírito amoroso, mas que mantenhamos "a verdade" em amor. A própria palavra *verdade* torna por si mesma a moderna e popular exposição da declaração óbvia e patentemente errônea. Além disso – e aí é que o contexto é tão importante – se a frase denota meramente um espírito amoroso, como se liga ao que o apóstolo disse no versículo 14? Se "falando a verdade em amor", "mantendo a verdade em amor", significa que devemos sorrir para todos os conceitos e pontos de vista doutrinários, e jamais criticar, condenar e rejeitar nenhum conceito, como deixaremos de ser "crianças lançadas para lá e para cá e levadas em roda por todo o vento de doutrina"? Este suposto

"espírito amoroso" impossibilita o uso de expressões como "engano dos homens", "astúcia" e "enganam fraudulosamente". O próprio texto, e especialmente o contexto, tornam essa interpretação completamente impossível; de fato, é uma negação da declaração do apóstolo. Não devemos hesitar em dizê-lo francamente. Colocar vida ou "espírito" ou bondade ou qualquer outra coisa antes da verdade é negar o ensino essencial do Novo Testamento; e, em acréscimo, é contradizer diretamente a solene advertência do apóstolo no versículo 14. É estabelecer-nos a nós mesmos, a mente moderna e o homem do século 20 como a autoridade, em vez de Paulo, "chamado apóstolo", e outros que o Senhor colocou na Igreja para advertir-nos e salvar-nos desta atitude que não gosta de discriminação e de julgamento. Nunca foi mais importante afirmar que a disposição amigável ou a bondade ou quaisquer noções sentimentais de fraternidade não constituem o cristianismo. Pode-se ter essas qualidades sem o cristianismo e fora dele, e até em homens que o negam, no entanto não se pode ter cristianismo sem a "verdade". Assim é que, seja o que mais for que "mantendo a verdade em amor" signifique, não significa uma vaga e débil noção sentimental de bondade, companheirismo e fraternidade.

Examinando a frase positivamente, notem que o apóstolo diz, "mas mantendo a verdade". O fato de que ele introduz isto com a palavra *mas* diz-nos que o versículo deve ser interpretado de um modo que ressalte o contraste com o versículo 14. Não devemos ser "crianças, lançadas para lá e para cá, e levadas em roda por todo o vento de doutrina", e sim o oposto disso. Em vez de sermos cata-ventos, girando em todas as direções e acreditando em tudo, devemos "manter" algo particular e definido, sim, a verdade. Em vez de crer numa coisa um dia e, depois, noutra diferente noutro dia, devemos ser estáveis, firmes na verdade, devemos andar na verdade como esta se dá a conhecer nas Escrituras. Manter a verdade é a antítese de ser levado em roda por todo o vento de doutrina. Como é importante observar o contexto! Muitos problemas e dificuldades desaparecem no momento em que deixamos que as Escrituras falem por si, em vez de arrancarmos declarações do seu contexto e de as usarmos como lemas.

Chegamos agora à questão quanto a *como* devemos manter-nos na verdade em amor. Que é que significa isso na prática? Não posso segurar-me no ar, não posso agarrar uma neblina com as mãos e segurar-me nela. Mas devo "manter-me" ou "segurar-me" em alguma coisa. Ora, é matéria de simples e elementar raciocínio dizer que, antes de eu poder manter-me em alguma coisa, preciso saber o que ela é. Tem que ser algo a que a gente possa segurar-se, algo definido e que possa

ser descrito. E o apóstolo afirma que se trata disso, a saber, da verdade. Obviamente, pois, esta verdade a que ele está se referindo é passível de definição. Isto, certamente, é uma decorrência necessária. Como posso julgar estes vários "ventos de doutrina" que sopram ao meu redor, se não tenho um padrão? Como posso saber se estes ventos de doutrina são verdadeiros ou falsos? Como posso detectar este "engano dos homens" e a sua "astúcia" trapaceira, ou como perceber que eles estão "enganando fraudulosamente" para fazer-me cair no erro – como, se não tenho algum padrão? Nos negócios acreditamos em que haja o padrão ouro e uma medida padrão; temos padrões de "pesos e medidas". Agimos necessariamente assim porque, sem esse padrões, nunca saberíamos se estamos sendo tratados com justiça ou se estamos sendo roubados; não teríamos como conferir as coisas mutuamente, e os negócios seriam impossíveis. Dá-se precisamente o mesmo na esfera espiritual e na Igreja. Você não poderá evitar ser levado em roda por todo o vento de doutrina, se não tiver um padrão de julgamento. Você não pode manter-se em algo amorfo; não pode manter-se em algo que seja nebuloso, vago e indefinido como o vento que sopra em todas as direções.

Por definição, a própria expressão utilizada, e o contraste com o versículo 14, persistem em dizer que "a verdade" é algo que se pode definir, analisar e expor em proposições. E, contudo, dizendo isso, estou correndo inteiramente contra o que está sendo dito atualmente, a despeito do fato de que aquilo que estou asseverando e em favor do que estou argumentado está baseado na lógica e raciocínio elementar, e no trato honesto da Palavra de Deus. No entanto isto, dizem-nos, é fatal para a fraternidade e o companheirismo, a amizade e a unidade e, dizendo tais coisas, causamos divisão. No presente século há marcante aversão por credos, confissões e por definições precisas. O cristianismo tornou-se um vago e indefinido espírito de boa vontade e filantropia. Isto é declarado abertamente em livros e sermões, e em pronunciamentos de congressos e conferências. É tempo de enfrentarmos esta questão e de a examinarmos à luz das Escrituras. Como se pode conciliar esta atitude moderna com o que o apóstolo está dizendo aqui? À luz do ensino de Paulo, como se poderia justificar coisas como congressos de cristãos e judeus e congressos de religiões do mundo, alegando-se que todos estamos aplicados à mesma busca, e que existem muitos caminhos para se chegar ao pico de uma montanha?

Esta idéia moderna é, sobretudo, não somente uma negação das Escrituras, e sim também uma negação de toda a história da Igreja Cristã. Há segmentos da Igreja nos quais em todos os cultos os adoradores recitam juntos o Credo Apostólico, o Credo Atanásio ou

uma parte do Credo Niceno. Todas as grandes Igrejas têm confissões de fé; a Igreja da Inglaterra tem os Trinta e nove Artigos, a Igreja Presbiteriana reconhece a Confissão de fé, de Westminster, a Igreja Luterana, no continente, tem a sua Confissão de Augsburgo, e muitas igrejas usam a Confissão e o Catecismo de Heidelberg e subscrevem a Confissão Belga. À luz deste grande fato da história, e sem nenhum desejo de ser crítico, sinto-me constrangido a dizer que esta atitude moderna é arrogante. É arrogante em que repudia virtualmente toda a história da Igreja e condena todos os credos e confissões.

Por que e como estes credos e confissões vieram a existir? Conquanto saibamos que o Credo Apostólico não foi produzido pelos apóstolos propriamente ditos, foi produzido pela Igreja Primitiva para que os crentes tivessem uma sucinta declaração daquilo que os apóstolos pregavam e ensinavam. Mas, por que a Igreja Primitiva achou que isso era necessário? Por que foram redigidos o Credo de Atanásio e o Credo Niceno? Estas questões são muitos pertinentes. Deveremos tratar delas dizendo que a vida naqueles dias era sem muita ocupação, e que os filósofos e teólogos gostavam de discussão, de argumentação e de sistematização do pensamento? Seria o caso de que os homens legalistas e lógicos transformaram o agradavelmente "simples" evangelho de Jesus em algo que era quase exatamente o oposto? A história da Igreja revela com muita clareza que não era esse o caso e que cada um daqueles credos e confissões foi redigido para salvar a vida da Igreja e para salvaguardar a verdade concernente ao nosso Senhor e à Sua grandiosa obra de salvação. Falsos ensinos e erros se insinuaram, como as Escrituras tinham profetizado que aconteceria e como os apóstolos tinham advertido. O resultado foi confusão na Igreja. Na providência de Deus houve líderes na Igreja cheios do Espírito Santo que viram claramente que, se essa espécie de ensino continuasse, a Igreja seria destruída. Por isso eles se reuniram em grandes concílios, o que simplesmente significava que vinham líderes cristãos de diferentes partes do mundo para tratar da situação.

Diversamente da idéia ecumênica moderna, eles não se reuniam para dizer que eram todos um e que as idéias divergentes eram de pouca conseqüência; reuniam-se para declarar explicitamente o que devia ser crido, e para afirmar que os que recusassem subscrever tal verdade deviam ser denunciados como hereges e deviam ser excomungados. Eles achavam que toda a vida da Igreja e todo o futuro da Igreja estavam em perigo, e que era preciso pôr um fim na incerteza e na confusão concernentes a doutrinas vitais. Por isso redigiram os seus credos, nos quais definiram o que se devia crer e traçaram uma aguda distinção entre o certo e o errado, a verdade e o erro. A história registra

as heresias e os erros que se introduziram acerca da Pessoa do Senhor Jesus Cristo, a heresia ariana e outras, mas Atanásio e eventualmente outros levantaram-se contra esses erros e os condenaram. Isso tudo, porém, é posto de lado com um mover de mãos, hoje. Isso é, repito, não somente uma negação do ensino das Escrituras, mas também uma negação dos períodos mais gloriosos da história da Igreja Cristã.

Você não poderá "manter-se" na verdade, a menos que saiba o que é a verdade. Há certas doutrinas que são absolutamente essenciais à fé cristã. Uma é a autoridade da Bíblia. Sem a absoluta autoridade da Palavra de Deus em questões de fé e conduta, como se pode discernir entre a verdade e o erro? Se ela não for reconhecida como a única autoridade, "todo o vento de doutrina" será permissível; todavia, se fosse assim, não haveria cristianismo e, portanto, não haveria salvação. Igualmente, não deve ocorrer discussão alguma acerca da Pessoa do Senhor Jesus Cristo. Ele é Filho de Deus e Filho do homem; plenamente Deus e plenamente homem. Como vimos, a Igreja Primitiva viu a crucial importância desta doutrina. O ensino do Novo Testamento está inteiramente baseado nela. A grande Epístola aos Hebreus foi escrita para sustentar isto, para mostrar a preeminência de Cristo e para afirmar que "Deus falou-nos nestes últimos dias pelo Filho". Foi porque certos cristãos hebreus tinham ficado em dúvida acerca desta verdade, que o autor de Hebreus lhes escreveu a sua grande Epístola. Não há que discutir o fato de que o Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, é o único Mediador entre Deus e os homens. A Igreja não deve ter discussão sobre Ele, sobre a Sua Pessoa, o Seu nascimento miraculoso, a Sua expiação sacrificial e a Sua ressurreição literalmente física. Se a Sua ressurreição corporal não é verdadeiro e fatual, diz Paulo aos Coríntios, "é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados" (1 Coríntios 15:14,17). É vital assim! Igualmente com respeito à doutrina da expiação. Paulo diz aos coríntios que a mensagem que, como embaixador, ele foi comissionado para pregar, era que "Deus o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Coríntios 5:21).

Também, como já tivermos ocasião de salientar, há a crucial doutrina da justificação pela fé. Paulo diz aos gálatas que, se eles negassem isto com a introdução de quaisquer obras como coadjuvantes da salvação, "caíram da graça" (5:4). Lembremo-nos de que os falsos mestres que estavam pertubando os gálatas não estavam negando realmente a Pessoa do nosso Senhor, ou a Sua expiação sacrificial, porém estavam ensinando que os gentios precisavam ser circuncidados, em acréscimo a crerem em Cristo. Tão específica é a verdade, que

Paulo não pode tolerar este falso ensino, e "resistiu a Pedro na cara" (Gálatas 2:11) porque parecia que ele estava dando apoio àquilo. Paulo não considerava a questão quanto a se o cristão devia ser circuncidado como questão indiferente, e dizia que tão logo alguém tivesse uma espécie de vaga crença em Cristo, tudo estaria bem. Ele não queria fazer nenhuma concessão neste ponto porque fazê-lo seria "pregar outro evangelho, o qual não é outro" (1:6-7). De fato, o que já consideramos nos versículos 4-6 é absolutamente essencial.

A Igreja Cristã é o que é hoje porque a doutrina da revelação e as verdades da revelação estão sendo negadas. A verdade revelada nas Escrituras, "a verdade que uma vez foi dada aos santos", foi substituída pela filosofia e pelo pensamento moderno, especialmente na forma de ciência. Em lugar da exposição das Escrituras, temos tentativas de encontrar a Deus e de definir o ser de Deus. É por isso que, virtualmente, não há mais nenhum ensino Bíblico. Foi substituído por discursos éticos e apelos sentimentais, palestras sobre coragem e sobre o cumprimento do dever, e discursos políticos. Mas não é este o ensino bíblico, isto não é realizar o que o apóstolo Paulo nos diz que os apóstolos, os profetas, os evangelistas, os pastores e os mestres foram chamados e receberam ordem para fazer. Em vez de clara doutrina há um vago ensino sobre Deus, fraternidade, semelhança com Cristo, sobre a prática do bem e sobre ser amoroso. Isto acontece porque, obviamente, não pode haver bom ensino se o mestre não sabe o que é a verdade. A tarefa da Igreja não é especular sobre Deus e sobre a Pessoa de Cristo; é ensinar as verdades reveladas concernentes a Eles, comunicar os princípios revelados nas Escrituras e edificar-se em sua fé santíssima.

É óbvio que devemos saber exatamente o que é a verdade. Não devemos passar o tempo todo argumentando acerca de preliminares e pressuposições; devemos partir da verdade revelada, e expô-la. Cada um de nós deve entender, crer e "manter a verdade", e não especular filosoficamente acerca da vida e o seu significado e os seus problemas. Não cabe a nenhum pregador levantar-se num púlpito e dizer: "Penso isto", ou "Cheguei à seguinte conclusão", mas sim, "Assim diz o Senhor". Devemos repetir o que Paulo disse, escrevendo aos romanos: "Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina (sólido ensino) a que fostes entregues" (6:17); ou o que ele disse a Timóteo: "Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido" (2 Timóteo 1:13). Paulo ensinara a Timóteo "o modelo das sãs palavras"; e não escreve a Timóteo meramente para que imite o seu espírito, o espírito que ele tinha visto

nele, mas lhe diz: "Conserva o modelo das sãs palavras". Paulo escreveu similarmente aos gálatas, não porque o que ele pregava era sua idéia, porém, como ele diz: "faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens, porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo" (1:11-12). A Timóteo ele diz: "E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros" (2 Timóteo 2:2). A mensagem cristã é verdade exata, que consiste de proposições acerca de Deus e do Senhor Jesus Cristo, Sua Pessoa e Sua obra, acerca do Espírito Santo e Sua obra, do único caminho da salvação, da Igreja, e de toda a verdade necessária acerca da vida. Tive que ressaltar tudo isso extensamente porque não há propósito em ir adiante para a declaração seguinte, se não tivermos entendido claramente esta questão. "Nós mantemos a verdade."

No entanto, devemos ser igualmente cuidadosos no sentido de "manter a verdade em amor". Mais uma vez saliento que este acréscimo, como a declaração toda, deve ser interpretado à luz do versículo 14. Ao interpretar esse versículo, dei grande ênfase à força e quase violência da linguagem empregada pelo apóstolo. Todavia, aqui ele nos está exortando a "falar a verdade em amor". Haveria uma contradição entre a linguagem forte do versículo 14 e "falar a verdade em amor", no versículo 15? É óbvio que não há tal coisa, mas isso nos ajuda a interpretar esta frase sobre o amor. Evidentemente, à luz do versículo 14, não pode significar somente ser bom e amável. O apostolo Paulo não era um "bom" homem, no sentido comumente aceito. O homem que está cheio do amor de Cristo não é meramente "um bom homem" no sentido natural, o que se deve principalmente à constituição física e inteiramente acidental da pessoa. Não é esse o amor do que Paulo está falando. O que Paulo está afirmando é que, enquanto "mantemos a verdade", devemos vigiar os nossos espíritos. Os falsos mestres tendem a perturbar-nos e a irritar-nos, e nós temos que opor-nos a eles, e a fazê-lo fortemente. Contudo, não devemos fazê-lo com espírito mau e amargo.

Ora, em particular, o apóstolo está tratando do modo como falamos uns aos outros como crentes na igreja, e como corrigir os erros que acaso apareçam entre nós. A severidade aplica-se mormente aos falsos mestres, aos que Judas descreve como "tendo-se insinuado inesperadamente" (Judas 4, VA), mas entre nós devemos falar e manter a verdade em amor. O apóstolo quer dizer que, embora devamos salientar a absoluta necessidade de definições e credos, nunca deve-

mos ser duros e rígidos, nunca devemos ser legalistas e ostentar justiça própria. Jamais devemos portar-nos de molde a dar a impressão de que a nossa preocupação é provar que estamos certos e que todos os outros estão errados. Jamais devemos fazê-lo apenas para vencer numa argumentação ou numa discussão. Pode ser que muitos de nós devam confessar-se culpados disso.

Similarmente, o "espírito de partido" é sempre mau; colocar rótulos é sempre mau; o espírito de censura é sempre mau. Há gente sempre dominada e motivada por um espírito partidário e por rótulos; e se você não subscrever o particular santo-e-senha dessa gente, estará condenado. Lembro-me de como um amigo me contou uma vez que estava um tanto decepcionado porque, em minha exposição do capítulo dois desta Epístola aos Efésios, eu não tinha mencionado o calvinismo enquanto expunha o capítulo. Minha resposta simples a ele foi: o texto não menciona aquele termo. O meu amigo estava tão preso ao espírito partidário que estava ficando em dúvida sobre a minha posição! O espírito partidário geralmente é resultado de uma abordagem puramente intelectual da verdade, e também de ser dominado pelo preconceito, que muitas vezes é conseqüência da edução recebida.

A verdade sobre a qual o apóstolo escreve nunca deve ser abordada somente com o intelecto. Se o meu coração não se comove com a verdade, se eu não a sinto e não sinto o seu poder, o meu espírito está mal. A verdade deve produzir paixão, e numa profissão verdadeiramente cristã há emoção e sentimento. Uma verdade que só seja mantida no intelecto torna-se dura, árida e seca; e o homem de quem se possa dizer isso nunca poderá falar a verdade em amor. Só devemos afirmar a verdade em termos fortes com o fim de torná-la clara, com o fim de ajudar os outros, com o fim de persuadir os homens. Devemos fazer isso porque temos tristeza por aqueles que se acham desorientados e que se deixaram extraviar; não com o fim de mostrar-lhes que eles estão errados e nós estamos certos, porém com o fim de levá-los à verdade. Portanto, devemos fazê-lo com humildade e reconhecer a nossa falibidade, reconhecer que todos cometemos enganos e que todos podemos cair no erro. Sempre devemos falar com humildade e ter o cuidado de não fazer violência às Escrituras ou de interpretá-las mal, de alguma forma. Devemos "manejar bem a palavra da verdade" (2 Timóteo 2:15).

Noutras palavras, nunca devemos começar denunciando; devemos começar pela explicação e pela exposição. Se eu acredito que a idéia doutro homem é errônea, não devo atacá-lo imediatamente; primeiro devo expor-lhe a verdade, e procurar fazê-lo da maneira mais persuasiva possível. Devo tentar cativá-lo. Na verdade, devo ir além e dizer

que devemos tratá-lo empaticamente. Devo reconhecer que talvez ele seja apenas um bebê em Cristo e que ele defende idéias erradas porque é um bebê e não recebeu instrução; devo sentir compaixão por ele. É-nos dito que, quando o Senhor olhou para as pessoas, viu-as como "ovelhas que não têm pastor, e teve compaixão delas" (Marcos 6:34); é dessa maneira que devemos ver os que são novos na fé. Devemos ter e exercitar grande paciência para com eles.

Recordem o que o apóstolo diz em 1 Coríntios a respeito da questão das carnes oferecidas a ídolos. Ele próprio tinha claro entendimento da questão, mas diz ele que, embora tivesse direito de comer tais carnes, e não estivesse errado ao fazê-lo, não obstante, se isso fosse um obstáculo para um irmão mais fraco e menos esclarecido, ele exerceria o seu direito de não comer: "Pelo que, se o manjar escandalizar a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que meu irmão não se escandalize" (8:13). Mais claramente ainda, isso é declarado em 1 Coríntios, capítulo 13, versículo primeiro, e é vital no capítulo inteiro: "Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine".

No entanto, isso tudo não significa que transigimos em relação à verdade; temos que manter a verdade a todo custo. Mas temos que mantê-la com este amor, a fim de persuadir as pessoas, cativá-las e tentar esclarecê-las. Isso é a própria antítese de dizer que a verdade não conta e que os cristãos podem crer no que quiserem, contanto que tenham uma vida benéfica e demonstrem espírito cristão. O erro tem que ser posto às claras; o versículo 14 vem antes do versículo 15.

Acima de tudo precisamos compreender que o amor não é sentimental e fraco; o amor é forte, o amor é veraz, o amor é puro. Amar verdadeiramente uma pessoa é desejar o melhor possível para essa pessoa. Às vezes o amor tem que ferir; às vezes é preciso "ser cruel para ser bondoso". O pai que nunca corrige o filho é um pai muito insatisfatório. "O Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho" (Hebreus 12:6). Se o que realmente nos anima é um espírito de amor, desejaremos ansiosamente que os nossos amados irmãos na fé cristã fiquem livres do erro e deixem de ser crianças. Para isso pode ser que tenhamos que falar-lhes com muita severidade, às vezes, reprimi-los, repreendê-los e mostrar-lhes o erro da posição deles com todas as forças que tivermos. Amar não significa sorrir para toda e qualquer coisa e mostrar-nos indulgentes, dizendo que coisa alguma importa, contanto que sejamos todos um. O amor é uma das qualidades mais viris, fortes e magníficas existentes. E o amor é tão poderoso que se dispõe a ferir o seu objeto a fim de cativá-lo, salvá-lo e salvaguardá-lo de um horrível destino. "O amor é forte como a

morte" (Cantares de Salomão 8:6).

"Falando a verdade em amor" é ilustrado perfeitamente no capítulo quatro da Epístola de Paulo aos Gálatas. Havendo-lhes escrito em termos muito fortes, e havendo-os repreendidos severamente, de súbito ele diz: "Fiz-me acaso vosso inimigo, dizendo a verdade?" (versículo 16). Os infantis gálatas, porque ele lhes dissera a verdade, podiam achar que ele se tornara inimigo deles, e que ele era uma pessoa odiosa e que os odiava. Ele lhes assegura que ele só tinha amor por eles, e escreve no versículo 19: "Meus filhinhos, por quem de novo sinto as dores de parto, até que Cristo seja formado em vós". Ele os amava como uma mãe ama os seus filhos; e foi porque os amava e dava às suas almas tão alto valor, que escreveu tão fortemente contra a heresia particular que os pertubara e os enredara. Ele odiava o erro, porém os amava. Devido eles não enxergarem o erro, ele teve que escrever em termos muito fortes, exatamente como, por amor da verdade, tivera que resistir a Pedro na cara. Foi tudo por amor da verdade; mas o fazia em amor, como a mãe ama os seus filhos, e foi assim que cativou de novo a Pedro e aos gálatas para a verdade.

O princípio que nos deve governar em tudo isso é o conhecido princípio enunciado cedo na história da Igreja – "Nas coisas essenciais, unidade; nas coisas indiferentes (coisas não essenciais e sobre as quais não há certeza absoluta), liberdade; em todas as coisas, caridade".

21

CRESCENDO

"Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor." Efésios 4:15-16

Nestes versículos chegamos ao fim, ao clímax da declaração do apóstolo concernente à unidade da Igreja, declaração que começou no primeiro versículo do capítulo. Portanto, devemos ter todo o cuidado, ao examiná-los, para ter em mente todo o contexto. O apóstolo não está interessado na unidade em geral entre os cristãos, mas em particular na unidade que deveria ser evidente entre os cristãos como membros do corpo de Cristo, a Igreja. Isto o levou, e especialmente do versículo 7 em diante, a tratar da natureza e da constituição da própria Igreja. Seu objetivo primário não é escrever sobre a doutrina da Igreja; porém ele mostra que um verdadeiro entendimento da natureza da Igreja Cristã torna completamente inevitável o princípio da unidade. A doutrina da Igreja estivera implícita o tempo todo, mas agora ela se torna explícita nas palavras, "cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo", no versículo 15, e mais ainda no versículo 16. Não devemos ser crianças, todavia "crescer", e não somente crescer individualmente, mas devemos crescer juntos na Igreja, de modo que o corpo todo se torne mais maduro e finalmente alcance "a medida da estatura completa de Cristo". O apóstolo acentua que devemos "crescer em tudo nele", em Cristo.

As Escrituras constantemente fazem sobressair a importância do equilíbrio na vida cristã. Crescer nalguns aspectos e não noutros leva a uma monstruosidade; pois umas partes serem superdesenvolvidas, e outras subdesenvolvidas, produz falta de simetria e fealdade na forma. O cristão deve crescer simetricamente "em tudo", em todos os aspectos. Devemos crescer e desenvolver-nos, não somente em nossas mentes e em nossos entendimentos, porém também em nossos corações, em nossos sentimentos e em nossa sensibilidade. Devemos, pois,

provar-nos a nós mesmos nestas linhas e também com relação à nossa conduta e ao nosso comportamento. Estaríamos crescendo intelectualmente? Teríamos mais conhecimento da verdade do que tínhamos há um ano? Acaso compreendemos melhor as Escrituras? Estaríamos menos freqüentemente com problemas e perplexos acerca de questões espirituais?

Tomemos uma ilustração óbvia. Um estudante que toma um assunto para estudar, vê-se mergulhado nas lições. A princípio ele não entende praticamente nada, e fica meio confuso. Pode até querer desistir; no entanto é aconselhado a prosseguir, e ele o faz, e se assenta e ouve, ainda sem aprender muita coisa. Contudo, de repente, após uns poucos meses, começa a sentir que está aprendendo o assunto e que está começando a fazer sentido para ele. Daí em diante o assunto vai ficando mais claro para ele, e ele percebe que o vai dominando.

É a mesma coisa na vida cristã. Pessoas há que me dizem, com freqüência, que quando começaram a freqüentar os cultos cristãos, tinham bem pouca idéia do que estava sendo dito. Tinham consciência de um espírito geral na reunião que as empolgava, mas elas realmente não conseguiam acompanhar e compreender as mensagens. Contudo, continuaram freqüentando e gradativamente começaram a entender o ensino. Esse é um sinal de crescimento e desenvolvimento; e isso costuma ir adiante, crescendo progressivamente. Conforme vão passando os anos, o nosso conhecimento e a nossa compreensão da verdade devem tornar-se cada vez maiores.

O mesmo vale quanto ao sentimento e à emoção. A verdade gloriosa do evangelho nos prende mais que nunca? Comove-nos mais que nunca? Ou nos tornamos o que tem sido descrito como "endurecidos pelo evangelho"? Estamos numa triste e gravemente defeituosa condição, se o evangelho não nos comove cada vez mais e não nos enche de uma crescente percepção do maravilhoso, do admirável e do espantoso. Há muitíssimos cristãos cujos sentimentos só foram requisitados em sua vida cristã quando eles foram convertidos. Olham para trás, para aquilo, porém não parecem ter experimentado nada parecido depois disso. Entretanto devemos sentir o que cremos cada vez mais, conforme continuamos nesta vida; e se as nossas emoções não se inflamam cada vez mais, realmente significa que tampouco o nosso entendimento está crescendo. Para entender a verdade cristã é necessário ser comovido por ela. Uma coisa segue-se à outra, como a noite segue-se ao dia. Quanto mais conhecermos o Senhor Jesus Cristo, mais teremos que amá-lO. Quanto mais conhecermos alguma verdade a Seu respeito, mais ela nos comoverá, num sentido muito profundo e vital. Da mesma maneira devemos mostrar desenvolvimento na ques-

tão da nossa conduta e do nosso comportamento. Devemos "crescer nele em tudo".

Permitam-me confirmar este ensino citando o que o apóstolo diz noutros lugares. Em sua Primeira Epístola aos Coríntios ele escreve: "Irmãos, não sejais meninos no entendimento, mas sede meninos na malícia, e adultos no entendimento" (14:20). A malícia deverá ficar cada vez menos evidente em nossas vidas, mas no entendimento devemos ser "adultos"; devemos crescer e desenvolver-nos. De novo, em sua Epístola aos Romanos vemos: "Quanto à vossa obediência, é ela conhecida de todos. Comprazo-me pois em vós; e quero que sejais sábios no bem, mas símplices no mal" (16:19). Devemos continuar crianças no que se refere ao mal, e até morrer completamente quanto ao mal; todavia, com relação ao bem, devemos ser sábios, crescer e desenvolver-nos.

Não devemos continuar sendo crianças, e sim, crescer em todas as coisas e em todos os aspectos. Devemos, porém, crescer e desenvolver-nos "naquele que é a cabeça, Cristo", uma doutrina que já expusemos no versículo 13. Quer dizer que, como membros e partes individuais do corpo, devemos crescer no sentido de amoldar-nos a Cristo, a Cabeça. Noutras palavras, Paulo está dizendo que cada parte do corpo deve ser digna da Cabeça, deve corresponder à Cabeça. A cabeça é o modelo e o padrão, e a Cabeça é "Cristo". Cada uma das partes do corpo, mesmo as menores, por pequenas e aparentemente insignificantes que sejam, deve estar em conformidade com a Cabeça, deve ser digna dela. Não deve existir nem desacordo nem defeito. Todos sabemos o que é falta de proporção e de simetria na natureza. Pode-se ver um rosto muito bonito, porém mãos feias, ou um belo corpo, mas pernas feias. Diz o apóstolo que não deve existir tal desacordo ou falta de correspondência, mas que o corpo todo, em todas as suas partes, deve ser perfeitamente proporcionado e equilibrado, sem nada sobressaindo como algo estranho ou excêntrico. Tudo deve adequar-se perfeitamente e na devida proporção. Este deverá ser o resultado de falarmos a verdade em amor quando tratamos uns com os outros. Devemos estar crescendo todos juntos, no mesmo ritmo se possível, com a mesma espécie de maturidade, para que o corpo mostre uma agradável proporção e beleza, e perfeição de forma; e devemos buscar especialmente que não haja desarmonia entre a cabeça e as diversas outras partes do corpo.

Há também outro aspecto desta verdade que é importante, a saber, que cada parte do corpo deve estar tão desenvolvida que esteja sempre pronta a responder ao Senhor. Não somente devemos conformar-nos a Ele, porém também devemos estar à Sua disposição e ao Seu serviço;

naturalmente, é essencial para que haja uma unidade orgânica verdadeira, e para um funcionamento apropriado. Cristo é a Cabeça, e nós, como partes do corpo, devemos estar bem ajustados e firmemente unidos.

Passamos agora a perguntar como tudo isso vem a existir e como se mantém. Vê-se a resposta numa das frases mais difíceis do apóstolo, a saber, "pelo auxílio de todas as juntas". A dificuldade surge na palavra "juntas", porque instintivamente pensamos na palavra *junta* de maneira como já utilizamos, como luva e cano encaixando-se para formar uma junta. Entretanto este novo termo tem um sentido algo diferente e bem poderia traduzir-se por "faixas" * ou "elos de ligação". Noutras palavras, Paulo está dizendo que estas faixas não nos unem apenas. Fazem isso. Mas fazem algo muito mais importante; é por meio dessas faixas ou por esses elos de ligação que os suprimentos de vida e energia passam a cada parte do corpo. De fato, é enganoso ler "pelo auxílio de todas as juntas" porque essa frase dá a impressão de que são as "juntas" que fazem o suprimento. Contudo não é assim. O suprimento não vem através das juntas, porém através das faixas. Por isso alguns comentadores traduzem assim a frase: "através de todas as juntas para auxílio" (ou "para suprimento"), ou "através de todas as juntas que servem para auxílio" (ou "para suprimento"). Noutras palavras, as faixas a que Paulo se refere são os canais através dos quais passa o suprimento de vida e energia para todas as partes do corpo. Este suprimento vital é veiculado através de cada faixa. Portanto, podemos ler da seguinte maneira a frase: "Do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo suprimento veiculado por todas as faixas".

Passamos a seguir ao termo *auxílio* (VA: *faz suprimento*), que é muito importante. A palavra que o apóstolo empregou leva o sentido de "suprimento abundante", "superabundância"; não mera suficiência, e sim suprimento abundante. É a mesma idéia que o apóstolo João expressa no prólogo do seu Evangelho, com as palavras: "E todos nós recebemos também da sua plenitude, e graça por graça" (1:16). Paulo já comunicara essa idéia nesta Epístola, com as palavras: "as abundantes riquezas da sua graça" (2:7), "o amor de Cristo, que excede todo o entendimento... cheios de toda a plenitude de Deus" (3:19). O suprimento é um "suprimento abundante". Vem aos diversos membros do corpo através dessas faixas de comunicação, desses canais de abastecimento pelos quais ele passa. Este é, pois, o sentido da frase, "bem

* Faixa ou canal, como de rádio e televisão. Nota do tradutor.

ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas".

Todavia até a isso Paulo acrescenta algo: "segundo a justa operação de cada parte". "Justa operação" (VA: "operação eficaz") significa "energia operante", energia que faz algo. "Segundo a medida de cada parte" (VA) significa "segundo a capacidade de cada parte". Esta energia operante, este poder eficaz – de que Paulo diz que há suprimento abundante – passa através das faixas ou canais de comunicação para cada uma das partes; e depois acrescenta que o volume dessa energia dada a cada parte é "segundo a medida da sua capacidade". As partes do corpo não recebem exatamente a mesma porção, mas cada parte recebe tudo o que precisa receber de acordo com a medida da sua capacidade.

Resumindo as diversas frases, podemos expor o ensino da seguinte maneira: a Cabeça do corpo é o Senhor Jesus Cristo. Nós, como membros individuais, devemos funcionar como a Cabeça deseja que funcionemos. Estamos todos adequadamente ajustados, ligados e mantidos juntos, e energizados através das faixas de suprimento por um indeterminável e superabundante suprimento que nos vem de Cristo. Cada parte, seja grande ou pequena, fica absolutamente cheia; recebe tudo o que necessita, e não mais. As partes não são idênticas umas às outras; não somos todos absolutamente iguais. Diferimos tremendamente; cada um de nós tem a sua capacidade particular, e cada um de nós deverá encher-se de acordo com a sua capacidade. Noutras palavras, o apóstolo está resumindo aqui, e repetindo, o que dissera no versículo 7, "a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo". Há diferenças nas ministrações, há diversidades dos dons, alguns membros do corpo são mais importantes que outros, alguns são mais elegantes que outros, como nós é dito em 1 Coríntios, capítulo 12.

O olho, a mão e o pé, o nariz e a língua, não são iguais em importância, porém todos eles são membros do corpo, e todos eles são essenciais ao funcionamento do corpo. E a cada parte é dado pleno e abundante suprimento de vida e energia para habilitá-la a desempenhar a sua função perfeitamente.

Qual é o objetivo disso tudo? Por que a Igreja é constituída desse modo? Por que o corpo é construído dessa maneira? Diz o apóstolo que o objetivo é que tudo faça "o aumento do corpo". Ele de fato introduziu um parêntese depois de, "Do qual todo o corpo", a saber, "bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte". Depois ele completa a afirmação com, "faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor". Dito de outra forma, a Igreja foi designada e constituída desta maneira maravilhosa

para que possa crescer. É essa a razão por que há as juntas bem ajustadas, por que há faixas de comunicação, e por que há este abundante suprimento de vida e de energia. É para que todo o corpo cresça. Notem o que Paulo diz: "Do qual *todo* o corpo, bem ajustado... "O propósito é promover crescimento, ou, para declará-lo doutra maneira, é para que o corpo seja "construído", como fora previamente declarado no versículo 12: "Querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação (construção) do corpo de Cristo".

Depois, para que não esqueçamos o que ele dissera bem no início, o apóstolo acrescenta: "para sua edificação em amor". O amor é a perfeição final, o apogeu. "Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor". Nesta questão de unidade, nada é mais importante que o amor. Se a Cabeça é amor, o corpo deve ser amor. Devemos amoldar-nos à Cabeça; Ele é amor sempiterno, amor eterno. Ele Se tornou amor encarnado; e o corpo deve corresponder a Ele ; assim nos edificamos e crescemos "em amor".

Agora podemos sugerir outra tradução da declaração toda: "De quem todo o corpo – estando estreitamente interligado, e sendo constantemente mantido por meio dos canais através dos quais passa o abundante suprimento da energia vital, a qual é gerada para suprir a capacidade de cada parte – trabalha junto para o constante crescimento do corpo, resultando na construção dele mesmo em amor". Esta descrição da Igreja Cristã corresponde rigorosamente ao que sabemos do corpo humano. O apóstolo, escrevendo há mais de 1900 anos, parece ter antecipado a filosofia moderna o bastante para fazer uso dessa ilustração particular. No corpo humano a cabeça contém o cérebro; e todo o sistema nervoso do corpo vem originalmente do cérebro e a ele está ligado. O menor nervo, ou o tenro nervo da ponta do seu dedo, pode ser seguido de volta até ao cérebro. Primeiro vai até a medula espinal que, por sua vez, está ligada por cordas de nervos ao cérebro, o centro mais elevado e que contém tudo. Verdadeiramente, os nossos corpos "de um modo terrível, e tão maravilhoso" foram formados. Eles estão cheios de articulações, das quais estivemos falando. Junta encaixada em junta, antebraço no braço, braço no tronco, e tudo mais. Mas, além e acima de tudo isso, há as faixas ou canais de comunicação; o sistema nervoso une o corpo todo e o mantém unido, e faz dele uma unidade orgânica de um modo que os ligamentos e as juntas não podem fazer.

A mesma coisa, é claro, pode-se dizer do sistema sangüíneo, o

sistema vascular. Esse também faz uma combinação de todas as coisas juntando-as, centralizando tudo no coração. O resultado é que a mais diminuta vênula da ponta do seu dedo tem ligação direta com o coração, e o sangue que corre por ela percorre todo o corpo. O sistema nervoso e o sistema vascular correspondem a estas faixas ou canais de suprimento sobre os quais o apóstolo escreve. O notável é que a energia, a energia nervosa, com a qual eu movo o meu dedo mínimo, realmente vem originariamente do meu cérebro. Pelo pensamento e pela vontade eu dou início àquele movimento em meu cérebro, e então o cérebro expede a energia que passa através do meu sistema nervoso e, desse modo, sou capacitado a mover o meu dedo. Esse é o tipo de idéia que o apóstolo tem aqui; e a descrição que faz é perfeita. O que ele está dizendo é que o suprimento, a origem da vida, da energia, do poder, da sustentação e de tudo o que necessitamos como cristãos, está na Cabeça, que é Cristo. DEle o suprimento passa para todas as partes do corpo.

Há uma espécie de paradoxo aqui. A princípio, o apóstolo parece contradizer-se; não é isso, porém. Ele diz, por um lado, que tudo vem da cabeça; mas ele tinha dito também que cada parte do corpo tem o seu suprimento de acordo com a sua capacidade, para que o todo cresça, desenvolva-se e se edifique em amor. Não há contradição porque o crescimento do todo depende, num sentido, da condição de cada parte. Em última análise, todos nós dependemos inteiramente da Cabeça. Ele é a única fonte de suprimento. Todavia, ao mesmo tempo, é correto dizer que, se houver algum defeito nalguma parte, o desenvolvimento de todo se interrompe e fica imperfeito. Isto resulta da maravilhosa interrelação, da unidade orgânica que impera entre as várias partes do corpo.

Vejamos uma única ilustração. Você pode dizer que a única coisa que importa é a condição do cérebro, sede da energia e da força vitais, sede do meu pensamento e da minha plena capacidade. E você pode dizer que, em comparação, o meu dedo mínimo é destituído de significação. Contudo, não é assim; e o dedo mínimo pode tornar-se altamente importante. Se de repente aflorar uma infecção aguda na ponta do seu dedo mínimo resultante de uma ligeira espetada de um espinho de espinheiro ou de roseira, logo verá que começa a latejar e a doer terrivelmente; não somente isso, você mesmo ficará doente; terá uma forte dor de cabeça e poderá delirar e ficar incapacitado para o uso do cérebro. O mal no dedo mínimo produz, digamos, envenenamento e paralisia da cabeça e do corpo inteiro.

Pois bem, essa é uma ilustração da importância das partes indivi-

duais; mas não devemos exagerar nisso. Entretanto, ela nos ajuda a entender o que o apóstolo está dizendo. Quanto aos objetivos da Igreja, Cristo é a Cabeça. Ele é todo-poderoso e, em certo sentido, não está preso à Igreja. Todavia, há um sentido em que Lhe é imposto um limite pelo insucesso da Igreja. Graças a Deus, isso não é verdade num sentido conclusivo; porém é verdade num sentido temporário. O apóstolo ensina que, se todo o corpo há de crescer, desenvolver-se e edificar-se em amor, segue-se que é muito importante que cada parte particular se encha até ao limite da sua capacidade com este vigor e esta energia vital, e esteja funcionando como foi destinada a fazê-lo. Vemos assim que cada membro individual da Igreja é da mais vital importância. Não admira que o apóstolo tenha empilhado expressão sobre expressão. Ele estava interessado em mostrar a glória da Igreja e a glória da nossa posição como membros individuais da Igreja. Que privilégio estar em tal corpo! Pertencer a tal Cabeça e receber de Cristo este suprimento de vida e de energia! Você o recebeu até o extremo da sua capacidade? Está cumprindo a sua função? Esta energia vital de Cristo, a Cabeça, estaria em você, seja você o que for, seja qual for o seu lugar na Igreja? Esse é o nosso privilégio.

Pense também em sua responsabilidade como membro do corpo. Você estaria causando dor e dificuldade a outras partes por estar enfermo, por estar em pecado ou por estar letárgico? Estas são questões que se levantam inevitavelmente. O grande apelo do apóstolo é para que não sejamos mais crianças, não fiquemos mais sem desenvolver-nos, mas que "cresçamos em tudo naquele que é a Cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo para sua edificação em amor". Não haverá nenhum valor no conhecimento intelectual, se não levar ao amor. Não haverá nenhum valor em qualquer emoção se não levar ao amor. As nossas obras serão inúteis, se não apresentarem este amor; "... ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria". Portanto, edifiquemo-nos em amor.

22

ATIVIDADES E VIDA

"Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo. Do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor." Efésios 4:15-16

Ao concluirmos o nosso estudo desta parte da Epístola aos Efésios, destacarei alguns princípios importantes que foram aparecendo à medida que passávamos por ela. Eles se relacionam com questões de intensa importância e relevância prática na hora presente. Há um sentido em que esta porção das Escrituras, tomada em conexão com o capítulo dezessete do Evangelho Segundo João, é uma das mais urgentemente relevantes passagens das Escrituras Sagradas nos dias atuais. Isto devido ao grande interesse pela Igreja e pela questão da unidade. Como cristãos, devemos ter um inteligente entendimento das Escrituras, para não sermos arrastados por argumentos especiosos, vagas generalidades e um interesse sentimental pela unidade, pois essas coisas podem muito bem levar-nos para uma posição realmente antagônica ao ensino bíblico.

Mais uma razão subsidiária para salientar estes princípios é que só poderemos entender o que esteve acontecendo na Igreja na primeira metade deste século, se entendermos o ensino desta passagem. As coisas estão como estão porque os cristãos não entenderam a doutrina bíblica da unidade. Portanto, necessariamente estaremos lidando com assuntos altamente polêmicos; todavia, evitar assuntos polêmicos com espírito de temor é negar as Escrituras. "Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza e de amor, e de moderação" (disciplina), diz Paulo (2 Timóteo 1:7). Temos que enfrentar as dificuldades e examiná-las à luz das Escrituras. Assim, eu me proponho a selecionar certos princípios notáveis, que são da mais urgente importância.

Comecemos onde o apóstolo começa, com o princípio de unidade: "Procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz". O

apóstolo começa dizendo que toda esta questão da unidade é de suprema importância, e que jamais devemos perdê-la de vista. Alguns têm a tendência de ignorar o princípio de unidade porque, reagindo contra as falsas noções de unidade, inclinam-se a ir para o outro extremo e dizer que a unidade é inconseqüente. Mas, se a Igreja é o corpo de Cristo, a unidade é essencial e vital. O Novo Testamento não nos deixa em dúvida sobre isso. Ser culpado de cisma e de divisão errônea é pecado, como Paulo deixa claro em 1 Coríntios, capítulo 12, e noutros lugares. Em Sua oração sacerdotal, o nosso Senhor ora no sentido de que os crentes "sejam um" (João 17:21). Portanto, não há por que discutir esta questão. No entanto, em acréscimo a essas afirmações claras, a importância da unidade deveria ser óbvia para todos os que alguma vez estudaram a doutrina da Igreja em termos da analogia do corpo humano. Essa analogia, igualmente, torna ociosa qualquer argumentação quanto à centralidade da doutrina da unidade. A unidade orgânica que há no corpo é que faz dele um corpo.

Portanto, nada é mais importante que entendermos a verdadeira natureza da unidade. Podem existir idéias falsas com respeito à unidade. A unidade é essencial; na verdade, há uma unidade no corpo, tenhamos ciência disso ou não, unidade do Espírito; mas essa tem o propósito de manifestar-se; portanto, devemos ter claro entendimento do caráter, da natureza desta unidade. Que é que traz à existência a unidade? Que é que impede a unidade? O apóstolo deixa certas coisas muito claras em termos da sua analogia do corpo. A primeira é que nunca devemos pensar na unidade da Igreja de maneira meramente externa ou mecânica ou organizacional. A ilustração do corpo mostra claramente o erro disso; todavia, muitos hoje pensam na unidade nesses termos. Começam olhando para as grandes denominações, como são, e simplesmente levantam a questão sobre como se pode juntá-las. Contudo isso é fazer uma abordagem mecânica do problema. Ora, se a analogia do corpo é correta, eles já se extraviaram, porque um corpo não é apenas uma coleção de partes, e a unidade nunca é questão de soma, somar isto àquilo, e aquilo a outra coisa. Esse pensamento inevitavelmente leva a conclusões falsas.

Para expor a matéria de forma diferente, de acordo com esta analogia nunca devemos pensar em unidade meramente em termos de retirada das divisões. Isso também prevalece atualmente. Partindo da proposição de que uma Igreja dividida é a maior tragédia do mundo hoje, a única questão considerada é como podemos livrar-nos dessas divisões. Essa é uma abordagem negativa que imagina que, removendo as divisões, você produz unidade. Entretanto, de acordo com a analogia do corpo, esse raciocínio é falso. Baseia-se no erro fatal de

partir das coisas como estas são – das organizações, das seitas, das denominações etc. – e tentar realizar algo com elas. Ao invés disso, devemos pensar de maneira mais fundamental e compreender que a nossa primeira tarefa é entender a natureza da Igreja, antes de podermos compreender a natureza da unidade da Igreja.

Noutras palavras, o princípio de unidade nunca deve ser colocado primeiro, pois a unidade não é algo que subsista por si; é sempre resultado doutra coisa. Não devemos começar pela unidade, e sim pela natureza da Igreja, e então havemos de ver que a unidade é inevitável. O corpo propriamente dito é de primordial importância, e a unidade – essencial como é – é tão-somente uma das características do corpo.

Estes princípios são absolutamente fundamentais com relação a toda esta questão de unidade, e é a minha opinião que, devido tudo isso ser esquecido, nós nos achamos nesta confusão moderna. Realmente, sou bastante ousado para afirmar que a maneira de enfrentar a presente situação não é simplesmente olhar para a situação como é e perguntar: "Que é que podemos fazer a respeito?" Temos que ser muito mais radicais e dizer a nós mesmos: que estas grandes denominações e agrupamentos sejam o que quiserem e façam o que quiserem, o nosso dever é descobrir a real natureza da Igreja Cristã. Acaso não estamos, mais ou menos, na mesma situação de Martinho Lutero no século dezesseis, quando ele viu que tinha que ir de volta direto à verdade fundamental e à origem da Igreja? Teremos que retornar a essa mesma posição. Se permitirmos que o nosso pensamento seja determinado pela situação existente, ficaremos tão presos a ela que toda a nossa concepção da Igreja será errada. Como outros, começaremos a pensar em termos mecânicos e a tentar baixar as barreiras e a tentar melhorar a situação um pouco aqui, um pouco ali, em vez de aperceber-nos de que a situação toda está errada. A questão vital que se deve encarar é: que é que determina a unidade?

O primeiro princípio essencial, como o ensino do apóstolo o mostra claramente, é a verdadeira fé no Senhor Jesus Cristo. Ele nos lembra isso com as palavras: "Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos" (versículos 4 a 6). Certamente isso deve evidenciar-se por si mesmo para quem quer que tenha estudado esta Epístola aos Efésios. O apóstolo não começa a falar sobre o esforço para guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz no capítulo primeiro, porém no capítulo quatro! Já tenho firmado as grandes doutrinas fundamentais da fé, ele diz: "Rogo-vos, pois", e

introduz o seu ensino concernente à unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Mas a Igreja do século vinte coloca a unidade no capítulo primeiro; começa com ela, e os homens estão pregando a unidade, em vez de pregar a Cristo. Estão pregando a Igreja, em vez de pregar a salvação. Toda a conversa é sobre a unidade, os homens e as mulheres não estão sendo salvos e a verdadeira Igreja não está sendo edificada.

A situação é essa porque eles não compreendem que a unidade resulta doutra coisa e é conseqüência, corolário dessa outra coisa. Vê-se este princípio também na frase "seguindo (ou "falando") a verdade em amor" (versículo 15). Não devemos pôr o amor antes da verdade; devemos falar as verdade em amor. Não devemos apenas falar amorosamente, ou ser simplesmente bondosos e amáveis; devemos falar a *verdade* em amor. A verdade sempre deve vir primeiro. O resultado é que é completamente impossível discutir a unidade com um homem que nega a deidade de Cristo. Embora possa chamar-se cristão, nada tenho em comum com ele. Se ele não reconhece este único Senhor, nascido da virgem, e que operou os Seus milagres e sofreu morte expiatória e ressuscitou literalmente, corporalmente do túmulo, não posso discutir a unidade com ele. Não há base para a discussão sobre a unidade. É puro desperdício de tempo e uma máscara do ensino das Escrituras fazê-lo. Devemos estar arraigados e fundados na verdade, e crer em toda a doutrina ensinada nos capítulos 1, 2 e 3 – a soberania de Deus, que nos chamou e nos escolheu antes da fundação do mundo; a singular deidade de Cristo e o derramamento do Seu sangue por nós e pelos nossos pecados na cruz do Calvário; a verdade concernentes a nós mesmos como "mortos em ofensas e pecados" e andando segundo o curso deste mundo, criaturas de luxúria, paixão e vícios, filhos da ira, como os outros também – antes de ser possível qualquer discussão sobre a unidade. Não tenho comunhão com alguém que diz que nascer neste país nos faz cristãos. Não posso ter comunhão com alguém que me diz que, porque fui batizado na infância, sou por isso cristão. Estas coisas são absolutamente vitais e centrais, e o mesmo se aplica à doutrina do Espírito Santo e à doutrina da natureza da Igreja Cristã.

Essa é a verdade que devemos falar em amor. Falar em manter a unidade do Espírito pelo vínculo da paz é um absurdo e uma perda de tempo, se discordamos acerca dos pontos verdadeiramente vitais e fundamentais da fé. Não me uno a alguém que nega a deidade única de Cristo, o nascimento virginal, os milagres, a morte sacrifical e expiatória, a ressurreição do nosso Senhor e a Pessoa do Espírito Santo. Não posso orar com tal pessoa, porque não vamos orar da mesma maneira. Paulo nos ensina no capítulo dois que só podemos orar aceitavelmente quando "ambos (judeus e gentios) temos acesso ao Pai (mediante

Cristo) em um mesmo Espírito" – e este é o único meio. Assim, não devemos desperdiçar o nosso tempo e a nossa energia em falar de unidade ou em orar juntos, antes de falarmos acerca destas doutrinas, acerca desta verdade.

O princípio seguinte é a nossa correta relação com o Senhor e a nossa união com Ele. Não devemos ter comunhão "com as obras infrutuosas das trevas" (Efésios 5:11). E, como o apóstolo João diz em sua segunda Epístola, não devemos ter comunhão com quem não prega e não defende esta verdade, e nem devemos saudá-lo. Ao mesmo tempo, devemos entender esta doutrina da nossa relação com o Senhor Jesus Cristo. União não é matéria de organizações, é mais uma questão de ser um ramo na videira, ou de ser um braço, um membro de um corpo. Toda a questão da unidade tem que ser examinada desta maneira. A doutrina da Igreja como corpo de Cristo torna isso completamente inevitável. A questão não é: posso ter comunhão com esta ou aquela pessoa? É, porém, estou eu "em Cristo" e aquela pessoa está "em Cristo"? Esse é o ponto do qual devemos partir – sou um ramo da Videira verdadeira? Pois, se eu sou, não posso ter comunhão com os que não são ramos da Videira; e vice-versa.

Com esses pensamentos gerais sobre a questão da unidade em nossas mentes, examinemos outro grande princípio, qual seja, toda a questão da vida espiritual. A vida tem que vir antes da unidade porque, afinal de contas, a unidade é resultado da vida. O que produz e mantém a unidade orgânica do corpo é a vida que está no corpo. Por isso devemos colocar esta questão da vida no primeiro plano. Diz-nos o apóstolo que o Senhor Jesus Cristo é a vida da Igreja, e é a fonte de toda a energia, vitalidade e poder da Igreja. Ele expressa isto com as palavras: "Antes, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado ..." Sem o Senhor Jesus Cristo, não há vida na Igreja. O nosso Senhor mesmo deixou isto bem claro em Sua parábola da videira e os ramos, registrada no capítulo 15 do Evangelho Segundo João. A vida está na videira; e flui para os ramos. Cristo é a vida, e sem esta união, sem este relacionamento orgânico e vital, a Igreja seria sem vida e inútil. Na teoria isso é óbvio, mas é algo que podemos esquecer facilmente. E como opinei, a real explicação das condições atuais da Igreja Cristã, e durante boa parte do século vinte, é que ela não entendeu isso.

A Igreja ficou confusa quanto à diferença entre atividade e vida. É uma diferença vital. É a diferença entre o que é feito por uma máquina e o que um homem faz, ou a diferença entre uma máquina e uma planta

ou uma flor. O apóstolo Paulo, em Gálatas, capítulo 5, acentua a diferença contrastando as "obras da carne" com o "fruto do Espírito". A carne trabalha, produz "obras" como uma máquina; porém o Espírito produz "fruto", como uma árvore. Tudo o que é espiritual é resultado de vida e de crescimento. Esta distinção entre atividade e vida foi me dada a compreender duramente uma vez por uma senhora que me contou sobre uma visita que fizera a certa igreja quando estava na casa de uns parentes. Disse-me ela que a igreja em questão era "cheia de vida". Indaguei sobre as manifestações dessa vida, e ela respondeu dizendo que havia algum tipo de atividade na igreja quase todas as noites da semana. Indaguei mais, sobre a natureza dessas atividades, e descobri que elas consistiam de produções teatrais, concertos, reuniões de sociabilidade, esportes e entretenimento de várias espécies. Obviamente a senhora estava confundindo atividades com a manifestação de vida espiritual. Uma igreja com aquelas atividades não era uma igreja viva; uma igreja morta pode estar repleta de obras e atividades.

Esta diferença essencial pode ser ilustrada por algo que sucedeu no início da década de 1920. Naquele tempo líamos nos jornais informes sobre dois homens, o Sr. Howard Carter e o Lorde Carnarvon, que por meses estiveram escavando e fazendo pesquisas nos túmulos do Egito. Finalmente descobriram uma espécie de esquife que parecia estar em quase perfeito estado de conservação, e logo se deram conta de que era de um antigo rei egípcio chamado Tutancâmon. Abriram-no e, para seu espanto, viram o corpo daquele rei, que morrera fazia milhares de anos, perfeitamente preservado. Apesar de morto durante tanto tempo, o corpo não mostrava nenhum sinal de decomposição. A explicação desse fenômeno é que os egípcios empregavam um sistema de embalsamamento pelo qual, quando uma pessoa morria, tratavam o corpo com vários elementos químicos. Isto, juntamente com a natureza da atmosfera do Egito, garantia a preservação de um corpo quase indefinidamente, sem quaisquer sinais de decadência ou decomposição. Encontraram o corpo de Tutancâmon perfeitamente conservado; mas também estava perfeitamente morto! Não havia sinais evidentes de decadência ou decomposição, todavia se lhe fizessem uma pergunta, ele não poderia responder. Seu corpo era totalmente incapaz de manifestar vida, poder e atividade, embora perfeitamente conservado.

Sinto que a Igreja Cristã em geral tem estado simplesmente preservando uma instituição durante os últimos cinqüenta anos. A ênfase tem sido às aparências externas e às finanças. Vejo que os débitos das igrejas e capelas estão mais baixos que nunca, porém, que dizer da condição espiritual? As finanças estão bem, apesar de ser menor o

número dos freqüentadores. Toda a abordagem tem sido errônea. Desde cerca de meados do século passado, o pensamento das igrejas foi dominado pela idéia institucional. A idéia dominante tem sido a de encontrar meios para segurar os jovens que não gostam de sermões, mas gostam de teatro, de entretenimento e de jogos. Assim se introduzia a igreja institucional, e por um tempo parecia funcionar; no entanto só por um curto período. Tudo isso por não se entender a doutrina da Igreja Cristã! Não se pode manter a Igreja, o corpo de Cristo, por tais meios e métodos. Cristo é a vida da Igreja, e, se não houver relação vital com Ele, não haverá vida, e a Igreja estará morta.

É essencial que sejamos claros sobre a crucial importância da vida espiritual. Mas a Igreja não está falando em vida, está interessada em números, e está convencida de que, se tão-somente pudéssemos livrar-nos das barreiras e divisões e torná-la uma, o mundo nos daria ouvidos e coisas maravilhosas aconteceriam. Isso, porém, não é pensamento espiritual. Acreditar que o número ou o tamanho da igreja é o que conta, é uma contradição de todo o ensino da Bíblia. No Velho Testamento vemos uma doutrina que parece ir do começo ao fim – a doutrina do remanescente. Deus age repentinamente através de um remanescente, às vezes através de um só homem. Como nos tornamos mundanos em nosso modo de pensar, quão mecânicos! O Senhor Jesus Cristo deixou a Igreja nas mãos de doze homens, apenas uma mancheia de nulidades. Parece que nos esquecemos disso! E quando lemos a história da Igreja desde o fim do cânon do Novo Testamento, vemos precisamente a mesma coisa. A gente pensa em "Athanasius contra mundum" – como um único homem se pôs contra o mundo inteiro em prol da doutrina, e prevaleceu! A explicação é que o poder de Cristo estava nele; ele estava ligado e unido à Cabeça. Martinho Lutero também se levantou sozinho, depois de todos os séculos de inanição, e de catolicismo e, apesar de todo o poder material de Roma, ele prevaleceu, porque o poder da Cabeça estava nele.

O que importa na Igreja não é o número, e sim a nossa relação com Cristo, e a pureza da nossa doutrina, e a pureza da nossa vida e do nosso modo de viver. O que importa é que a seiva esteja fluindo da Videira para os ramos. Portanto, não devemos estar preocupados primariamente com o tamanho de uma denominação particular, ou com o que se pode fazer para transformar todas as denominações numa só Igreja, e então esperar que aconteçam coisas grandiosas. Isso é enfrentar o problema de maneira totalmente antibíblica. A primeira pergunta deve ser: estamos cheios da vida da Videira? Enquanto isto não for verdade a nosso respeito, o que quer que façamos não levará a nada. Disse o Senhor: "Sem mim, nada podeis fazer" (João 15:5). Quando será que

as igrejas vão compreender a verdade? Quando perceberão que, sem a atividade de Cristo, todas as nossas atividades não levarão a nada? A vida é a única coisa que importa; e a vida está nEle. Portanto, o nosso primeiro interesse deve ser o de saber que estamos vitalmente ligados a Ele e que as faixas, os canais de suprimento, estão abertos, e que o Seu poder, a Sua força, a Sua vida e a sustentação que nos dá estão fluindo para dentro de nós.

Isso, por sua vez, leva-nos a outro princípio, que se deduz por lógica simples e direta. É que é a Cabeça que age. O corpo não age; é a Cabeça que age. Naturalmente, a Cabeça age por um meio do corpo, mas, não obstante, é a Cabeça que age. É Ele quem decide e determina quando agir e como agir. O nosso interesse deve ser que sejamos usáveis ao Seu comando. Ele é o originador, a ação é dEle, e nós somos apenas os veículos ou os canais através dos quais a Sua atividade passa. Quando examino a história da Igreja dos últimos cinqüenta ou cem anos, o que vejo sobressair descaradamente é uma completa incapacidade de recordar-se deste princípio. Vejo muita atividade febril; contudo, é a atividade dos membros, não a atividade da Cabeça.

A falácia envolvida nisto deve ser demonstrada por uma ilustração. O que o meu corpo é para mim, a Igreja é para o Senhor ressurreto. Que é que eu peço do meu corpo? Que é que eu espero que as minhas mãos e os meus dedos façam? Qual é a função de todos os membros do meu corpo? Seria agir em meu lugar? Seria agir por sua própria conta e independentemente? Claro que não! O dever do meu corpo é simplesmente estar à minha disposição. Eu decido fazer algo, inicio um movimento e ajo através do corpo, através dos seus membros. Não cabe aos membros do meu corpo fazer coisas sem mim ou em meu lugar. De fato, se os braços ou as partes ou os membros do corpo de um homem começam a agir independentemente dele, é porque ele está em más condições de saúde, está sofrendo convulsões. Nessas condições, os braços do homem se movem desordenadamente, e talvez aconteça o mesmo com as suas pernas e com a sua cabeça; mas ele não quer que eles façam isso. Eles estão agindo por conta própria, à revelia dele. As ações não são voluntárias, são involuntárias. A soma de energia despendida pelo pobre sofredor é tremenda; entretanto não há sentido nisso, não atende a nenhum propósito; é puro desperdício de energia. O homem que sofre um ataque de convulsões é tremendamente ativo, o dispêndio de energia é espantoso; todavia não tem valor nenhum; é doença, é completamente inútil.

Pois bem, a Igreja é o corpo de Cristo; assim, as perguntas que devemos fazer são: qual é a natureza e qual o caráter das nossas

atividades? Qual o seu valor espiritual? Levam a resultados espirituais? O fato de que uma igreja é muito ativa não prova necessariamente que o que ela faz é bom; pode ser totalmente errado. Uma igreja pode estar vivendo por suas próprias forças, fazendo coisas por sua própria iniciativa e ignorando deliberadamente a Cabeça, e recusando-se a ser subserviente a Ele. Não seria tempo de começarmos a fazer essas perguntas? Suponho que há um sentido em que a Igreja Cristã nunca foi tão ativa como nos cem anos recém-passados. Estou deveras convencido de que se os pais protestantes e os puritanos pudessem voltar e observar a Igreja moderna, durante uma semana ou duas eles pensariam que eles mesmos não tinham feito absolutamente nada. Eles não tinham sociedades de homens, sociedades de mulheres, divisões por idade, organizações, clubes, ligas e distintivos. Não tinham nada disso; e por isso eles podiam muito bem pensar, a princípio, que não tinham feito nada. Tudo depende de como avaliamos as atividades. A maneira correta de fazê-lo não é medir apenas o dispêndio de energia, mas, antes, julgar o trabalho pelos resultados a que leva – o produto. Não estaríamos a enganar-nos com as nossas organizações e com as nossas atividades? Que foi que aconteceu com a Igreja? Essa é a questão vital.

É neste ponto que surge a questão quanto à diferença entre uma campanha evangelística e um avivamento. O pensamento que leva a uma campanha evangelística funciona da seguinte maneira: os homens começam a dar-se conta de que a Igreja está estagnada e que pouca coisa acontece. Assim, eles se reúnem para estudar a situação e se decidem a ter uma campanha evangelística. Escolhem um evangelista (ou às vezes resolvem aceitar o oferecimento dos serviços de um evangelista!) e começam a organizar uma campanha. Fixam grandes cartazes nas paredes externas das igrejas, fazem propaganda pela imprensa, usam outros meios de publicidade, e talvez consigam que o prefeito compareça à reunião de abertura. O motivo é puro, e visa a chamar a atenção do mundo para a Igreja e "fazer o povo entrar". Resolvem fazer isso para tratar das condições da igreja local.

Mas há outra maneira de abordar o problema. É que a igreja deve reunir-se para estudar a situação e para fazer a pergunta vital: por que estamos nesta situação? A primeira pergunta nunca deve ser: que faremos? Deve ser: por que as coisas estão como estão? Por que as igrejas estão vazias; por que a Igreja não é levada em conta nesta região? Por que a situação é tão diferente do que era? Estas são as primeiras perguntas que se deve fazer; e elas levam a uma abordagem totalmente diversa. Elas levam a algumas outras questões vitais, como por exemplo: a nossa doutrina é certa? Eu não tenho dúvida de que as

igrejas estão vazias em grande parte porque, durante os últimos cem anos, muitos púlpitos vêm negando a fé cristã. Uma nova abordagem da Bíblia, denominada "Alta Crítica", começou a solapar a sua autoridade e levou a um ensino que dizia que Cristo era apenas homem, e que dava ênfase ao "Jesus da História", não ao Cristo da fé. Ao mesmo tempo, a "Alta Crítica" negava a Pessoa do Espírito Santo, o caráter substitutivo da expiação e os elementos sobrenaturais e miraculosos do cristianismo. Isto levou à ausência de oração e à mudança para as ênfases morais, éticas, políticas e sociais. A cultura e a especialização acadêmica tomaram o lugar da revelação. Perdeu-se o contato com a Cabeça, os canais da vida espiritual ficaram bloqueados. Esta abordagem inteiramente diversa faz-nos compreender que a Igreja, como ela é, não está em condições de ser anunciada ao mundo. A nossa primeira tarefa é examinar-nos a nós mesmos; o nosso primeiro dever é assegurar-nos de que a vida da Cabeça está fluindo através de nós. Isto nos fará cair de joelhos, arrepender-nos e confessar os nossos pecados, e reconhecer, envergonhados, as nossas transgressões, e então clamar por misericórdia e compaixão. Então rogaremos ao Senhor que envie sobre nós o Seu Espírito com grande e vivificante poder.

Essa última maneira de abordar o problema é a que foi adotada pela verdadeira Igreja através dos séculos. De maneira geral, a história da Igreja em seus períodos mais gloriosos, até meados do século passado, é a história dos avivamentos. Mas, desde meados do séculos passado não tem sido esse o caso; e a história é de campanhas evangelísticas. Este é apenas um puro e simples fato da história. Quantas vezes vocês ouviram falar de avivamento? Quantas vezes vocês oram por avivamento? Em vez de orar e esperar de Deus e de rogar Sua bênção, instalamos nossos comitês, temos almoços e depois traçamos os nossos planos de ação. Havendo feito isso, pedimos a Deus que abençõe as nossas propostas e os nossos esforços. Apareceu uma expressão horrível, "apoio da oração", como se a oração fosse algo que "dá apoio" ao que decidimos. Ao invés de começarmos com a oração e então descobrirmos a vontade de Deus, e de nos colocarmos à Sua disposição e de esperarmos nEle, decidimos e agimos. Contudo, quem decide e age é a Cabeça.

É hora de examinar os resultados dos dois métodos diferentes. Os que confiam em campanhas evangelísticas conseguirão conversões individuais, mas qual é o quadro geral? Apesar de todas as campanhas evangelísticas e das conversões individuais, a Igreja como um todo continua a declinar, ao passo que, como se vê na história dos grandes avivamentos da Igreja através dos séculos, acontece mais num dia de

avivamento do que geralmente acontece em cinqüenta anos de nossas atividades e esforços. A Igreja toda recebe nova vida e começa um novo período de vitória e progresso. Essa é a nossa necessidade hoje. Avivamentos significa estar firmemente ligado à Cabeça, Cristo, recebendo dEle a Sua atividade e colocando-nos com alegria à Sua disposição.

Chegamos agora ao princípio final, que é, que o chamamento do Novo Testamento dirigido a nós primariamente, não é para fazermos algo, e sim, para sermos algo. A única coisa absolutamente necessária é que sejamos usáveis. O principal obstáculo à operação de Cristo é que não somos usáveis como devíamos. As vidas de todos os homens que foram usados por Deus de maneira a mais poderosa e memorável, revelam todas a mesma verdade admirável. O seu primeiro conflito intenso foi sempre o conflito consigo mesmos e com as suas habilidades e capacidades pessoais. Chegou um ponto em que eles dobraram os joelhos, percebendo que não tinham poder nenhum. Então se sujeitaram completamente ao seu Senhor e foram cheios do poder do Seu Santo Espírito. Vocês verão isto na vida de Whitefield, na vida dos irmãos Wesley, em Jonathan Edwards, em Howell Harris e Daniel Rowland em Gales, e em muitos outros, em muitas terras e em muitos séculos. Eles se deram conta da sua completa e absoluta dependência do Senhor Jesus Cristo e da veracidade das Suas palavras: "Sem mim, nada podeis fazer". Então foram "batizados com o Espírito e com poder" (Cf. Atos 10:38); saíram como homens transformados e fizeram coisas surpreendentes e grandiosas. O que eles foram capacitados a fazer não foi temporário, mas permanente. Suas obras deixaram sua marca na história da Igreja porque eles foram usados para avivar a Igreja toda e para edificar o povo de Deus. Primariamente é para Deus agir, não para nós. A primeira pergunta não deve ser: que posso fazer a seguir? Antes, deve ser: que é que eu sou? Eu estou sendo cheio, segundo a medida da minha capacidade, com esta energia divina que vem da Cabeça, o Senhor Jesus Cristo, através do Espírito Santo? Cada um de nós, em particular, deveria fazer essa pergunta e pedir que seja cheio com esta energia divina; e peçamos isto não somente para nós mesmos; roguemos isto para toda a Igreja.

Eu os exorto, em nome de Deus, a que orem pedindo avivamento. Que não orem simplesmente pedindo que Deus abençoe algum empreendimento em que vocês estejam envolvidos; que não orem somente pelos missionários que trabalham noutras terras; orem também por avivamento neste país. Oremos rogando que haja avivamento da Igreja em toda a parte, no mundo todo. Oremos no sentido de que toda a Igreja

seja ligada vitalmente a Ele, a Cabeça, de modo que a Sua vida e o Seu poder venham sobre nós e para dentro de nós, e aja através de nós, para que a Igreja receba nova vida e para que os pecadores que se acham fora dela sejam convertidos. Cristo é a Cabeça. Ele disse: "Eu sou a videira, vós as varas". Certifiquemo-nos de que estamos crescendo "em tudo naquele que é a Cabeça, Cristo".

A UNIDADE CRISTÃ

Este volume é o quarto da série de oito da exposição sistemática da Epístola aos Efésios, feita aos domingos de manhã por Dr. Lloyd-Jones na Capela de Westminster, Londres, entre 1954 e 1962.

Neste livro o Dr. Lloyd-Jones salienta que todos nós temos a tendência de ser criaturas preconceituosas e, portanto, convém que nos examinemos em relação a esta passagem crucial (4:1-16). Os defensores do movimento ecumênico fazem declarações gerais e vagas – muitas vezes sentimentais – sobre o amor, à custa da verdade.

A maior tragédia do mundo hoje não é, como freqüentemente se afirma, uma Igreja dividida,e sim o fato de que a maioria coloca a unidade acima da verdade. Realmente, na prática, muitos são dirigidos por suas tradições e não pelas Escrituras.

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Rua 24 de Maio, 116 – 3º andar – salas 14-17 –
01041-000 – São Paulo – SP